



ã
Jornada
das
Bruxas



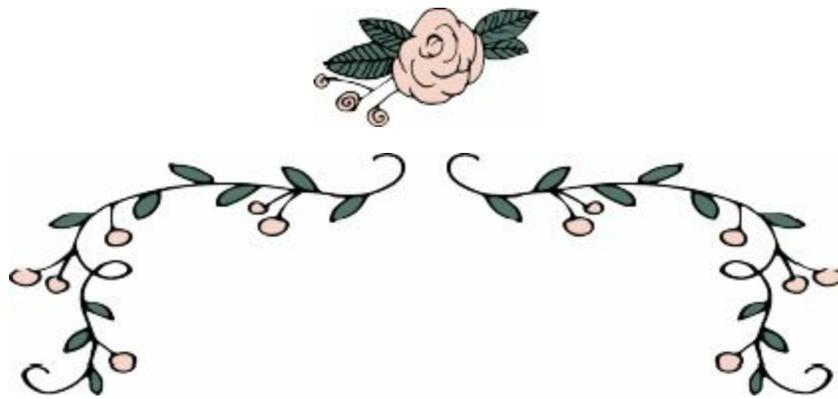
Karina Heid

Encontre mais livros como este no [e-Livros](#)

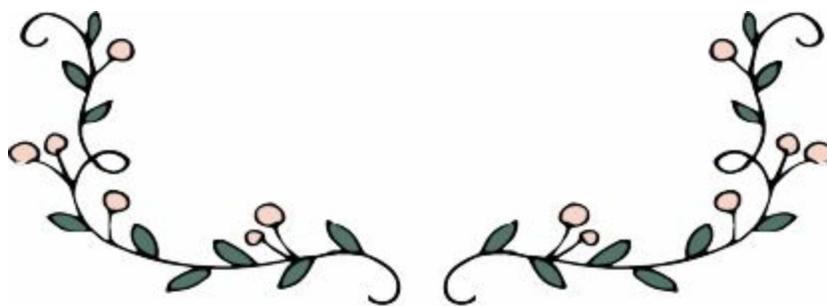
[e-Livros.xyz](#)

[e-Livros.site](#)

[e-Livros.website](#)



A Jornada das Bruxas



Karina Heid

2016

© 2016 Karina Heid Rocha

Vitória, ES - Brasil

Revisão: Ingrid Rocha

Capa e diagramação: Karina Heid

Créditos das imagens: bruxa e garota: pixabay.com; coroa: freepik.com

Adornos: licença adquirida no site CreativeMarket.com em set. 2016

A Jornada das Bruxas

1ª Edição

Setembro de 2016

Livro registrado na Biblioteca Nacional.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução inteira ou parcial sem a prévia autorização da autora.

Para Sua Majestade, a Terra



Romênia, verão

A Criatura rosna à frente.

Rodopia no céu sobre o eixo, estremecendo a terra. Ela não tem piedade. Não se arrepende, não perdoa, não abre exceções.

—*Você está pronta para morrer?* — a velha bruxa grita como se desejasse me assassinar com as próprias mãos. —*Por ele?*

Séculos de vida giram dentro daquele espiral. Injustiças sepultadas entre linhas da história, amores interrompidos, feiticeiras queimadas.

Penso *nele*, minha maior fraqueza e catalisador de toda mudança. Penso também Nela, a Criatura. O meu monstro, o começo e o fim de tudo que existe ou importa.

Encaro as nuvens bélicas cerrando os punhos para a luta. O fim se aproxima, e apenas uma sentença lateja na cabeça. Um bordão, ou epitáfio:

Quem quer algo tem uma fraqueza, mas também tem uma força.

I

A viagem da donzela



Valparaíso, primavera

A casa encravada no meio da mata não chamaria atenção de quem passasse por ali, a menos que fosse observada de perto. Talvez um visitante desavisado, perdido no meio do bosque particular, se perguntasse quando foi que o telhado esverdeou pelo musgo ou por que a choupana parece enterrada na terra, coisa que não acontece nas construções da cidade. Nada indicaria ao visitante desavisado que a casa é assim há duzentos anos, e que embora pareça convidativa, ela pertence a uma bruxa.

Naquela noite a casa da floresta, como nós a chamamos, está especialmente escura. As imensas árvores que a cercam não deixam sequer o luar vazar por entre a folhagem.

—Ai! —Max reclama atrás de mim. Sua canela achou alguma coisa no degrau da varanda, e a coisa não gostou de ser chutada. —Por que sua avó insiste em viver aqui? — reclama pulando em um pé só.

—Um dia você e mamãe também morarão aqui, — respondo.

Ele murmura um “até parece” enquanto minha mãe gira a maçaneta enferrujada. A porta abre com um gemido, como se bocejasse. Assim que entramos, ela bate sozinha atrás de nós.

A casa de Neela cheira a lenha queimada e ervas aromáticas. As paredes parecem respirar ao redor, vivas, como a floresta à volta. Seguimos a luz flamejante da vela pelo corredor; Ava, minha mãe, na frente e eu atrás dela, seguida do meu pai.

—Por que preciso vir a esses encontros? — Max resmunga, desta vez tropeçando no porta-guarda-chuvas encostado no canto. —E por que eles são sempre à noite?

—Melhor prestar mais atenção ao caminho, Max, — Ava cantarola.

Quase vinte anos de casados, e meu pai ainda tem medo da sogra bruxa.

Ava chega à sala e joga a bolsa sobre a poltrona florida, cumprimentando a mãe que acaba de acender uma lamparina e pousá-la sobre a prateleira: —Chegamos.

As paredes antes escuras ganham luz, tingindo-se de sépia. Neela chacoalha a mão e o fogo desaparece dos dedos em um passe literal de magia. Ela cruza a sala e abraça primeiro minha mãe, em seguida beija a bochecha receosa de meu pai. Só então a idosa de longos cabelos brancos e pele fina como casca de cebola se vira para mim.

—Olá, Nina.

Ela deposita um beijinho em minha testa e afaga meu rosto com as costas da mão engelhada. Onde sua mão passa, deixa um rastro de formiguinhas, ou assim eu costumava descrever a sensação quando criança. —Oi, vó.

—Que bom chegaram, — ela sorri ao ver que estou com as mãos nas bochechas para sentir um pouco mais o borbulhamento temporário. —Agora só falta Elka.

Ava tomba na poltrona ao lado do meu pai. Eu ando até a estante, seguindo o cheiro das balas de canela que Neela guarda na caixinha de madeira e que costumo roubar durante as reuniões semanais. As caixinhas sempre estão cheias do doce.

—O que tem de tão urgente para nos contar? — Ava pergunta. —Estamos curiosos.

—Tenha calma, Elka não vai demorar. É importante que todos estejam aqui.

Assim que minha avó menciona o nome de Elka, o ronco inconfundível de motor pouco

lubrificado do fusca toma o cômodo. Enquanto aguardamos minha tia estacionar o carro velho na pequena clareira, abro a caixinha e desembulho uma bala. Coloco o doce perfumado na boca sentindo a língua faiscar pelo apimentado da canela, olhando para o mural de fotos na parede.

As fotografias antigas espalham-se à frente em molduras variadas, contando nossa história. Quadradas, ovais, velhas e novas. Em todas elas, mulheres—entre árvores, entre outras, entre filhas. No topo, como a versão visual do primeiro nome de uma árvore genealógica, desponta entre manchas de bolor minha tataravó, Anna. Pioneira, desembarcou nessa terra séculos atrás e ergueu a casa onde estamos hoje.

Continuo a correr os olhos pelas fotos de família. Separada por quatro centímetros e cem anos, bisavó Teresa segura no colo minha avó Neela, enquanto Elka brinca aos seus pés entre miçangas e penas. Em outra, Neela dá o braço a um senhor distinto. Aquele é o pai de minha mãe, Ava. Não sei muito sobre ele; não perguntamos sobre nenhum deles. Sobre meu avô sei apenas que era nobre demais para viver na floresta, e Neela mágica demais para habitar seu castelo.

As mulheres que me fitam de volta—à frente de seu tempo, regidas por leis próprias—não têm ideia de como parecem achatadas sob os vidros, presas entre molduras de madeira. Aqueles porta-retratos são uma contradição.

—Che-gue-ei! — minha tia entoa da cozinha.

Olho por fim a foto que ocupa o centro da parede. Apesar de colorida, falta nela a exuberância das outras; a postura nobre, a beleza quase mitológica.

É possível nos acostumarmos com as peças que o destino nos prega? Sentirmo-nos bem com a nossa sina e vivermos inteiramente, *verdadeiramente* satisfeitos com nosso fado?

Suspiro enfiando outra bala na boca, mirando o ponto vermelho cercado de árvores. A foto foi tirada sete anos atrás, quando completei dez. Um arquipélago de sardas ondula sobre

meu nariz, e o cabelo cai selvagem e indomesticável até a cintura. *Este é o problema dos terrivelmente ruivos*, penso não sem alguma conquistada indolência. Quando captados em fotos, parecemos vítimas de um acidente, sofredores de uma hemorragia capilar. Aquela ali sangrando presa à moldura sou eu.

—Gosto do seu cabelo, — minha avó murmura com as mãos cruzadas sobre o colo, acompanhando meus pensamentos.

—Quem nasceu para se esconder não deveria vir com um sinalizador na cabeça, — rebato. Ela sorri, e Elka finalmente aparece na sala. Minha tia chega lutando com o gato preso à coleira. Mefistófeles vem arrastando as unhas pela madeira, resistente e humilhado.

—Desculpem o atraso!

Elka veste uma longa bata verde e o cabelo branco, longo e crespo, está preso sobre a cabeça em um coque frouxo que mais parece um ouriço do mar.

—Que bom, estamos todas aqui, — minha avó leva os dedos engelhados ao bolso. Notando a presença de Max, ela se conserta: —Todos.

Elka beija cada um na sala e só então se senta, pelejando para manter o gato no colo: — Neela, captei tudo no ar. Estamos aqui por causa do fisco, não é?

—Não, — Neela responde à irmã.

—Mas eles estão nos perturbando novamente, não estão? Por causa dos impostos?

Neela concorda vagarosamente com a cabeça: —Mas não é esse o motivo da reunião.

—Eu disse que depois dos atentados de 2001 não conseguiríamos mais enfeitiçá-los com bolinhos! Eles falaram que deveríamos parar de mandar doces senão enviariam o FBI atrás de nós. Deve ser por que alguns terroristas andaram mandando Antraz pelo correio.

—Elka, deixe Neela falar, — minha mãe a interrompe. Elka se cala.

—Não consegui passar a notícia pelo telefone. —Neela tira um envelope do bolso. — Chamei vocês aqui por causa dessa carta.

—Carta? — minha mãe pergunta.

Neela gira o envelope entre o dedos: —Uma carta perdida há trinta anos sob o balcão dos Correios.

As vozes se misturam na sala, espantadas com o improvável: *trinta anos? Perdida sob um balcão? Como pode?* Observo o envelope que tremula entre seus dedos cansados sentindo uma sensação ruim se espalhar pela barriga. Efeito das balas? Manchas que vão do amarelo ao marrom salpicam a superfície do envelope, deixando-o parecido com um pão árabe. Um pão árabe fedido a naftalina.

—Essa carta foi enviada por uma bruxa.

Ava arregala os olhos: —Há quantos anos não ouvimos sobre outras bruxas?

A boca de Neela se eleva nos cantos, mas nos olhos vê-se pouco divertimento: —Há muitos anos.

Ela entrega a carta a Ava. A data do carimbo dos correios não mente, aquela carta saiu da Europa três décadas atrás. —Mas isso não é tudo que merece espanto. É o conteúdo da carta que traz vocês aqui.

Ava devolve a carta à Neela enquanto eu afundo na poltrona. Posso sentir o agouro evaporar daquele papel ressecado e encher a sala de mau presságio. Neela desdobra a carta com cuidado, revelando a escrita cursiva impecável:

Braşov, 30 de janeiro de 1985

Prezada Neela,

meu nome é Parascheva Silviu e moro há uma centena de anos na Romênia, em meio às montanhas dos Cárpatos. A Mãe Terra me destina a honra de convidar sua filha — que deve estar próxima de completar 18 anos — para a minha casa, no próximo verão. A Grande Mãe tem assuntos pendentes com sua família, e é hora de resolvê-los. Segue em anexo o bilhete

aéreo. Como em toda jornada, é importante que a jovem Wolf venha sozinha.

Em paz me despeço,

—Parascheva, —Neela finaliza com o nome da bruxa. Ela tira um pedaço de papel grosso e retangular do envelope e o empurra em minha direção: —O convite é sério. — Pego o papel, notando que o logo impresso em letras azuis é o de uma companhia de aviação que faliu anos atrás.

—Uma passagem de avião. Só de ida, para a Romênia, — Neela explica como se eu já não tivesse entendido.

—Em nome de quem? — Pergunto tentando ler o que dizem as letras desbotadas.

—Wolf, apenas.

Abaixo o bilhete, tentando entender o que tudo aquilo significa. O que pode significar.

Ava aponta para o envelope: —E o que é aquilo ali dentro?

Neela retira do envelope um cartão. Como se lidasse com algo extremamente raro e delicado, pouso-o sobre a mesa afastando as mãos devagar. Assim que toca a madeira o cartão ganha vida. Abre sozinho cada uma das abas revelando em seu interior uma intrincada combinação de discos dourados justapostos sobre outros.

—O que é isso? — pergunto sem conseguir tirar os olhos das rodas luminosas.

—Parece uma engrenagem, — diz meu pai.

Cada uma das rodas dentadas é presa às outra por um ponto de contato, e todas parecem ligadas à uma engrenagem principal. Abaixo o rosto para ver como elas se ligam ao papel, levantando admirada ao ver que os discos não se ligam a nada. Eles flutuam sobre o cartão como se fossem parte do ar.

Neela aponta para a roda maior: —Essa aqui move todas as outras, inclusive a que se mexe na direção contrária, — diz quase tocando uma roda menor.

—E essa? — Ava aponta para a única roda sem dentes e vazada, que parece um anel chato sobre as outras. —É impressão minha ou tem alguma coisa escrita nela?

Ergo o dedo no ar e uma pequena chama se ascende sobre ele, clareando a superfície da mesa. Aproximo o rosto das engrenagens e vejo quatro palavras minúsculas escritas em cada lado da roda, como se ela fosse dividida em quatro setores. As letras são floreadas e caprichosas, e estão em outra língua. — *Primăvară, Vară, Cădea e Iarnă*, é o que dizem.

Meu pai tira o celular do bolso e digita as palavras no tradutor, atentando para os acentos estranhos. —Elas dizem *primavera, verão, outono e inverno* em romeno, — informa franzindo o nariz.

Ficamos por um tempo em silêncio, observando o trabalho certamente feito por um exímio artesão sem achar palavras. Ao fundo, o *tic-tac* monótono do relógio antigo da sala é o único barulho que se ouve, uma irônica alusão a engrenagens endentando-se com o passar do tempo.

Desisto de olhar. Assim que afundo no sofá, o anel do mecanismo roda, emitindo um *tic* baixo. Voltamos à posição alarmada inicial, olhos fixos na engrenagem vazada que se afasta alguns graus do minúsculo ponteiro que antes tocava o *P* e agora estaciona sobre o primeiro *r* do *Primăvară*.

—Isso, — diz Neela parando os olhos em mim —São engrenagens antigas voltando a girar.

—Mas é claro, isso é um relógio, — Ava conclui olhando para o equipamento.

—Que marca o quê? — pergunto desconfiada. *Um chamado? Um convite enviado a uma adolescente prestes a completar 18 anos?* —Provavelmente nada, — respondo à minha própria pergunta. —Quem aceitaria o convite de uma estranha, ou mesmo chegaria à Romênia com apenas um bilhete de ida no auge da Guerra Fria? — tento sorrir, mas tenho certeza que faço uma careta.

Neela não parece tão preocupada com esses detalhes. Enquanto fôssemos bruxas e houvesse agentes de imigração prontos para serem enfeitiçados, isso jamais seria problema.

—Você acha que essa carta foi escrita para mim? — Ava pergunta à mãe. —Eu era apenas uma criança em 1985, mas sabemos como a Grande Mãe é imprecisa com datas.

Neela balança a cabeça de um lado para o outro. —Não foi para você esse convite. — Ava também sente isso; e se ambas sentem, não podem estar erradas.

O que leva as duas a olharem para mim.

—O que? — olho-as de volta. —Eu nem existia na época.

Max observa o bate-volta da conversa sem se intrometer, aproveitando para estudar o relógio mágico. Se há algo que aprendeu nesses anos de convivência conosco é que em briga de bruxas, melhor manter distância.

—Essa carta não foi escrita para mim, — Ava diz. —E se não foi escrita para mim, para quem foi?

—Vocês têm alguma dúvida que a mensagem da carta expirou? — aponto para o bilhete da defunta empresa aérea.

—Talvez a carta tenha esperado o momento para dar o recado, — Elka sugere.

—Ou talvez tenha errado o destinatário, — adiciono franzindo a testa em sua direção.

Neela não parece nem um pouco convencida: —Será que podemos atribuir ao destino algum erro? O próprio erro seria obra do destino.

—A carta extraviou, o relógio não marca nada e todo esse assunto é passado, ponto final, —digo com as palmas das mãos para cima. —Acho estranho que só eu veja isso.

—Não existe passado nessa história, — minha avó rebate. —A Grande Mãe não segue o tempo linear como o resto do mundo, para ela o tempo é circular. Se ela queria nos mandar uma mensagem, precisou esperar algumas estrelas no céu se alinharem, a filha certa nascer. A velha romena não tem como saber disso, mas Ela sabe. Ela esperou a hora certa para nos

enviar a mensagem.

—Mas isso não faz qualquer sentido! — Franço o rosto em uma careta. —Por que uma bruxa romena escreveria para uma garota que sequer existia para convidá-la a ir até a Romênia? E o que essa menina faria lá? Morreria de tédio?

—Talvez A Grande Mãe queira reavivar a Viagem da Donzela, — Neela sugere.

O silêncio desaba sobre a sala. Tal ideia jamais cruzaria minha cabeça, e pela mudez conjunta também não foi considerada por ninguém.

—Viagem de quem? — meu pai cutuca a minha mãe.

Pelos próximos minutos Ava explica a Max do que se trata a tradição arcaica. A viagem da donzela – cujo nome estranho faz alusão à idade da caminhante – é uma tradição que resistiu por séculos entre as bruxas até ser interrompida tempos atrás. Há décadas não ouvíamos sobre bruxas peregrinas que embarcavam em jornadas sem rumo pelo mundo, para nós aquela era um dessas tradições que caiu em desuso, como quebrar pratos em festas ou pedir feitiços na porta da casa de bruxas. Ainda fazíamos, sim, um ritual de passagem à vida adulta: Ava por exemplo deu um pulo no Sul e voltou para casa duas semanas depois. Eu também me preparo para isso (ou deveria estar me preparando): quando terminar o segundo grau, viajarei sozinha. Para a praia, não sei. Na verdade talvez nem vá, e use o dinheiro para algo mais útil.

Mas o que Neela está levantando aqui é a viagem original. Aquele ritual há muito perdido no tempo, que ninguém mais faz.

—Por quanto tempo a garota fica viajando? — meu pai estranha a tradição arriscada. Às vezes acho que ele se pergunta (seriamente se pergunta) como foi que parou nessa família.

—A jornada não tinha um tempo fixo, — Neela explica. —O que iniciava a caminhada era a chegada aos 18, e o que decidia seu fim era uma epifania, um momento de iluminação pessoal que resumiria as experiências vividas na estrada. É essa revelação que marcava a hora

da volta.

—Mas isso não é perigoso? — ele pergunta ao redor.

—Não para as bruxas, — Ava responde.

—Uau, a viagem da donzela — Elka murmura alheia à discussão, olhando para algum ponto da sala. —Seria mais ou menos como sair em peregrinação.

—Peregrinação é sair em romaria para lugares santos, — meu pai a corrige, aborrecido. Que saiba, foi o único ali a ter frequentado as aulas de catecismo.

—Peregrinação é sair atrás de Deus, — Elka rebate, e seu coque-ouriço-do-mar ameaça se desfazer sobre a cabeça. —Se é atrás da Grande Mãe que Nina vai, o termo está correto.

—Que Nina vai? — repito arregalando os olhos. —Peraí, eu não vou a lugar algum!

O bate-boca recomeça, misturando as vozes na sala. Olho para Ava procurando apoio. Como ela pode sequer considerar a ideia se ela mesma viajou para *Orlando*?! O mote de sua vida, a tal epifania que supostamente deveria encontrar na jornada foi tirado de festas na praia e idas à Disney, e hoje está talhado em letras pequeninas na pulseira que carrega no braço: *Plante raízes para a eternidade*.

Aliás, como Ava pode ter chegado àquele mote? *Plante raízes para a eternidade* é na verdade sua sina, não o resultado de uma epifania. Se não um desígnio conveniente do destino, uma profecia auto-realizadora. Para quem se esconde há vinte anos nas bordas de uma floresta, nada mais natural que o mote de uma árvore.

Talvez seu destino seja diferente do dela, Neela comenta em pensamento. Seus olhos me observam do outro lado da sala com o foco e exatidão de um instrumento de medição.

Talvez não, respondo como oposição à vasculha mental. *Não vou a lugar algum. Não sairei de uma floresta para ser encarcerada em outra*.

Neela não responde, apenas alisa o envelope. Como se já gostasse dele, e precisasse proteger a mensagem que ele traz.

—Bruxas trabalham para Ela, — a voz de Ava se sobrepõe às outras. —Sempre foi assim e talvez seja a hora de voltar a ser. O chamado é o momento de se religar ao mundo e descobrir sua razão nele. É isso que a bruxa romena oferece na carta.

—Não acredito que ainda estão tentando me convencer que a carta foi escrita para mim.

—Durante séculos, povos de todo o mundo mandaram seus jovens em jornadas de autodescoberta, — Neela fala com os olhos em mim. —A viagem marcava a transição da adolescência para a vida adulta. Mas nos últimos tempos, por comodidade e segurança, esse rito morreu.

Abro a boca para dizer ‘ainda bem’, mas ela continua: — Que ritos os adolescentes têm hoje? Tirar a carteira de motorista? Beber a primeira cerveja? Em um mundo cada vez mais tecnológico e recluso, estabelecer uma conexão com a Mãe da Vida é um acontecimento excepcional.

—Quem disse que quero estabelecer uma conexão com Ela? — pergunto para o teto, como se ele tivesse essa resposta. —A natureza é uma divindade dramática, e *juro*, tenho medo de seu humor. E no mais, não sou uma garota de *atos excepcionais*.

Neela sabe, não há nada excepcional em mim.

—Sabe o que isso me lembra? — Elka comenta. —A história antiga de Erin Wolf.

Minha risada sai como uma fungada. Todo aquele LSD consumido nos anos 60 deve ter fritado os neurônios de minha tia, só pode. —O que a história de Erin tem a ver com a carta?

—A história de Erin é um conto cautelar, oras. Assim como mentirosos ouvem a história de Pinóquio e preguiçosos a fábula da cigarra e da formiga, a dela é o conto das bruxas desobedientes.

Abro a boca, indignada: —Desobediente? Não estou sendo desobediente, vocês nem sabem se sou a garota certa!

—O que Elka quer dizer é que o que aconteceu a Erin poderia se repetir, — minha mãe

diz com voz calma.

—Erin morreu queimada na fogueira! — falo sem acreditar que aquele comentário saiu da boca de minha mãe.

—O que eu quis dizer é que Erin recebeu um chamado e disse não.

Cruzo os braços, ofendida. Invocar Erin é golpe baixo. Nossa ancestral mais famosa, aquela que recusou um chamado traz apenas uma mensagem: o destino da bruxa desobediente é virar churrasco.

— Sinto muito, Nina. — Ava diz com aparência cansada. —Precisamos saber se a velha romena ainda existe, e o que ela quer com você.

—E se eu me recusar a ir?

Quatro pares de olhos me fitam arregalados de volta.

—Sim, o que pode acontecer? — encaro as outras. —As acusações de bruxaria desapareceram e o termo bruxa caiu em desuso, o que deixam as chances de morrer queimada em uma fogueira tão pequenas quanto ser atingida por um raio. Se não somos mais queimadas em praça pública, o que pode me acontecer? — olho-as divertida.

—Não se diz não à Deusa, — Neela responde, séria.

Finjo não ouvi-la ou pensar no significado daquele não. —Não aceito o chamado, — encerro o assunto. E no mais, se há trinta anos a bruxa romena era uma centenária, hoje ela está morta. Nada nesse mundo vive 130 anos. Árvores, talvez; bruxas não.

—O que pode acontecer a Nina se ela não aceitar a jornada? — Max pergunta para minha mãe.

As mulheres se entreolham. O que pode acontecer ninguém sabe, mas quanto a uma coisa são categóricas: quando ignorada, a Mãe Natureza fica brava.

Um barulho discreto faz os rostos se voltarem para as engrenagens sobre a mesa. Uma das rodas endenta-se à outra, e o anel roda mais uma vez. O minúsculo ponteiro avança mais

uma letra e encosta no *i* de *Primăvară*.

Tic Tac.

II

O bom, o ótimo e o novo



O que sabemos sobre nossa ancestral infame foi sendo contado pelas avós de nossas avós através dos séculos até chegar à história de hoje. Foi na época em que a Grande Mãe começava a agonizar, e o universo feminino perdia a batalha contra a masculinização do mundo. Uma batalha sem sentido aos olhos Dela, que via mulheres serem perseguidas e demonizadas por pais e irmãos, queimadas e pintadas de perversas para que gerações seguintes acreditassem que foram dignas da sentença de morte. É durante essa confusão que a Grande Mãe chama Erin Wolf.

Relatos sobre o evento verdadeiro divergem, mas o mais conhecido conta que Erin recusou o chamado. Negou a jornada, e não aceitou ser acolhida sob as asas de quem poderia protegê-la para seguir o coração. Porque confiou sua identidade ao cavaleiro por quem se

apaixonou, foi delatada. O resultado? Erin queimou na fogueira.

No início costumava imaginá-la ardendo sob as chamas como nas antigas gravuras medievais, estática e amarrada, a boca aberta como o quadro de *Munch* derretendo sob o fogo. Um dia, entretanto, *senti* a sua dor. O cheiro de queimado impregnou minhas narinas e seus gritos me acompanharam meses depois. Porque senti seu flagelo eu não sei; sempre achei que foi porque ouvi demais a história.

O julgamento de Erin ficou conhecido como o marco inicial da insensatez que tomou conta da Europa nos séculos seguintes. O fato ascendeu as bruxas ao panteão de inimigos da humanidade, e concedeu às Wolf status de casta desprezada entre as bruxas. Um tremelique toma conta dos braços, e chacoalho-os como se assim pudesse me livrar do pensamento: Erin é o exemplo de que tudo pode dar errado, e um dos motivos pelo qual o mundo nos odeia.

—Nina!? — Os olhos castanhos por trás dos óculos de aros azuis aguardam minha opinião. Acordo do devaneio, alisando os braços para abaixar os pelos eriçados.

—O quê?

Melinda me olha sem expressão. Seu cabelo platinado está preso em um rabo de cavalo, e suas mãos estão cruzados na frente do corpo: —O baile, oras! Você vai ou não vai?

—Ah, o baile, — subitamente me lembro. —Não vou.

A sobrancelha de Melinda vai parar no meio da testa.

—Não sei por que perde seu tempo, — Danielle gira o rosto na frente do pequeno espelho de mão, conferindo a maquiagem. —Nina não vai à festas.

Danielle acerta um erro imperceptível nos cílios maquiados e ajeita o pé translúcido da pele lisa e morena. Empina o nariz já arrebitado e checka se está tudo bem. Sempre está.

Ergo os ombros, sem ter o que responder. Mel já deveria saber disso à essas alturas. Olho para a quadra que aos poucos se enche de jogadores, pensando na festa. Olho para as faixas coloridas e as serpentinas que descem encaracoladas do teto, para as rodas de conversa onde

não se fala outra coisa. Há um misto de expectativa e alegria que colore e impregna paredes, pessoas e conversas; a escola está acabando, e isso merece ser celebrado. Mesmo assim, não posso ir à festa.

—Eu não entendo você, Nina, — Mel reclama. —Juro que não entendo todo esse drama com festas.

—Não existe drama. Estou tentando *evitar* o drama.

—Somos adolescentes, não evitamos o drama, — Mel rebate, certa até os ossos sobre isso mas bem pouco interessada no tipo de drama que evito ficando em casa. —E no mais, — ela enumera nos dedos de unhas compridas e irisadas: —Como vai saber o que é tomar um porre, fumar escondido ou dar amassos em alguém se nunca for à festas?

—Não quero tomar porres, fumar ou dar *amassos* em ninguém, — respondo apoiando o queixo na mão enquanto tento descolar com o tênis um chiclete colado no cimento da arquibancada. —Do jeito que as coisas estão, está bom. O ótimo é inimigo do bom, já ouviram falar?

Melinda e Danielle se entreolham: —Bom? O bom é muito pouco.

Olho para frente pensando nisso. Talvez para elas o bom seja pouco, mas para mim o bom é um alívio. Naveguei pelos anos de escola com dificuldade, mas disfarcei quem sou com *quase* total maestria. Ninguém jamais desconfiou que eu fui a causa do não-funcionamento dos *ipods* ao meu lado, ou das panes no laboratório de informática. Que culpa tenho eu se a tecnologia parece alérgica a mim?

Nossa situação na cidade nunca foi ótima. Ela sempre balançou entre ruim e péssima, dependendo das confusões causadas. À menor dúvida sobre quem éramos, sumíamos por um tempo. Nos afastávamos da multidão, ficávamos em casa. Claro que nossa recusa em bater ponto nas igrejas e frequentar eventos sociais não nos agraciou o título de cidadãs honorárias, mas conseguimos escapar ilesas por séculos de aberrações climáticas e defeitos mecânicos

inusitados. Como aquela vez na feira municipal, por exemplo, quando o sistema de som quebrou e a roda gigante travou com o prefeito no alto.

Enfim, não mexemos em time que está ganhando. O bom é inimigo do ótimo, e tudo que é ruim pode piorar. Na verdade, o correto seria dizer que o péssimo é inimigo do ruim. O ruim está bom, deixe o ruim do jeitinho que está.

Melinda volta a observar a quadra e Danielle a se olhar no espelhinho. Após sedimentar a argamassa impermeável que chama de batom nos lábios, Danielle comenta mal segurando a excitação: —Chris vai me chamar hoje para o baile, eu contei?

—Não tínhamos combinado de ir juntas? — Melinda reclama.

—Calma, — Danielle guarda a maquiagem na bolsa. —Chris falou que o garoto novo ainda não convidou ninguém. Quem sabe você não se encanta por ele?

—Que garoto novo? — eu e Melinda perguntamos.

Danielle arregala os olhos, como se fôssemos as últimas da corte a ouvir sobre as hemorróidas do rei. —Como assim, *que garoto novo*? Vocês habitam o mesmo universo que eu?

Estou para soltar *infelizmente* quando Mel se lembra de ter ouvido algo a respeito: —É o que veio transferido?

—Ele mesmo. Ele foi escalado para jogar. Dê uma boa olhada nele e veja se ele te agrada.

Melinda me olha com a boca retorcida. As chances de se encantar por alguém que nunca viu lhe parecem ínfimas. —Nina, arrume um vestido, você vai comigo ao baile, — Mel decreta.

Não tenho tempo de frustrar suas expectativas. O cabelo de Danielle voa à frente como a asa aberta de um pássaro: —Como estou? — Mostrando os dentes, gira a face para os lados: — Vêem alguma coisa?

—Dentes, — Melinda responde. Danielle volta a sorrir, enquanto o treinador entra na quadra seguido pela equipe.

—Vocês não adoram surpresas? — ela pergunta batendo palmas de excitação. Tanto eu quanto Melinda respondemos: —Não.

Não sei por que Melinda não gosta de surpresas, mas sei porque *eu* não gosto. Bruxas e surpresas não combinam. Na verdade, bruxas tendem a causar pequenos desastres e tragédias quando surpresas.

O treinador pede um segundo para a turma de alunos nas arquibancadas. Chris corre até o centro da quadra e Danielle começa a quicar na cadeira.

—Pessoal, quero pedir a atenção de vocês por um minuto, — o garoto alto, loiro e rosto cheio de espinhas aumenta a voz. —Tenho uma surpresa para uma garota que está bem... ali! — Seu dedo aponta para Danielle.

Danielle abre a boca e leva as mãos ao peito, como se não desconfiasse de nada. Por si só sua encenação me divertiria, mas me distraio com as fagulhas que saltam sobre sua cabeça. Quando excitadas, as pessoas literalmente brilham. Embora as luzes sejam um espetáculo fascinante, o são apenas para os olhos. É geralmente aborrecedor argumentar com a pessoa debaixo delas.

O treinador se junta a Chris na quadra, que lhe entrega um objeto. Chris faz um sinal para alguém, e o telão antes apagado mostra as cenas que se desenrolam no ginásio. Celulares estão apontados para eles, e até os jogadores sacam seus aparelhos para filmar o episódio. Passo os olhos pelos seus amigos, reconhecendo quase todos. Em meio a rostos conhecidos, vejo um novo.

Veja bem, isso aqui é Valparaiso, Indiana. Somos trinta mil habitantes espalhados por quilômetros e quilômetros de plantação de milho. Conheço cada um dos estudantes desse colégio, estudo com eles desde o primeiro grau. Não conheço, no entanto, *esse* garoto. Ele

segura a câmera que filma as imagens transmitidas no telão, e se concentra em captar o que Chris monta no centro da quadra. Seu cabelo é preto e bagunçado. A pele tem um tom dourado atípico para os habitantes do Meio Oeste, e seus olhos são claros.

O zunido faz pescoços girarem para os lados. Dois helicópteros de brinquedo sobem desengonçados no ar, adquirindo aos poucos equilíbrio. Enquanto o telão mostra a subida do brinquedos, os alunos se perguntam o que está acontecendo. Pelo jeito as máquinas fazem parte do plano espalhafatoso de Chris.

Em meio ao espetáculo o rosto volta como se puxado para o garoto com a câmera na mão. Ele acompanha a subida dos helicópteros, que levantam um *banner* de plástico. Estreito os olhos tentando ler a mensagem que ele traz:

Danielle, quer ir ao baile comigo? Chris.

Arrulhos dengosos e murmúrios de prazer coletivo rebentam à volta. O telão iluminado procura entre as cabeças quem é a felizarda, enquanto Danielle ergue o braços em um nada discreto “estou aqui.” —Eu não sabia que seria lindo assim, — ela se desmancha.

—Então responda ao menino, — Melinda a acotovela. A multidão e Chris aguardam sua resposta.

—Claro que sim! — Danielle explode. A turma bate palmas, e o telão finalmente focaliza o local onde estamos sentadas.

Mas ao invés de Danielle, a face que aparece no telão é pálida e salpicada de sardas. Os olhos são azuis, e observam a transmissão com assombro. *Credo, ainda bem que não sou tão ruiva*, penso, mas a ilusão momentânea dá lugar a um profundo assombro.

Danielle franze o rosto, e meus olhos se arregalam. A face do telão acende como a sirene de uma ambulância. Aquela sou eu?

—É a outra, — Chris fala para o garoto com a câmera, mas o menino continua a me filmar. Os helicópteros balançam no ar ao mesmo tempo em que a minha temperatura aumenta. As orelhas ardem a cada celular que se volta na *minha* direção, e a sensação é que em breve – e não vai demorar nada – vou explodir de vergonha.

—Sou eu! — Danielle esbraveja com o menino congelado com a câmera em mim. Mal tenho tempo de ver meu rosto sumir da tela quando ouço o estouro.

Os holofotes acima de nós tremem fazendo todos olharem para cima. Em seguida os pequenos helicópteros – os dois, e ao mesmo tempo – explodem no ar no segundo em que as luzes do ginásio se apagam. O barulho da explosão retumba pelo ginásio, seguido do *crash* dos brinquedos e o apagão do telão. Gritos ecoam quando lascas dos brinquedos voam para todo lado e se espalham pelo chão da quadra. A multidão encolhe os ombros e tapa os ouvidos, em seguida a gritaria dá lugar ao silêncio completo.

Oh, oh.

Em meio à confusão – o treinador tentando se livrar dos estilhaços, Chris tentando salvar um pedaço do banner, as pessoas tampando o nariz pelo cheiro de fumaça – o garoto abaixa a câmera e seus olhos grandes e claros encontram os meus.

O jogo é suspenso. A garotada decide que assistir a um jogo no escuro não tem graça e parte sob os gritos do treinador e seu assessor. Minha face ainda arde de vergonha quando Danielle me puxa pelo braço em direção à quadra. Como pode alguém que se escondeu a vida inteira estar gravada no celular de dezenas de pessoas? Eu em breve estarei online.

—Olhe, você está online! — Danielle abre a boca, indignada. Devia ter sido ela, ali, mas ao final eu sou tudo que a filmagem mostra. Eu e a maldita explosão.

—Não é possível, — sussurro trazendo a tela até o rosto. É possível, aquela ali em meio à confusão sou eu.

Descemos os últimos degraus até o local onde Chris cata o que sobrou dos brinquedos.

Assim que nos vê, começa a se explicar: —Eu tinha tudo planejado! Não sei como aquilo foi acontecer, mal tive a chance de terminar o pedido!

Talvez devido à sua expressão, à explosão dos brinquedos ou aquele 1% manteiga que faço questão de esconder, fico com pena dele. *Sinto muito por ter destruído seus helicópteros*, peço desculpas em pensamento. Por sorte Danielle o abraça e responde: —Foi lindo, Chris. Claro que vou com você ao baile.

—Que pena que apareceu *ela* no telão! — ele aponta emburrado para mim, como se eu tivesse culpa de ter sido filmada. —Não sei o que deu em Alex, eu mostrei a ele quem a garota certa era!

Abro a boca para me explicar quando um cheiro inesperado me cala. Não o cheiro de suor que a quadra sempre tem, ou o fedor de plástico queimado que empestia o ginásio. O cheiro que formiga o nariz é bom. Afiado e cortante, quase oceânico. Em meio àquele perfume flutua uma nota desconhecida, e aquela única nota acorda algo em mim que dormia.

Viro a tempo de ver Chris acenar para o garoto: —Alex, venha cá. Quero te apresentar aos meus amigos.

Alto e atlético, Alex toma todo o campo de visão. Suas feições estão sérias, como se esperaria de alguém que tinha uma única tarefa a fazer mas acabou falhando.

—Sou Danielle, — minha amiga estende a mão, apresentando-se. —A que deveria ter sido filmada e *não foi*.

Alex estende a mão de volta, sem graça: —Desculpe pela confusão.

—E estas são Melinda e Nina, — Chris finaliza as apresentações. Melinda o cumprimenta com um aceno, e ele curva levemente a cabeça. Em seguida, olhos que podem ser tanto verdes quanto azuis encontram os meus. Eles afiam-se por um segundo, uma fração de tempo que parece interminável. Sons desaparecem, pessoas viram silhuetas sem foco.

—Oi, — diz estendendo a mão, me destinando um sorriso que ofusca a metade leste do

planeta. O mundo para de girar ali.

Olho para sua mão, em seguida para o braço, onde, por baixo da manga de sua camiseta insinua-se uma tatuagem. Dedos delicados fogem sob o tecido, como se deslizassem para fora de um esconderijo. *Oi* seria a minha resposta se o garoto novo não tivesse olhos aflitivos, o tipo de olhar difícil de sustentar.

Melinda indica com a cabeça a mão estendida para mim, mas não consigo me mover. Também não respondo ao cumprimento, porque não consigo pronunciar a palavra idiota de uma sílaba só. Alex abaixa os braços e Chris o embala em uma conversa.

Lentamente o mundo volta a girar, sob vozes que comentam o convite adorável, e desculpas pela explosão inesperada. Nem mesmo o constrangimento por não conseguir cumprimentar o garoto novo tem espaço na mente confusa. Tudo o que consigo é sentir calada as veias borbulharem como se um líquido misterioso abrisse caminho entre elas.

O treinador interrompe a conversa dizendo que a os funcionários da escola precisam averiguar o incidente. Somos convidados a nos retirar do ginásio, atletas para um lado, o resto de nós para o outro. Antes de sumir atrás da porta do vestiário, Alex me dá uma última olhada.

—Que bicho mordeu você, Nina? — a voz de Melinda chega como se vinda de debaixo d'água. —Por que não o cumprimentou?

Não sei que bicho me mordeu, ou como explicar minha paralisia. O que sei é que a premissa do *ótimo é inimigo do bom* volta à cabeça.

Ótimo, bom, nada disso interessa.

O *novo* acaba de pôr tudo abaixo.

III

Camuflagem



—Já vai, — grita Ava subindo as escadas do porão quando ouve a batida mais uma vez. A cesta de roupas apoiada na cintura a impede de ser mais rápida. Pousa o cesto no chão do átrio, mas para no lugar antes de abrir a porta. Há algo errado do outro lado.

Ava olha ao redor. A sala está na penumbra, e tudo que ouve é o zunido da geladeira vindo da cozinha. Ela encosta o ouvido na madeira, sentindo o cheiro de problemas vazarem pelas frestas. Abrindo a porta de rompante, pergunta: —Pois não?

O homem magro se assusta com o gesto repentino. —Sra. Wolf? — Ele apalpa os bolsos em busca de um cartão. —Meu nome é Martin Kuhn, sou da Divisão de Assuntos Especiais da Agência Nacional de Ciências Atmosféricas. — Ele tira os óculos, exibindo órbitas encovadas. —A senhora tem um minuto?

Ava o encara por alguns segundos. Por fim encosta na parede, recebendo o cartão que ele lhe estende ao passar. Em seu paletó pende um crachá com as iniciais ANCA.

Martin Kuhn atravessa a sala e escolhe uma poltrona florida para se sentar, e Ava toma a cadeira à frente. Embora tente disfarçar, Kuhn está surpreso. As roupas comuns da dona de casa – a camiseta larga, calças de moletom e pantufas sobre meias divergentes – não escondem sua beleza. O cabelo claro de aparência sedosa desce até a cintura, e os impressionantes olhos

azuis apresentam simetria perfeita. Ela é ainda mais bonita que seu assistente descreveu.

—Agência Nacional de Ciências Atmosféricas, — Ava lê no cartão, ignorando o escrutínio.

—A senhora já ouviu falar de nós?

—Não, — mente. Assim que diz aquilo, nota que Kuhn observa o cartão enviado pela carta romena que pousa agora sobre sua mesa de centro. Por sorte ele está fechado, e as engrenagens, finíssimas, mal transparecem por entre as folhas do papel.

—Fazemos parte do Departamento de Comércio. Coletamos dados sobre as condições da atmosfera e estudamos o que o afeta. Dentro dessa agência, o meu departamento cuida de algo mais específico—ele estica os olhos para a mulher, que gira o cartão entre os dedos. — Tentamos entender os fenômenos que ocorrem no mundo. Tentamos entender o tempo para...

—Controlá-lo, — Ava completa, repetindo o slogan escrito logo abaixo do nome da agência. Kuhn assente. É exatamente aquilo que fazem.

—Sra. Wolf, a senhora faz ideia do que me traz aqui?

Sim, ela faz. Contudo, sim é a resposta errada: —Não, não faço ideia.

Kuhn não é um homem que erra palpites. Precisa admitir, no entanto, que está confuso. Ao chegar ali duvidou que estava no endereço certo. A extrema simplicidade e a ausência do mal o surpreenderam. Ele não esperava encontrar paredes pintadas de preto ou sangue pingando do balcão da cozinha – claro que não – mas esperava algo diferente. Algo mais... *clichê*, talvez. E no mais ele está irritantemente distraído com a beleza da mulher. Embora seu assistente o tivesse alertado sobre isso, Kuhn não teria conseguido, ainda que tentasse, dar ao rosto que Sam descreveu feições tão perfeitas.

Tudo que chama a atenção, no entanto, merece escrutínio. Cruza-lhe a mente que a beleza no mundo natural nunca ocorre sem propósito, sempre tem uma função. Pode ser alerta ou atrativo; pode ser camuflagem. *Como se chama aquela relação entre duas espécies em que*

ambas compartilham características semelhantes, uma visando lucrar ao se parecer com a outra?

—Como posso ajudá-lo, Sr. Kuhn? Tenho uma pilha de roupas para lavar, não tenho tempo para bate-papos.

Sem outra opção, Kuhn vai direto ao ponto: — Nós sabemos quem vocês são.

—O Sr. mencionou meu nome na porta, imagino que saiba quem sou.

O homem ri sem vontade: —A senhora sabe do que estou falando.

Ava bate as mãos sobre as pernas: —Sr. Kuhn, essa conversa está muito estranha. O Sr. está aqui para vender alguma coisa? Porque não tenho interesse ou dinheiro para comprar algo.

Experts em dissimulação, Kuhn retorna às aulas de biologia. —Nós monitoramos vocês há meses, — ele continua. —Sabemos de praticamente todos os passos da família desde o começo do ano.

—Monitoram? — Ava questiona infligindo leve ofensa à voz. —Céus, o senhor deve ter se entediado um bocado nos últimos tempos.

—Oh não, pelo contrário. É interessante acompanhar os eventos pagãos aos quais vocês se lançam de quando em quando.

O sangue do rosto de Ava se esvai, e sua voz perde o tom calmo de antes: —O senhor tem autoridade para isso? Espionar cidadãos que trabalham duro e pagam seus impostos? Não estou entendendo o seu ponto, Sr. Kuhn. Se está aqui para nos acusar de não seguir sua religião, entre na fila.

—Sra. Wolf, tudo o que fazemos é perfeitamente legal. Quanto à sua religião, não me interessa nem um pouco por ela ou qualquer outra. Já quanto ao pagamento de impostos, esse é um ponto discutível...

Ava engole em seco. Quando sua trisavó desembarcou na América, Indiana podia ser cruzada de um extremo ao outro pulando de árvore em árvore sem que os pés precisassem

tocar o solo. A floresta que suas antepassadas mantiveram intacta e onde hoje moravam virou um oásis perdido em meio ao estado cortado por plantações de milho.

Infelizmente, três meses atrás as Wolf ficaram sabendo que a floresta deve milhões de impostos nunca pagos ao estado. Milhões que as Wolf não tem a menor condição de pagar.

Ignorando a face sem cor da mulher, Kuhn continua: —A senhora se lembra do garoto que apareceu aqui um pouco antes do Natal? —A pergunta é retórica e Kuhn não aguarda resposta: —Samuel é o seu nome, ele é meu assistente. Se não se lembra, vou refrescar sua memória. Alto, bem-afeiçoado. Devolvido para nós em um estado próximo ao transe hipnótico, está lembrada?

Sim, Ava se lembra. Há alguns meses apareceu um rapaz em sua soleira anunciando trabalhar para o governo. De maneira desarticulada, explicou que investigava eventos atmosféricos e procurava informação sobre atividades incomuns na região.

Aquela era a primeira missão de Samuel. Sua tarefa era descobrir se alguém na família tinha capacidades extra sensoriais como, por exemplo, ouvir sons de baixíssima frequência, o que permitia a algumas pessoas até mesmo detectar terremotos. Samuel não esperava deparar-se com algo extraordinário, já que a família caipira era apenas um nome em uma lista de muitos. Se ficasse provado que eles não sabiam de nada, seriam riscados da lista e a equipe mudaria o foco para outras paragens.

Mas algo aconteceu. Ava assustou-se e o tocou impensadamente no ombro. Mandou o garoto voltar para casa porque o dia estava frio, e sua mãe deveria estar preocupada.

O rapaz retornou dali mesmo para a casa da mãe, do outro lado do país.

—O que fizeram com Sam foi genial, — Kuhn tenta sorrir. —Não sei como fizeram isso, mas estou admirado. Se lhe interessa saber, Sam ainda se recupera do rombo que uma passagem comprada na boca do caixa fez com suas finanças.

—Ele ao menos viu a mãe?

—Ela gostou bastante da visita.

Kuhn observa a mulher. O que ela fez com Sam foi tanto para ele quanto para o resto de seu gabinete, composto de apenas três funcionários – Anneliese Alberto, Samuel Thomas e ele – inédito. Há anos trabalham com pessoas estranhas que afirmam prever terremotos, cachorros que farejam tempestades, criaturas extravagantes que se auto intitulam *shamans* e dançam chamando chuva. Todos relativamente indefesos, ávidos em ajudar em troca de espaço nos noticiários. Mas algo na mulher à frente a fazia diferente. Se Ava Wolf for realmente o que ele acreditava ser, tudo mudaria.

Criado no final dos anos 60 por influência do espírito liberal da época, o departamento das ‘causas impossíveis’, como seu departamento é desdenhosamente apelidado, lutou décadas para justificar sua existência. Minguou durante os anos 80 e 90 quando o ceticismo tomou conta do governo, sendo quase extinto na virada do milênio. O problema não está em arrumar malucos que dizem ser capazes de manipular o tempo, mas sim provar que o tempo é alterado por eles. Na maioria das vezes uma análise estatística lançava as ditas ‘capacidades especiais’ de prever ou alterar eventos da natureza ao chão, e seu gabinete retornava à estaca zero.

Foi quando os desastres naturais tornaram-se assombrosamente agressivos e dispendiosos que o governo mudou de ótica. Preocupados com a relação progresso vs. natureza, ele passou a buscar maneiras de contornar os efeitos desse embate.

Para os donos do mundo, o aríete destruidor que o progresso se tornou não é o problema; a máquina criada para derrubar muralhas é o que move o mundo. O que precisam conter são os danos colaterais — as tempestades brutais, os tornados violentos, as enchentes e secas bilionárias. Quando a ótica mudou, os holofotes se viraram para a ANCA.

A premissa da ANCA é simples e conveniente: ela questiona o axioma da incontrolabilidade do tempo. Por que mexer na causa se podemos tratar os sintomas?

Departamentos como o seu ganharam da noite para o dia orçamentos estratosféricos.

Embora sua divisão não fosse a queridinha do congresso (lugar ocupado pelo projeto HAARP, bem mais científico e estratégico) Kuhn estava tendo os seus quinze minutos de fama. Enquanto a manipulação da baixa atmosfera terrestre e de outros tipos de ondas –mentais incluídas – do projeto HAARP permanecesse um segredo, seu gabinete cresceria. Era agora ou nunca; essa é a sua hora.

Sua chegada a Valparaíso, Indiana foi um acaso fortuito. Tudo começou no ano anterior, quando Kuhn teve acesso a uma misteriosa estatística dos Bálcãs que mostrava a variação do clima entre regiões. De qualquer modo que colocassem os dados, os números diziam a mesma coisa: certas vilas apresentavam níveis de chuva completamente diferentes das localidades ao redor, embora não diferissem em altitude, umidade ou vegetação. Suas plantações pareciam estar sob uma bolha de umidade, destacando-se incrivelmente da agricultura ao redor.

Os dados coletados por satélite eram intrigantes. Kuhn visitou pessoalmente alguns desses locais, investigou a existência ou inexistência de irrigação humana, mediu níveis pluviométricos, estudou correntes de ar. Mesmo com tudo igual, no final do dia uma região recebia mais água que outra, como se a Mãe Natureza molhasse o mundo com um regador.

As perguntas amontoavam-se. Não havia explicação lógica.

Kuhn então percebeu que não eram as respostas o problema, e sim as perguntas. Tais becos sem saída não eram incomuns na natureza, a ciência apenas decidia responder as perguntas que podia. Havia milhares, senão milhões de situações como a dos Bálcãs ao redor do globo.

O departamento decidiu então analisar esses eventos dentro do país. Acessou milhares de relatórios meteorológicos e discrepância interregionais sem conseguir cobrir nem mesmo 0,1% do território. Sem tempo ou mão-de-obra para a tarefa, Kuhn aceitou uma sugestão de Anneliese, que há tempos estudava a história de mulheres conhecidas na antiguidade como Apanhadoras de Chuvas.

Para seu desapareço, a pesquisa de Anneliese fundava-se em fontes questionáveis como livros de histórias infantis e um tipo de enciclopédia de mandingas pessoais deixados por algumas dessas mulheres. Sua assistente é fascinada pelo intrigante e improvável mundo das mulheres que conversam com o tempo. Bruxas, ela as chama, e Kuhn olha sobre os ombros torcendo para que ninguém os ouça. É o que lhe falta, ser associado a caldeirões e poções mágicas. Kuhn teria desistido de ouvi-la se Anneliese não fosse tão persuasiva com dados.

Para sua surpresa, o cruzamento de dados entre as árvores genealógicas desse grupo de mulheres e índices pluviométricos estreitou as buscas. Quando comparada com o resto das regiões ao redor, a localização das descendentes das antigas Apanhadoras mostrou claras anomalias atmosféricas. Kuhn conferiu os dados pessoalmente, não há dúvida: a natureza é benevolente com essas mulheres. Mais que benevolência, a terra parece ter *predileção* por elas.

Mas como Ava Wolf pode ser uma bruxa? Anneliese sim, se parece uma. Kuhn acha, inclusive, que ela milita em alguma organização ecológica e acredita estar ajudando o mundo. Por que a descabelada em seu escritório chama de bruxa a mulher mais bela do mundo?

—Sra. Wolf, não quero começar com o pé esquerdo. Há anos registramos uma quantidade de chuva incomum sobre a sua propriedade. Como a Sra. explicaria o fato de que, enquanto Indiana passa por uma seca, sua reserva floresce como se fosse um paraíso tropical?

—Talvez se Indiana tivesse mantido suas florestas não estivesse passando por uma seca,
—Ava revida.

Kuhn sorri. Agora entende o fascínio de Anneliese por elas. Ava Wolf é uma *daquelas* pessoas. Ele às vezes pega a assistente enchendo os ouvidos ingênuos de Sam com sua lengalenga sobre o que as bruxas farão ao mundo. *Elas ajudarão o planeta; elas se importam com o mundo.*

Ajudar o planeta, Kuhn mal esconde o desdém. Será que elas perderam o memorando? Este navio abandonou o porto há tempos.

Mergulhado em pensamentos, Kuhn não ouve o *tic* discreto que vem do cartão sobre a mesa. Ava se ajeita na cadeira e limpa a garganta, voltando a olhá-lo: —Gostaria de compartilhar comigo o motivo da graça, Sr. Kuhn?

—Não é nada. Por favor, não leve para o lado pessoal.

Ava abaixa os olhos e passa a acompanhar os desenhos do estofado da poltrona com os dedos, olhando vez ou outra para o cartão parado na mesa.

—Veja bem, — Kuhn insiste por outra via. —Nós precisamos de provas. Provas de que não estamos inventando coisas, vendo milagres onde estes não existem. E adivinhe? Foi buscando por evidências que nos deparamos com algo nos arquivos do serviço meteorológico do seu Estado.

A linha na testa de Ava mostra que ela está ouvindo.

—Descobrimos que nos anos 90 sua mãe contatou o departamento em um sábado informando sobre um tornado que alcançaria a cidade na terça-feira. Isso é o que chamo de previsão com antecedência. Como ela sabia?

Raios, qual é mesmo a palavra? Aquela que explica como uma cobra evolui para se parecer com uma lagartixa, ou o contrário?

A mulher acompanha os vãos e pousos dos pensamentos à frente, sentindo o café que tomou mais cedo doer o estômago.

—É exatamente isso que procuramos, — o homem continua. —Um sistema paralelo de alerta à população. Pense no que significa evacuar a população a tempo antes de uma catástrofe. O que estou oferecendo é a chance de tornarem-se heroínas. Vocês seriam respeitadas por suas ações, úteis para o país. A senhora não sonha poder ajudar mais do que ajuda, em estender a mão a quem precisa? — A voz de Kuhn está branda, quase doce. Em sua mente, contudo, lagartixas e grilos, folhas e troncos se misturam sem produzir nomes.

—Por que acreditaria nas superstições de uma senhora, Sr. Kuhn?

—Como sua mãe poderia saber do tornado antes mesmo que o vento se formasse nas telas dos radares? — Ava levanta as palmas, perguntando-se o mesmo.

—Eu imagino que esteja com medo, Sra. Wolf, e entendo o porquê. O que aconteceria a vocês no passado se avisassem que um tornado se aproxima, ou um tsunami alcançaria a costa? Seriam apedrejadas? Acusadas de causar o desastre por alertá-lo? — ele pausa. —Queimadas?

—A história está cheia de exemplos assim, — Ava responde com voz sumida. Ajudar os humanos, uma espécie seletivamente surda e cega, nunca foi tarefa simples.

—O mundo mudou. Uma agência do governo as respaldaria de qualquer acusação.

—Vocês afinal são sempre muito generosos com seus informantes, — Ava rebate concentrada nas próprias unhas.

—A senhora não parece muito interessada em ajudar.

—Ajudar como? Apresentando a terrível dor nos joelhos que minha mãe tem sempre que venta forte? Que tal apresentar isso como dado relevante para o seu governo?

—Não é o meu governo, ou a minha população; é nosso governo, e a população reparte com você a mesma terra.

—Por isso devemos a todos informação sobre nossas dores das juntas?

—Alertar o povo seria o ético a fazer, — ele fala com o tom de quem aponta o egoísmo alheio.

—Não me venha com a questão da ética, Sr. Kuhn. Ela só valeria para mim, e apenas até onde conviesse ao senhor.

—Fingir não ver o que acontece no mundo lhe parece ético?

—Ético seria evitar o problema, e não ajudá-lo a parecer menor.

Kuhn toma ar. Não dá para discutir ética com uma hippie abraçadora de árvores, simplesmente não dá. —O que é difícil aceitar, — ele diz estudando a simplicidade cafona da casa – a cozinha repleta de ervas no teto, a geladeira que ao longe chia como se tivesse asma, o

tecido puído das poltronas de estilos diferentes, certamente coletadas em lojas do *Goodwill* – É que algumas simples previsões poderiam salvar vidas.

—O senhor já parou para pensar que talvez Ela não queira profetas que a antecipem e a manipulem? Existe inteligência em seu caos.

—Quem é Ela? — Kuhn pergunta ignorando a parte do caos inteligente. Ele não vê muita inteligência no caos.

—Ela. A Terra. A entidade que você delirantemente acredita poder prever. O que sua agência diria sobre o que fizemos a Ela nos últimos dois séculos?

—O que fizemos está feito. O que desejo é proteger a população de futuros desastres.

—Para que continuem a destruí-la sem lidar com as consequências?

Kuhn afundaria o rosto nas mãos ou rebateria seus argumentos se não precisasse tanto daquela mulher. Ava Wolf está colocando tudo sob o pior ângulo.

—Sr. Kuhn, o senhor nunca terá o nosso apoio, e sinta-se à vontade para levar para o lado pessoal. Sentimos pelo sofrimento que Ela causa às pessoas, e acredite, padecemos dos mesmos desastres. O planeta não racionaliza sobre seus atos; Ela é justa e brava, e não lida bem com nosso controle.

Kuhn torce a boca ao pensar em Anneliese, igualmente cheia de ideias absurdas de paz, amor e harmonia. Deveria apresentá-las para que dançassem juntas *Kumbaya*.

Como a aproximação sutil não deu certo, é hora de por em prática o plano B.

—Não sei por que achei que ajudariam, — Kuhn praticamente sussurra. —Quase me esqueci de algo que li a respeito de vocês. Vocês não gostam de viver em sociedade, nem se importam com o resto de nós.

Ava estreita a vista, observando a manobra na conversa. Kuhn acabou de se posicionar do outro lado da linha, usando o velho artifício do *vocês* contra *nós*.

—Não costumam colocar as crianças na escola, ou fazer uso de bancos. Sequer pagam

apropriadamente seus impostos... Sua família não pode ser considerada o que chamamos de bons cidadãos, não é mesmo?

—O fato de não gostarmos de cartão de crédito não nos faz maus cidadãos, —Ava responde destinando-lhe o mesmo tom de falsa gentileza. —Somos apenas mais livres.

—Sim, livres – ele murmura como se lembrasse dessa informação. —Vocês gostam de liberdade. — Seus olhos vazam a janela, mirando o jardim tomado de repolhos e abobrinhas. —Liberdade e caos. A senhora não foi alertada de que não poderia mais plantar legumes na frente de casa?

—Não sabia que isso também era jurisdição de sua agência.

Kuhn avermelha. —Sra. Wolf, — ele continua, agora irritado. —Não vim aqui para falar de dores nas juntas ou querelas com a prefeitura. Vim aqui para oferecer-lhe trabalho, e em última instância, alertá-la. Se a senhora não estiver conosco, temo que estará contra nós.

Ava prende o riso. —O senhor está delirando? Por que achou que trabalharíamos para você e sua ideia maluca de prever catástrofes? O Planeta não quer *band-aids* sobre suas fraturas. Os sinais não estão visíveis o suficiente?

Kuhn sente o rosto queimar: —A senhora e sua família ainda não são, mas podem ser consideradas uma ameaça à segurança do Estado. É isso que desejam?

—Sim, sim, — diz Ava voltando a si, vendo que o homem à frente não tem todos os parafusos no lugar. —Boa sorte ao contar por aí que está requisitando ‘hippies abraçadoras de árvores’ para ajudá-lo na previsão do tempo.

Kuhn estreita o olhar. Ele não pronunciou alto aquelas palavras.

—E a palavra é mimetismo, — Ava solta cansada de observar a procura insistente pelo termo. A expressão pula à mente de Kuhn como um palhaço sanfonado. Mimetismo! A coevolução de duas espécies onde predadores se camuflam de presas a fim de os atacarem à surdina. *Como ela pode saber?*

—Sua máscara caiu, Sra. Wolf, — o homem murmura sentindo um frio primitivo correr a espinha. Toda aquela beleza é uma camuflagem, o disfarce perfeito para o ataque.

Ava acompanha seus pensamentos com enfado.

—Tanto esforço para achar o termo, e quando o acha, interpreta-o errado. Deveria ter prestado melhor atenção às aulas de biologia, Sr. Kuhn. — Kuhn não responde, congelado pela certeza de que tem à frente uma bruxa. —Nem sempre o predador se camufla de vítima. Às vezes uma espécie desprotegida mimetiza a perigosa por pura falta de opção, porque só assim sobreviveria entre eles.

IV

Luzes



Olho para cima, sem acreditar nas nuvens da cor de chumbo que rolam sobre si mesmas. Como foi que aquela tempestade se formou em tão pouco tempo? Tão logo me pergunto aquilo a chuva desaba. Pingos grossos encharcam a rua, formando poças rente às calçadas.

A avenida está engarrafada de carros alinhados com pisca-alertas ligados, aguardando virarem à direita. Aos poucos os alunos embarcam e partem ensopados, olhando encolhidos as ramificações elétricas que clareiam de tempos em tempos o céu e a estrada.

Mesmo com toda a confusão do gargalo na saída, é impossível não ver o fusca cor-de-abóbora de Elka se aproximando: tudo nele pisca.

Pisca-alerta, faróis, luz interior. O rádio está ligado no volume máximo, e o fusca parece uma caixa de som ambulante. Entro constrangida no veículo, sob risadas dos alunos que aguardam os pais ao meu lado. —O está acontecendo? — grito sob o barulho, batendo a porta do carro.

A música berrada quase não me deixa ouvir o grito alarmado de Elka: —Não toque em nada! Quando tentei diminuir o som, a buzina disparou!

Trago as mãos de volta com medo de piorar as coisas. Valparaíso High inteira acompanha Elka pisar fundo no acelerador, e o carro-discoteca sair pela avenida em velocidade

pouco dramática.

—O que deu nesse carro? — falo quando deixamos a escola para trás e consigo, com a minha interferência natural, transformar a música alta em estática.

—Não sei! Desde que o liguei ele enlouqueceu! — Elka olha para o carro como se não o reconhecesse. —Olhe só, o painel parece que está tendo um ataque!

No painel analógico, tudo que pode se mexer (o que não é muito), se mexe; tudo que consegue piscar, pisca. —Como foi que isso aconteceu? — Pergunto.

—Não sei! — Ela grita. —A energia ao redor parece brava!

—Onde está Ava? — pergunto ignorando sua teoria sobre energia temperamental. Quando chove assim, é ela quem me busca; não faz sentido minha tia estar aqui.

—Sua mãe pediu que eu levasse você para a livraria. Disse que não quer você em casa, e que mais tarde vem te buscar.

—Por que não posso ir para casa?

Elka ergue os ombros. Ela não sabe.

Encosto a testa no vidro observando aborrecida as gotas estalarem na janela. Um guarda-chuva passa voando por nós, carregado pela rajada de vento. Elka se assusta e o fusca derrapa:

—Droga de tempo maluco, —resmungo trazendo o fusca de volta para a estrada.

—A Grande Mãe é maluca, — digo olhando para fora.

Minha tia me encara. Parece desejar brevemente que os céus me lancem uma merecida chinelada, mas nem os céus nem a terra enviam nada além de chuva. Esta é talvez a melhor característica da nossa divindade: a carência de sentimentalismo da Terra costuma deixar insolências e insolentes impunes.

Minutos depois chegamos ao centro da cidade e estacionamos em uma das inúmeras vagas na frente da loja: —O que acha que deu no carro? — Elka pergunta com medo de trancar o veículo e acabar disparando alguma coisa.

—Não sei, — respondo, mas agradeço pelo fusca não ter tido o mesmo destino que os dois pobres helicópteros na quadra.

Sáimos do carro e corremos até a entrada. A placa pendurada perpendicularmente à parede indica *Livraria* em letras douradas. Embora situada na principal avenida de Valparaíso, a pequena loja jaz em uma esquina pouco frequentada e comprovadamente péssima para negócios. Ao lado, estabelecimentos com placas de ‘vende-se’ passam a impressão de que o local está às traças — o que está realmente, já que Elka não mata traças.

Elka destranca a porta e nós entramos na loja escura, chacoalhando os braços molhados. As dobradiças rangem, seguidas pelo tilintar escandaloso de sinos.

A livraria é comprida e estreita, tomada por estantes dispostas das mais variadas maneiras. À medida que a visão se acostuma à penumbra, o ambiente revela seu ar de tempos passados: a gradação de cores vai dos marrons aos douradas, e o cheiro no ar é de folhas mofadas e incenso de sândalo.

Os olhos amarelos de Mefistófeles reluzem na semiescuridão. Ele me cumprimenta com um miado desinteressado, mas ao ver Elka, corre para baixo do balcão.

—Chá? — Elka oferece claudicando até a pequena cozinha. Largo a mochila sobre sua mesa e ando até uma banquetta. Antes que me sente ela exclama: —Que cabeça a minha! Esqueci o chá na cobertura.

A única boa razão para Elka continuar naquele ponto da rua é que seu apartamento fica na cobertura do mesmo edifício, o que deixa sua vida enrolada bem mais descomplicada. Ela anda em direção à porta, tagarelando: —Trarei também algumas toalhas e o açúcar.

Antes de sair ela para com a mão na maçaneta e gira o rosto, me olhando: —Aconteceu alguma coisa com você, querida? — Seus olhos escuros se afiam em minha direção, correndo meu contorno como se a resposta para sua pergunta boiasse ao meu redor. Balanço a cabeça que não, fingindo estranhar a curiosidade. Ela mesma desmerece a suspeita com um gesto de

mão: —É que você parece diferente. Existem luzinhas sobre sua cabeça!

Subo os olhos tentando enxergar algo: — Não vejo nada, — minto.

—Não deve ser nada. — Ela sai e bate a porta, e os sininhos tilintam até silenciarem-se.

Só quando ela desaparece na curva é que exalo o ar. Abano o topo da cabeça, espantando as faíscas coloridas que crepitam sobre mim. Estou sem dúvidas excitada, mas Elka não precisa ser a primeira a saber.

Ando até a janela com o coração acelerado. Nuvens escuras trouxeram penumbra prematura ao céu, e a garoa cai na rua como um borrifo invisível. Abraço o corpo com os braços, pensando na tarde. Não noto o ruído de carros cruzando as poças d'água, nem penso na explosão dos helicópteros. A única coisa que lembro é que hoje não consegui dizer *oi*, uma palavra de uma sílaba só.

Balanço a cabeça e volto os olhos para a vitrine, onde uma profusão de teias ondula nas quinas como extensões rendadas da parede. Já que preciso esperar aqui – pelo quê, não sei – posso ser útil de alguma forma. Ajoelho no canto da parede e coeto as teias de aranha, tomando cuidado para não machucar as bichinhas. Prendo-as em uma jarra vazia de vidro e a coloco sobre o balcão.

Ao lado, uma estante bagunçada acumula alguns objetos esotéricos —um caldeirão de cobre, uma adaga trabalhada em prata e um pentagrama. Pego a estrela de cinco pontas na mão. Visto erroneamente como um elo entre a bruxaria e o mal, o pentagrama é completamente desconhecido da bruxaria antiga. Não temos ideia de onde ele surgiu, e muito menos por que foi ligado ao mal. Se as bruxas antigas tinham algum símbolo, este era o círculo — o símbolo da perfeição cósmica e do fluxo eterno da energia.

Retorno o pentagrama à estante. A estrela, a adaga — aqueles objetos nos dizem pouco. As bruxas do passado acreditavam que objetos de uso diário – como vassouras, panelas e roupas – continham mágica, e por isso cozinhavam em panelas herdadas e acolhiam roupas de

outras gerações. Uma ideia impensável nesse mundo lotado de coisas novas e descartáveis.

Deixo a estante de lado e sento atrás do balcão.

—Preciso arrumar uma casa nova para vocês, — falo para as aranhas da jarra. Cruzo os pés sobre a mesa e trago o laptop de Elka ao colo. —Um lugar onde possam morar sem serem notadas, — digo distraída enquanto ligo o computador e acompanho a procissão de caracteres típicos de máquinas antigas desfilarem na tela. —A caixa registradora da loja, por exemplo.

Abro o Google e digito: *engrenagens*. Os dedos dançam sobre o teclado, concluindo a busca improvável: *de relógios mágicos*. Embora a busca por mecanismos encantados em sites como o Google nem sempre trazem resultados satisfatórios, não custa tentar. Quero saber se um relógio daqueles consta na base infindável de conhecimentos da internet, se outros já o receberam, se isso já foi visto antes por alguém. Seria bom saber por que ele anda tão rápido, e como pode ter amanhecido aquela manhã na terceira letra da primavera.

Antes que consiga ver o resultado, o toque estridente quase me derruba da cadeira. Salto sobre o telefone que mais parece uma sirene, mas antes que o alcance a secretária eletrônica captura a chamada, algo extremamente rápido para o mundo de Elka. A mensagem ecoa alegre pela loja:

“Paz e prosperidade! Você ligou para a Livraria, mas estamos fechados. Tente outra vez! Abrimos às 6, fechamos às 8—não, peraí, o contrário—abrimos às 8, fechamos às seis. Que a paz esteja com você! Assalam mu'alaikum! Namastê! Blessed be!”

A voz fina da própria Elka emenda-se à mensagem insólita: “Nina? Dê um pulinho lá fora e olhe para o céu. É impressionante, Ela está realmente maluca!”

O telefone desliga do outro lado e a secretária emite o bipe final. Olho para o janelão, congelando no lugar: o que os olhos vêem desafiam qualquer explicação lógica. Levanto ajeitando a calça embolada nas canelas e dou a volta no balcão, sem conseguir tirar os olhos do véu tremulante que colore de verde o céu escuro. *Que raios está acontecendo com o mundo?*

Antes mesmo que chegue à vitrine, os sinos da porta dançam anunciando um cliente. Eles são tão raros que chegam a causar surpresa.

Aperto o rabo de cavalo rente à cabeça e tento varrer uma teia de aranha da camisa, mas ela gruda nos dedos. Enquanto chacoalho a mão eu o sinto: seu cheiro chega antes mesmo que eu o veja. O oceano retorna a Indiana pela segunda vez.

O perfil masculino surge entre um livro e outro, procurando na penumbra algum sinal de vida. *Como pode uma coincidência dessa acontecer? Que justamente ele esteja aqui?*

Ando de ré até o balcão, ouvindo Alex chamar o gato no alto da estante. Deitado sobre as patas embutidas, Mefistófeles o ignora.

Alex veste uma camiseta branca e jeans, e tem os ombros salpicados de pontos úmidos. Arrasto as mãos pela calça e a teia rola pegajosa pela pele. Talvez devesse passar a mão sobre a cabeça também, já que sinto as orelhas em pé, alarmadas.

Ele sorri ao me ver. Seus olhos cristalinos reluzem, verdes como a noite: —Oi de novo.

Coço a base da cabeça, que pinica. Limpo a garganta e forço um —oi, —que sai engasgado e com defasagem de algumas horas.

Enquanto Alex olha ao redor, escondo a jarra onde aranhas de tamanhos e cores diferentes rastejam-se sobre as outras em uma gaveta. —Está procurando algum livro? — pergunto trazendo a mão de volta. A frase sai treinada, quase natural.

Ele coloca uma lista sobre o balcão, me olhando por entre as mechas do cabelo desalinhado: —Preciso de um ou dois livros dessa lista para os exames finais.

Pego a lista. *Vamos lá, Alex, olhe ao redor. Acha que vai encontrar F. Scott Fitzgerald ou George Orwell aqui?*

Como se lesse pensamentos, Alex olha ao redor: —Que tipo de livraria é essa?

Essa seria a pergunta que eu faria se um dia entrasse ali, *que raios de lugar é esse.* — Não sei se tenho uma boa resposta, — respondo agradecida pela penumbra que esconde os

objetos ostensivamente esotéricos.

—Vocês vendem outras coisas além de livros? — ele estica a cabeça tentando ver o fundo da loja.

—Basicamente livros, — minto.

Mefistófeles salta da estante e pula sobre o balcão, miando baixo. Alheio ao perigo e talvez encantado pelo gato gordo, Alex leva a mão às costas do animal: —Como é o nome dele?

—Mef... — eu paro. —M.

—M, como a letra M?

—Hum hum, — finjo coçar a sobrancelha. Jamais contaria seu nome, escolhido em tom de brincadeira por ser, bem, um gato preto e pertencer a uma bruxa. —A propósito, ele é bravo.

—Gosto de gatos.

—É ele quem não gosta de gente.

Para minha antipatia, o gato começa a ronronar. Acompanho as mãos se Alex correrem o pelo de Mefistófeles em silêncio, sentindo a nota desconhecida do seu perfume misturar-se ao cheiro da blusa úmida. É estranho, mas o ar da livraria, antes pesado e bolorento, reluz.

Alex ergue o rosto: —Você tomou um susto e tanto no ginásio.

Tenho certeza que seu comentário se refere à vermelhidão do meu rosto na filmagem, mas inverto a ordem de causa e consequência e empurro o assunto para uma instância mais discutível: —Quem não tomou, com aquela explosão?

Mefistófeles deita de barriga para cima, exigindo mais carinho da plebe. A plebe faz a vontade do gato folgado. —O que acha que causou aquilo? Um curto circuito?

Dou de ombros. *Como poderia saber?*

—Mas valeu a pena, — a boca de Alex se ergue de um lado. —Você e a explosão

ficaram ótimas na filmagem.

Por algum tempo nos encaramos. O garoto novo está sendo irônico ou sou eu quem está lendo suas reações de modo inflamado?

—...embora você tenha ficado da cor de um tomate, — ele segura a risada. —Na verdade, não era bem vermelho, — diz procurando algo ao redor. Parando os olhos em um livro roxo como uma ameixa, completa: —Roxo. Definitivamente era essa a sua cor.

Cruzo os braços, apertando os olhos em sua direção: —Você está caçoando da minha cor?

—Não, só estou puxando assunto. — Seu sorriso é tão sincero, e a frase dita de modo tão natural, que preciso fazer força para não rir.

—Não gosto de atenção, só isso, — digo me sentando na baqueta atrás do balcão. Indico o outro banco para ele, gostando da sensação que se espalha em mim. É mais ou menos como o beijo mágico de Neela, mas melhor. Mais *real*. Alex joga a mochila no chão e se senta também.

—Está explicado, então, — ele olha para baixo, onde Mefistófeles se enrosca entre suas pernas. Segundos depois, solta: —Eles ainda acreditam que são venerados.

A princípio não entendo o que está falando, mas então percebo que fala do gato. Assim que Alex interrompe o carinho, Mefistófeles o estapeia com a pata acolchoada.

Apoio o cotovelo sobre o balcão e cruzo os braços: —Não custa lembrá-lo que ainda são comidos na Ásia.

Alex abre um sorriso e espelha minha posição, como se aguardasse que eu o servisse de algo. De conversa, eu acho. Não sei servi-lo de conversa, nunca conversei próximo assim de alguém antes. A novidade? Estou morrendo de vontade de saber.

—Desculpe por ter te filmado, — ele abaixa as vistas, traçando desenhos com o dedo sobre o balcão. —A intenção era filmar sua amiga, mas quando vi você eu me esqueci o que

fazia com a câmera na mão.

Milhares de borboletas levantam vôo dentro de mim. Sem querer me pego olhando sobre sua cabeça, para as luzes que cintilam ao seu redor. Por que há luzes piscando em cima de você, e por que elas também cintilam em cima *de mim*?

—Pode confessar: você não achou Danielle na multidão, — brinco sem saber o que dizer.

—Chris já tinha me mostrado onde ela estava. É você quem eu não tinha visto ainda.

Já não são mais borboletas que se debatem atrapalhadas em mim. Parecem outro bicho, bem maiores.

—A que horas sai daqui? — ele pergunta. —Se não tiver carona, posso levar você em casa.

Olho para a porta, pensando em Ava: —Não posso aceitar carona de estranhos.

—Não sou um estranho.

—Você acabou de chegar em Valparaíso, — eu rio. —Você é a própria definição de estranho.

Ele olha divertido ao redor: —Que pena. Eu queria algumas dicas sobre a região, — diz sem qualquer interesse em disfarçar a mentira. —Saber sobre outras livrarias, ou onde garotas ruivas lancham no fim da tarde. Fazer o quê. Vou ter que me virar sozinho na cidade.

—Afinal, Valparaíso é uma metrópole e as chances de você errar, infinitas.

Ele ri abertamente: —Mais ou menos isso.

Deslizo a lista sobre o balcão, sentindo pena pelo que vou dizer: —Agradeço o convite, mas minha mãe está vindo me buscar.

Ao pegar a lista, seu dedo encosta no meu. —Sinto muito por não termos nenhum desses livros, — recolho o dedo com a impressão de estar engolindo um litro de saliva.

Ele pega o papel e vira uma parte sobre a outra, demorando-se em cada dobra. Em

momento algum tira os olhos dos meus. —Não se esqueça de ler os comentários, — diz enfiando a lista no bolso.

—Que comentários?

—Os que as pessoas postam embaixo do vídeo. Ele está online.

Rolo os olhos, sem qualquer intenção de fazer isso.

—Em um deles alguém pergunta se você foi estapeada, — ele ri. —Suas bochechas estão em fogo.

—Ha-ha. Guarde um pouco da diversão para mais tarde, quando nada parecer mais tão divertido por aqui.

Ele olha para fora, para a rua esverdeada pelas luzes inéditas: —Não acredito em você.

Alex pega a mochila, pronto para partir. Sinto uma sensação estranha, a de quem não quer que algo acabe. Em uma escala entre *bonito* e *não bonito*, Alex tenderia para a ponta extrema de bonito, penso. Nem sei direito por que me permiti tal pensamento, mas agora que ele se formou na cabeça, tudo que consigo é olhar para ele e admirá-lo.

Mefistófeles corre atrás de seu cadarço enquanto ele coloca a mochila nas costas e anda de ré até a saída. Antes que ele suma atrás da estante, a porta anuncia outro cliente — o que além de causar surpresa, causaria também embaraço, já que os clientes de Elka costumam ser exóticos. Mas é Ava quem chega.

As sobrancelhas de minha mãe se unem ao dar de cara com Alex. Seus olhos cravam nele, especulativos e desconfiados. Alex a cumprimenta, mas ela não responde.

—Vim buscar você, — fala para mim enquanto ainda o observa. Alex acena e parte, e o rangido da porta e vibrar de sinos indicam o fim da visita. —Quem é o menino?

—Ninguém.

—Diga a verdade.

Estreito os olhos em sua direção. Se não soubesse quem somos, juraria que ouvi

puritanismo sob sua voz.

—Oras, por favor, — ela escarnece de minhas suspeitas. Anda até a mesa e junta o meu material.

Enquanto minha mãe enche minha mochila, arrisco uma olhadela para a vitrine. Alex está parado do lado de fora, olhando para mim. —Por que é importante saber quem ele é? — volto a olhá-la, sentindo o rosto incendiar.

—Coisas estranhas estão acontecendo por aqui.

—Bem, não há nada estranho acontecendo *aqui*, — rebato. *Pelo menos nada excepcional ou extravagante, certo?* —Nada preocupante, — eu me conserto.

Ava exala olhando a rua perder gradualmente o verde. Como se o momento de exasperação do mundo tivesse passado, e as luzes não tivessem mais motivo para estar ali. Ela pega minha mochila e anda em direção à porta.

—Até que minhas suspeitas se mostrem infundadas, manteremos distância de todo e qualquer estranho. Isso inclui o menino.

—Por quê? — Paro o que estou fazendo para olhá-la.

—Porque fomos descobertas.

V

Perigo



Kuhn limpa o vidro suado, vendo a rua molhada refletir a iluminação fraca dos postes. Ele e Anneliese observam a livraria há horas, desde que saíram da casa da bruxa. O barulho do limpador do para-brisa é um lembrete desagradável de que o tempo transcorre sem que nada aconteça.

O sossego não perdura. Assim que o garoto estaciona na porta da livraria, matizes de verde despontam nas poças de água, clareando-as. Por um segundo Kuhn acredita estar estacionado sob um semáforo e que aquela é a indicação da hora de seguir, mas logo vê que o que esverdeia a paisagem é algo maior. Ele se inclina-se sobre o console do carro, perguntando: —Você está vendo o que estou vendo?

Anneliese não responde. Boquiaberta, olha o show de luzes que toma conta do céu pouco acima do pequeno edifício de arquitetura comum do interior, sem acreditar no que os olhos vêem. —Será possível que as luzes tenham a ver com... — ela aponta para o casal de adolescentes, que da vitrine parece conversar dentro da loja. Kuhn não entende a ligação, ou recusa-se a entender. É a cara de Anneliese acreditar que fenômenos naturais têm intenções e que o céu responde à interação entre pessoas projetando clarões coloridos contra a escuridão. —As luzes começaram quase imediatamente à chegada do garoto, — ela diz entre suspiros.

Kuhn revira discretamente os olhos. Presenciar uma cena romântica ao lado de Anneliese causa mais que desconforto; causa repulsa. A implicância com a assistente emotiva não é sem fundamento; acabou de descobrir, quando a viu tirar o casaco, que ela não raspa as axilas.

—A que horas a chuva parou? — Ele tenta esquecer a imagem cabeluda.

—Assim que a menina pisou na livraria.

—E que foi... —ele insiste, não achando a resposta muito científica.

—Oh, desculpe. Dezesseis e Vinte. Depois de dezesseis e vinte e dois não vi mais nenhuma gota cair.

Enquanto Kuhn anota as horas no bloco, Ava estaciona o carro na frente da livraria. Segundos depois, o menino sai, mas estranhamente hesita em partir. Remexe na mochila, coloca o casaco. Só então atravessa a rua com o capuz sobre a cabeça, entra no carro azul estacionado adiante e aguarda.

Kuhn observa pela vitrine iluminada a menina de cabelo estranho e feições delicadas. *Por que o menino também está de tocaia?* É um gesto da mãe, contudo, que vale a espera da noite. A mulher aponta para cima, acusatória. O gesto aborrece a menina, e tão rápido as luzes surgem sobre suas cabeças, desaparecem no ar. Imediatamente volta a chover.

Kuhn e Anneliese recuam, assombrados. *Quem são vocês, família Adams?*

Quando as mulheres partem, o garoto as segue.

—Vamos segui-los, —diz Kuhn. Há algo de estranho naquela família, e aparentemente ele não é o único a desconfiar disso.



O carro atravessa a avenida Calumet deixando para trás a pequena parte de negócios de Valparaíso. Supermercados e restaurantes *fast-food*, que deveriam fervilhar com o entra-e-sai

de pessoas, estão com os pátios vazios.

—O que era aquilo no céu? — Ava pergunta dirigindo pela rua escura. A cada dois segundos as palhetas correm o para-brisas, afastando a água da chuva.

—Não sei, — digo com o olhar seguro na estrada.

—Nunca vi aquilo. Onde já se viu luzes dançarem pelo céu? — ela reclama.

Não peço desculpas, não tenho nada a ver com as luzes. Encosto a testa no vidro e observo aborrecida a chuva cair, tentando não pensar em Alex e deixar Ava saber sobre nossa conversa. A voz do locutor da rádio substitui a música chiada, e passa a relatar uma história estranha.

“—...as autoridades lembram que embora os lobos estejam longe de Indiana, é importante que a população do Norte não se arrisque em florestas e descampados.”

O locutor pergunta ao vivo para o entrevistado: *—Mas o que acha que eles querem, e para onde vão?*

—Não sabemos. Segundo as autoridades locais, os lobos cruzaram ontem a fronteira do Canadá e vêm com rapidez espantosa em direção ao centro do país.”

A transmissão chega entrecortada. Levo as mão até o botão de volume, mas minha mãe abaixa meu braço: —Quase, — ela murmura.

—Eu só ia aumentar o volume.

Ele aumenta o volume por mim: —Seria o terceiro rádio só esse ano.

—Segundo rádio, — recolho a mão. —Não tenho culpa por queimá-los.

“—Mas o que o governo está fazendo para capturá-los?

—Ainda não traçamos uma estratégia de captura. Estamos primeiro tentando entender o que está chamando os lobos em direção a outro hábitat. Por que sairiam de seu reduto em direção a um lugar onde nunca estiveram, e que não faz parte de sua rota de migração?”

—Bem, esperamos que sejam encontrados em breve. São animais belíssimos, sem

dúvida, mas não gostaria de dar de cara com um desses. Quem dirá com uma matilha!”

A reportagem termina, e um trovão ecoa à distância. Ava manobra à esquerda, entrando em nossa rua.

—Acha que os lobos estão vindo para esses lados? — pergunto desligando o rádio ao enxergar nossa casa.

—Só faltava essa.

Estacionamos em frente à garagem, e do retrovisor vejo que as luzes da casa da frente estão acesas. FRANZO as sobrancelhas e viro para trás, olhando através do vidro traseiro a cena inusitada: —Alugaram a casa velha?

—Sim. A mudança chegou hoje à tarde.

Aquilo definitivamente é algo estranho. Nossa antiga vizinha, a Sra. Perez, ficou doente alguns anos atrás e partiu, deixando a casa aos cuidados do tempo. Nunca mais a vimos, embora Ava troque com ela cartões e fotografias no fim do ano.

Sua casa, hoje abandonada, é um espelho da nossa. O estilo vitoriano está em todos os detalhes, dos ornamentos que seguem o telhado íngreme à varanda que ladeia a fachada.

Coitada, penso ao ver a placa caída de ‘vende-se’ dissolver-se aos poucos sobre a grama alta. Por nossa culpa ela teve todo tipo de dificuldades para vender a propriedade. Compradores em potencial não costumam gostar de nosso jardim, um aglomerado caótico de pés de abobrinhas, couve e repolhos, a antítese do perfeccionismo obsessivo dos gramados dos subúrbios. —É por causa disso que não queria que eu voltasse para casa?

Ava bate a porta do carro, caminhando em direção à entrada: —Não, não tem nada a ver com os novos vizinhos.

—O que aconteceu, então?

Ela abre a porta olhando ao redor, como se temesse estar sendo vigiada. —Entre, vamos. Temos muito o que conversar.

Em poucas palavras ela conta sobre a visita da ANCA, e como um homem chamado Martin Kuhn nos monitora. O que quer de nós. O quão pouco parece saber, acreditando podermos apenas prever o tempo. —E ele sabe quem somos.

Reinício a mastigação lateral da bochecha, pensando nas implicações daquilo: —Ele insistiu para que os ajudássemos?

—Claro. Você conhece a história, ela é tão velha quanto o mundo.

Sim, eu conheço. Bruxas e humanos deveriam, via de regra, evitar-se. Nada de bom pode sair da parceria entre bruxas e governo, a natureza e os governos em geral jogam em times opostos. Mas infelizmente, quando descobertas, nunca voltamos a ser ignoradas.

—Precisamos ser mais cautelosas. — ela continua. —Não podemos de maneira alguma acreditar nas promessas de ajudar o país; não trabalharíamos um ano para o bem coletivo antes que virássemos cobaias em alguma área militar para ajudar os homens a destruírem uns aos outros.

—Onde acha que está a escuta? — pergunto olhando ao redor.

—Não faço ideia.

Ela não parece muito preocupada; qualquer escuta eletrônica sofreria interferência à nossa proximidade. O que a preocupa é que fomos descobertas. Há séculos as bruxas se esquivam de convites de ajuda. As justificativas dos humanos em nos procurar nunca variam: por que não usar nossas capacidades para o bem? Infelizmente, as intenções dos homens raramente intendem o bem geral. Elas geralmente visam o bem pessoal, ou simplesmente o mal alheio.

—É preocupante saber que alguém lá fora sabe quem somos, —ela murmura. —Se manipulado, o medo pode transformar pacifistas em terroristas da noite para o dia.

Abaixo as vistas. Os tempos andam realmente inglórios para quem se coloca contra as causas dos grandes. Volto a recostar no sofá, e por um tempo pensamos sobre os

acontecimentos. Sobre a chegada da carta estranha, o aparecimento da agência do governo, as luzes verdes e a mudança drástica do tempo. Penso também no fusca amalucado de Elka, e a contragosto, no relógio que parece marcar o fim – ou início – de algo. Não consigo ver ainda de que maneira esses eventos se entrelaçam, mas tanto Ava quanto eu sentimos: há um fio costurando esses eventos. O que está sendo montado não sabemos, mas tenho minhas desconfianças: A Grande Mãe está montando uma armadilha.

—E durante seu dia, aconteceu algo estranho? — ela sobe os olhos até os meus.

Penso no garoto de olhos perturbadores e na explosão dos helicópteros. Lembro das luzes iridescentes sobre Alex e também das minhas, do carro de Elka, das nuvens bélicas. Finjo limpar uma mancha de tomate no casaco sem deixar as imagens do dia escaparem da mente, respondendo: —Não.

—Nada que pareça fora de lugar?

Olho-a com falsa ingenuidade: —Tudo aos dezessete parece fora de lugar.

—Nada *novo*? — ela insiste, sem paciência.

—Não, — levanto do sofá. —Mas se são novidades que preciso evitar, não se preocupe.

Nada acontece de novo em Valparaíso.

Como se disposto a provar que estou errada, o cartão mágico parado sobre a mesa se move discretamente, e o ponteiro avança mais uma letra.

VI

Estradas



—Onde você se meteu na pausa? — Melinda se aproxima. Ela equilibra a mochila sobre o banco da bicicleta e apoia as mãos na mureta. Com um impulso, senta ao meu lado, onde luto agachada com o cadeado emperrado da bicicleta.

—Estava ocupada.

Aquilo não é uma mentira. Ler escondida dentro do toalete pode ser considerada uma ocupação.

—Hmm. Você não estava fugindo, estava?

—De onde tira essas coisas? — Rolo os olhos.

—Você costuma sumir quando algo novo acontece.

Paro com as mãos no pedal da bicicleta: —E o que aconteceu de novo por aqui?

—Alex, — ela responde com uma risada maliciosa. —Você ainda não me disse o que achou dele.

Largo o cadeado enferrujado e olho para o pátio enlameado e vazio. A pergunta de Mel apenas parece descompromissada, mas não é. —Não achei nada, oras.

Volto a mexer na chave, repetindo a pergunta a mim mesma: *o que achei do garoto novo?* Não sei o que achar dele, mas o coração, por algum motivo, começou a palpitar assim

que ele foi mencionado.

—Acho que ele gostou de você.

A pele formiga ao ouvir aquilo: —Por que diz isso?

Ela apoia o cotovelo em uma das bicicletas amarradas e se inclina sobre mim: —Porque ele filmou você, só você, e nada além de você, — ela se afasta sorrindo. —Pena que aconteceu aquele desastre todo, e vocês não puderam se conhecer melhor.

Lembro do encontro inusitado na livraria, mas guardo a informação. A conversa com Ava no fim do dia tirou um pouco da graça da visita, e me deixou desconfiada de que quando o universo parece conspirar contra você, ele provavelmente está mesmo conspirando contra.

Volto a olhar desanimada o aro oxidado e o cadeado onde a chave emperrou quando ouço a voz de Danielle atrás de mim: —Cadeado 10, Nina zero.

Ao me virar, preciso segurar a roda para não cair sentada no chão. Danielle não vem sozinha. Dois pares de pernas masculinas aproximam-se ao seu lado.

—Talvez deva considerar que ninguém queira roubá-la, — Alex comenta ajoelhando-se ao meu lado. Ele me sorri cúmplice por entre os raios da roda, como se o fato de termos conversado ontem tivesse nos transformado em algo mais que meros colegas de escola. Toma o cadeado das minhas mãos e gira a chave presa, transformando minha palpitação em taquicardia. É isso que seus olhos verde-água andam causando em mim.

Por favor, Universo, dá um tempo.

—Ela já foi roubada antes, — respondo engolindo um litro de saliva.

—Difícil acreditar.

Após um *clic* discreto, o cadeado abre. Ele limpa as mãos na calça e se levanta. Eu continuo agachada, esperando as pernas ganharem mais estabilidade para me sustentarem.

—Mas eles a devolveram, — Danielle confirma a história olhando para minha bicicleta como se a devolução de algo tão velho e feio fosse para ela um mistério.

—Roubaram e devolveram? — Alex pergunta surpreso.

—Vai entender. Ao que parece ladrões também tem código de ética, — Chris ri.

—Ou sentem pena, — comento apalpando o casaco à procura de um lenço de papel.

—Devolveram no dia seguinte, — Melinda fala. —Deixaram uma nota pedindo desculpas e sugeriram que Nina colocasse óleo nas correntes.

Alex ri, enfiando as mãos nos bolsos: —Ética e humor. Como não simpatizar com gente assim?

O lenço de papel esfarela nas minhas mãos. Durante todo o tempo em que tento tirar a ferrugem dos dedos, evito olhar para os três. Chris faz uma brincadeira sobre bicicletas velhas e Alex rebate dizendo que elas são charmosas. Melinda observa como meu rosto afogueia, em seguida olha a constituição de casais. Concluindo que está sobrando, decide nos deixar.

—Bem, eu já vou indo, — ela passa por mim, piscando o olho. —A gente se vê.

Assim que ela se afasta Chris se vira para Danielle: —Dani, estava conversando com Alex e acho que o Drive-in seria ideal para o programa de amanhã. Vemos os filmes, depois assistimos a chuva. O que acha?

Danielle e Alex entreolham-se, encolhendo os ombros como se não dispusessem de ideia melhor.

—Chuva? Por que alguém iria querer assistir à chuva? — pergunto sentindo uma centelha mínima e incômoda queimar dentro do estômago. *Quando foi que eles decidiram assistir à algo juntos?*

—Se não tivesse sumido durante o lanche, saberia sobre a chuva, — Danielle provoca.

Alex explica: —Haverá uma chuva de meteoros essa semana, e o pico será amanhã à noite.

—Vamos nós quatro, que tal? —Danielle sugere, animada.

Levanto os olhos assustada: —Quem, nós quatro?

—Nós quatro, — ela gira o dedo, me incluindo em um esquema do qual não sabia que fazia parte. Ela e Chris. Alex e eu.

Chris arqueia as sobrancelhas em minha direção. Por que não?

A resposta está pronta para deslizar para fora quando ouço Danielle dizer a Alex: — Você poderia levar Nina.

Alex engancha os dedos nos bolsos e ergue os ombros: —Claro.

Seus olhos, quentes e íntimos, discordam da atitude indiferente. Talvez seja o descompasso dessa dança, talvez o timbre de sua voz. O fato é que uma dessas coisas, senão todas, são acordes vagamente familiares. Uma música antiga, um sino soado tempos atrás cujo tinir ainda ouço à distância. Esse eco mexe comigo, e eu me pergunto: mexe o quê?

—E eu busco você, — Chris fala para Danielle sob uma nuvem de luzes ofuscantes.

Se eu tivesse juízo diria não, daria uma desculpa, falaria que não posso. Mas eu me pego balançando a cabeça que sim, sem saber como resistir ao sorriso que Alex me dá.

Obrigada, Universo.

—Querem uma carona? — Chris oferece ao grupo. Danielle aceita. Eu balanço a cabeça que não, dando um tapa no assento de minha bicicleta. Alex também nega, e o polegar de Chris, apontado para a rua, tomba ao lado do corpo.

Antes de partir Danielle aproxima a boca do meu ouvido e sussurra: —Coloque algo bonitinho, nada de vestir esses suéteres coloridos da sua avó.

Aceno quando eles buzina, pensando no que acabei de me meter. Ao me virar para Alex, meu rosto é uma pedra: —Então tá. — *Então tá* é um agradecimento e um tchau. Significa *marquei com você e agora estou ferrada*.

—Então tá o que?

—Vamos ao Drive-in, certo? Mas não precisa me pegar, encontro você lá. — Não

consigo nem imaginar que tipo de desastre poderia ocorrer se Ava soubesse o que acabei de aceitar.

Uma das mãos de Alex segura a alça da mochila, a outra continua enfiada no bolso. Tudo nele indica que sente meu constrangimento – não que isso seja difícil de notar, com todas as pistas que minha vermelhidão dá. Mas há algo de indulgente em seus olhos, como se ele sentisse meu constrangimento. Chris e Danielle armaram um encontro, e agora nós dois, que mal nos conhecemos, estamos com um encontro marcado.

Ou isso é apenas uma impressão minha, tirada de olhares rápidos demais e processada por um cérebro que ferve ao sol.

Puxo a bicicleta, mas ela não vem. Ao olhar para o guidão, vejo que sua mão a segura.

—Por que a pressa?

—Não estou com pressa.

—Pensei em andar com você para casa.

—Andar? — Olho para o asfalto que segue indefinidamente em linha reta até ser engolido pelo horizonte.

—Sim, andar.

—Não quero tirar você do seu caminho, — digo sem saber como lidar com sua insistência. —É uma longa caminhada.

—É só uma estrada.

Caminhamos em silêncio até o fim do estacionamento. Carros abandonam o pátio, levando alunos para casa. A chuva do dia anterior deixou a terra perfumada, um cheiro que lembra remotamente beterrabas cozidas. —É que moro longe, — tento pela última vez.

—Perto da reserva, certo? Também estou indo para aquele lado.

Atravessamos os limites da escola, saltando do canteiro malcuidado para a rua. O coração está acelerado e a mente tateia no escuro, tentando entender suas intenções.

Caminhamos alguns metros até que a calçada acabe e a estrada passe a ser renteada pela grama das propriedades vizinhas. Um vibrar faz Alex levar a mão ao bolso, e enquanto ele lê a mensagem no celular, ruídos antes imperceptíveis ficam embaraçosamente altos: baques metálicos, estalos, um chacoalhar irritante que mais parece vir de uma cascavel escondida entre as ferragens. Eu ficaria mortificada se Alex não parecesse tão indiferente à orquestra maluca que é minha bicicleta.

Alex solta uma fungada divertida enquanto responde a mensagem. De perfil, sua boca é bem delineada e seu nariz é anguloso. Seus olhos são uma curva cristalina contra a rua fora de foco, e tem o tom das águas marinhas. Tento pensar em um oceano que tenha aquela cor, mas nada sobe à consciência. Talvez apenas em meio a ilhas rodeadas por águas rasas encontraria aquela tonalidade.

Alex enfia o celular de volta no bolso: —Era a minha mãe. O terceiro vizinho acabou de deixar um prato de comida na porta de casa, desejando boas vindas, — ele sorri. — É sempre assim por aqui? Os vizinhos vêm em mutirão oferecendo comida?

Faço um gesto desmerecedor com as mãos: —Não, é pior. Se a vizinha fosse minha mãe, os três pratos seriam dela.

—Cidades pequenas, — dou de ombros, e ele acha graça.

Caminhamos mais um pouco, ouvindo as pedrinhas do acostamento rangerem sob as solas. Tomo coragem para perguntar uma coisa que me deixou curiosa, tapando as vistas por causa do sol: —Por que se mudou para cá tão perto do fim das aulas? É uma complicação desnecessária mudar de escola tão perto do fim do ano.

—Herdamos uma casa na cidade, — ele responde. — História estranha, qualquer dia desses te conto.

O assunto morre sem que ele dê detalhes.

O sol começa a esquentar. Alex para de caminhar para tirar o moletom, eu paro dois

passos adiante. Ao levantar os braços para passar a gola sobre a cabeça, a camiseta que veste por baixo levanta. Músculos do abdômen perfeito ficam à mostra, e eu imediatamente viro para o outro lado, murchando a barriga. Enfiando o moletom de qualquer jeito na mochila, ele volta a andar ao meu lado. Tento acompanhar as linhas da tatuagem que emergem sob a manga da camisa, mas ao perceber que a observo ele puxa a manga para baixo.

—Que bom que o sol saiu. Já estava achando que aqui só chove.

Finjo não perceber a mudança de assunto: —Neva bastante também.

—Então dias assim são especiais?

—Tenho até medo do que pode acontecer se responder que sim— digo olhando suspeita para o céu.

Aos poucos a paisagem absurdamente simples abre-se à frente: apenas a estrada que sobe e desce acompanhando o relevo sinuoso, o céu azul e o verde da pastagem. O cheiro de cimento aquecido dá lugar ao de mato recém-aparado.

—Sobre essa chuva de meteoros...Você gosta dessas coisas? De observar estrelas? — pergunto.

—Eu não usaria o termo gostar. Eu escolhi o céu como carreira.

—O que precisa estudar para fazer disso uma carreira? Física?

—E matemática.

Solto o ar. O som deveria ter saído como riso, mas escapa como uma fungada. Qualquer um é capaz de gostar do céu; poucos enfrentariam por ele estas duas matérias. Alex parece divertido com o meu horror. —Do que gosta lá em cima, especificamente?

—Tudo lá em cima é perfeito, — ele dá de ombros, como se aquela perfeição fosse incontestável. Pego ar e viro para frente, tentando esconder quão desorientada ele me deixa com o seu charme, algo definitivamente perfeito e fora da minha esfera cotidiana.

Olho para o céu e tento imaginar as estrelas ainda invisíveis que se movem sobre nós. O

céu que ele considera perfeito desperta bem menos admiração em mim.

—Você era dessas crianças que queriam ser astronauta quando crescessem?

—Sim, eu era um desses meninos. Na verdade, eu acho que meu interesse pelo céu veio ainda mais cedo. Acho que eu herdei o gosto pelas estrelas.

Ele volta a olhar pra frente, cogitando se algo assim é possível, se podemos herdar amor.

—Meus pais já gostavam de estrelas antes que eu existisse. Foi porque eram fãs de astronomia que se conheceram.

Incentivado pelo meu interesse, ele continua: —Em 1986 eles viajaram para o deserto do Arizona, cada um de um lado do país, para ver a passagem do cometa Halley. Você sabe, o cometa que passa pela Terra de tantos e tantos anos. —Faço que sim, que sei. —Entre muito macarrão instantâneo e revezamento no telescópio, eles se apaixonaram.

—É uma história bonita, — respondo voltando a olhar para a estrada.

—Tem mais, —ele continua. —Como ele e minha mãe tinham essa ‘relação especial’ com o cometa, decidiram que se um dia tivessem filhos fariam a ele uma homenagem. Ele morde os lábios, ponderando se continua ou não.

—Pode continuar, — eu ordeno.

—Eles decidiram que chamariam o filho de Halley.

—Você se chamaria *Halley*?

—Eu não me chamaria Halley. Eu me chamo Halley. Halley é meu segundo nome.

—Alex Halley? — repito sentindo o nariz coçar. Não consigo segurar a risada, que rola alta e solta. Ele acaba rindo também.

—Isso foi engraçado, — comento enxugando uma lágrima. Ele investiga por um tempo minha maneira de rir, o que desengatilha em mim outra arritmia. —Será impossível ouvir sobre o Halley e não me lembrar de você.

—Não acho que ouvirá falar dele muitas vezes nos próximos anos. Ele só voltará à Terra

no dia vinte e um de julho de 2061.

A data soa estranhamente familiar. — Uau, — solto ao perceber a coincidência, e Alex se vira para me olhar. —Essa é a data do meu aniversário. Meu sexagésimo-quinto, para ser exata.

—Então quando o cometa passar eu também me lembrarei de você.

Tomara que sim, eu penso.

—Mais do que sorte, mais do que acaso, — a frase dele sai como se para si mesmo, como quando acabamos de provar uma teoria.

—O que é mais do que sorte e mais do que acaso? O meu aniversário cair na data de retorno do cometa?

—Não, é só uma coisa que pensei. Que certas coisas não acontecem por acidente. — Enquanto olho a estrada, ouço-o adicionar: —O universo não tropeça.

O coração volta a bater atrapalhado. —O que quer dizer? Que acredita em destino? — Pergunto como se falasse com o asfalto, enganchando os dedos nas alças da mochila. —Não gosto da ideia de destino. Prefiro acreditar que somos livres.

—E somos.

—Mas você acabou de dizer que as coisas não são um tropeço do universo. Que elas são deliberadas.

—Talvez em meio ao caos alguns acontecimentos sejam planejados, e sejamos menos livres que acreditamos. Embora, se disser em um seminário sobre astronomia que falei isso, serei obrigado a fingir que não te conheço.

Sorrio, mas não respondo. Tenho medo do que pode acontecer comigo se ele tiver razão. Se eu passar a acreditar que entre mim, o garoto ao lado e um cometa andarilho cruza a linha do destino.

Alex se adianta e para na minha frente. Meus olhos encontram seu peito, e preciso erguer

o queixo para olhá-lo. Com a palma estendida ele parece pedir algo. Minhas mãos apertam tão forte o guidão da bicicleta que quase fundem-se a eles.

—A bicicleta. Posso levá-la para você?

Estendo-lhe a bicicleta, envergonhada por corar mais uma vez. Alex mal tenta esconder a contração no canto da sua boca —quase um sorriso — de quem sabe exatamente o tipo de tormenta que provoca.

Ele passa a levar a bicicleta, e eu cruzo os braços na frente do corpo. Primeiro, por que não sei o que fazer com as mãos; segundo, por que sinto que preciso esconder o peito, no momento um instrumento de percussão. *Belo fim de tarde para quem chegou na escola decidida a evitá-lo.*

A estrada está deserta e o sol bate diretamente sobre o rosto. Embora andemos há quase meia hora, o horizonte não parece um único centímetro mais próximo.

—Já sabe o que vai fazer nas férias? — ele quebra o silêncio.

Ajeito os braços na frente do peito, pensando na carta antiga enquanto olho para frente.
—Acho que vou viajar.

—Ah, é? Para onde?

Ergo os ombros, aborrecida: —Não sei ainda.

—Não sabe para onde está indo?

—Não. Nem se estou realmente indo.

—Mas você não deveria saber? — ele ri.

—É uma longa história.

Ele olha para frente: —Acho que temos tempo.

Descruzo os braços e enfio as mãos nos bolsos traseiros da calça. —Essa viagem é um rito de passagem, — descrevo a viagem como ela supostamente deveria ser, mas não é. — Saímos pelo mundo ao completar dezoito, sem destino certo. Para marcar a passagem da

adolescência para a vida adulta, sabe?

Alex ergue as sobrancelhas: —Uau. Isso é fabuloso.

—Não é, — digo pensando na possibilidade remota de ter que aceitar o convite feito pela bruxa da era mesozóica. —Não sei se quero ir.

—Por quê? É exótico, inspirador e tenho certeza, muito significativo. Quem parte em uma jornada dessas volta o mesmo.

—Aí está o problema. E se eu não voltar necessariamente melhor? — pergunto olhando para o fim da estrada, onde a reserva e uma vida reclusa me aguardam.

—Não há como embarcar em algo assim e voltar pior. E no mais, não vejo como podemos nos tornar algo que não queremos ser.

Sorriso de modo condescendente, sem argumentar que sim, há essa possibilidade. Se hoje sou *diferente*, amanhã posso me tornar uma verdadeira aberração. Chuto uma pedrinha no asfalto, pensando alto a respeito: —Não deveríamos pegar uma estrada para fugir de algo. A intenção não deveria ser *encontrar* algo?

—Tenho certeza que vai encontrar mais do que estava procurando.

—É disso que tenho medo, — falo encerrando o assunto. — E você? Tem planos para o verão?

—Curso de férias em Lafayette. Eles oferecem astronomia espacial durante as férias.

—Então o plano é continuar observando cometas?

Ele faz que sim.

—Isso é ótimo, — tento passar alguma animação. Infelizmente as fórmulas matemáticas que o esperam esvaziam minha frase de sinceridade. —É um passo na direção ao que escolheu.

—Um bem menos livre que o seu.

Solto uma lufada de ar pelo nariz, sem comentar a frase. Gostaria que isso fosse verdade, que sair pelo mundo significasse liberdade. Até que alguém prove ser possível fugir de sua

natureza, liberdade é algo que não existe.

Por uma hora andamos e conversamos. Sobre uma infinita variedade de temas, cada tema despertando uma miríade de novos assuntos. Tudo nele incita minha atenção. O modo como gesticula, o sorriso que vinca a pele ao redor da boca, os cílios sedosos que mais se parecem escovas. E o que é isso que se mexe em mim toda vez que ouço sua voz?

Quando uma hora depois chegamos à minha rua, a sensação é de pena por termos chegado. Eu teria andado mais, se a estrada não acabasse ali para mim.

Paro sobre a faixa amarela da rua deserta. As árvores ao redor bloqueiam a visão do céu, e minha casa à direita parece engolida pela floresta.

—É aqui que eu fico, —anuncio envergando o corpo para massagear as pernas sobre a calça. Tudo abaixo da cintura dói. Músculos tremem sozinhos, e a pele atrás dos joelhos arde.

—Eu disse que seria rápido, —ele comenta como se a andança não tivesse causado nada em seu corpo atlético. —Mais um motivo para preferir cidades pequenas. Além de céus escuros, as distâncias são mais curtas.

Sorrio sem comentar que eu também as prefiro; preciso me recuperar primeiro de uma cãibra que atacou a batata da perna.

—Sua casa fica longe daqui? — Pergunto voltando a ficar reta.

Ele olha para a rua sombreada. —Fica exatamente aqui.

Demoro um segundo para entender onde Alex mora. Há apenas duas casas ali: a minha e a casa da Sra. Perez, que estava vazia até...

Não é possível. *Eu herdei uma casa na cidade*, ele disse.

Alex deita a bicicleta no chão e se aproxima: —Eu precisava ver você com meus próprios olhos, — sussurra agora à distância de um toque. Seus olhos ganham o tom das folhas escuras, e correm minhas feições como se eu tivesse a resposta para alguma coisa que ele procura. E devo ter, pela frase seguinte: —Eu achei você.

A dor nas pernas some, uma concessão da adrenalina bombeada pelo corpo. Por sorte as costelas seguram o coração, ou ele saltaria para fora. —M-me achou? — não entendo a frase. Na verdade, não consigo mais enxergar suas intenções. Não por elas serem obscuras, mas por serem claras demais. Suas intenções ofuscam.

—Você parece assustada.

Quem não ficaria?

A luz que chega filtrada pelas folhas e risca a avenida desbota até desaparecer. O céu empalidece, como se alguém tivesse ajustado a luminosidade. A chuva começa um pingo aqui, outro ali. Uma gota cai sobre meu nariz, outra sobre a testa dele. Logo gotas despencam como rajadas de balas, grossas e mornas. O chão fica salpicado de pontos escuros, e o cheiro do asfalto mistura-se ao de terra molhada.

Ele tira uma mecha do cabelo que escorre sobre a minha pele. Eu deveria prestar atenção ao céu e estar atenta aos sinais, mas tudo que penso é que ele vai me beijar. Tomo ar, mas Alex não me beija. Ao invés, ele diz: —Se acha difícil lutar contra o que não quer, experimente lutar contra o que deseja.

Assim que diz aquilo, dá um passo para trás. Acordo sem saber o que fazer com a frase, vendo a mágica do momento evaporar como o vapor que sobe do asfalto.

—Temos que correr, — ele fala sob o estrondo de um trovão, e acho que temos que correr para os braços do outro, ou algo assim. Mas ele aponta para casa. Para a sua casa, a casa que até ontem jazia vazia ao lado da minha. Olho para a casa escondida atrás das árvores. Só então me dou conta de que Alex sabe onde eu moro.

—Como sabia que moro aqui? — grito vendo-o se afastar.

—Cidades pequenas, — ele responde antes de começar a correr como se corresse de mim.

VII

Nome de cometa



Kuhn conta três carros no pátio do estacionamento vazio, um local pouco condizente com o ambiente efervescente de horas atrás. Ao cortar caminho pelo gramado ouve o *splash* do sapato afundando na lama. Vocifera sob a respiração, arrastando a sola no chão a fim de livrá-la da terra agarrada. Quando abre a porta do veículo está aborrecido: seu sapato está um lixo, seu nariz coça. Detesta todo aquele verde ao redor que enche o mês de maio de pólen; detesta lama, gramados.

No carro, abre o pequeno caderno de capa dura onde anota suas impressões sobre as Wolf e relê seus rabiscos. Enfia o dedo mindinho na orelha e chacoalha o tímpano, pensando que diabos as luzes e a chuva significam. Olha o dedo com o cenho franzido, sem saber a resposta.

Levando o lenço ao nariz, espirra. Algo pisca à frente, escandaloso como um letreiro luminoso. Algo maior, muito mais interessante do que só a previsão do tempo.



—Vai sair? — Ava diz encostando no batente da porta e cruzando os braços.

Saco a calça Jeans do cabide. O pensamento está inteiramente nos rostos de Chris e

Danielle, em como será *hor-rí-vel* segurar vela para o casal, em como seria uma *péssima* amiga se não a acompanhasse ao cinema.

—Pois é, — respondo vaga. Calço um tênis, procurando o outro sob a cama enquanto torço para que Ava se convença de que não estou planejando nada errado. Mentir em pensamento é um pouco melhor que mentir com palavras? Acho que sim, conluo voltando a sentar na cama com o tênis na mão.

—Danielle e Chris estarão lá com você?

—Estarão, —digo amarrando o cadarço.

Ava desencosta da parede. —Bem, cuidado com o homem asqueroso. Tenho a impressão de que ele ainda está em Valparaíso.

—Pode deixar, — digo levantando em um só pulo. Pego o casaco colorido, mas de supetão volto a pendurá-lo na cadeira. Abro o armário e escolho um verde, liso e mais novo, olhando por cima do ombro para ver se Ava ainda está ali. Não está, ela já desceu.

Saio de casa e encosto a porta para não fazer barulho. Ando até o fim da rua, fugindo da vigilância de Ava.

Enquanto espero Alex, penso nas frases sem sentido que ele disse ontem. *Eu achei você*, por exemplo. O que aquilo significa? Que ele estava me procurando? E o que quis dizer com *não queria te assustar*?

Essa é a minha fala, não a sua, Alex.

A garagem da casa vizinha se abre. Alex sai com o carro e estaciona ao meu lado, inclinando-se sobre o banco para abrir a porta do carona. É a primeira vez que nos vemos depois da conversa de ontem. —Oi, — ele sorri.

—Oi, — respondo entrando no carro. Coloco o cinto e ele parte.

Por todo o caminho conversamos sobre assuntos seguros. Sobre os rumores de que este será o último verão do Drive-in, e como será quando restarem apenas cinemas em shoppings.

Tanto eu quanto ele evitamos as frases de ontem, temendo que a conversa castigue a noite. Quando percebo, somos o último carro parado na fila que circunda toda a extensão cercada da propriedade, de onde a tela gigante projeta-se metros acima. Famílias descem da fileira de carros para lançar bolas aos filhos e passear com os cachorros, enquanto aguardam a bilheteria abrir. Alex desliga o motor, e o ruído que preenche o espaço morre.

Ele escora a cabeça no vidro fechado. Não há agora estrada ou barulho que o distraiam de mim.

—Leu alguma coisa sobre o filme? — pergunto como se o motor e eu tivéssemos combinado revezamento: quando ele se silenciasse, eu assumiria a conversa.

—Li. É um filme de ação. Explosões, perseguições alucinadas, armas apontadas para a cabeça de inocentes.

—Parece ótimo, —respondo sem pensar. Alex acha graça na resposta.

Dentro do carro, raios se propagam em todas as direções, como a luz que atravessa o cristal e reflete na parede: violetas, rosas, laranjas. Lindo de ver, mas inquietante para quem sabe o que elas significam. *Como vai esconder essas luzes de sua mãe?* E o que fazer com o gelo na barriga que não passa por nada?

Sem o ar condicionado, o carro esquenta.

—Quer sair? — Ele sugere. Antes que termine a frase saio do carro. Alex caminha ao meu lado com as mãos escondidas nos bolsos da frente, e eu vou ao seu lado.

Não demora até encontrarmos o carro de Danielle parado na fila. Alex se abaixa e bate no vidro. Ouço o zumbido da janela descendo e Chris nos cumprimenta.

Chris e Alex trocam ideias sobre onde estacionar, sobre por que atrasamos, sobre porquês diversos que não me interessam. Fica decidido, isso eu pego ao final, que estacionaremos lado a lado. Assim que o guichê abre e os carros voltam a andar, retornamos ao carro. Se antes eu estava rija, ciente de cada respiração e cada gesto, sou agora um fio esticado

entre duas colunas, a corda de uma guitarra.

—Pena que não veremos a chuva de meteoros, — Alex comenta estacionando ao lado deles.

—Pena, — respondo num eco, olhando nuvens passarem morosas sobre nós.

O céu ganha aos poucos cores mais sóbrias. As luzes se acendem ao redor, sinal de que os trailers e propagandas estão para começar.

Alex monta o tripé do telescópio na frente do carro sob a luz dos faróis. —Para o caso do céu abrir, — ele diz, algo pouco provável. O cobertor de casal que Danielle sacode no ar cai aberto sobre a grama. Ela joga sobre ele travesseiros e mantas, afofando-as com as mãos. Quando o ninho fica pronto, senta-se no meio e dá um tapinha ao lado: —Chris?

Chris senta ao lado de Danielle, deixando espaço no cobertor para Alex e eu.

—Não é inacreditável que um lugar assim ainda exista? —Danielle pergunta enquanto tira as frutas da cesta de piquenique e estende-as sobre o edredom. —Este é um dos últimos Drive-in do país, — diz entregando os morangos para Chris.

Afugento alguns mosquitos da frente do rosto, incapaz de olhar para Alex: o espaço vago no edredom é nosso. Tudo ao redor grita *romance!*, e só de pensar nisso as vísceras dão um nó.

Os faróis dos carros se apagam. As cenas antes quase transparentes contra o fundo branco ficam nítidas, agora que o filme está para começar.

—Nina? — Alex pergunta coçando a cabeça. Meu nome significa *você deita primeiro* ou *deito eu?*

—Você primeiro, — digo olhando para o cobertor. Ele se senta na ponta e eu ao lado de Danielle. Deixo a maior distância que consigo entre Alex e eu: um palmo. No entanto, como evitar que seu braço encoste no meu? Que sinta seu cheiro se espalhando no ar como tinta na água?

—Querem um cobertor? — Danielle pergunta tateando a cesta atrás da cabeça.

—Sim, — Alex responde, e a coberta voa sobre nós, aterrissando em suas mãos. Ele cobre minhas pernas e em seguida as suas; Danielle faz o mesmo com Chris.

O filme começa como um borrão. Meu corpo pende para Alex como uma balança cheia de moedas em um dos pratos. Nem cenas ou diálogos fazem sentido, tudo em mim—até pensamentos—parece desalojado, inteiramente desequilibrado para a esquerda. Fico assim até Danielle esbarrar em mim, então eu volto ao ponto de equilíbrio, dura e estática.

A respiração de Alex está ritmada, mas fora isso ele parece deitado sobre brasas. Torce o pescoço, apoia as mãos sob a cabeça, balança o pé como se sofresse de alguma síndrome.

A protagonista do filme, para minha surpresa, é ruiva. Não teria percebido a cor de seu cabelo – eu mal percebi o telão gigante da qual saltam carros e balas – se Alex não tivesse exalado o ar ao lado na hora em que o mocinho do filme brincou a respeito disso. Um gesto minúsculo de expulsão de ar pelo nariz, e meus sentidos se afiam como lâmina, como se treinados para ativar-se pelo seu sopro.

Em algum momento, oculto pela confusão de cobertas, seu tênis acha amparo no meu. Não movo a perna, o que seria automático caso alguma outra pessoa me tocasse. Saltos, mortes, lágrimas, e uma perseguição que dura uma eternidade depois, seu tênis continua ali, atrapalhando minha atenção já rasa no filme. A situação é agonizante e excitante, incerta e real – um prisma de muitas faces.

Quando os créditos finais correm a tela ele vira o rosto para mim. Afasto o pé do seu, e a pressão suave desaparece. —Está com fome? — ele pergunta.

—Estou.

—O que você quer? — ele se deita de lado. Seu corpo segue o meu como uma margem, como se entre nós corresse um rio estreito. Sua cabeça está apoiada sobre a palma da mão, em vantagem sobre terreno mais elevado.

—Qualquer coisa, — respondo sentindo tudo em mim tremer. Acho que ele gosta da

resposta, por que sorri. —Batata frita, — eu especifico tentando quebrar o olhar que parece pensar besteiras a respeito do ‘qualquer coisa’. Batata frita é uma coisa: frita, palpável. É só isso que posso querer dele.

Entrego a Chris e Danielle o dinheiro da batata frita e eles partem, apressados. Uma multidão se encaminha para o balcão de vendas, e se não correrem passarão a pausa na fila.

Meu estômago arde de nervoso. Eu e Alex estamos a sós novamente, livres para falar qualquer coisa. Para perguntar, por exemplo, por que pessoas dizem coisas às outras e em seguida fogem sem dar explicação. Abro a boca, mas antes que possa falar Alex se adianta:

—Gostou do filme?

Que filme? tenho vontade de gritar, mas respondo civilizadamente: —Sim. E você?

—Achei que não existisse outra pessoa no mundo com a mesma cor de cabelo que você.

—Divido a mutação genética com 1% da população mundial. Isso faz de mim uma entre setenta milhões de ruivos.

—Mutação genética? — Ele ri. —Bom saber que vocês, mutantes, recuperam rápido o humor.

—Como assim? Não estou mal humorada.

—Você não disse uma palavra desde que chegou.

—Isso não quer dizer que estou de mau-humor. Nós, *mutantes*, somos geralmente bem humorados, — digo olhando a algazarra das crianças que correm entre os carros.

Após alguns breves minutos observando a vida que retorna com as luzes acesas ele fala, tão baixo que mal consigo ouvir: —Você me transformou em um aficionado.

—Em mutantes? — pergunto com os olhos fixos no cobertor.

—Ruivas, — ele responde como se eu já não soubesse.

—E o que sabe sobre nós? Surpreenda-me.

—Que tal essa? Ruivos demoram a ficar grisalhos.

—Essa não é nova.

Ele se volta para a tela, pensativo. —Ah, não sei se você sabe, mas antigamente era proibido se casar com vocês. — Seu tom é quase animado por finalmente achar uso para uma informação tão inútil.

—Não é novidade também, — respondo condoída por tirar-lhe a graça. —Os séculos passados não foram exatamente nossa época de ouro.

—E essa, — ele adiciona como se dispusesse de um saco cheio de conhecimento sobre ruivos para usar. —Vocês estarão extintos em menos de um século.

Prengo os lábios em luto antecipado.

—Eu sei, seria uma pena, — ele concorda.

—De onde tira essas coisas?

—Internet.

Imagino-o pesquisando fatos sobre ruivas na internet. Que cabelos ruivos possam ser seu fetiche me faz sorrir.

Alex puxa o telescópio pelo tripé e aperta o olho próximo à lente, tentando enxergar alguma coisa no espaço livre de nuvens acima do horizonte.

—Seria um evento especial? — pergunto olhando para cima. —A chuva de meteoros.

—Sempre é especial. Quer dar uma olhada?

Aproximo o olho da lente, tentando encaixar alguma coisa em foco. Vejo estrelas fracas em contraste com um céu insuficientemente escuro e parcialmente nublado, nada espetacular.

—O céu não está ideal, — ele murmura ao ver que eu não pareço impressionada.

Devolvo o telescópio. —Só vi pontos desbotados.

Minha descrição pouco entusiástica do céu o inflama: —*Pontos* é uma descrição muito simples.

—Eu sei, não existe nada simples no céu. É só que eu costumava ver tudo ali em cima

como morto.

Eu não teria causado estrago maior se tivesse arranhado com um prego seu DVD de Cosmos. —O céu não é morto, — ele rebate com horror. Seu tom é indignado, mas seus olhos cintilam, divertidos.

—Prometo olhar melhor outro dia, — digo afundando o queixo entre os joelhos, entendendo o que tanto relutava em aceitar. O aspirante a astronauta é definitivamente um problema.

—Tenho certeza que mudará de opinião.

Oh, minha opinião já está mudada.

—De qualquer maneira, a noite não decepcionou. —Alex coloca o tripé de lado.

Olho para o céu aparentemente calmo: —A noite ainda não acabou.

Embora tenha dito a frase pensando no pior, Alex a entendeu a seu modo. A frase indica possibilidade. Ela é dúbia como a situação, ambígua como o estado das coisas naquela noite.

—Oh, eu quis dizer outra coisa, — tento acertar ao perceber o mal-entendido, mas Alex não me deixa terminar. Seus olhos ganham um brilho diferente, e imediatamente sei que ele quer se explicar. Não sobre a noite, ou sobre a frase: sobre ontem.

—Nina... — meu nome em sua boca remexe tudo dentro de mim. —Sobre ontem, quando disse que encontrei você...

Sim, sim?

—Você não faz ideia de quem eu sou, faz?

Enrijeço a coluna, sem entender a pergunta. —Por que faria ideia de quem você é?

Ele passa a mão repetidas vezes atrás do cabelo, como se fazer aquilo o acalmasse: — Realmente, por que você faria?

Meu coração parece o estouro de uma boiada. *Diga algo que eu entenda, pelo amor de Deus!* Alex corre os olhos pelo Drive-In, como se procurasse no meio das pessoas as palavras,

ou o sentido antes delas: —Eu e você, nós ...

Qualquer coisa que sair de uma frase que começa com esses três pronomes explica alguma coisa. Infelizmente a sentença morre no ar assim que seus olhos encontram alguém acima de minha cabeça.

—Batatas fritas, — ouço atrás de mim.

Chris aproxima-se com um barco de papelão repleto de batatas molhadas de catchup, sobre elas uma bandeirola colorida. Danielle vem logo atrás, nas mãos duas sacolas enroladas nas extremidades, gordas de comida.

Como em silêncio, ouvindo as reclamações de Chris sobre a imprecisão de Danielle no caixa. Alex também ouve atento o que Danielle conta, sua opinião sobre o filme, sobre o lanche, sobre as crianças barulhentas que correm ao lado. Quando as luzes se apagam voltamos aos nossos lugares. Chris, Danielle; um palmo de distância; eu e Alex.

O segundo filme, para minha completa indiferença, também é chato. O roteiro é o mesmo do primeiro – saltos, mortes, lágrimas e perseguições – só que, ao invés das ruas de Nova York, o espaço sideral. No lugar de carros, espaçonaves. Em uma determinada cena, a nave futurista plana solitária pelo universo silencioso e vazio, confundindo a visão sobre onde estão os limites entre a tela e o céu. A diferença está nas estrelas que piscam ao redor da nave, mais brilhantes que as reais. *Lá estão elas*, penso vendo-as brilhar como se a tela tivesse furos pelos quais luzes vazassem.

—É o mais perto que chegará delas esta noite, — murmuro.

Pouco depois do comentário, algo roça meu dedo. Acho a princípio que é uma dobra da manta, mas o calor e a energia que corre no toque só podem vir de outra pele.

No início não é mais do que isso, um toque. Disparado pelo meu comentário, ou pela música grandiosa. Em seguida seu dedo se entrelaça ao meu.

Algo quente e bom se espalha por mim, entorpecendo pernas e braços. Algo que sabe

para onde corre, que parece conhecer o caminho. Entrelaçados ao outro, nossos dedos continuam até o fim.

Não entendo o que estou fazendo, o que ele está fazendo. Não entendo também como uma sensação tão imensa pode irromper de um toque tão ínfimo, crescer tão repentinamente. Mas ela existe, e eu sequer sei dar a ela um nome.

É possível que Alex sinta o mesmo por mim?

Viro o rosto para seu lado, vendo que ele não assiste ao filme. Seus olhos estão acima do mundo, fixos no céu. Há neles o mesmo brilho vago e esparso que se alastra pela escuridão e a acende, que faz minha pele tilintar como se estrelas vivessem sob ela também.

Volto a olhar para frente. Até aquela data nada acima da terra me fascinava; meus sentidos, tão úteis aqui embaixo, pouco me servem em um local sem cheiro, textura ou ruído. Eu sou uma menina da Terra, programada para me sentir atraída pelo chão.

Talvez Alex sinta o mesmo pelo céu.

Talvez, para ele, sejamos mais que poeira cósmica, resquícios sutis de um universo que se recicla. Talvez ele esteja ligado àqueles pontos de uma maneira mais íntima; uma relação maior que a química, a física ou a simbólica.

Foram estrelas que desenhou quando segurou pela primeira vez um lápis? São elas no meio dos sonhos, no final de suas metas? De certa maneira todos somos programados para procurar, amar e venerar desde sempre alguma coisa. Um fascínio que vem ao mundo conosco, que dança ao longo das linhas de nossos genes.

Se isso for verdade, talvez nascêssemos programados para amar pessoas também. Só isso explicaria o universo que agora cresce em mim, vasto e luminoso, onde órbitas antes fixas exigem nova composição. Como se, para vencer o caos e restabelecer a ordem, eu tivesse que acomodar no centro o que nasceu para ser central.

E o que é central está entrelaçado a mim debaixo da coberta.

O que é central tem nome de cometa.

VIII

Quem quer algo tem uma fraqueza



A chuva que desaba no fim do segundo filme não pode ser descrita como natural. Ela é quase um jato punitivo sobre nós, uma cascata mal-humorada vinda do céu e acompanhada de uma risada maligna.

Mal dá tempo de recolher a coberta ou salvar os morangos que Danielle deixou do nosso lado. Alex e eu entramos no carro como se tivéssemos acabado de tomar um banho, pingando e tremendo. Mal consegui conversar com ele durante o longo e lento caminho até em casa. Ele achou o aguaceiro divertido, eu achei uma piada de mau-gosto. Quando ele me deixou em casa, o céu estava limpo, quase ingênuo. Não havia uma só poça de água ao redor, ou mesmo uma gota no asfalto. Despedi-me dele com um tchau sem som e bati a porta de casa, procurando no meu repertório de desculpas uma que convencesse Ava.

Hoje, lembrando da noite enquanto corro, evito atribuir significado à chuva. Foi só uma chuva, repito outra e outra vez.

O dia clareia quando dou meia-volta no fim da reserva. O céu, tingido de vermelho e rosa, mostra a relação do tempo com as cores: aos poucos ambos se fundem, produzindo o azul claro dos dias perfeitos.

Corro atenta aos barulhos de sempre. Nunca corro com equipamentos colados ao ouvido, a música bagunça os sentidos. O problema daquela manhã está justamente no silêncio: nada à

volta se move; nada sibila, ronca, coaxa ou arrulha.

Bem, quase nada.

Ouço ao longe chamarem meu nome. Viro procurando a dona da voz, mas não é bem uma voz que ouço, e sim um zumbido sem forma, conteúdo ou significado. Um zzz distante, vindo diretamente para mim.

Olho a estrada vazia que some quilômetros adiante no horizonte amarelado. A nota continua baixa e constante, como um chamado antigo e desbotado, um uivo perdido em uma planície desolada. *Venha*, diz ela. *Eu posso decifrar você*.

A estrada está chamando.

Corro de volta para casa como se estivesse sendo perseguida por um monstro. Só paro quando vejo a casa de Alex, e as batidas perdidas do coração me forçam a desacelerar. Embora a revelação de que estou gostando dele tenha vindo na noite passada, ela não é um impulso para procurá-lo, é quase um repuxo contrário. Procurá-lo é desobedecer uma ordem direta de Ava. No mais, como explicaria para ele quem eu sou? Que venho acompanhada de luzes, explosões e segredos? Infelizmente, a intimidade aceita poucos mistérios.

É nesse segundo que o veículo corta meu caminho. O pneu canta opondo-se ao silêncio da rua, e quando o vidro escuro desce fazendo barulho já tenho um nome para o rosto magricelo à janela.

—Nina Wolf?

Apoio as mãos nos joelhos, me abaixando para enxergá-lo. Só me faltava essa.

—Sou Martin Kuhn, da Agência Nacional de Controle Atmosférico. Tem um minuto?

—Não.

Kuhn me ignora. Manobra o carro escuro e o estaciona adiante, andando até onde estou.

—Acho que a essas alturas deve saber quem sou, — diz se aproximando. —Conversei com sua mãe essa semana, e queria ter a chance de conversar com você, agora.

—Às seis e meia da manhã? — olho para o relógio.

Kuhn ajeita o paletó e cruza os dedos ossudos na frente da barriga: —Não sei o quanto sua mãe contou sobre nós, ou sobre o que fazemos.

—Ava comentou que vocês monitoram o tempo.

—Certo, — ele se sente compelido a concordar. —Isso e um pouco mais.

Martin Kuhn é mais velho que imaginei. Os sulcos em seu rosto são fundos e delineados, como os primeiros traços de uma caricatura, e observando-o agora noto que ele não é muito maior do que eu. Não parece imbatível, e provavelmente não é. É quase um alívio vê-lo diminuir frente aos olhos, depois de ter dado a ele sem querer o tamanho do meu medo.

—Eu esperava que você nos ajudasse a entender o que está acontecendo com o tempo, Nina. A natureza é estranha em Valparaíso.

—Estamos em Indiana, não conheço quem não se pergunte o mesmo.

Ele gesticula a cabeça, como se me concedesse a ilusão de que achou graça na frase.

—Desconfio que vocês têm a capacidade de *mexer* com ele.

Solto uma risada curta, daquelas que a gente dá quando não acredita no absurdo da situação: —Quem poderia imaginar, o governo desconfia que mexemos com o tempo. Não conhecia essa teoria conspiratória, vou procurar no Google a respeito.

—É verdade que se auto-intitulam bruxas? — ele ignora meu sarcasmo. Não há curiosidade em sua pergunta; ela é tão retórica quanto uma pergunta consegue ser.

—É assim que eu às vezes chamo minha mãe, — digo avaliando meu tênis respingado de lama. —Talvez ela também me chame disso pelas costas.

Ele finge rir.

—Eu imaginava vocês diferentes...Você sabe, poções, feitiços, coisas afins. Mas como se chamam não importa, certo? O que importa é que são especiais.

—Por isso sua agência está atrás de nós? Por que somos especiais?

Ele assente.

Volto a olhá-lo, desta vez sem esconder que questiono sua sanidade. —Imagino quão desesperado o governo está para criar uma agência como a sua. Quem é o seu chefe? Professor Charles Xavier?

Kuhn não parece lisonjeado com minha alusão aos X-Man: —A ficção sempre se baseia em eventos reais, Nina.

—Quanto a isso eu não sei, mas delírio paranóide e alucinações parecem eventos reais para quem as têm.

—Seu comportamento só reforça a suspeita de que estão escondendo algo.

—Claro que achará que estamos. Não é exatamente isso que sua agência procura? Chifre em cabeça de cavalos?

Os olhos do homem brilham como se envernizados. Ele dá um passo em minha direção, e sua aproximação amolece minhas pernas.

—Não brinque comigo, Nina. — Seu tom é, pela primeira vez, ameaçador. Ele olha para as duas casas adiante, mais especificamente para a casa de Alex: —Imagino que não tenha contado a Alex sobre o que vocês são, e toda a confusão que provocam no clima.

A saliva desce pela garganta como se tivesse ferrões.

Kuhn migra a atenção para algo que grudou na sola de seu sapato. —Fale-me sobre essa relação da natureza com vocês. Que tipo de relação é essa?

—Não tenho essa resposta. — Esta é a maior, senão a única verdade que ele arrancará de mim.

—Ela parece gostar de vocês.

—Ando sem muito crédito com Ela.

Kuhn gira sobre os calcanhares, estudando a natureza à volta. Como se, observando-a, ele pudesse decifrar seu código ou desvendar seus segredos. Vê-lo de costas desengatilha um

pensamento perigoso. O que me impede de fazer algo contra ele? Ele cairia aos meus pés como se acometido por um ataque fulminante. O que os médicos achariam durante a autópsia? Concluiriam que ele sofreu um infarto, um AVC? Constatariam que sua vida era estressada, sua comida rica em gordura saturada? Kuhn retorna do giro.

—Posso ajudá-la a entender essa relação. Posso ajudar você a controlá-la. —Assim que ele que diz isso aponta para cima, como se Ela fosse o Deus que mora no céu.

Meus olhos se apertam. Por um instante repito mentalmente sua oferta, e o coração acelera sem autorização. Conhecer para controlar: não é esse o slogan de sua agência? Em um reflexo involuntário estalo um dedo ou dois.

—Ela é incontrolável, — falo. A frase sai enviesada, com aquele tom indefectível da intenção oculta. Eu sou pura curiosidade em saber se a incontrolabilidade da Natureza é realmente um princípio indiscutível. Ela pode ser domada?

Embora o corpo peça a seu modo feitiço, a mente está disposta a ouvi-lo.

—Eu afirmo a você, ela pode ser conquistada, — ele assegura colocando uma palma paralela à outra, deixando um pequeno espaço entre elas como se a Natureza pudesse caber exatamente ali —Podemos estudar de que maneira ocorre essa ligação, isolar os eventos, analisar os gatilhos que os liberam e interrompem. Podemos treinar você a dominá-los.

Dominar os eventos, saber o que os dispara e o que os interrompe? A frase soa cintilante, quase mágica.

O que Kuhn está me oferecendo é uma jornada, mas de outro tipo. Uma jornada que envolve experimentação, descobertas e testes em busca de resultados. Visto desse ângulo, a ciência é um caminho também.

Olho para a casa de Alex. Imagino por um segundo como seria viver livre das reações inconstantes do tempo, ou das panes elétricas. Se eu fosse capaz de controlar alguns poderes, eu seria quase normal.

—Nós somos a prova de que ela é controlável, — Kuhn adiciona abrindo as mãos ao lado do corpo como um ator que agradece a ovação após um desempenho brilhante.

Absorta em meus delírios de normalidade, demoro a interpretar sua última frase. Os olhos piscam, despertos. *Nós somos a prova*, é o que me acorda. Balanço a cabeça, repetindo o pronome ‘nós’. Por nós, ele quer dizer *eles*, os humanos. Eles, os humanos, podem controlá-la.

Eu conheço esse controle, eu o vejo todos os dias nos jornais. Sangue e dor pingam desse controle, o mundo morre aos poucos por causa dele.

É ali que Kuhn me perde. Tenho minhas contendas com a Natureza, mas não sou indiferente ao seu sofrimento.

—De qualquer maneira, quero que pegue o meu cartão, — ele me estende o pedaço retangular de papel, alheio ao fato de que seu encanto sobre mim foi quebrado. —Tudo o que queremos é conversar. Podemos ser de grande ajuda para você.

Pego o cartão de suas mãos, e ele só falta dizer *de nada*.

—Sabe o que eu acho. Sr. Kuhn? — digo olhando o logotipo bem desenhado da ANCA que exala noções como respeito, desenvolvimento e progresso.

—Estou ávido para saber.

Bato o cartão na mão, mirando algo além da copa das árvores: —Acho que o senhor pouco se interessa pelo bem que, segundo diz, faríamos ao mundo.

—Pelo contrário. Só estou tentando fazer a coisa certa.

Encontro seus olhos, duas bolas frias de mármore. O mais incrível? Acredito nele. Kuhn é convencido até os ossos de que faz a coisa certa. Que, com o que conseguisse de nós, usaria para o bem dos outros, para o bem do país e seu próprio bem — não necessariamente nessa ordem. O problema é que, para conseguir o que quer, alguém seria sacrificado. Esse alguém seria a natureza, por que seu interesse por ela é nulo.

—O meu medo, Sr. Kuhn — falo sem me importar muito com a sucessão de eventos —é

que o senhor tem um departamento estranho nas mãos. Um departamento que, por lidar com coisas que não entende, tem um enorme potencial para causar danos.

Kuhn se ajeita, sem aceitar que me perdeu.

—Minha mãe comentou que o senhor era doido, — concludo rasgando seu cartão e lançando os pedaços sobre ele. —Ela tem toda razão.

Dou um passo para o lado, mas Kuhn embarreira meu caminho. Seu cheiro enjoativo de colônia pós-barba me envolve como um abraço indesejado, e noto, pelo volume discreto no bolso do paletó, que ele está gravando nossa conversa.

—Deveria reconsiderar sua resposta, Nina.

—Acho que não. Mas sabe qual é a ironia disso tudo? — aproximo a boca de sua lapela: —Somos realmente bruxas.

Afasto a tempo de ver seu olhar se iluminar.

—Infelizmente, jamais acreditarão em uma palavra que o senhor disser. Ao contrário de antigamente, o destino de quem acusa os outros de bruxaria é o consultório de um psiquiatra. Passar bem.

Marcho para casa, ouvindo atrás de mim: —Oh, Nina. Imagine o que uma carta de minha agência causaria se enviada à Universidade de Lafayette... —Sua frase me faz parar. — Eu não precisaria sequer acusar seu namorado de alguma coisa, apenas plantar a semente da dúvida.

Ao me virar vejo que Kuhn mira a casa velha, onde luzes indicam que Alex e sua mãe já acordaram. Uma veia começa a latejar na minha têmpora.

—Todos queremos algo, não é mesmo? — ele pergunta estalando a língua, como se penalizado. —E como todos sabem, quem quer algo tem uma fraqueza.



O carro de Elka está parado na frente de casa. Entro e encosto a porta devagar, ouvindo o sussurro de Ava chegar da cozinha: —Nina? Tem certeza?

Paro atrás de uma parede a tempo de ouvir Elka completar: —Sei que estou certa, Ela está em guerra contra Nina.

Irrompo na cozinha: —Quem está em guerra contra mim?

As mulheres se entreolham. Elka morde os lábios como se tivesse falado demais, enquanto Ava enfia metade do corpo dentro da geladeira sob o pretexto de procurar os ingredientes do café da manhã.

—Vamos, diga. Quem está em guerra contra mim, Elka?

Minha tia solta o gato da coleira, que corre arranhando o assoalho até enfiar-se sob a poltrona. Ela procura Ava com os olhos, mas minha mãe não tem qualquer interesse em apoiar sua teoria sem ouvi-la primeiro. Sem a retaguarda esperada, só resta a Elka continuar: —A Grande Mãe está com raiva de você.

Olho para Ava com as sobrancelhas erguidas. Ava, mesmo, não parece espantada, como se já tivesse considerado antes a possibilidade. O gato, escondido sob a poltrona, rosna algo que pode ser traduzido como ‘odeio vocês’.

—Por que? — pergunto a elas.

—Eu tive essa *visão* de que Ela está brava com você... Você anda irritando-a ultimamente? Por que Ela está assim por algum motivo, mas o motivo eu não sei.

Passo a língua nos lábios, tentando dizer a frase seguinte com calma e civilidade: —E porque você teve essa visão, – faço duas aspas no ar – concluiu que Ela está em guerra comigo?

—Pense bem, Nina, — as sobrancelhas peludas de minha tia se apertam. —Você não acha que a semana enviou sinais suficientes? O ataque do fusca, a carta da velha bruxa, as

luzes verdes, a chuva sem fim?

Olho para Ava, mas ela se esconde novamente dentro da geladeira.

—E ontem o céu desabou como se estivesse bravo sobre o Drive-in. O que você estava fazendo lá?

—Como sabe que fui ao cinema? — rebato com uma careta.

De fato, a noite de ontem terminou em dilúvio, e a enxurrada nos obrigou a abandonar o local às pressas. Lembro do rosto de Alex quando me despedi, e da sensação de que a Natureza sorria como quem ganha uma batalha.

—Estou errada? — Elka pergunta.

Olho o cabelo espetado que parece ter sido penteado em meio a um ataque de fúria. Embora parece errada e quase nunca esteja certa, hoje ela não está.

Mas por que Ela está brava?

—Por que é a pergunta, — Elka capta meu pensamento. —Você fez algo que a irritou? Irritá-la nunca é uma boa ideia.

—Não! Eu não fiz nada.

—Nada de excepcional? — Elka vira-se para Ava à procura de uma segunda opinião. Minha mãe para na frente do fogão, pensativa.

—As chuvas, as luzes, — Elka balança a cabeça enquanto pensa, mirando algum lugar escuro da casa como se dali pudesse saltar uma resposta. —|E agora esses lobos, que estão em todos os noticiários, fazendo a curva – uma curva! – em Illinois, acertando a trajetória em direção a Indiana.

Passo as mãos pelo rosto, como se amassá-lo sob as palmas trouxesse algum alívio. Se elas estão reagindo assim por causa das loucuras do tempo, o que fariam se soubessem da visita que acabei de receber? A visita que não posso contar que recebi sob risco de ser trancada em casa ou despachada às pressas para algum país obscuro?

—Os sinais estão aí, — Elka torce a boca. —A Grande Mãe está maluca.

—A Grande Mãe é maluca, e me lembro de já ter falado isso.

Ava soca a chaleira sobre o fogão. O *clanc* vem acompanhado do olhar que diz ‘olhe o vocabulário.’ —Você precisa considerar que está fazendo algo errado, — ela diz irritada.

—Seria ótimo se ouvíssemos sobre a bruxa Romena nos próximos dias, — Elka delira enquanto rouba uma castanha da tigela esquecida desde Yule sobre a mesa. —Ela poderia nos ajudar a entender o que está acontecendo. A propósito, nossa carta já foi. Você já sabe falar alguma coisa em romeno?

Sua frase me enfurece: —Daqui a meio século, quando a resposta retornar, saberemos do que se trata tudo isso, — respondo. —Se não se importam, estou voltando para o meu quarto. Tenho um banho pra tomar.

Repetindo com uma careta ‘já sabe falar alguma coisa em romeno’, deixo-as para trás.

Antes que eu alcance as escadas, no entanto, flashes da tarde de terça-feira invadem a memória: o momento exato em que os helicópteros explodiram. As luzes quando Alex entrou na livraria, e a chuva do dia na estrada, quando ele tocou meu rosto.

Será que...?

Os avisos estão lá, sou eu quem estou convenientemente cega a eles. As loucuras estão relacionadas a Alex. A chuva cai sempre que ele se aproxima de mim, precisa e voluntariosa, como se as gotas tivessem íntima relação com o que dispara meu coração.

Levo a unha à boca, inesperadamente incomodada com a pele que cresce em volta dela. É Alex o gatilho dos eventos. É ele e eu sei.

—É o garoto, —ouço a voz de Ava do outro lado da parede.

Na mesma hora retorno à cozinha. —Mas por quê? Por que a natureza se importaria comigo, ou por quem eu me interessar?

Ava arregala os olhos: — Você está *interessada* nele?

Ganho a cor dos tomates pousados sobre a bancada, liberando sem querer as imagens da ida ao Drive-in. Minha mãe balança a cabeça como se aquilo fosse um desastre. Vira-se para Elka e conta, em poucas e dramáticas palavras, sobre a chegada dos novos vizinhos. Em como, desde que Alex se mudou, um cataclismo de proporções mundiais começou a ser formado sobre Valparaíso. Em como proibiu que me aproximasse dele, e eu *vergonhosamente* desobedeci.

—Só faltam cair do céu setas de neon apontadas para o telhado vizinho, indicando que ali mora um problema! — ela finaliza o cenário apocalíptico.

—Mas isso não faz o menor sentido! — reclamo. — O que Alex tem a ver com o tempo, e por que a Grande Mãe se aborreceria por causa de um garoto?

—Ela quer que você aceite o chamado, e não se apaixone por um menino às vésperas da partida! — Ava fala com o dedo em riste. —Ela sabe *muito bem* como um garoto pode virar a cabeça de uma garota.

Cruzo os braços, franzindo a cara: —Ah é? E como Ela saberia disso?

É Elka quem responde enquanto tenta limpar a língua da castanha rançosa: —A Natureza é uma massa furiosa de hormônios, querida. Praticamente uma adolescente.

Tampo o rosto, me perguntando como posso questionar *aquilo*. Ava nos ignora: —Nina, quando vai entender que não pode se aproximar de outras pessoas? Que precisa se isolar até que saibamos o que a carta vai trazer?

Eu me recuso a voltar àquela discussão. Não vou ser aprisionada dentro da reserva à espera de uma carta perdida, nem deixar de me aproximar de quem quer que seja.

Ava olha para cima, como se pedisse à entidade superior que habita o teto da cozinha que lhe desse paciência. —Céus, você precisa evitá-lo.

—Por quê? Por que você e Elka suspeitam que o planeta não vai com a cara dele?

As duas se entreolham e respondem em uníssono: —Não!

—Por que, então?

—Se você se importa com o garoto, afaste-se dele, — Elka alerta.

—Por que a natureza se meteria nesse tipo de assunto? E por que cargas d'água Ela se importaria com Alex?

É Ava quem responde: —Não sei porque isso interessaria à Grande Mãe, mas lembre-se que, se Ela em sua fúria resolver punir você, nada ao seu redor – ou ao seu lado – ficará de pé. A Grande Mãe não é conhecida por sua boa mira.

IX

Peste



Martin Kuhn fecha os olhos para não explodir. ‘Não há nada gravado aqui’, diz o bilhete do técnico sobre o gravador defeituoso. Apenas um chiado desagradável, um sussurro de fracasso, Kuhn conclui apertando o gravador entre os dedos, sentindo a raiva ascender às alturas. *Algo deve ter acontecido, mas o quê?* Por que o gravador não gravaria a confissão da bruxa?

Marchando de volta à sala, ele decide escrever para o SAC da empresa que produziu aquela porcaria e transformar essa reclamação na cruzada de sua vida. Ele está farto da enxurrada do lixo que inunda o comércio—aspiradores de pó que não aspiram, liquidificadores que mal batem uma banana, espremedores de sucos que só chiam. A obsolescência programada havia atingido graus ridículos e incontroláveis, e os consumidores viraram reféns das práticas ambiciosas e enganadoras das empresas!

Em um gesto de fúria ele lança o gravador na parede. Em vez de se partir em milhares de pedaços, o aparelho amassa a parede de compensado. Kuhn corre os dedos pela cabeça, desalinhando os poucos fios engomados. A vontade é pisotear o pequeno causador de problemas, mas decide ao invés lançá-lo na lixeira mais próxima.

Anneliese e Sam encolhem-se quando ele retorna à sala. A cabeça de Kuhn ferve. Ele

despencou da capital até Indiana para nada, perdeu o dia inteiro visitando aquela adolescente insolente. É claro que há algo naquela família, mas esse *algo* escorre entre seus dedos. Suas vidas desinteressantes jamais justificariam uma intimação.

Ele precisa de provas. *Provas*, Kuhn corre a mão pelo rosto. Um único evento, um vacilo. Qualquer coisa que ponha as Wolf em apuros.

—O que é isso? — ele praticamente rosna ao ver Anneliese se aproximar com um relatório.

—Leia, por favor, — ela insiste balançando as folhas à frente.

Kuhn pega a papelada. Provavelmente mais uma história sobre os delírios de sua avó, ou contos da carochinha. Os olhos correm as linhas com má vontade. Raios, mulheres, histórias. Sempre a mesma combinação. Está para jogar o relatório no lixo quando lê algo que desperta seu interesse.

—O que é isso?

—Fiquei impressionada com os raios que vimos aquela noite perto da casa da menina – arbitrários, certos – então decidi investigar a respeito.

Kuhn folheia o documento. Aquele é um índice de raios que atingiram mulheres na última década. Os homens, todos machucados demais para interessarem à pesquisa, foram tirados da lista.

Anneliese arrisca um passo à frente: —Achei o telefone deste fotógrafo nos arquivos de um jornal, — diz colocando o dedo sobre a foto de uma mulher. A foto captura o momento exato em que o raio, a foto prova, *sai* dela. —Se essa mulher não é uma bruxa, não sei o que uma bruxa é.

A foto, borrada demais para servir como prova, desperta em Kuhn uma centelha que ele bem pode chamar de esperança.

—O fotógrafo me deu o telefone dessa mulher. Ela mora nas Guianas.

Kuhn acorda: —Onde?

—Guianas, na América do Sul. Liguei para ela e conversamos. Ela até perguntou se eu era uma!

—Uma o quê?

—Uma bruxa! — Anneliese rola os olhos de excitação.

Kuhn passa o indicador e o polegar sobre o ossinho do nariz, amansando a dor que ameaça se instalar ali. Ele tinha se esquecido que Anneliese brinca de ser bruxa nas horas vagas. Não se lembra do nome de sua seita, mas é algo estranho, uma maluquice inventada na década passada que prega o uso de roupas orgânicas e veganismo.

—E o que foi que ela falou?

—Contei sobre os eventos de Valparaíso, disse que não entendia bem como mulheres podiam conectar-se tão intimamente à Terra.

Continue, Kuhn sinaliza com o dedo.

—Ela disse que a natureza está de *saco cheio* – palavras dela – e que em breve ouviremos falar de bruxas. Não entendi essa parte, e ela não quis explicar.

Kuhn afrouxa a gravata. *Em breve ouviremos falar das bruxas?* Longe de ser uma notícia boa, esta é uma notícia ruim. No momento que sua existência for comprovada, acabará sua vantagem competitiva. Haverá uma corrida para controlá-las, e aquele que as conseguisse primeiro cruzaria na frente a linha de chegada. —O que mais a mulher do telefonema disse?

Anneliese hesita: —Bem, depois disso eu pedi desculpas e disse onde trabalho, e o que pretendemos com a informação.

Kuhn estica o ouvido em sua direção: —Você o quê? — Seu tom sai quase inocente, como se a besteira fosse grande demais para ser assimilada.

—Ela encerrou a conversa, e disse para não procurá-la mais.

Kuhn desencosta da cadeira: —Você-fez-o-quê? Você contou a ela onde trabalha?

—Não posso mentir para sempre, — Anneliese dá um passo para trás. —E no mais, tudo que ela falou nós já sabemos!

Kuhn fecha os olhos. Quando volta a abri-los, tem fogo no olhar: —Não pode desistir fácil assim quando acha uma delas! No que estava pensando?! —Furioso, lança o relatório sobre Anneliese, que o pesca atrapalhada.

—Meu Deus, você poderia ter tirado tanta informação dessa maluca!

Seu rosto tomba nas mãos. Como desmascarar essas mulheres, como afugentá-las de suas tocas se está cercado de imbecis? Ele pega ar, modulando a raiva que infla o peito. Afastar Anneliese não adiantará de nada; precisa de alguém ao seu lado que pense como as Wolf, e Anneliese é o mais próximo delas que ele poderia tolerar. Sua respiração se acalma, os dentes destravam. Ele precisará assumir o comando das investigações se quiser usar os talentos dessas coisas.

Não são mais previsões do que tratam ali; é manuseio do tempo. Uma conexão íntima com o mundo, com seus elementos, quem sabe com os animais. Aquela família é a chave para a sua promoção. É a prova irrefutável de que ele não é louco, a justificativa para o seu orçamento, a desforra por décadas de olhares vexatórios. Bruxas existem! Elas existem e ele provará sua existência nem que seja a última coisa que faça na vida.

Anneliese e Sam aguardam outro estouro, mas o estouro não vem. Quando Kuhn volta a falar seu tom de voz é moderado e firme: —Sam, o tal Max é professor, não é? Arranje o telefone do Departamento de Educação de Indiana. Quero falar com alguém grande, não me venha com telefone de gente miúda.

Sam não tem chance de apontar para o relógio que marca sete da noite; Kuhn já está lançando as próximas ordens: —Anneliese, providencie o telefone do Departamento de Recursos Naturais de Indiana e do fisco. Quero saber como está a situação da reserva das Wolf. Alguma coisa me diz que elas não pagarão o imposto que devem, e quero usar isso

contra elas. Precisamos atacá-las onde são vulneráveis; precisamos desestabilizá-las se quisermos controlá-las!

Kuhn enxota os dois do escritório e bate a porta. Por algum tempo Sam e Anneliese apenas aguardam o barulho do outro lado cessar.

—Por que mentiu sobre a conversa com a bruxa? — Sam pergunta à colega.

Anneliese suspira ao se lembrar do telefonema. Foram horas ao telefone. Aprendeu mais naquele dia a respeito do que está lidando do que durante toda a vida tentando fazer a coisa certa.

—Boca fechada, — ela imita um zíper selando a boca.

—Não vai me contar o que ela quis dizer sobre os ‘cupins suicidas das florestas da Guiana’?

—Não, — ela responde alisando o cordão que usa no pescoço. —Até porque não entendi o que ela quis dizer.

—Algo me diz que você vai se enfiar em encrencas.

Anneliese balança resignadamente a cabeça. Que está enfiada em uma encrenca ela sabe, só não sabe dizer ainda seu tamanho.



Da janela vejo o vulto sentado no balanço da varanda. Ele tem um violão nas mãos e o telescópio ao lado, e acompanha em silêncio os últimos resquícios do dia abandonarem o céu.

Estico os olhos para cima. Luzes dançam sobre nós, trocando o crepúsculo de cor. Alex também as observa, e certamente se pergunta de onde elas vêm e por que estão ali. Olho mais uma vez a mensagem na tela do celular:

As estrelas saíram, quer conversar?

Ah, Alex. Eu quero, e muito. A vontade de estar ao seu lado é sufocante.

Ainda sinto o toque de seu dedo no meu, e a sensação de calor que ele despertou. Aquele toque existe apenas nas lembranças, não foi transformado em palavras. Seria bom falar sobre ele, mas infelizmente, não posso.

Ainda dá tempo de ir ao baile, diz sua segunda mensagem.

Encosto a testa na superfície fria vendo a respiração embaçar o vidro. Há muita coisa em jogo, não posso me dar ao luxo de ser impulsiva. Se Elka tiver razão, sou um perigo para ele na mesma proporção que ele é um para mim. E se aquele mecanismo sobre minha mesa de cabeceira estiver marcando algum acontecimento, este em breve ocorrerá.

O cartão aberto mostra as engrenagens contando o tempo. O ponteiro andou nos últimos dias em velocidade anormal sobre o verão e o outono, e agora pousa sobre a penúltima letra, o ‘n’ de *Iarnă*.

Fecho os olhos, sem conseguir entender o mecanismo, as luzes, a natureza ou mesmo a sensação que Alex causa em mim. Alex parece errado, e ainda assim indisputavelmente certo. Talvez sejam suas frases misteriosas, sua chegada inesperada ou seu cheiro de *dejà-vú*. Tudo isso, somado às suspeitas de Elka, faz com que sua presença na casa da frente fique cada vez mais estranha.

Abro os olhos. *Quem é você, Alex?* Achava que apenas um de nós guardava segredos, mas agora me pergunto se você também não guarda algum.

O barulho estridente do telefone me acorda. Deixo a janela e desço as escadas, ouvindo à distância Max dizer ‘alô’. Chego à sala a tempo de ouvi-lo murmurar: —Agência do governo?

Ava está parada à sua frente. Max tem o fone colado ao ouvido, e após uma pausa passa a mão pelo cabelo e baixa os olhos. — Não, não entendo, mas se você diz que sim... Sim, eu sei. Claro. Obrigado por me avisar.

—Avisar o quê? —pergunto a Ava com o nome de Kuhn pulsando na mente. De que

outra agência ele poderia estar falando?

Max ouve por alguns instantes e conclui: —Sim, na segunda conversamos melhor, e então será oficial. Obrigado, Andy. Você sempre foi um bom amigo.

Andy é o diretor da escola, seu chefe. Por que ele ligaria no sábado à tarde?

Meu pai mal tem tempo de colocar o fone no gancho: —O que aconteceu? Que agência? — pergunto.

—Era Andy. Ele recebeu um telefonema do Departamento de Educação ontem à noite.

—E? — pergunto enquanto Ava morde os nós dos dedos.

—Fui afastado da escola.

Ava dá dois passos para longe, mas para mim a frase não surte efeito imediato: —Como assim, afastado?

Ele não responde. Sua expressão fica estranha, irreconhecível. Ele se senta à mesa com o olhar envidraçado, olhando algum ponto da cozinha que na verdade não vê.

—Eles disseram o porquê? — A voz de Ava chega como um fio, tão fino que parece prestes a romper.

—Parece que estou sob algum tipo de investigação, e até que ela seja concluída preciso ser afastado das minhas funções.

—Sob que acusações? — pergunto, indignada.

—Andy não sabe. Ele quis me avisar antes de anunciar na segunda.

—Kuhn está por trás disso, — digo andando de um lado para o outro, sentindo a raiva brotar dos poros. Ele está, eu sinto. O pensamento seguinte aperta o peito: é atrás das chuvas que ele vem. Isso significa dizer que *nós* estamos por trás daquilo. Meu pai foi punido por estar próximo.

—Não sabemos quem está por trás de nada, —Max responde com voz falhada, e o aperto no peito fica agudo. —Ele sugeriu que procurássemos um advogado.

—Não será necessário, — Ava o corta. —Não é você quem eles querem.

Max olha para mim, depois para Ava: —*Eles?*

—Kuhn quer uma bruxa, e eu lhe darei uma. Assim que Nina sair de cena, eu me colocarei à sua disposição.

Não sei qual das duas coisas que Ava diz faz meus joelhos falharem: colocar-se à disposição de Kuhn ou me despachar para algum lugar.

—Você ficou louca? Nem Andy sabe quem está por trás disso, — Max reclama.

—Andy não sabe, mas eu sei, — ela diz secando uma lágrima com as costas da mão. — Kuhn me procurou ontem.

Eu e meu pai nos entreolhamos.

—Ele disse que nos daria uma última chance. Que se não o ajudássemos, sofreríamos as consequências, e o seu emprego seria a primeira delas. Não achei que seria tão rápido, ou que ele pudesse jogar tão baixo. — Ava crispa o rosto e começa a soluçar.

Eu nunca tinha visto minha mãe chorar assim.

—Por que eles querem vocês? — meu pai bate o punho na mesa. —Por que acha que pode forçá-las a ajudá-lo?

Passo a mão agoniada pelo cabelo. A resposta àquela pergunta é simples: porque podemos ajudá-lo. Kuhn pode nos forçar a isso, e é exatamente isso que está fazendo.

Ava seca o rosto e continua: —Kuhn queria a princípio alguém que previsse catástrofes, mas ao nos observar de perto, crescemos a seus olhos. Ele percebeu que podemos fazer mais.

—Por que não me contou? — ando até ela.

—Você não pode fazer nada. Tudo o que fizer atrairá mais olhares, mais homens como Kuhn.

Minhas mãos tombam ao lado do corpo. —Eu poderia ajudar você a pensar em outra saída, oras! Como pode me mandar para longe em um momento como esse? Posso ajudar

vocês!

Ninguém pode nos ajudar, ela responde em pensamento.

Um soluço escapa da minha boca. Então é isso. O plano é me enviar para longe, não importa o que aconteça.

—Ele mencionou a hortelã, — Ava exala buscando um lenço para assoar o nariz. Meu pai pergunta, cansado: —Que hortelã?

—Kuhn me perguntou para que serve o cheiro da hortelã. Respondi que para afastar predadores, que era tanto sua arma quanto defesa. “Mas também é o que a deixa reconhecível, não é mesmo?” , — Ava o imita, reproduzindo sua voz. Max torce a cara; nitidamente detesta quando ela muda a voz daquela maneira. —Kuhn tem razão.

Eu e meu pai exclamamos ao mesmo tempo: —Razão de quê?

—Hortelãs perdem o cheiro quando crescem dentro de estufas. Por séculos tivemos que esconder nossa mágica, e ela definhou. Foi isso que ele perguntou: o que é a hortelã sem cheiro, senão um arbusto sem atrativo?

Max franze o rosto: —Qual é o problema desse homem?

—Ele está certo, Max. Nós viramos hortelãs sem cheiro, e por algum delírio coletivo achamos que isso seria bom. Perdemos ano após ano aquilo que um dia nos fez grandes, e hoje somos ninguém. Vivemos nas gretas, nas frestas da sociedade, escondidas em florestas cada vez menores. O que ganhamos fugindo de nossa mágica?

—Por que não explodem um raio em sua cabeça? — Max desabafa. Ele logo se arrepende, achando que enfiou ideias na minha cabeça. Ele não sabe, mas o pensamento não é novo e na verdade me apraz.

—Por que cada vez que afastamos um deles, dois aparecem. Por que acha que optamos por nos esconder? — Ava responde, serena. —Posso jogar o seu jogo. Reverter sua demissão, isso é o certo a fazer.

Não tenho tanta certeza disso. O certo não parece certo; o certo parece errado.

—Quanto a você, —ela me olha. —Chegando ou não a carta da velha bruxa, pegue a estrada. Vá para o lugar mais distante que conseguir. Tente se reconectar com o mundo para não acabar como nós. — Ava pausa, olhando para mim. *Vulneráveis e expostas, sem espinhos que nos defendam.*

Vejo-a se afastar, sem entender seu ponto. Para mim, a única solução é perder de vez o que me faz diferente. Sem cheiro e sem sabor, a hortelã não tem uso algum, e seria deixada em paz para sempre. Não é isso o melhor a fazer?

—E no mais, ele está de olho em você, — Ava aponta para mim. —Chegou a mencionar seus amigos, disse que irá procurá-los em breve.

Eu mal ouço minha voz: —Como?

—Espero que eles não desconfiem de nada, — Ava estala os dedos. —Eles podem nos enfiar em encrenca.

Sem que eu tenha qualquer controle, meus olhos alcançam a temperatura da pele, acendendo-se em chamas. —Ele não tem esse direito! — eu grito.

Meu pai recua ao ver meus olhos.

—Controle-se, Nina. Seu estado não ajuda seu pai.

Mas eu não consigo mais me controlar, uma porta que eu não sei fechar foi escancarada. Há dias sinto essa sensação de aceleração, de que algo está para acontecer. Por mais que lute contra, não há mais ilusões que sustentem a crença de que tudo vai acabar bem. Não vai.

Minha relação com a Natureza não irá desbotar. Ela cresce em mim revigorada, há nela o sopro da novidade. A natureza me quer, e eu não sei como fugir dela.

Aperto os olhos com os dedos, sentindo-os arderem. Bem lá no fundo, quase no leito da alma, sei que Ela tem planos para mim.

Por mais que minhas vísceras se contorçam e por mais que meus olhos se inflamem, não

digo mais nada. As pessoas costumam se convencer de que em tempos de crise precisam esfriar a cabeça, precisam pensar. Como concordar com isso, se naquele instante penso com clareza cristalina e afiada? Meus sentidos estão em pé rente a uma borda, preparados para saltar. Para fazer o que eu ordenar, como um exército ao meu favor.

Tentar nos convencer é uma coisa; coagir-nos outra. Mexer com o meu pai para chegar a nós é mais que provocação, é declaração de guerra.

O que Kuhn não sabe é que, em alta concentração, a hortelã é um pesticida. Eu sei ser uma peste, e silenciosamente declaro guerra a ele.

X

O fim das frases nunca terminadas



Confiro se a porta está fechada: está. Passo um pé pela janela, sento no beiral e puxo a outra perna pelo joelho. Fico de pé sobre o telhado, me equilibrando na faixa estreita. Fecho a janela atrás de mim e ando sobre as telhas escorregadias até a borda.

Já longe, não vejo que a roda da delicada engrenagem sobre a mesinha, iluminada pelo abajur aceso, gira em torno de seu eixo e completa o ciclo. *Iarnã* acabou, e o misterioso dispositivo é acionado.

Seguro no suporte de madeira e desço pelas trepadeiras, saltando no chão. A noite está clara, e a lua contrasta contra o céu azul marinho. Levanto a bicicleta largada no quintal e carrego-a até a rua, onde não podemos mais sermos vistas ou ouvidas. Seguindo pela I-20, pedalo em direção ao lago Michigan. Se Kuhn está atrás os meus amigos, ele foi até ao baile.

Meia hora depois, o hotel de arquitetura pouco imponente desponta na frente do lago. O estacionamento está lotado de carros, e alunos chegam à festa acompanhado de seus pares. Inspiro o ar frio da noite, tomando coragem para entrar.

Entro no salão como quem pisa em um campo de batalha. O barulho me desnorteia, a música vibra pelo corpo como um tambor batendo na pele e os globos espelhados que

transformam o teto em um céu estrelado ferem a visão. Dou dois passos para dentro do baile mas estanco, sem conseguir ir adiante. Os estímulos, fortes demais para quem capta tudo, incendeiam os neurônios.

Demora um tempo até que acostume o corpo ao barulho e às cores, mas quando me acostumo, continuo o caminho. Alunos vão cedendo passagem, estranhando a garota vestida de jeans e casaco. Vejo ao longe Melinda e Danielle ao lado de Chris e aceno. Melinda puxa Danielle e as duas correm animadas em minha direção. Mel veste um longo preto que lhe dá o contorno de uma ampulheta, e seu cabelo está coberto por cristais. Danielle está de amarelo, sem dúvida a única no salão capaz de amansar com tanta competência uma cor tão histérica. As duas vestem máscaras que escondem apenas parcialmente seu rosto.

—Nina, você veio! — Danielle grita me envolvendo em um abraço. Em seguida ela me larga, franzindo o rosto ao ver o que estou vestindo.

—Você precisa provar isso aqui! — Melinda enfia o copo de ponche sob meu nariz, ignorando minha aparência. —Isso está tão bom, mas *tão* bom, que nem sei como pode ser legal!

—Pelo cheiro de álcool, não é, — sorrio aliviada por ambas estarem se divertindo, e não assustadas por terem sido abordadas por um maluco do governo. Elas me puxam falando ao mesmo tempo que a festa está ótima, e eu poderia ter vindo com elas. Sigo-as zonzas, tropeçando nas pernas. Para quem é hipersensível a estímulos, o ar morno tem gosto de gente e o cheiro explode em cores. Quando me acostumo à euforia e o mundo deixa de ser um carrossel, disparo: —Vocês viram Alex?

Melinda aponta para um canto, e sigo a direção de seu dedo.

—Preciso falar com ele, — digo, e as duas me olham com malicioso espanto. —Eu já volto.

Deixo-as para trás, andando na direção para onde Melinda apontou. Não vejo Kuhn em

lugar algum, mas sei que ele está por ali, eu sinto. A escuridão salpicada de luzes pode confundir minha visão, mas não é páreo para o meu sentido mais apurado. Das milhares de moléculas que flutuam ao redor, reconheço, mesmo de longe, as mais odiadas e as preferidas. Sigo o rastro que as favoritas deixam no salão, evitando o cheiro enjoativo de colônia de Kuhn.

A multidão fica para trás. Aos pés da escadaria que leva ao segundo andar, as pessoas são poucas e a luz incide mais fraca. Olho ao redor, tentando ver Alex ou seguir seu rastro, quando me sinto inteiramente envolto pelo seu cheiro. Viro sentindo na barriga a crepitação conhecida. Na minha frente, pronto para roubar meu fôlego, está Alex.

Seu terno ajusta-se perfeitamente ao corpo, e seu rosto está coberto por uma máscara prateada que lembra a de antigos cavaleiros medievais. Por trás dela ele me observa. Na verdade, parece olhar há tempos para mim.

Ele tira a máscara da frente do rosto. Estica a mão até o vaso de rosas cor de champanhe que enfeitam uma mesa lateral e rouba uma flor.

—Você veio, — diz me estendendo a rosa de cabo longo e cravejado de pequenos espinhos. Pego a rosa, sem palavras. É impressão minha ou meu coração retumba mais alto que a música?

Os olhos de Alex estão fixos nos meus. Calmos e profundos, como se aguardassem algo de mim. *Reconhecimento?* Eu me pergunto. *Mas já não o reconheço?* Não sei quem é, o que faz comigo, e o quanto o quero? Por que tenho, então, a sensação de que ele espera mais? Que aguarda lembranças de histórias passadas, memórias de alguma outra vez?

Luzes sossegam sobre nós, vozes amansam. A música passa a fazer parte da trilha sonora de fundo, não mais que um ruído distante. *Não sei quem você é, mas quero saber.* Como o viajante que roda o mundo e termina a aventura em casa, mas em outra época. O familiar e o novo sob o mesmo céu, unidos sobre o ponto de partida e de chegada.

Não trocamos uma palavra sobre a noite no drive-in, sobre o toque sob as cobertas. Não

é necessário, está tudo ali. Como se as palavras se organizassem sozinhas no vazio, formando as frases que não tivemos como falar.

Alex se inclina. Seus lábios tocam minha orelha, e fecho os olhos ao sentir seu cheiro: — Fico feliz que esteja aqui.

A eletricidade do toque corre a espinha para cima e para baixo. —Alex, — murmuro apertando tanto o cabo da rosa que furo o dedo. —Alguém procurou você?

Ele franze a testa: —Não, quem me procuraria?

—Um homem, — corro as vistas ao redor. —...fazendo perguntas.

—O que esse homem quer?

É nesse momento que vejo um vulto caminhando em nossa direção. A figura veste um terno escuro e destoa do corpos dançantes da pista. Anda em linha reta entre garotas de vestidos coloridos e garotos de máscara, e sua forma toma aos poucos contorno: magro, calvo, olhos em mim.

Paraliso no lugar. Não quero que Alex o veja, nem que eles se encontrem. Olho sobre os ombros de Alex para o DJ, que toca baladas animadas no palco. Como desaparecer com Alex sem que ele nos veja? Como fugir da situação que mais parece um beco sem saída?

E enquanto a mente faz o trabalho de pesar pós e contras, a magia decide agir.

As luzes se apagam de supetão. O som morre como se estivesse sendo estrangulado, e o silêncio momentâneo é substituído por gritos. Em meios à comoção, fecho as mãos em torno do pulso de Alex. —Nina? — Seu tom assustado tem um quê de animação. —O que está fazendo?

Arrasto Alex pela mão, empurrando a multidão com os ombros. Subimos as escadarias até o segundo andar no momento em que as luzes voltam a piscar e o equipamento de som dá sinais de vida. As luzes se acendem e a festa volta a ganhar cores no momento em que empurro a porta do salão. Fecho a porta, e a escuridão nos engole.

O coração ameaça sair pela boca. Estamos em um salão vazio, e a penumbra só é quebrada pelas luzes que vazam dos janelões. A música da festa reinicia, chegando abafada do primeiro andar.

Encosto as costas na porta, ofegante. *O que acabei de fazer?* Causar um apagão é tudo que Kuhn precisa para não desistir mais de nós!

—O que deu em você? — Alex pergunta divertido, a não mais que dois metros de distância. Suas mãos estão no bolso e sua máscara no topo da cabeça.

—Não sei, — respondo descolando da porta e andando até uma mesa. —Achei ter visto o homem que está nos procurando.

—Nos procurando?

—*Me* procurando, — eu conserto.

Alex me lança um olhar de lado, estranhando a história. No entanto, caminha tranquilo até as portas do outro lado do salão como se estivesse ali para explorar o lugar. Abre a primeira porta e vê que ela leva a um corredor iluminado por onde passam garçons equilibrando copos sobre bandejas. Fecha a porta imediatamente, dirigindo-se à próxima. —O que você está escondendo, Nina?

Tanta coisa que nem sei por onde começar, penso tombando sobre uma cadeira e pousando a rosa sobre a mesa. —Achei ter visto uma pessoa, só isso. Daqui a alguns minutos podemos descer.

—Já cheguei onde queria estar, — ele diz abrindo a segunda porta. O acesso dá para um quarto minúsculo de rouparias, onde prateleiras de metal equilibram até o teto torres de toalhas brancas.

—O que está procurando? — pergunto quase sem voz.

Alex já está na terceira e última porta, mas ao conferir que está trancada, retorna. —Um modo de sair daqui com você sem passar na frente desse homem que está tentando evitar.

Ele caminha até onde estou e para na minha frente. Pego ar, tomando coragem: — Precisamos conversar sobre esse homem, Alex.

Durante todo o trajeto até a festa, vim pensando de que maneira poderia proteger Alex de Kuhn, da natureza e também de mim. Decidi que Alex precisa saber da verdade, ou pelo menos parte dela. Se essa é uma boa ideia eu não sei; tampouco sei que parte da história contar.

—Também tenho algo para falar, — ele diz em tom suave.

Minhas sobrancelhas se apertam. Antes que tenha tempo para perguntar o que tem a dizer, ele pousa a mão no meu braço: —Mas não aqui.

A pulsação acelera ao seu toque. Ele entrelaça os dedos aos meus, e o olhar que me lança está cheio de intenções. Quanto piores elas me parecem, mais eu as quero.

Ele me ajuda a levantar. Assim que damos um passo em direção à porta, outros se anunciam no corredor. O cheiro enjoativo de colônia se espalha ao redor como fumaça por uma casa em chamas. —Kuhn está subindo, — sussurro estagnando no lugar.

—Como sabe disso? — ele pergunta, e no mesmo instante os passos ficam audíveis. Agindo rápido, Alex me puxa na direção contrária, até a segunda porta. Abre a porta do armário entulhado, onde caberia no máximo uma pessoa –talvez metade de um de nós – e me enfia ali dentro.

—O que está fazendo? — pergunto com os olhos arregalados. Ele não tem tempo de responder: cola o corpo ao meu e fecha a porta no exato segundo em que Martin Kuhn e sua assistente entram no salão. Ouvimos a porta se escancarar na parede fazendo um *bam*.

A escuridão no armário é total. Com o coração latejando pelo corpo, ouço o homem comentar sobre a existência de um interruptor em algum lugar.

Uma voz feminina invade as frestas: —Eles não estão aqui.

Meu estômago embola.

—Eu os vi entrar aqui, — Kuhn responde parecendo vasculhar o ambiente. Fecho os olhos com força, como se fechá-los pudesse me fazer desaparecer. Abro de súbito os olhos, lembrando da rosa. *Deixei a rosa que Alex me deu em cima da mesa!*

—Olhe, — a voz feminina diz, e ouvimos passos cruzarem o salão. Alex morde os lábios. Sua respiração preenche cada centímetro do cubículo, me arrepiando inteira.

—A rosa que ela tinha na mão, — Kuhn fala.

Alex se remexe, encostando em diferentes partes do meu corpo. Tento me afastar, mas esbarro na estante atrás de mim e ela treme. Alex a firma pressionando o corpo contra o meu, e segundos de total constrangimento se passam.

—Onde eles podem estar? — Kuhn pergunta.

—Talvez tenham partido.

Ouçoo o barulho da maçaneta do quartinho ao lado girar. *Kuhn vai nos encontrar*, entro em desespero. Ele contará a Alex o que eu sou, e Alex sumirá da minha vida, horrorizado.

—Acha que ela contou a ele quem é? — a assistente pergunta a Kuhn. —Ela parece gostar dele.

Abaixo a cabeça e tampo o rosto. Minhas orelhas queimam ao ouvir a frase. Alex encosta o dedo em meus lábios: —Shhh.

Inclino a cabeça para trás, mas ele envolve meu queixo com a mão, terno e cuidadoso.

—Ele não sabe, — Kuhn afirma. —Não viu a cara dele quando ela chegou? É como se o mundo tivesse parado.

É a vez de Alex ficar constrangido. Os dedos ao redor do meu rosto se afrouxam, e posso jurar, mesmo no escuro e sem ver quase nada, que seus olhos se afiam. *É verdade, Alex? O mundo parou quando me viu?*

Que Kuhn nos pegará ali dentro torna-se gradualmente uma preocupação secundária.

—Venha, —a assistente diz a Kuhn. — eles devem ter saído por esse corredor.

Os passos se distanciam, e o fio de luz que vaza pelo vão desaparece. Ficamos algum tempo estranhamente encostados um no outro, para ter certeza de que eles realmente se foram. A face queima de vergonha, e a língua não tem desculpas ou explicações para o que foi ouvido.

O corpo de Alex é uma fornalha, e o sobe-desce de seu peito me aperta toda vez que ele pega ar. Remexo tentando achar uma posição menos constrangedora, mas essa posição não existe. Alex continua silencioso, o que faz minha afobação parecer infantil e descontrolada.

—É verdade? — ele pergunta. Tateio o vento até encontrar o fio da lâmpada pendurada sobre nós. Puxo-o trazendo luz e quase o fio inteiro ao espaço abarrotado de tralha. Alex tampa o olho com uma careta.

—O quê? — finjo não entender o que ele quer saber.

—Que gosta de mim?

O rosto entra novamente em erupção. Empurro-o e ele descola de mim, dando um passo para trás. Minha cabeça desentala do pequeno vão entre seu peito e a prateleira, os braços conseguem se mover, e as pernas se acomodam entre as dele. *Ele apertou propositadamente o corpo contra o meu?* A menos que as paredes tenham se alargado, só isso explicaria o súbito espaço.

—Vamos sair daqui, — digo tentando chegar à porta, mas ele barra minha saída.

—Responda, Nina.

—Precisamos ir embora, — falo com um fio de voz.

—Passamos do ponto de não retorno, você não acha?

Minhas pernas bambeiam, e é necessário um tremendo esforço para que ele não note que as mãos também tremem. Quero tanto o que pode acontecer se continuar ali que fico com medo.

O calor do ambiente aumenta como se alguém girasse ao máximo o botão da

temperatura. Alex não se move, nem eu.

—Sobre o fim da nossa conversa não terminada, — ele murmura sendo pouco específico, afinal nenhuma de nossas conversas foi concluída. —Não estava pronto para contar tudo antes.

Olho para seus lábios, perigosamente próximos: —E está agora?

—Parece uma boa hora para trocarmos confidências, não? — ele sobe os olhos para me encarar. Ele ouviu Kuhn; eu também tenho um segredo.

Balanço a cabeça que sim com um gesto minúsculo.

É estranho como algumas coisas podem ser resolvidas sem palavras. Como, em poucas ocasiões, não reagir faz deslizar peças faltantes para seus lugares. Não partir foi nossa declaração.

Seus dedos tocam gentilmente meu rosto enquanto seu olhar corre minhas feições. Será que Alex sente, como eu, as fagulhas e centelhas que incandescem o cômodo e o estômago? Que tem a certeza, como eu, que está no lugar certo, fazendo a coisa certa?

Alex se inclina, e nossos lábios se encaixam como recortes de uma velha matriz. Sua língua acaricia a minha enquanto uma sensação me toma de assalto: eu o reconheço. Sua boca à vontade na minha é uma prova disso, quase uma confissão.

Entrelaço os dedos atrás de seu pescoço, e todo o resto – Kuhn, o mundo, a viagem – desaparece. Sua boca se ajeita, muda de lado. Desço a mão até seu peito, e de tão próximos, meus dedos me tocam de volta. Eu não me reconheço mais; estou dentro de um corpo estranho, que explode em sensações desconhecidas sem saber que guardava minas sob a pele.

É durante esse pensamento que ele se afasta.

—Nina, — ele sussurra. Seus olhos são um labirinto sem qualquer oferta de saída, um enredado de trilhas possíveis e caminhos sonhados. —O fim é simples.

—Fim? — estranho a palavra, certa de que ela agora, se mal empregada, me levaria ao

desespero.

—O fim das frases que eu nunca termino.

—E qual é o fim? — Pergunto sem qualquer interesse por fins.

Ele tira uma mecha de cabelo da frente dos meus olhos: —O fim é que me apaixonei por você. No minuto em que te vi, há muitos anos atrás.

XI

Segredo vs. Segredo



Saltamos sobre as mesas que impedem o acesso à praia, ignorando os avisos de ‘proibido passar deste ponto’. Corremos entre risadas até que o hotel fique para trás e vire um ponto geométrico contra o horizonte. A areia morna chia sob os nossos passos. O ar está estático e imperceptível, como se a enorme duna que parece prestes a estourar sobre nós o tivesse engolido.

Alex sobe o monte de areia com uma das mãos, enquanto me puxa com a outra. Subimos entre risos e tropeções até alcançamos o topo. Lá de cima, a paisagem é uma pintura. O céu é um borrifo de estrelas azuis, e o lago lança à praia um ruído tranquilo.

Alex enlaça minha cintura e me puxa para perto: —Já pensou em ficar?

Seguro um suspiro, fazendo que sim, que pensei em não ir a lugar algum no verão. Naquele instante, por exemplo, sinto um desejo terrível de não partir. —O que aconteceria se eu ficasse? — solto de modo impensado.

—Nós. Eu e você é o que aconteceria se ficasse.

—E se eu partir?

Sua resposta me faz sorrir: —A resposta é invariável.

Sorrio, encostando a cabeça em seu peito. Quero acreditar nisso, mas não posso.

Infelizmente –e eu sei disso, mas ele não – a verdade alteraria sua resposta. O que ele faria quando descobrisse que seu caso de primavera é uma bruxa?

—Eu cancelaria tudo por você, — ele diz rente ao meu ouvido, como se falasse com a parte mais secreta de mim. —O curso de verão, minha ida para Lafayette. Tudo.

Afasto o rosto, olhando-o: —Você não pode fazer isso.

—Eu poderia fazer o curso no verão que vem, não tenho que correr contra o tempo.

—Eu vou voltar, — digo na pontas dos pés para olhá-lo nos olhos.

—É uma promessa?

Balanço a cabeça que sim. *Você é o que me trará de volta para cá.*

Mesmo que não falemos a respeito, fica combinado que ele me esperará, e por um instante só, partir não parece mais tão ruim.

Escorregamos pelo declive até a água. Sentamos na areia, ele com as pernas esticadas e eu com as minhas cruzadas. Observamos ondas minúsculas correrem a areia, nivelando-a de tempos em tempos. Penso em contar a ele sobre Kuhn quando ouço sua voz: —Orion, Ursa Menor, Sirius mais a frente, — diz com o dedo apontado para cima. Alex está nomeando as constelações.

Olho para a teia de luzes que não faz qualquer sentido para mim: —Como consegue agrupá-las?

—Tempo, — ele diz. —Com o tempo você começa a vê-las. Está vendo aqueles pontinhos que parecem um ‘w’?

Tento enxergar mas não consigo. As estrelas me parecem difusas, como se estivessem com a bateria fraca.

—Chegue mais perto. — Aproximo o rosto do dele, vendo a ponta do seu dedo tocar algo longínquo: —Essa é Cassiopéia.

Cassio-quem? me pergunto olhando as curvas do seu rosto, distraída pelo cheiro do seu

pescoço.

—Você pode enxergá-la o ano todo, um ‘w’ no hemisfério Norte, um ‘m’ no hemisfério Sul. Seja lá onde parar, pode encontrá-la no céu e se lembrar de mim.

Encosto o queixo em seu ombro, olhando a constelação distante: —Prometo que me lembrarei.

Ele passa os braços ao redor do pescoço e me puxa para perto, beijando minha testa. Abraço-o pela cintura, e ele se encolhe mostrando o ponto fraco para cócegas. Claro que o ataco. Sua resposta entre risadas é me deitar na areia, e com a rapidez de um lince põe-se sobre mim. —Assim não vale, você é muito maior que eu, — reclamo entre sorrisos com os pulsos presos ao lado da cabeça.

Sua risada morre, e seu olhar aguça. Sua boca desce gentil até a minha, deixando minha respiração concreta. Seu corpo se encaixa ao meu como o lado oposto de um recorte, e seu peso afunda minhas costas contra o tapete morno e granuloso.

Escorrego os dedos pelo cabelo macio, traçando o contorno de sua nuca até a gola do terno. Retiro-o como se o farfalhar duro do pano não combinasse com o momento, e seu paletó cai na areia. O próximo passo da dança é dele. Alex solta meu rabo de cavalo até que seus dedos corram livres pelo cabelo solto. Seu olhar, quando se afasta, é de embevecimento.

Abro um botão e insinuo a mão dentro de sua camisa. Acaricio suas costas, seus ombros, as curvas do braço. Como alguém pode parecer tão forte e ser tão suave? Lembro-me da tatuagem, e puxo a manga de sua camisa delicadamente para o lado tentando vê-la.

Ele segura minha mão e com um gesto firme a traz de volta.

—Por quê? — pergunto.

—Precisamos falar sobre a tatuagem.

Antes que eu reaja ele se levanta. Sequer consigo mostrar meu desapontamento: Alex já

abotoa a blusa, fechando-a completamente.

—O que tem ela? — pergunto vendo suas feições endurecerem.

Ele se senta ao meu lado, e seus dedos enlaçam os meus. —Posso contar tudo agora, mas não quero que parta em seguida. Quero que fique, e converse comigo.

Não entendo o que ele tem de tão importante para falar, ou que justifique tamanho suspense: —Por que não me conta aqui?

—Quero que esteja perto de casa quando eu mostrá-la.

—Por quê? — pergunto achando aquela história cada vez mais estranha. A música da festa ecoa ao longe como um tambor, e em algum lugar ali perto um cachorro late, irritado.

—Você pode querer ir embora.

Abro a boca, sem saber o que dizer ou pensar. *Que segredo Alex guarda?* E como posso ouvir seu segredo sem ferir a regra básica da reciprocidade? Não me importo que com nada que ele me mostre. Que em seu braço está tatuada uma ex-namorada, sua avó ou um urso de pelúcia. Enquanto ele mantiver seu segredo, posso manter os meus. Não há como equipará-los. Meu segredo não tem competição.

—Não me importa o que tem tatuado no braço, — digo segura do que estou falando. Alex está para retrucar quando ouvimos chegar do topo da duna uma voz conhecida: —Chris, pare! — Danielle solta uma risada.

As pernas de Danielle surgem batendo no ar, jogadas sobre um dos ombros de Chris. Melinda vem logo atrás deles, trazendo uma garrafa cheia de ponche. Ao nos ver, Chris coloca Danielle no chão. —Nina? Alex? — Danielle pergunta.

O pequeno grupo desce a duna, andando em nossa direção.

—Onde vocês se meteram? — Melinda diz preocupada. —Tem um homem na festa perguntando sobre você! — Abaixando o tom, ela completa: —Ele disse que é do governo.

O coração, antes acelerado, some do peito. O único som audível é o do cachorro latindo ao longe.

—O que foi que você aprontou? — Danielle esbarra o ombro no meu, e quatro pares de olhos pousam em mim.

Abro a boca sem saber o que dizer. Que tipo de mentira contaria, e como posso falar a verdade? Assim que olho para Alex, ouvimos o ganido. O cachorro que latia à distância chora tão alto que nos viramos na direção do barulho. Após um gemido vem o silêncio completo. Viro em direção ao grupo, em seguida para a duna adiante. O monte sinuoso, prateado pelo brilho da noite, parece nos olhar de volta.

Estreito os olhos. Do outro lado, a vegetação que cresce na areia igual tufos de cabelo farfalha. Parece dançar alerta, denunciando uma presença.

Sou então atacada por cheiros e sons que não pertencem àquele lugar. Um cheiro de selvagem, acompanhado pelo barulho de patas sobre a folhagem. Os olhos finalmente acordam, assim como os pelos do braço.

—Não, — murmuro olhando a duna, em seguida procurando os olhos de Alex. —Não pode ser.

Não pode ser, mas é.

XII

Sobre Lobos e Tatuagens



—Vamos embora agora! — agarro o pulso de Alex com uma mão e o de Melinda com a outra. Dou um passo à frente, afundando os pés na duna alta quando Danielle coloca a mão no meu ombro: —O que está acontecendo?

—A gente precisa voltar para a festa! Já!

—Por quê? — Chris dá de ombros sem entender meu desespero.

Porque o cheiro deles está no ar. Volto a esquadrihar a areia com os olhos. Alex tenta me acalmar: —Nina, você está pálida. O que está acontecendo?

—Precisamos voltar, — abaixo a voz, tentando fazer o coração se acalmar. —Não estamos seguros aqui.

Não preciso de olhos para ver o que a escuridão esconde. O grupo se entreolha, olha ao redor. —Podemos ir? — volto a escalar o monte de areia que nos levará de volta ao hotel.

Subimos em fila indiana, em completo silêncio. Vou observando as pegadas ao redor, mas elas são muitas. Sobem, descem, encaminham-se para o lago. Quase na metade da duna, viro e olho para a mata à esquerda, à procura de sinais. Uma trilha estreita desaparece entre árvores escuras, e a impressão é que alguma coisa lá dentro se mexe. Olho para trás, vendo que Chris não parece preocupado.

—Chris? — eu o chamo. —Você pode se apressar?

A frase sai nitidamente engasgada. O grupo acompanha minha angústia em silêncio, sem entender o que eu vejo e eles não. Caçoando de minha preocupação, Chris toma impulso e põe-se de quatro, ultrapassando-nos na subida. Balanço a cabeça sem acreditar quando um barulho quase imperceptível de galho partido faz todos virarem-se para a mata.

—Nina, você está... — Danielle interrompe a frase, olhando minhas mãos. —Tremendo?

Poucos metros à esquerda, um arbusto mexe ainda que nenhuma brisa tenha soprado. Como se algo passasse atrás dele. Algo agachado ou sob quatro patas.

—O-o que foi aquilo? — Melinda gagueja.

Não, eu suplico em pensamentos. *Não hoje, não agora*. Corro os olhos de um lado para o outro, tentando ajustá-los à escuridão. A mente insiste em imaginar o pior dos cenários para o fim daquela noite.

Sem tirar os olhos da vegetação, Alex pergunta: —Você acha que são os...

Ninguém tem coragem de completar a frase. Todos ouviram as histórias, os avisos para não se arriscarem em florestas e descampados. Ninguém poderia imaginar que eles apareceriam ali, tão perto da cidade e à beira do lago.

Olho para o paredão de dunas que nos cerca sentindo gotas de suor escorrerem pela face. Aqui é o local perfeito para o ataque. Há uma matilha inteira posicionada estrategicamente à direita, sobre as dunas e dentro da mata.

Uma enorme massa escura move-se entre a folhagem, e a adrenalina explode no corpo: —Precisamos sair daqui, agora! — grito, e dessa vez todos disparam duna acima.

O grito de Chris ecoa a metros de nós: —O QUÊ?! — Um rosnado gutural se mistura ao grito, e as cenas seguintes são um borrão. Chris rola atracado a uma criatura morro abaixo com o braço na frente de sua bocarra.

Gritos histéricos explodem na praia: —Lobos!

—Fique perto de mim, — Alex coloca o corpo na minha frente a tempo de levar em meu lugar o baque que nos derruba. Tombo na areia, e os grãos invadem os olhos. O peso do corpo de Alex sobre o meu tem o efeito de uma paulada. Descemos pela duna até o chão, enquanto tento pegar o ar que não chega. Meu pulmão parece fechado, e a boca está cheia de areia. Alex rola para o lado, lutando com um vulto peludo. Os rosnados e os gritos estão ao redor, dentro e fora de mim, uma confusão de sons inconciliáveis. Tento levantar e abrir os olhos, mas as pálpebras parecem lixas. Quando consigo enxergar, vejo Danielle encolhida no chão, mãos sobre a cabeça, gritando a plenos pulmões.

—Tire ele de cima de mim! — Chris grita mais adiante. Um lobo robusto de pêlo eriçado move as presas a milímetros de seu rosto.

Ao todo, cinco lobos pulam sobre nós. Movimentos passam como um borrão à frente; braços, mãos, pelos, pés. Tento puxar o ar para o corpo, cambaleando ao procurar apoio sem encontrar algum. Tudo ao redor escurece e clareia, sombras de pessoas e bichos se misturam à volta. *Eu preciso de ar, eu preciso de ar.*

Quando Melinda tenta correr, o animal cinza atrás dela acelera. O pulmão se expande, e eu grito: —Melinda! — mas é tarde demais, um dos lobos a lança no chão. O impacto de sua cabeça no solo é tão violento que o rosto dela tomba de lado.

O animal gira a face, fixando os olhos amarelos em mim. Suas orelhas se abaixam e ele franze o focinho. Dou um passo para trás ouvindo o rosnado baixo, sem conseguir tirar os olhos dos caninos longos como dedos. Alex dá um chute no animal que o ataca, que gane e recua. —Nina, você se machucou? — ele grita se levantando. Tremo tanto que não consigo responder.

O cheiro é de sangue. De medo. Olho para Alex e vejo que ele foi perfurado em pelo menos três lugares. Sem tempo para ajudá-lo, aponto para o animal que se prepara para pular sobre nós. Seu braço me empurra mais uma vez para trás, antes que o lobo negro pegue

impulso e salte sobre seu peito. Alex e lobo caem ao meu lado.

—Não! — eu grito. As mandíbulas do animal mordem duas vezes o ar antes que encontrem a carne do seu braço. Alex solta um grito agonizante de dor.

Eles iniciam uma luta feroz. Pulo sobre eles, puxando os pelos escuros para longe do rosto de Alex; puxo com toda a força que tenho, mas as mãos retornam cheias de pelos entre os dedos. Alex tenta de todas as maneiras afastar o animal de seu rosto. Um de seus antebraços está imobilizado, preso entre a mandíbula do bicho, e com a outra mão ele tenta socar o animal. Toda vez que o lobo se esquiva traz junto seu braço, lacerando ainda mais sua pele.

O lobo sobre Chris o prende ao chão. Os pelos do bicho estão eretos e seus caninos à mostra, prontos para rasgá-lo em pedaços. Danielle chora encolhida ao lado de Melinda, enquanto um lobo cinza circula as duas, como se as vigiasse.

O lobo chacoalha o braço de Alex como um cachorro faz com um osso de brinquedo. Alex se contorce de dor, e meus gritos se misturam aos dele. Chuto o lobo na barriga, nas patas; o animal responde arrastando Alex centímetros pela areia, como se quisesse levá-lo dali. Alex tenta acertá-lo com o joelho, depois com o pé, mas o lobo se esquiva de suas pernas.

Eu me jogo sobre eles. Afundo o rosto na pelagem do lobo, tentando unir as mãos à sua volta. O lobo é largo demais, minhas mãos não se encontram. Ele nos arrasta mais alguns centímetros; Alex debaixo, eu em cima. Os gemidos de Alex deixam de ser gemidos, são agora gritos. Ajusto os braços em volta do pescoço do animal, usando o peso do corpo para estancá-lo. Posso ouvir a batida acelerada de seu coração, o rosnado que sobe do peito como um motor. Com a precária chave de braço, puxo o animal. O gesto o estrangula, e o bicho solta o braço flagelado de Alex.

O lobo gira o pescoço e crava os caninos no meu ombro. Facas fincam a carne, e eu grito. Agarro o pescoço do animal antes que ele invista novamente contra Alex. Puxo-o com tanta força que suas patas gigantes levantam no ar.

Seus caninos brilham, cobertos do sangue viscoso. Em poucos segundos estou coberta de sangue também, do meu próprio, e do sangue de Alex que goteja de sua boca. O lobo continua a rosnar, movendo o corpo como um touro bravo, e minhas mãos escorregam. —Por favor, pare! — suplico perto de sua orelha antes que ele se solte. —Por favor, por favor— repito não uma, mas milhares de vezes. Suas orelhas se mexem.

O lobo se afasta alguns centímetros, e antes que ataque novamente eu me jogo sobre Alex. Afundo a cabeça em seu pescoço e protejo assim seu corpo com o meu. Se o lobo quiser matá-lo terá que me matar primeiro.

Espero receber a mordida nos ombros, nas costas, no pescoço que lateja bombeando acelerado o sangue. Posso sentir, antes que aconteça, suas presas cravando-se em mim. Meus dentes estão prensados, no aguardo da dor.

Alex tenta se soltar, mas eu o seguro com tanta força que o imobilizo. Não posso perdê-lo sair. Preciso confiar que o lobo me reconhecerá, que os relatos que um dia ouvi sobre nosso reconhecimento mútuo é verdade. Preciso acreditar nisso ou morrer acreditando.

O sangue jorra do machucado na frequência das batidas do coração. A cada segundo que a mordida não vem a ansiedade cresce. O rosnado agressivo e a baforada quente na nuca disputam com o gemido doloroso que vem de Alex. Ele está mais machucado do que eu; posso sentir pelo líquido que atravessa quente a malha da camiseta e ensopa minha barriga.

Chris consegue afastar o animal que pulou sobre ele, mantendo-o à distância com um graveto na mão. Danielle continua ajoelhada ao lado de Melinda, chamando seu nome em gritos histéricos.

Olho para eles, uma confusão de vultos e berros, notando algo errado. Chris não foi atacado; seu pavor é sincero, mas o lobo parece um tanto desinteressado em comê-lo. E em que universo uma fera poderia ser afastada com um graveto? Danielle também não tem um arranhão, e Melinda desmaiou porque bateu a cabeça no chão.

Ao mesmo tempo, o ataque de Alex é real. Ele geme sob mim, sangra profusamente. O sopro quente da boca do lobo em minha nuca também é real. Por que ele não me morde e acaba com tudo?

Há incoerência no ataque. Preferência, favoritismo.

Só por isso, por essa certeza, largo Alex. Ele me olha com olhos arregalados, as pupilas tomando todo o verde da íris. Volto o rosto para o lobo. Seus olhos são negros e grandes, e suas orelhas estão inclinadas. O contato visual, frontal, é um convite ao ataque e tudo em sua postura diz isso. Os caninos se aproximam do meu rosto. O cheiro fétido e metálico do sangue dispara a eletricidade pelo corpo. *Ele vai me morder.* O suor pinga da testa sobre o nariz.

Mas o lobo me ignora. Sua cabeça se move, como se eu obstruísse sua visão. O lobo quer Alex. O ataque acontecerá, eu não tenho forças para impedi-lo. É então que decido, ou o selvagem em mim decide, que para enfrentar um monstro é necessário outro.

Meus olhos viram duas bolas de fogo. Ao ver o fogo, o lobo dá um passo para trás.

Eu me levanto, e os outros animais olham para mim. Danielle não entende a princípio o que são as chamas contra o escuro da noite, mas suas lágrimas a confundem apenas brevemente. Ela grita assim que reconhece que o que emoldura as chamas é o meu rosto. — Melinda! — ela começa a chacoalhar a amiga. —Acorde! — Sem conseguir acordar Melinda, Danielle engatinha até Chris, que larga o graveto e a acolhe nos braços.

Eu entendi tudo quando vi que só Alex foi atacado. Ainda que não intendessem fazer aos outros nenhum mal, as feras vieram com a missão de fazer mal a Alex. O porquê eu não sei, nem tenho tempo de descobrir.

Os lobos se unem à fêmea que me atacou, cientes de que em grupo conseguirão o que um sozinho não conseguiu. A fêmea dá um passo em minha direção.

Com as mãos abertas e dedos espaçados, estico os braços. Fecho os olhos e viro o rosto, como se não conseguisse ver o que vou fazer — o que, após feito, não terá retorno. Faíscas

crepitam das pontas dos dedos, saltando com estalos em todas as direções. A fagulha incandesce o ar, alastrando-se como vinhas no espaço e girando em redemoinhos flamejantes e caóticos. As labaredas se organizam suspensas, correndo um arco imaginário similar aos círculos de fogo por onde pulam feras no circo. A areia da praia ganha tom dourado quando o círculo paira sobre ela como um halo luminoso.

Como se agarradas pela gravidade, as chamas desabam. Danielle se encolhe nos braços de Chris. O fogo chamusca as costas da loba, que solta um ganido e salta para trás. Rodeados por labaredas e finalmente seguros, tombo na areia.

Alex tem um dos braços sobre o rosto em posição de defesa, o outro morto sobre o corpo. Seu abdômen sobe e desce à procura de ar. Engatinho até ele com o corpo tenso, mas ao tocar seu braço ele se encolhe. —Calma, sou eu. Sou eu.

Ele tira o braço da frente do rosto. Ao ver meus olhos vermelhos, crava os dedos na areia: —O quê? — ele usa toda a força que tem para arrastar-se para trás, e imediatamente recuo também. Seus olhos correm meu rosto. Procuram a garota de antes, sem encontrá-la.

—O fogo vai mantê-los afastados, — murmuro menos como explicação que justificativa de feitiço. Dou um passo para trás, com medo de que Alex pergunte *e quem afastará você de mim?*

Viro para o lago e abano os olhos, tentando extinguir as chamas. Eu não as domino mais, elas são agora regidas por outra ordem, e permaneceriam enquanto sentissem o perigo. Alex tomba a cabeça no chão, deixando escapar um gemido.

Melinda acorda do nocaute. Chris a ajuda a se sentar, enquanto ela pergunta o que aconteceu. Não olho para ela, apenas exalo aliviada por saber que ela está bem.

Danielle ajoelha-se ao lado de Alex: —Você precisa ir para um hospital! — Alex não reage, mas também não discute.

Ando até a borda do círculo, parando tão rente ao fogo que ele arde na pele. A cena é

absurda. Cinco lobos entre o lago e nós, separados por uma linha de fogo. Como aceitar que aqueles animais se esgueiraram por cidades e campos com o propósito de atacar Alex? Lobos não atacam humanos!

Os lobos retornam meu olhar com igual interesse. A fêmea alfa, cujo contorno se confunde com o lago, me fita de volta. Os outros, menores e de colorações que variam do amarelo ao cinza, agem como adolescentes despreocupados esfregando-se na areia.

Aquela noite inaugura uma nova época da minha vida. Nada jamais voltará a ser como antes.

Quando meus olhos normalizam eu me viro. As vozes se silenciam.

—Oh meu Deus, você está machucada, — Melinda corre em minha direção. Ajeito o trapo que a manga da camiseta virou, passando a mão pelos três furos na pele. Ao trazer os dedos à frente do rosto, vejo que estão vermelhos e pegajosos.

Melinda não me deixa afastá-la. Ela investiga os buracos do meu ombro, gritando para Danielle: —Nina também precisa levar pontos!

Seguro sua mão sob a minha: —Não preciso de pontos. O machucado fechará sozinho. — Ela tenta argumentar olhando para a laceração da pele, mas por algum motivo se cala.

Ando até o resto do grupo. Chris e Danielle entreolham-se, mas não se afastam. Ajoelho ao lado de Alex, e antes que peça para ver o machucado ele segura a minha mão: —Onde eles te machucaram? — Sua mão se ajusta ao meu pulso, apertando-o como se precisasse se certificar de que estou ali.

—No ombro, — sussurro vendo seus olhos correrem angustiados meu corpo à procura de ferimentos. Ele toca o local de onde escorre o líquido escuro.

—Estou bem, — eu o asseguro. Ele volta a deitar a cabeça no chão. Sua respiração amansa, ganhando tempo entre um arfar e outro enquanto seus dedos alisam gentilmente a minha pele.

—Ele precisa cuidar desse machucado, — Danielle diz atrás de mim. —Não só ele, você também.

Olho para a pequena poça sobre a areia, causada pelo sangue que pinga do meu cotovelo. Concordo com a cabeça. —Alguém trouxe um celular? — pergunto.

Ouçó o farfalhar de mãos tateando os bolsos. —Eu trouxe, — Chris exclama. Mas antes de ligar para o socorro ele estica o aparelho para o fogo e faz uma foto. Fecho os olhos ao ouvir o *clic* seguido da luz artificial que ilumina o local.

—Não para tirar fotos, seu imbecil! — Melinda rosna. —Chame uma ambulância!

Chris tecla o número do resgate. Enquanto conversa com o operador, Danielle pergunta para Melinda atrás de mim: —De onde esses lobos vieram?

—Canadá, — Melinda responde sem paciência. —Céus, onde esteve nas últimas semanas? A TV só mostra isso!

Chris ralha com Melinda, Danielle se defende dizendo que não vê TV e os três começam a discutir, esquecendo-nos por alguns instantes. Quando olho para Alex pego-o me olhando. Há tanta intensidade em seus olhos, tantas perguntas no aguardo de respostas que tenho vontade de chorar. Sinto um embaraço profundo ao lembrar que ele se declarou aquela noite, a mesma noite em que descobriu o meu segredo. *Você se declarou para alguém que não existe.*

—Agora entendo por que não queria saber sobre o meu segredo, — Alex murmura. — Você tinha o seu.

Abaixo o rosto, fazendo que sim com a cabeça.

—Quando pretendia me contar?

Nunca é a resposta, mas pergunto ao invés: —Está com muita dor?

Alex move o braço e franze a testa. —Muita.

—Tire a blusa, — peço em agonia. Sua camisa em farrapos está coberta de sangue, e mal dá para saber o que é pele e o que é roupa. —Posso fazer alguma coisa antes que a ambulância

chegue.

Alex se recusa, e eu me irrita. Apoiando-se sobre uma mão ele se senta. Tateia o tórax à procura de algum outro ferimento, enquanto sento sobre os calcanhares: —É por causa da maldita tatuagem? — pergunto sem acreditar. O que ele pode esconder ali de tão sério? O que poderia ser pior que a revelação do *meu* segredo?

—Não quero falar sobre ela agora, — ele diz baixo, torcendo a face de dor. Danielle se aproxima, atenta à conversa. —Por que não tira ao menos a manga para darmos uma olhada no machucado? — ela também insiste, mas Alex balança a cabeça que não.

Desisto de tentar convencê-lo. Ando até a borda do círculo e abro caminho entre as chamas, fechando-o atrás de mim. Lavo a pele na água doce do lago até que o buraco das mordidas esteja limpo, e as unhas clareiem do sangue coagulado. O sangue do ombro ainda jorra por um tempo, espalhando-se como tentáculos pela blusa branca. Logo depois, estanca.

Estou quase de volta ao círculo quando ouço um —Que bobeira! — seguido do rasgo ruidoso. A manga da camisa de Alex sai nas mãos de Danielle, e sua tatuagem fica à mostra.

Danielle deixa escapar um som de surpresa.

Clareadas pelas chamas, vejo as feições tranquilas de quem ignora a curiosidade que desperta. É tarde demais para escondê-la. Não há a menor dúvida de quem é a mulher tatuada no braço de Alex.

Aquela ali sou eu.

XIII

Nunca é apenas uma chuva



O clarão súbito me cega. A mente embaralha, e acho que vou cair. Os dedos estão sem cor, enrijecidos ao redor da alça fria. Tropeço nas rodas quando o segundo clarão me ofusca outra vez.

—O que aconteceu? — A médica grita encaixando uma máscara no rosto de Alex. Sua voz ecoa como se viesse do interior de uma caverna escura: *o que aconteceu?* Outra vez, e outra. —Ela está em choque — a mulher avisa alguém. Sou afastada da maca e Alex parte, carregado em direção a alguma parte reclusa do hospital.

Não me lembro do que aconteceu. Na verdade, não me lembro de nada. Lembro que tudo à volta estava como se em alta resolução: as cores distintas, os cheiros afiados. A memória é uma imagem: lembro do ataque dos lobos, seguido da revelação do meu segredo — e do segredo de Alex.

O segredo sou eu. Deitada com o queixo sobre as mãos, com o cabelo vermelho espalhado ao redor dos ombros. Minha visão em seu braço causa a todos – inclusive em mim, dona do rosto – uma profunda estranheza. Não há mais ruídos de música distante, ou som de ondas na margem. A mudez é conjunta – o grupo, a paisagem – todos emudecem comigo.

Após o choque inicial, meu pedido soa impróprio, mas indiscutível: cinco minutos. Cinco minutos antes de acionarem a polícia, para dar vantagem aos lobos na fuga. Cinco minutos para ouvir a explicação de Alex e dar a minha.

E simples assim, a memória termina ali.

—Venha, Nina, vamos sair daqui, — Ava me puxa. Ela aperta o cobertor ao redor do meu ombro, enquanto assisto entre vultos meu pai conversar com bombeiros e policiais. Mais à direita Neela observa a cena, e quando nossos olhos se cruzam ela move discretamente a cabeça, como se dissesse *eu cuido disso*.

Ava me enfia dentro de uma saleta vazia. O ar se fecha sobre nós, sufocante, como se a sala inteira estivesse envolta em saco plástico. Afasto o cobertor e rasgo o farrapo que prende a camisa ao ombro, franzindo a testa, ainda que sem dor. As mãos vão para a cabeça, implorando a ela que funcione. Eu me lembro dos lobos, do fogo, da partida do grupo. Então a mente dá um salto e aterrissa ali.

Quando as palavras enfileiram-se, conto à Ava sobre os lobos, sobre o ataque, sobre o fato de que meus amigos sabem agora o que sou. As palavras saem emboladas, e não faço sentido a mim mesma. Ava acompanha o relato sem emoção. Talvez aguarde que eu conte o que nos traz ao hospital, já que o cheiro de queimado do corredor não pode vir dos furos no braço de Alex.

O cheiro de fumaça que insulta os sentidos está em toda parte. *Fogo*, é o que vem à mente. *Fogo e calor*.

—O que a polícia está fazendo aqui? — pergunto confusa.

—Vieram investigar a explosão. Sua avó está cuidando disso.

Faço que entendo, mas não ouço suas palavras. Levanto, cambaleando até a porta: — Preciso ver Alex. —Minha mãe dá um passo para o lado, colocando-se na frente da saída.

—Sei que precisa, mas não pode.

Não entendo por que não poderia vê-lo. *E por que você está me olhando assim?*

—Como você está? — ela quer saber. Não há preocupação comigo na sua pergunta, o tom é de quem precisa avaliar se posso causar mais danos. —O que você fez?

—Como assim, o que eu fiz?

Ela calibra os olhos, tentando arrancar algo de minhas memórias, mas não há nada ali para ser arrancado. —Alguma coisa atingiu Alex, Nina.

—E você acha que fui eu?

Você fez alguma coisa.

Um lampejo acende a memória. Ava sente, assim como eu, a diferença em cada célula do meu corpo. Olho para minhas mãos. Estou acordada, carregada de energia pulsante. Posso não me lembrar do que aconteceu, mas o corpo conta parte da história. O queixo começa a tremer, e tampo a boca para não gritar. *O que foi que eu fiz?*

As memórias chegam aos poucos, desmembradas.

Eu estou em pé, Alex está sentado na areia. O fogo é um risco incandescente que traz cor e calor à praia deserta. Quando sua pergunta corta o silêncio, quase sorrio por tê-la antecipado com tanta exatidão: —O que você é?

É horrível que uma bruxa sempre tenha que explicar sua existência, que tipo de anomalia é, e por que vive entre humanos. —O que acha que eu sou, Alex?

—Diga-me você.

Assim que eu disser o nome, tudo que eu fui desaparecerá. O que antes estava confuso ganhará contorno, e o rótulo me categorizará em um modelo. Deixarei de ser Nina, e passarei a ser outra coisa. Digo mesmo assim: —Sou uma bruxa.

Ele ouve em silêncio, em seguida se vira para o lago. Enquanto seus olhos vagueiam pela escuridão tentando entender o que isso significa, apago o fogo com o olhar. A praia volta a

ficar escura.

—Você me enfeitiçou? — ele pergunta de costas.

—Não. Nunca lancei nada sobre você.

Alex se vira, como se contestasse minha afirmação: —Mas é você tatuada no meu braço.

Olho para a tatuagem sem qualquer vontade de olhá-la: —Acha que foi assim que chegou ao meu rosto? Que eu lancei sobre você um feitiço?

—Não sei. O que sei é que desde criança eu sonho com você.

Não tenho ideia de quanto tempo eu e Ava ficamos ali, sentadas no chão da sala fria. Aos poucos as notícias chegam, e não são boas. A polícia quer saber sobre o ataque dos lobos, e o que pode ter causado o apagão na festa. Querem saber também o que explodiu na praia, e por que um homem do Departamento de Comércio insiste em falar conosco à sós.

Como se compadecidas, as memórias retornam de vez, e eu finalmente me lembro.

—A Sra. Perez sabia, — Alex diz.

—Não, ela não sabia que éramos bruxas.

—Não sobre isso; ela sabia sobre *mim* — ele toca a tatuagem. —Ela me perguntou se eu conhecia a garota do desenho.

Com apenas dois passos ele se coloca na minha frente: —Eu disse que a moça do desenho não existia, que era alguém que morava na minha cabeça. Que eu sonhava com ela desde menino. Ela me disse que a garota existia.

—Como a conheceu? — murmuro sem entender a relação que eles tinham, e por que Alex acabou se mudando para a casa da frente.

—Eu a conheci antes que falecesse. Quando ela piorou, pediu que me chamassem ao hospital. Falou sobre a casa, disse que não tinha herdeiros e que gostaria de deixá-la para nós.

Lembro como se fosse hoje de suas palavras: “sua garota existe, e é ainda mais bonita ao vivo.”

Tomo coragem para encarar seus olhos. Estremeço ao sentir seu polegar acariciar a lateral do meu rosto, sem entender que esta seja sua reação. Alex não me olha com medo, ou questiona o que eu sou. Ele me olha com amor.

Ao longe ouvimos o som da ambulância se aproximando. As lembranças encaminham-se para o final, cheirando a um oceano distante e ondas batendo nas pedras.

—Mais do que sorte, mais do que acaso, — ele fala. —A sua mágica fez a gente acontecer.

Passo a mão pelo desenho pela primeira vez, evitando os furos que se iniciam logo abaixo de uma das mãos. Pela imagem eu pareço causá-los, ser a origem de todos os ferimentos. Abandono a tatuagem e pouso a mão ao lado esquerdo do seu peito, o único lugar onde quero estar. Deito o rosto ali, e as batidas sob sua pele me acalmam. Não tenho dúvidas de que aquilo que cresce em mim me queimará. Queimará também Alex, eu sei. Mas Alex não parece ter medo do fogo, e nem de lobos, e nem de bruxas.

Uma sensação quente me envolve por inteira. *Eu não estou mais sozinha.*

É nesse segundo que sinto o pingo cair sobre o nariz. Ergo o rosto, vendo que o céu, antes aberto, está coberto por nuvens pesadas.

—Chuva? — Alex limpa uma gota do rosto observando a umidade na mão. *Eu me esqueci completamente Dela.* —Apenas uma nuvem.

—Nunca será apenas uma nuvem, — murmuro.

E como eu bem sabia, não era.

XIV

Mais do sorte, mais do que acaso



O domingo chega e passa, e eu não parto. Vou para casa, tomo banho e chuto o relógio mágico para debaixo da cama em um ataque de raiva. Desde então, acampo na recepção do hospital.

Os jornalistas chegam logo depois. Querem saber tudo, mas os plantonistas de sábado estão de folga. Na segunda feira, Melinda e Danielle aparecem durante o horário de visitas. Partem apressadas, sem falar comigo.

Na quarta-feira Ava consegue, não sem esforço, levar a mãe de Alex para casa. Jenny, esse é seu nome, atinge seu limite quando um médico explica para ela as sequelas que a queda do raio deixará em seu filho. Problemas circulatórios, cardíacos, neurológicos. Perda total ou parcial de memória. A mulher, que veio para Valparaíso esperando recomeçar a vida, agora corre o risco de perder Alex para uma eventualidade. Um capricho. Ao partir já não quer mais falar comigo, sequer me olha mais. Talvez tenha chegado à conclusão de que meu rosto no braço do filho é mau presságio. *Que eu sou mau presságio.* As mães não costumam se enganar sobre esse tipo de coisa.

E assim fico sozinha no hospital.

Através da vidraça acompanho a trajetória do sol e as cores que ele traz. As tranquilas da aurora, as estridentes do meio-dia, a calma do crepúsculo. Os últimos raios da quinta-feira se abrem no horizonte como um leque, tingindo as poucas nuvens de azuis e vermelhos. É perturbador como a Grande Mãe parece tão à vontade sendo, ao mesmo tempo e na mesma intensidade, tão magnificamente bela e tão terrivelmente cruel. É nesse momento que o grupo se aproxima. Ava, Neela, Elka e Max. O frio corre a espinha. A família inteira só pode significar um tipo de notícia.

Neela se senta ao meu lado e pousa a mão sobre a minha perna. —Você precisa ir para casa, querida.

—Assim que Alex sair do coma, — respondo. Eles sabem disso.

—Não, você precisa precisa arrumar as malas.

Estreito os olhos, informando-a de outra coisa que ela sabe: —A viagem está suspensa. Não vou a lugar algum até que Alex acorde.

—Sinto muito, ela não está, — minha avó diz. —Recebemos ontem a resposta.

—Que resposta?

—Tenho notícias da bruxa. — Dizendo isso ela me estende um pedaço de papel.

Um e-ticket no meu nome.

Só de ida, para a Romênia.



Às três da manhã deixo mais uma vez a recepção e ando até o quarto de Alex. As luzes do corredor zumbem baixo, e as enfermeiras dormem sobre os braços, imersas em sono mágico. A cabeça lateja do choro e os olhos estão inchados. É hora da despedida.

O coração, antes sumido, pulsa violento ao ver Alex sobre a cama, pálido e envolto em cheiro de éter. Seu coração bipa calmo na tela; o mesmo som, a mesma monótona evidência de que ele ainda respira mas não está ali o suficiente para acordar. Mantenho distância, a fim de não embaralhar a máquina como da última vez.

—Oi, — murmuro passando os dedos pelo lençol. Seu rosto bonito apresenta uma barba rala e crescida. —Não vou colocar a mão em você, não sem antes esquentá-las, — aviso esfregando a mão na outra. Quando os dedos aquecem, afundo-os em seu cabelo. Afasto as mechas da testa, contornando o caminho das sobrancelhas em direção aos lábios secos. Logo abaixo dos ombros, as fissuras antes escurecidas estão seladas pela pele nova, fina e lustrosa. Ele emagreceu, sinto aflita ao pousar a palma sobre um osso da costela.

Ajeito o lençol sobre sue peito. Não intencionalmente, olho para a onde um dia esteve a tatuagem. Caminhos vermelhos correm a pele como capilares, mostrando a rota da descarga elétrica. Os furos causados pela presa do lobo foram eclipsados por um estrago infinitamente maior. Alex foi atingido pela mais violenta manifestação da natureza. No lugar da tatuagem hoje eu vejo apenas um recado: *não mexa comigo*.

Sou tomada por uma vontade indócil de ouvir seu coração bater sem aparelhos. Cansada e infeliz, deito ao seu lado, me ajeitando para caber na faixa estreita da cama. —Eu já falei que vou embora, não falei? — Imagino que, perdido em seu coma, Alex deve estar pensando: *de novo? Você já me contou isso*.

—Desta vez eu vou mesmo. Não quero, mas preciso.

Sua resposta não vem, e o silêncio é enlouquecedor. *Por que você não acorda?* pressiono os olhos. *O que te mantém nesse estado?*

Estou tão cansada, tão sem forças, que mal consigo me manter acordada. A penumbra, o calor do seu corpo, o som de sua respiração, tudo colabora para que as pálpebras cedam e o sono me envolva como um cobertor macio. Os pensamentos são soprados para longe. Entro em

um estado fluido, pisando aqui e lá.

Não sei quanto tempo durmo, mas quando desperto, o dia clareia. A ronda do próximo turno começará em poucos minutos, e levanto da cama esfregando o rosto com as palmas.

—Hora de ir, —falo sem saber por quê, ou como explicar para onde. Com os olhos ardendo de sono e o coração esmagado, ando até a porta. Assim que a lufada de ar atinge o rosto, ouço o *bipbipbip* acelerado.

Isso não pode estar acontecendo, é meu primeiro pensamento. Alex está voltando? Corro de volta em sua direção, mas os bipes desaceleram, voltando ao bip—bip—bip moroso de antes. Os pensamentos tentam se organizar, atordoados. Sou eu quem está atrasando a sua melhora? Abro a boca em horror, sabendo quem está por trás disso.

Uma enfermeira, atraída pela alteração do padrão do monitor, me empurra para o lado e grita algo para mim. Não consigo responder, meu queixo bate desarranjado. Os pensamentos giram, rápidos. A Grande Mãe continua atenta a mim. De sua maneira, Ela força um acordo do qual não tenho como fugir: você parte, ele melhora; você fica, ele permanece onde está.

Outra enfermeira chega correndo: —O que está fazendo aqui? — pergunta. A chegada do médico exigindo ações tira seu foco sobre mim.

Da porta vejo o peito de Alex subir e descer com a força de um touro. Em um ato reflexo, sua mão se move e toca o machucado, como se soubesse o que o levou ali. Sua cabeça pende para o lado e seus olhos se abrem. Eles encontram os meus por entre vultos que se movem agitados. Embora ele me veja, não há neles o brilho de antes. São sombras das estrelas que um dia foram; dois pontos pálidos e distantes no espaço.

Naquele segundo eu estou ali, no próximo não estou mais.

Corro pelos corredores em prantos, com o rosto molhado de lágrimas. O vento que me alcança ao sair pela portaria do hospital é a melhor sensação dos últimos dias. A sensação de que na atmosfera ainda existe ar, que eu consigo respirar.

Um sol em fogo abre espaço no céu lilás. As lágrimas descem grossas, doídas. Sem saber por quê, ou ter alguém mais a quem recorrer, peço à Deusa um sinal. Um sinal de que se continuar serei recompensada, de que, se eu for boa e cordata, terei direito a um final — ainda que distante — feliz para minha história.

Um sinal! Imploro a Ela. Eu faço tudo que você quiser, mas por favor me dê um sinal!

Há algo de febril e raivoso no modo como o sol sobe. Aquela ira pode bem ser o meu sinal.

Nesse momento uma mulher de cabelo esvoaçante salta do carro. —Nina Wolf? — ela me aborda. —Meu nome é Anneliese Alberto, trabalho para Martin Kuhn.

Olho para o carro do governo, vendo Martin Kuhn sentado no banco do carona. —Não é um bom momento, — aviso rude. —É na verdade o pior de todos.

—Eu sei. Sinto muito pelo... — ela indica com a cabeça o hospital.

Cogito eletrocutá-la. O que, me convenço, não chegaria a ser um ato completamente horrível visto quão perto estamos do pronto-socorro. Olho para Kuhn, sentindo a mão coçar: —Por que ele não vem me dar diretamente o recado?

—Oh, — Anneliese olha para trás. —Ele não está se sentindo muito bem nos últimos dias. Dor de cabeça, eu acho. Parece que ela não cede desde sábado.

—Que coisa, — murmuro.

Anneliese se aproxima alguns centímetros e abaixa a voz: —Ele acha que estou aqui para convencer você a colaborar conosco. Ele não sabe que vim para falar sobre outra coisa.

Em seguida, juntando palavras como se não houvesse espaço entre elas, Anneliese conta que Kuhn está elaborando um relatório que apresentará a seus superiores na semana seguinte. Usará o apagão e a explosão na praia como argumento para nos intimar judicialmente, e que a vida como a conhecemos está com os dias contados. Ela não vem como cavaleira do apocalipse (expressão sua); vem oferecendo uma solução, embora não entenda bem como a

solução solucionaria coisa alguma.

Naquele ponto da conversa eu decido prestar atenção.

—Eu conversei há poucos dias com uma de vocês, — diz olhando sobre o ombro para o chefe, que observa tudo de longe. —Essa mulher, que diz ser bruxa, insistiu que eu as alertasse para o perigo que a minha agência significa.

—E por que nos alertaria? — pergunto desconfiada.

—Porque Kuhn está errado.

Seus olhos me dizem pouco. Não respondem, por exemplo, o que ela ganha fazendo isso. Anneliese une as mãos e estala os dedos. —Importa-se que eu chame vocês assim? De bruxas? — Balanço a cabeça que não, vendo-a tatear o termo como se lidasse com ovos.

—Pois bem, essa bruxa Guiana insistiu nessa história de cupins *Kamikase*. Disse que se um dia eu tivesse a chance, que mencionasse esses insetos para vocês. Parece-me que esses cupins carregam um tipo de mochila que explode os inimigos quando a colônia está sob ataque. Você sabe do que ela está falando?

—Eu sei do que ela está falando.

—Você sabe? — ela repete com olhos arregalados. —As mochilas de explosivos são uma metáfora, certo? Uma alegoria? — pergunta para confirmar.

Coço a sobrancelha evitando rolar os olhos. Balanço a cabeça que sim.

Sua expressão de alívio é ruidosa — ela funga e exala, aliviada. —Ufa, pena capital por colaborar com terroristas está descartada! — tenta rir.

Ao girar discretamente para o lado, o pingente que traz na base do pescoço brilha. Um pequeno e delicado círculo dourado, o símbolo da Terra. FRANZO a testa, sem conseguir tirar os olhos da jóia que, tenho absoluta certeza, pertence ou um dia pertenceu a uma bruxa. Uma bruxa de linhagem antiga, como a minha. Ela nota meu interesse.

—Você o reconhece? — ela pergunta unindo o queixo à pele do colo para enxergar o

colar. —Foi um presente da minha avó.

—É muito bonito.

Por que ela tem a jóia de uma bruxa? Ergo as vistas para olhá-la. A assistente de Kuhn se parece cada vez menos com alguém que o assiste.

—Minha avó ganhou quando pequena de uma de vocês, por isso perguntei se o reconhecia. Ela deixou amigas assim na Polônia, quando veio para cá fugida da guerra. Costumava falar sobre as ‘mulheres que mexiam com o mundo’, e como elas se apoiavam incondicionalmente. Dizia que eram sempre uma matilha, três ou quatro gerações juntas. Que nunca tinham filhos, só filhas.

—Importa-se se eu ler o que está escrito atrás do pingente? — pergunto sentindo as mãos comicharem de curiosidade.

—Como sabe que existe uma frase atrás dela?

—Existe uma história inteira atrás de uma jóia dessas.

A mulher retira o colar e o estende para mim, continuando: —Cresci fascinada por esses relatos. Eles traziam cor à infância sem sonhos, às madrugadas em que era acordada pelo ronco da própria barriga. Minha vó sempre dizia que quem andava sozinha, andava cansada. Que sem confidentes, amigas, mães ou irmãs não chegaríamos onde podíamos chegar. Eu acreditei nela.

Viro o pingente para a luz. As letras reluzem, agrupando-se em palavras que eu não entendo.

—É Polonês, — Anneliese explica. —Minha avó era polonesa.

O sol, já não mais colérico, acalma o céu em um tom único de azul. Estendo-lhe o colar de volta, sem esconder meu desapontamento. Não há o que fazer, aquele não é o meu sinal.

Antes que pegue o colar de minhas mãos, Anneliese diz: —Mais do que sorte, mais do que acaso.

Minhas mãos se fecham ao redor da jóia, e um risco gelado dispara pela espinha.

—É a tradução do que está escrito, — ela dá de ombros como se não pudesse fazer nada a respeito da frase sem pé nem cabeça.

O colar cai de minhas mãos. Anneliese o resgata e o prende de volta no pescoço, sem entender que a frase me quebrou.

Eu pedi um sinal, e lá está ele. Trazido por alguém improvável e escrito em uma língua estranha. Como entendê-lo eu não sei, mas tudo em mim o aceita.

Volto a olhar com os olhos mareados para a assistente de Kuhn. —Por que se importa?

—Com o quê? — seu olhar enternece ao ver que estou prestes a chorar.

—Com Ela, — olho ao redor. *Com nossa linhagem. Conosco.*

Anneliese procura uma resposta. Pode dizer que é uma causa tão boa quanto qualquer outra, que tudo na vida merece viver. Mas é mais do que isso que a move.

—Não sei, — ela responde, sincera. —Não sei porque estou colocando meu emprego em risco. Sei menos ainda no que estou me metendo, — admite com um sorriso desajeitado. — Mas sei que se não fizer isso terei um buraco aqui dentro —ela aponta para o peito. —Um buraco que não enche por nada, só quando eu faço a coisa certa.

Ela continua: —Acho que me entristece saber que verei ainda em vida um quarto das espécies do planeta desaparecer. Que o último elefante morrerá em um circo, e o último tigre definhará em um zoológico. Talvez tenha conseguido visualizar a pobreza do mundo, e esse mundo me assustou.

Não gosto que ela veja como engulo suas palavras com dificuldade. Talvez, por achá-la no momento alguém melhor do que eu, dou-lhe o que quer.

—Elka Wolf. Ela é a bruxa que Kuhn procura, o nosso cupim kamikase.

Anneliese franze a testa, memorizando o nome. —Tem certeza? —pergunta. —Preciso alertar vocês que serão intimadas a falar na frente de uma comissão. O nome de sua tia entrará

para o FBI como pessoa de interesse, e ela será ameaçada ou até mesmo detida se não cooperar. Você entende a seriedade disso?

Faço que sim com a cabeça.

A angústia de Anneliese é visível: —Se você se importa com Elka, não dê a ele seu nome.

—Kuhn mexeu com a colônia errada, — alerta para o caso dela ter esquecido com quem está lidando. —Somos bruxas, embora raramente tão maléficas. Espero que não fique sem emprego, Anneliese. Elka será o golpe de misericórdia na sua agência.

Deixo Anneliese para trás sem explicar como um cupim idoso que explode os inimigos nas colônias da Guiana se relaciona com a pacata bibliotecária do interior. Anneliese não entende também o que eu quero dizer com golpe de misericórdia, não entende quase nada.

Mas em breve entenderá.

XV

Bine ati venit în România



A primeira coisa que ensinam a uma bruxa, ainda menina, é o poder da *magia*. Somos doutrinadas a acreditar que essa fonte de energia vital, além de abundante e justa, é acessível a todos e está no mundo apenas no aguardo de nossa descoberta. Crescemos dispostas a nos tornar parte dela. Afiamos os sentidos, aguçamos a percepção. Ela é boa, as bruxas afirmam. Possui-la nos engrandece, tê-la é poder.

O que a conspiração de mães, tias e avós não contam é que a magia vem com um preço. Ela lembra um pouco dados da internet: abundantes, facilmente acessíveis e compartilháveis, mas definitivamente pagos. Talvez não vejamos sua relação direta com o custo final, mas ele está lá. Embutido nas ofertas, escondido em promessas e propostas. A Grande Mãe cede parte de sua força às bruxas, mas pede algo em troca.

Max buzina e eu acordo, concluindo em pensamento: a jornada é uma emboscada. Ela não é um caminho para a liberdade, ela é o fechamento de um acordo.

Tomo o lugar à janela do carro, ao lado de Elka e Neela. Dou adeus à reserva, vendo as

árvores à distância balançarem os galhos mais altos de volta. Tento não olhar para a casa de Alex, nem pensar nele em um carro repleto de curiosas ávidas em entender meus pensamentos. No mais, paira ao seu redor da casa vizinha uma tremenda tristeza; como se ela, de tão velha e pálida, tivesse morrido novamente.

Folheio o livro das sombras, um presente de Elka. O cheiro de lavanda das páginas semi transparentes e salpicadas de flores secas dança no ar. As bordas do papel, delicadamente imperfeitas, são um lembrete de que a natureza nunca é simétrica ou previsível. Um alerta para quem embarca em uma viagem por ela.

—Escreva nele tudo que encantar seu espírito, —minha tia aconselha. Não sei mais o que encantaria meu espírito, mas duvido que encontre encanto no verão da Romênia rural.

—Obrigada, — digo apenas.

—Coloquei outro presentinho em sua mala. Mas abra apenas quando estiver lá.

—Não é nada ilícito, é? — Minha mãe se vira com cara de preocupada.

—Em alguns lugares, talvez. Mas não se preocupe, — Elka sussurra em meu ouvido — escondi bem no fundo.

Repassamos na próxima hora a situação de Elka. Em breve ela estará sob vigília do governo, intimada a responder por todas pelos eventos ocorridos nos últimos dias.

—Você está preparada? — minha avó pergunta a ela.

—Sempre estive, — Elka responde quase alegre.

Chegamos ao aeroporto de O'hare com pouco tempo para despedidas. Abraço um a um, deixando minha mãe para o final. Sentirei falta de nossas conversas, de sua cumplicidade tranquila. Ela afaga meu cabelo e beija minha testa: —Seja uma boa menina.

—Deveria ter me ensinado a ser uma, —respondo vendo-a enxugar uma lágrima. Envolvendo-me em um último abraço, ela pergunta: —O que devo responder se Alex perguntar por você?

Ava não sabe o que aconteceu. Tudo o que sabe é que em algum momento, no raiar da manhã, Alex acordou.

—Ele não vai perguntar por mim.

Alex acordou sem saber quem eu era, o que eu fui. Esse foi o jeito que a Grande Mãe encontrou para mostrar quem está no controle.

Para meu alívio Ava não diz mais nada. Força um sorriso e me empurra gentilmente para a porta de embarque. Sumo atrás da porta de vidro sob os olhares chorosos de minha família, e só então me dou conta de que estou inteiramente sozinha, em um mundo desconhecido onde não sei o que me aguarda.

Pela primeira vez em dias sinto um vislumbre de felicidade.

O dia já amanhece quando pouso em Frankfurt. O aeroporto é, na falta de palavras, uma amostra do mundo. Pessoas de todas as nacionalidades cruzam meu caminho: homens de turbantes, mulheres em saris coloridos, mães de aspecto atormentado carregando filhos em coleiras. Um grande caldeirão multicultural onde ninguém se nota, onde as diferenças são tão comuns que não merecem espanto. Eu estou no mundo. Eu não tinha ideia quão grande ele era até o momento, e quão pequena sou por desconhecê-lo.

Localizo o portão de embarque para Bucareste, capital da Romênia. Enquanto aguardo o voo, desdobro o último e-mail de Regina, neta de Parascheva. Nele ela explica como chegar à cidade de Braşov, na Transilvânia, onde nos encontraremos.

De Bucareste sigo de trem até a cidade nas montanhas. O trem serpenteia bosques e campos de girassóis. Enquanto acompanho a paisagem que passa pela janela em velocidade pouco impressionante, um senhor toma o lugar vazio à frente. Ele pede educadamente com licença —eu acho— e ajeita a valise ao lado.

Rugas proliferam ao redor de seus olhos, e seu nariz tem um aspecto bulboso. Tirando o

chapéu e deixando à mostra o cabelo branco, pergunta com acento carregado: —Turismo?

Balanço a cabeça que não, respondendo que não falo Romeno.

—Estudos? — ele tenta na minha língua.

Abro a boca para dizer que não quero conversar, mas me interrompo. Li certa vez que entre os que andam pelo mundo existe um código de camaradagem, que viajantes conversam. Não conheço a razão ou os porquês do comportamento, mas embora não queira conversa, dou uma chance à lei da estrada. —Nem um nem outro. Vim conhecer alguém.

—E onde essa pessoa mora?

Olho as montanhas que se erguem majestosas ao longe: —Perto da Pi-a-tra Crai-u-lui, — falo com pronúncia sofrível. O rosto do homem vira um merecido ponto de interrogação.

—Oh, *Piatra Craiului*, — ele repete complacente. —É uma região muito bonita... Corre a lenda que é guardada por bruxas. — Em seguida o homem se desculpa, desmerecendo seu próprio comentário: —Mas são apenas lendas. Não quero assustar você.

Sorriso de volta, sem responder que não me assustou.

Em Braşov, salto na estação vazia. Lanço a mala ao chão, admirada pelo contraste das montanhas altas contra o céu impressionantemente azul. As encostas íngremes causam estranheza em quem só conhece horizontes planos.

O trem apita e parte. Desço a mochila pesada pelos braços, e a falta de peso revela o vazio que o peito esconde. Penso em Alex, e o vazio se expande como um balão. Me pergunto se Alex também sente o mesmo — aquele buraco no peito que indica que algo morou ali, mas agora não mora mais. Seu vazio, se existente, não perduraria. O tempo se encarregaria de apagar a sensação de que falta algo, de que existiu um dia alguém ali. Talvez sua falta já tivesse diminuído, e ele tivesse retornado à forma antiga, como uma espuma inteligente.

Pego ar, estalando os dedos. *Onde está Regina?*

Um velho relógio suspenso no teto da estação mostra as horas: onze e cinco. Arrasto

minhas coisas até um dos bancos da plataforma e acerto meu relógio, várias horas atrasado. Olho por trás dos ombros. Nem sinal de Regina.

E se ninguém aparecer para me buscar? Se eu abrisse a carteira sairiam só traças de dentro. *Esse seria um bom castigo pela minha relutância*, penso levando o canto da unha à boca. *Parar em um país estranho, sozinha, sem um centavo no bolso.*

Infelizmente, a Grande Mãe sabe dar castigos com mais eficiência que eu consigo imaginá-los. Um barulho de pneus rolando sobre as pedras chama minha atenção, e um carro de marca estranha estaciona entre as muitas vagas vazias. Uma mulher jovem, vestida de calça cáqui e botinas pesadas salta do veículo e pergunta: —Nina Wolf?

Um senso de alívio e igual desespero me varrem: como se estivesse, ao mesmo tempo, sendo salva de uma tragédia e empurrada de vez para ela. —Sou Regina Silviu, — a mulher fala com sotaque carregado. Regina tem cabelo castanho e olhos escuros e afiados. Seus traços são angulosos e as maçãs do rosto, ressaltadas. Ando até ela arrastando a bagagem; apertamos as mãos, e ela me ajuda a colocar as malas no carro. Em seguida partimos em direção à casa de Parascheva.

Regina conta que é sua neta mais nova, e que é advogada em Braşov. Que visita uma vez por mês a avó, e que ela e as dezenas de mulheres de sua família revezam-se nos cuidados com a matriarca. Conta também que dias fascinantes me esperam na ‘ilha’ da velha bruxa.

—Parascheva mora em uma ilha? —Pergunto envolta em uma nuvem de embriaguez causada pelo cansaço.

—Não, nós é que chamamos o local de ilha. Parascheva mora *perto* de uma vila que fica *perto* de Braşov.

Deixamos a cidade para trás e logo estamos aos pés das montanhas, renteando-as por uma estrada comprimida entre grandes árvores. Dos cumes altos que quase tocam o céu descem filetes de neve que mais parecem artérias que irrigam um coração. Casas rústicas de

telhados pontiagudos aparecem aqui e ali, imitando os cumes ao redor.

—É impressionante, — murmuro esticando os olhos pelo vidro para ver o topo da montanha mais alta. —Esses são os Cárpatos?

—Sim, estas montanhas fazem parte da cadeia dos Cárpatos.

Com as pálpebras forçando caminho para baixo, adormeço no banco do carona pendendo a cabeça para frente. Sonho com cumes altos, florestas escuras e artérias de eletricidade. Só acordo quarenta minutos depois, quando o chacoalhar do carro me desperta. Estamos em frente a uma porteira, onde uma placa de madeira antiga diz *privat rutier*.

Salto do carro bocejante e abro a porteira, enquanto Regina segue com o carro. A estrada estreita e sinuosa segue morro acima, escurecida por árvores de copas altas. No fim da estrada, onde aguardo ver a casa da velha, vejo apenas uma clareira.

—Onde está a casa?

—Não demorará muito agora. Temos que seguir a pé desse ponto.

Embora tenha dito isso Regina sorri, como se o eremitério da avó fosse algo positivo. Ela tira minha bagagem do carro e lança um olhar discreto para o tipo de sapato que eu uso. Ao ver que calço tênis ela balança a cabeça, aprovativa.

Arrasto a mala pela estrada coberta de pedregulhos até chegar ao fim. Subitamente a montanha acaba, e um desfiladeiro profundo substitui o chão.

Estico o pescoço para ver o fundo, mas quando o enxergo centenas de metros abaixo sinto o chão girar. Largo a mala, apoiando as mãos nos joelhos, tonta.

—Você está bem? —Regina pergunta.

Balanço a cabeça que sim, pedindo um segundo com o dedo. Quando a vertigem se dissipa, noto as pedrinhas estranhas sob os pés. O chão está coberto delas.

—O que são essas pedras? — pergunto pegando algumas do chão. Não parecem preciosas, mas brilham como se fossem.

—Conhece a história de João e Maria?

Balanço a cabeça que sim, evitando pensar na história que fala, resumidamente, de uma bruxa que mantém crianças cativas em sua casa da floresta.

—Foram elas que guiaram as crianças para casa quando escureceu. — Regina pega uma pedra da minha mão. As pedras brilham, ainda que o sol não incida sobre elas.

Nas versões mais antigas do conto, João e Maria jogam as pedras pelo caminho com o intuito de achá-lo de volta. A história é originária da Europa, faz sentido. Lanço as pedras de volta ao chão, resistindo à tentação de colocar algumas no bolso. Tomo fôlego e suspenso a mala.

Rentemos o abismo pela trilha sem árvores até que enxergo um ponte. Pisco algumas vezes, sem acreditar no que os olhos mostram. À frente, uma ponte estreita de madeira e cordas velhas pende bamba sobre um vale sem chão. O que ela liga? Um abismo a uma coluna de pedra.

Em algum lugar distante no tempo, uma parte da enorme montanha rachou e se separou do todo, isolando-se como uma coluna alta e magra no centro do vale. Essa pilastra natural, talvez por culpa da erosão ou constituição própria, ergue-se isolada dos paredões de pedra. *E parece instável*, viro a cabeça para me certificar de que ela não está torta.

O precipício é transposto apenas pela ponte de segurança questionável, o único meio de chegar à velha. Regina se lança à ponte como se fosse o próprio Indiana Jones. Ela só percebe que não a sigo quando já está sobre o precipício. —Você não vem?

Abraço minha mochila, balançando a cabeça que não.

—Confie nos seus instintos, vamos! — ela exclama. —O que eles te dizem?

Averiguo o que meus instintos dizem: eles dizem ‘não vá’.

Ela volta. Uma mão segura a minha, a outra ergue a mala. Vamos todas agora—eu, Regina, mala e mochila, mais de cento e cinquenta quilos sobre a ponte, sentindo-a balançar

sob os pés. *O que levaria alguém a morar neste lugar?*

Regina já está conectada a meus pensamentos como um computador a um bom sinal de *wi-fi*: —É uma boa maneira de manter os ursos e lobos longe do quintal, —responde como se eu tivesse perguntado alto. —Um urso faminto pode ser uma dor de cabeça para uma idosa. Parascheva não tem mais 80 anos.

Quando a ponte termina, meus pés firmam na terra como raízes. Entre árvores finas, os contornos da casa ficam claros. A parede escurecida, a arquitetura estranha, o marcador de ventos de ferro que gira sobre o telhado, onde, acima das quatro letras que indicam as direções, uma pequena bruxa voa em uma vassoura.

—As árvores antigas foram outro motivo para que Parascheva deixasse a floresta, — Regina reclama. —Aqui as árvores são jovens. Passam a maior parte do tempo nas raízes, cuidando de seus afazeres. Mas as de lá—ela indica com o queixo as árvores da floresta. — Aquelas só querem saber de bater papo.

Olho para trás, para as árvores ao longe. Fico satisfeita por Regina seguir na frente e não ver que eu a observo com desconfiança. Algo me diz que ela não bate bem da bola.

—Parascheva foi uma santa, não foi? — pergunto arrastando a mala e mudando de assunto antes que veja que eu estou pensando mal dela. O nome incomum de minha futura tutora rendeu uma pesquisa na internet.

—Uma santa rebelde que largou tudo para viver no meio do nada, — ela responde.

Vejo uma luz passar pela janela da casa. Um lampião. Olho para cima procurando fios, constatando que ali não há energia elétrica. —O meio do nada faz algum sentido.

—O rebelde faz sentido também, —Regina responde em um tom que entendo como de alerta.

Assim que pisamos na soleira, a porta adornada por um vitral octogonal se abre e Parascheva surge à frente.

Céus, eu seguro uma interjeição de susto. Céus me ajudem.

XVI

Detestável Bruxa



De muletas e lampião na mão, Parascheva me observa. Anos e anos de vida engelham-se sobre a face queimada de sol, uma pele que pode ter sido descrita como enrugada anos atrás (hoje seria necessário um novo termo, já que múmias no Egito são mais bem conservadas). O cabelo escapole sob o lenço negro como teias de aranha, e do queixo saltam fiapos semelhantes a bigodes de gato. Um de seus olhos é castanho, alojado sob uma órbita funda—o outro está coberto pela catarata e parece feito de vidro azul. Uma leve corcunda toma suas costas, mas a cereja do bolo definitivamente é o nariz adunco que exhibe uma infeliz verruga na ponta. A velha é a imagem que o mundo tem das bruxas.

A mulher abre um sorriso de poucos dentes para a neta. Sua voz soprosa causa tanto espanto quanto sua aparência: —Olá, Regina. — Regina a cumprimenta e entra na casa. Sou eu e a velha, agora, que afia um só olho em minha direção.

A bruxa dá um passo para frente, escorando-se em sua muleta. Observa meu rosto como se eu fosse um quadro na parede, ou uma obra em exposição. Ergue a mão até meu cabelo, pega uma mecha entre os dedos nodosos e diz, sem qualquer simpatia: —Você está atrasada.

E com essa recepção calorosa, a porta bate atrás de nós.

Parascheva pede em romeno que Regina coloque minha mala no quarto de hóspedes, ou pelo menos é isso que acho. Regina some com a mala casa adentro e a velha põe-se a me inspecionar. Faço o mesmo com a casa, muito menos por curiosidade que acanhamento. Objetos variados acumulam-se no ambiente em uma confusão caótica. Potes de conserva, vasos de latão, gaiolas enferrujadas penduradas pelo teto, tapetes escuros espalhados por todo o ambiente que suspeito ser uma sala. Uma pequena janela deixa a luz penetrar no ambiente. É meio da tarde, mas a claridade não basta para que alguém se movimente ali sem bater a canela em obstáculos dos mais diversos.

O cheiro é de alho. Não alho tostado; alho cru. Cabeças de alho amarradas por cordas pendem aos montes de portas e janelas. A velha também cheira ao tempero, mas o odor está diluído entre o de suor e naftalina. A mulher continua a correr o nariz ao meu redor. Não arrisco olhá-la, ela ainda me assusta.

Seu próximo gesto me faz enrugar a testa. Com o olho bom fixo em algum lugar do meu rosto, ela balança a cabeça de um lado para o outro, como se não aprovasse o que vê: —Você está doente.

Seu comentário me deixa surpresa, e respondo: —Não estou, não. — *Estou triste, não doente.* O corpo está em ordem, só o coração vai mal. Mas isso a velha não tem como saber, tem?

—Nada de coração, nada de coração, —ela ralha. —Você está doente como acredito que esteja doente. REGINA! —berra fazendo com que eu salte no lugar. —Venha aqui!

Regina grita algo do outro cômodo, aborrecida por ser requisitada novamente. Parascheva grita alguma coisa na língua estranha, a neta revida. Eu não sei se as duas estão brigando ou conversando. Mas deve ser coisa de romeno (que depois vim a saber, acredita ter sangue latino), porque a arenga não se prolonga. Logo Regina está andando entre nós, conversando com a mesma voz amável.

—Antigamente, quando alguém ficava doente, procurávamos por sua alma, — Parascheva fala. Demoro a entender que está falando comigo. —Você não tem nem ideia para onde a sua escapou, tem?

—Quem, minha alma? — franzo a testa vendo-a claudicar em direção à poltrona. Por que tenho a impressão de que ela me observa como se eu fosse uma mercadoria defeituosa, cujo problema só foi descoberto quando abriu o embrulho?

—O que mais seria? — ela resmunga aproximando-se da poltrona de ré. Tombando sobre o assento puído, a velha se recosta no travesseiro de fronha amarelada. —Venha até aqui, — ela me chama curvando o dedo ossudo.

Ando sem vontade até a bruxa, torcendo para que Regina volte logo. Sua mão agarra meu braço e me força a sentar no *ottoman* à frente. O pequeno móvel titubeia, avisando que só tem três pernas. Como se quisesse checar se eu estou bem —ou me causar intencionalmente mal— Parascheva cutuca com o dedo minha barriga repetidas vezes. A mão calejada aperta minhas bochechas, meu pescoço, meu braço.

Aguento com olhos arregalados os toques, mas perco a paciência quando ela estala a boca desdentada e grasna: —Ack! Como eu desconfiava, você está doente. Você é magra e amarela demais! — decreta.

—REGINA—berra mais uma vez por trás dos ombros. —Traga comida!

—Não se preocupe, — digo empurrando seu dedo para longe. —Não estou com fome.

—Bobagem! — ela grita ao meu lado, confusa por não perceber que eu estou exatamente à sua frente. —O que esses ossinhos de suas costelas me dizem? Dizem o contrário! Você sairá daqui redondinha.

Não foi exatamente isso que a bruxa de João e Maria disse para as crianças? Penso em desespero.

—Redondinha, e com a alma no lugar. — ela completa unindo os lábios chupados,

simulando um movimento de boca parecido com a mastigação.

Regina adentra segundos depois a sala com um chá de ervas, um copo de leite amarelado e um *stollen* de passas e castanhas. —Você deve estar morrendo de fome, coitadinha, — fala penalizada como se eu tivesse acabado de chegar de um campo de refugiados. Não contesto; não sinto fome, mas quanto mais eu mastigar, menos preciso conversar.

Assim que ela pousa o *stollen* sobre a mesa, minha barriga ronca.

—Eu sabia, — a velha grunhe. —Você está faminta, faminta! Vamos, beba! — ordena pegando com a mão trêmula o copo de leite amarelo.

O cheiro de curral sobe às narinas. A repulsa toma o estômago ao ver o copo de aspecto engordurado. *Leite de cabra*, penso congelando no lugar. O corpo avisa logo: assim que o líquido entrar, ele o expulsará.

—Beba tudo, é bom para engordar.

—Não bebo leite, —respondo. Não conseguiria colocar um copo de leite de cabra para dentro. Nem em mil anos, uma gota por década.

—Regina! —Parascheva grita me assustando outra vez. Regina espia da porta, visivelmente amolada. —*Aduce Gretchen aici.*

Permaneço imóvel com o copo na mão, os olhos correndo entre a velha e Regina. Algo está para acontecer, mas não entendo o quê. Tento não pensar em nada, repetindo várias vezes ‘pensar em nada, pensar em nada.’

Enquanto tento não pensar em nada, vejo que algo boia no leite. *O que é isso?* Uma camada de gordura? Enrugo a face. O refluxo sobe pela garganta, como uma onda prestes a alcançar a costa.

Regina chega ao som de sinos. Não acredito quando a vejo aparecer na porta com uma cabra. Uma cabra branca como a neve, com uma coleira colorida que sustenta um guizo animado.

—Uma cabra? —solto.

—O que mais poderia ser? —Parascheva responde como se eu estivesse em dúvidas sobre o que é uma cabra. —Uma cabra feliz, — ela explica. —Sei porque não bebe leite, conheço a indústria criminoso por trás dela. Esta é Gretchen; ela está prenhe e cheia de leite. Pode beber tranquila.

Olho para a cabrita vesga, em seguida para o leite. O líquido amarelado e oleoso incrusta a superfície do copo de nata. Sem argumentos, levo o copo à boca. A cada gole acho que vou vomitar. Engulo o leite em goles grandes e barulhentos, e devolvo o copo vazio à mesa, limpando a boca na manga do moletom. Está feito.

—Muito bem. —Parascheva elogia. Estalando os dedos, diz: —Regina, outro!

—Não! —eu berro.

Parascheva ri, um riso que se assemelha a um cacarejo. —Estou brincando. Agora coma. Você precisa engordar, você é horrível.

Aceito o *stollen* e o chá, enchendo a bebida de mel. Ao final bochecho a bebida discretamente na boca, tentando livra-la do ranço residual.

—Tenha paciência com Parascheva, — Regina sussurra no meu ouvido. —Ela é difícil às vezes, mas não faz por mal. Dizem as más bocas que foram as árvores que a expulsaram da floresta.

Claro, penso repetindo mentalmente o bordão que viria a ser o mantra de minha permanência ali: ‘pensar em nada.’

As horas seguintes passam como um borrão. Parascheva não se interessa pelo meu sono, ou o fato de estar há vinte e quatro horas acordada. Ela me senta em uma cadeira de tecido pinicante e disserta, em um tom que me faz lembrar um filme em câmera lenta, sobre toda a sorte de árvores e bichos que existe ao redor. Repito para mim mesma que preciso prestar atenção e não arrumar problema nas primeiras horas em sua casa. Estarei ao seu lado todos os

minutos dos próximos meses, e não quero dormir de sono e parecer que dormi de tédio—embora esteja com os dois. Arrisco em algum momento dizer que estou cansada, mas Parascheva finge não entender—um gesto que desliza de maneira muito natural quando culturas diferentes se encontram.

Tudo ao redor causa sono. O calor abafado, o ar encorpado. Sua voz parece um motor baixo, sua roupa pesada me acalora. Em algum momento Regina menciona uma brisa fresca que circula pela sala, e acredito que ela está feliz como eu pela presença do ar, mas Regina se levanta para fechar a janela.

Parascheva diz algo sobre a Romênia ter a maior parte de floresta nativa do continente. Que quase a metade de todos os ursos e lobos da Europa ainda mora ali. Consigo captar—de modo confuso—que as montanhas são repletas de escarpas íngremes e perigosas. A montanha que ela aponta pela janela está coberta por florestas, e se eu não estivesse perdida em um nevoeiro de sono a informação teria causado uma faísca de interesse. Em algum momento a idosa puxa uma garrafa debaixo de sua poltrona: —Schnapps?

Balanço a cabeça que não, zozna. Parascheva abre a garrafa e entorna o líquido claro na pequena tampa que serve de copo. Bebe a bebida fedorenta em um só gole, servindo-se de outra porção. Agora com mais vigor que antes, a idosa enumera todas as flores que crescem nos descampados. *Sinos de montanha, açafraão da primavera, cravos selvagens*. A cada nome eu me sinto desequilibrar. *Trolle D'Europe, Edelweiss*.

Satisfeita por ter plateia para seus assuntos, a mulher ergue a cachaça no ar: —Aos Cárpatos!

Assim que ela brinda, sorrio. Em seguida, desmaio.



O dragão corcunda surge arrastando a cauda de dentro da caverna. Ele cheira a alho e mofo, e ao falar me chamosca. —Hora de levantar, —grita o monstro. Os olhos ardentes de cansaço encontram a escuridão. O dragão falou ‘hora de levantar?’

Não há luz do lado de fora e o silêncio é ensurdecedor. Olho as paredes pálidas e irregulares, sentindo o corpo dolorido. Não reconheço onde estou. Quando o chão de madeira range sob os pés, a realidade cai sobre mim como um tijolo: estou na Romênia, na casa de uma bruxa louca que fala com árvores. Esfrego os olhos, vendo estrelas formarem-se à frente. Por que Parascheva me chamou no meio da noite?

Nessa hora um cheiro estranho alcança as narinas. Sem surpresas, constato que o cheiro é meu. Visto a mesma roupa do dia anterior, e o do dia anterior a ele. Entendo que desmaiei na sala, e as mulheres me carregaram até ali. Puxo a mala que repousa no chão e pego sem fazer barulho a nécessaire e uma muda de roupa limpa. Quero me enfiar no banheiro antes de esbarrar na velha, preciso evitá-la até que esqueça que sonhei que ela era um dragão. Coloco a toalha que achei sobre a cadeira—a única mobília do quarto além da cama— em torno do pescoço e saio pela porta evitando até mesmo respirar. Entro na única porta disponível, fechando-a silenciosamente atrás de mim. Ao virar percebo o erro: não estou no banheiro, e sim no quarto da bruxa. Na penumbra vejo a cama austera arrumada como se ninguém tivesse dormido ali. Mordo os lábios, abrindo a porta e fechando os olhos ao ouvir o metal do trinco estalar.

Antes que eu saia, um artefato atrás da porta chama minha atenção. Um gerador, sobre o qual repousa um celular prateado. Ao lado há uma antena moderna, um tipo de disco com uma haste no meio. A que uma antena tão moderna se conecta? A um satélite? Agitada, abandono o quarto rezando para qualquer divindade desse mundo que não tenha chamado a atenção da velha. Para meu infortúnio, um vulto me espera no corredor.

—Você está me bisbilhotando? — a bruxa pergunta com as mãos na cintura.

—Ah! — Com o susto, a nécessaire cai no chão. —Não! Achei que fosse o banheiro!

—Você estava bisbilhotando! — ela afirma.

Balanço desesperadamente a cabeça que não, o coração acelerado. Por que ela pularia a essa conclusão? *O dragão está para soltar fogo*, penso sem intenção.

As narinas cabeludas da velha se alargam. Ela faísca pelos olhos—pelo olho—até que grunhe com má vontade: —O café está pronto. — E com isso me dá as costas.

Aguardo no escuro o coração parar de pular, imaginando se há maneira pior de começar o dia. Quando o coração se acalma e a vermelhidão cede, sigo-a até a cozinha.

A cozinha é tão austera quanto o resto da casa. A única fonte de luz vem do fogão de barro, uma continuação da parede que aparenta acumular séculos de fumaça. Panelas escuras brigam com feixes de ervas no teto, e o chão de linóleo parece rançoso. Curvo os pés ao senti-lo grudar nas solas, tentando não formar na mente um interjeição de nojo sobre isso.

Parascheva está voltada para o fogão de costas para mim. *Por que raios acordar tão cedo se não há eletricidade na casa?* Penso procurando um lugar para me sentar.

—A Flor das Quatro aqui abre às cinco. Cinco é a hora que se levanta nessa casa, —a velha grunhe.

Cinco? Eu conheço a Flor das Quatro, nós também a temos no quintal. Ela abre com a precisão de um relógio, sempre às quatro da tarde.

—Aqui ela abre às cinco da manhã, quando o sereno da noite cai e os primeiros sinais do sol despontam no horizonte.

—Que sol? —Pergunto sem intenção de ofender.

A velha me olha sobre o ombro: —Não vá dizer à flor a hora que ela deve abrir.

Murmuro um ‘desculpe’ e olho ao redor. Não sei se me sento à mesa, ofereço ajuda ou saio dali. Opto por sair dali. Ainda de pé, falo: —Desculpe por ter entrado em seu quarto. Estava procurando um banheiro, juro que não estava bisbilhotando.

Parascheva não responde.

—Você tem banheiro na casa, não tem?

Ela indica a porta com a colher de pau. Demoro um segundo para entender que o banheiro fica do lado de fora. Penso em perguntar sobre a existência de água quente, mas desconfio que a pergunta seja desnecessária. Abro a porta aborrecida e saio na noite. A quinze passos da casa está o pequeno casebre de madeira que reflete o luxo dos próximos meses. Ando sob completa escuridão até a casinha afastada. Dois morcegos batem asas para longe quando abro a portinhola torta.

O banho na ilha é tomado sobre a latrina, um buraco no chão que esconde sabe-se lá o quê. O ‘chuveiro’ é um balde suspenso no teto, que coleta água de um riacho que passa longe dali. Sobre a cabeça oscila uma corda suja e autoexplicativa.

Tiro a roupa e penduro sobre a porta. *Essa é a minha vida pelos próximos meses*, suspiro com a corda nas mãos. Encarar a bruxa que mais parece um nabo velho e tomar banhos sobre latrinas, e tudo porque a natureza se convenceu de que eu sou uma bruxa especial. *Faço ideia do tratamento que receberia se fosse uma bruxa ordinária.*

Puxo a corda e o balde vira.

O que cai sobre mim é água, mas poderiam ser lanças afiadas. Meu grito ecoa desesperado pelo vale, como se várias de mim tomassem banho em pontos diferentes da montanha. Não sei o que esperava ao puxar a corda; talvez apenas um banho, algo de que necessito muito. Não imaginava que a água teria a temperatura da neve acumulada nos *glaciers* e que queimaria a pele de tão fria. Eu não sabia que água fria conseguia queimar a pele.

Pulando e soltando todo tipo de blasfêmia conhecida, tomo o banho mais rápido de minha vida. Passo freneticamente o sabonete pelo corpo me perguntando que mal faria não tirar a espuma. Certa de que fará mal andar o dia todo com sabão na pele, viro mais uma vez o balde sobre mim. A boca abre, os dedos entortam. Saio do banho radicalmente decidida a só

voltar a tomar banho no auge do dia—é isso ou encerrar de vez a tradição da higiene diária.

Mesmo depois de vestida a pele continua dormente. O cabelo pinga, emaranhado. Constatado às raias do desespero que não trouxe pente, e duvido pelo aspecto de Parascheva que ela tenha um para emprestar.

Parascheva me espera na casa com uma xícara nas mãos. —Café? —oferece sem simpatia. Jogo a toalha e a roupa suja sobre a cama e retorno à cozinha. Nos poucos segundos de minha ausência, a bruxa maluca entorna uma quantidade substancial de leite de cabra dentro da xícara. O café desaparece entre o líquido amarelado, ganhando a cor da água da pia quando se lava a louça. Sento trêmula na cadeira, tentando me convencer de que pelo lado bom, o leite está quente.

—Come manteiga? —Parascheva pergunta seca. —É manteiga de vaca feliz.

Tenho medo do que ela me servirá, ainda assim balanço a cabeça que sim. Por feliz, Parascheva e eu sabemos, é a vaca que não teve filhote com o intuito de gerar leite, o que leva ao excedente de bezerros e alimenta a indústria cruel do *baby beef*. Imagino se ela também trará a vaca até a casa para me apresentar.

—A vaca não passaria pela ponte, —a velha resmunga.

Não levanto os olhos do prato até o fim do desjejum.

O sol clareia a ilha quando terminamos de comer (Agora entendo porque todos chamam a pedra de ‘ilha de Parascheva’. O local onde estamos é uma coluna, mas seria estranho chamá-la de ‘coluna de Parascheva’, já que a velha é corcunda e sua própria coluna é um morro. Parascheva joga o prato sobre a pia e indica com o dedo que a siga. Andamos até a borda da ilha, e só então entendo onde estou e o que me cerca.

A visão é algo além das palavras ou da imaginação. A pedra sobre qual estamos parece nos suspender no ar, agora que nuvens se movem abaixo de nós. Ondas batendo nas pedras, é isso que as nuvens que escondem o vale parecem. Parascheva mora como os Deuses do

Olimpo, suspensa sobre uma magnífica obra do acaso.

Inteira e alerta pelo banho—ainda que nauseada pelo café com leite—acompanho o sol espremer-se entre montanhas como uma gema de ovo. O amarelo incendeia o céu, tingindo tudo acima de púrpura. Sua luz amplifica por mil as cores à volta. Sem dúvidas, o espetáculo mais lindo que já vi no mundo natural.

A velha passa por mim, amparada pela muleta: —Achei que gostaria, — fala como se estivesse brava.

Exalo, desanimada. Por mais lindo que o minuto passado tenha sido, eu tenho um verão à frente com aquela velha antipática. Sigo-a até a casa, recriminando o espírito por não sentir qualquer simpatia pela idosa manca e solitária. Não dá para ter simpatia por ela.

Parascheva estaca para ajeitar uma pimenteira no vaso e eu paro atrás dela. Aperto meu rabo de cavalo, passo as mãos pelas pernas. Hora de encarar meu destino: —Por onde começamos? — pergunto. Estou ali para ser treinada, embora não faça ideia para quê. Quanto mais rápido eu aprender o que ela tem a ensinar, mais rápido vou embora dali.

Parascheva olha ao redor. Capengando até a casa, pega uma vassoura feita de ramos secos e a estende para mim. A princípio acho que é um sorriso o que ela me lança, mas não é. Ela está tentando proteger os olhos do sol: —Comece varrendo.

Pego a vassoura sem entender. Talvez tenha sido o modo como perguntei ‘por onde começamos’. Eu quero dizer sobre a minha formação; por onde começamos o meu treinamento. Parascheva se afasta.

Olho para a vassoura, cujo cabo parece ter sido precisamente calculado para causar dor nas costas. Sem argumentar, dobro-me e começo a varrer, concluindo que agora sei onde a velha conseguiu sua corcunda.

XVII

Varrer, brigar, reclamar



Meu ombro lateja. A terra vermelha e fina—ótima para as plantas, terrível para os pulmões—levita no ar, deixando a silhueta da velha difusa. Milhares de perguntas aguardam o momento de serem feitas. Como o momento não vem, minha agonia cresce. Aproveito que a velha cruza meu caminho e lanço entre tossidas: —Parascheva, o que a Grande Mãe quer comigo?

Segue-se a esta pergunta uma procissão de outras: Como ela nos encontrou? Como sabe que eu sou a garota certa se eu ainda não existia? Por que eu?

Enfio a vassoura entre os arbustos secos, limpando seus pés da folhagem morta.

—Minhas camélias! —Parascheva grita.

Olho à volta: —Que camélias?

—Minhas camélias premiadas! — Parascheva espanta minha vassoura com a mão, debruçando-se sobre a planta. Recoloca algumas pedrinhas que circulam os arbustos no lugar, falando manso com a planta, mas me xingando em outra língua sobre o ombro. Quando ela se levanta, vem em minha direção. Suas mãos estão erguidas como se prestes a me esganar.

Inclino para trás, apavorada. Ao contrário de minhas suspeitas ela não tenta me matar; ela segura meu ombro e me empurra dali.

—Não me toque! — tento me livrar dela, mas a velha só para de me empurrar quando estou a uma distância segura da casa. Expulso suas mãos de meus ombros, chocada.

—Que inocência achar que você reconheceria uma planta! — ela esbraveja. —Onde estava com a cabeça ao colocar uma vassoura em sua mão?

Balançando a cabeça como se eu fosse um caso perdido e a vassoura uma arma de destruição em massa em mãos erradas, a bruxa se embrenha entre os arbustos altos. Não sei o que dizer ou pensar —estou paralisada— mas quando me recupero do empurrão, volto a me aproximar. Devagar, como se ela fosse um tigre bravo.

—Desculpe-me pelas flores, —peço dando ao problema o tamanho que ele tem: nenhum. —Você não respondeu minha pergunta, e eu tenho uma penca delas.

Silêncio completo. O único ruído é o da respiração carregada da velha.

—Quero saber o que a Grande Mãe pretende comigo — continuo. A velha não espera eu terminar. Acocora-se entre as folhas e some da vista.

—Parascheva?

Ela não responde. Agacho para tentar vê-la entre os arbustos. Encontro-a de quatro entre pés de framboesa, lutando irritada contra os espinhos que grudam na roupa felpuda. Volto a ficar de pé. Preciso considerar outra hipótese que não a da surdez. Parascheva pode ter algum tipo de lesão, ou ser completamente—compreensivelmente—senil. Solto o ar, olhando ao redor. *Em que tipo de confusão me meti, desta vez?* Sem opção, volto a varrer.

O sol continua a seguir sua trajetória diurna. Regina contou antes de partir que as estações na Romênia chegam com a precisão de um relógio suíço. Que há uma clareza inconfundível entre verão e primavera, outono e inverno, e que as responsáveis por isso são as antigas florestas. Eu as avisto ao longe, e em certo momento as agradeço em silêncio pelo dia ensolarado, mas ameno.

Uma hora depois, xingo o sol e o calor insuportável, além da velha que desapareceu no

meio do mato e me deixou sozinha. *Primavera amena uma ova*, penso respirando o pó fino que sobe da terra esturricada. O sol ferve os miolos.

Parascheva reaparece por entre a bruma de terra. Com passos rápidos cruza meu caminho, sumindo atrás da quina da casa. Suas pernas movem-se perfeitamente—talvez não perfeitamente, mas sem qualquer indicação de lesões de espécie alguma. Como ela pode ter se recuperado tão rápido do que a fazia claudicar?

Sigo-a, envergando a cabeça na quina para espiar o que ela está aprontando do outro lado. Assim que me curvo, seu rosto engelhado surge do outro lado, a centímetros do meu. Seu olho leitoso quase encosta no meu nariz. Solto uma interjeição de susto, seguida da dela.

—Pare de me vigiar! — a velha grita recuperando-se mais rápido que eu, acelerando para longe de mim.

—Não estou vigiando você, — grito de volta. —Você ficou desaparecida uma hora no meio do mato, em seguida saiu correndo! O que queria que eu pensasse?

A velha me olha por cima do ombro com a sobrancelha peluda erguida.

—Só queria puxar assunto, — amanso a voz. —Você sabe, conversar.

—Conversar sobre o que?

Ponho-me a andar atrás dela, arrastando a vassoura pelo terreiro. —Sobre a pedra onde mora. Sua coluna —eu pauso, consertando o termo —sua *ilha* é linda, queria saber como parou aqui. — É uma mudança de tática, vale a pena tentar.

A velha tira uma framboesa do bolso e a enfia na boca. Hesita, mas por fim responde: — Minha mãe tomou posse da pedra.

—Há muito tempo atrás, imagino — pergunto fingindo não prestar atenção nela.

—Há muito, muito tempo atrás.

—Como fizeram para transformá-la em reserva? — continuo a varredura. Parascheva parece falar melhor quando não me encara. —Regina comentou que a região é protegida.

—É uma reserva, —a velha responde lambendo a ponta do dedo como se estivesse com raiva da ponta manchada de rosa. —Só que não consta nos mapas oficiais da Romênia.

Paro de varrer.

Parascheva volta a andar, adentrando um local onde fileiras caóticas de verduras e legumes crescem bagunçadas. —Você acha que alguém deixaria esse lugar intocado se ele existisse? — Diz como se retrucasse uma ofensa.

Apóio as mãos sobre o cabo da vassoura, pensativa. Como ela conseguiria apagar uma região inteira dos mapas de um país?

—E no mais, se esta fosse uma reserva eu não poderia viver aqui. — A velha se ajoelha na terra e passa a arrancar o mato que cresce livre. —Fizemos o que foi preciso para salvar essa floresta, ao contrário de vocês.

Absorta, demoro entender que sua última frase foi uma provocação: —Como?

—Vocês deveriam ter pago os impostos. Ou não acha que perderão a reserva para o governo?

—Como sabe disso? — pergunto.

—Onde já se viu, sonegarem impostos com bolinhos mágicos? — ela balança a cabeça, ciente sabe-deus-como da antiga tática adotada por nossas antepassadas. —Vocês perderão a reserva por incompetência.

—Incompetência? — pergunto inflamada. —Perderemos a terra por falta de dinheiro!

—É para isso que servem os protetores. Admiro terem sobrevivido até hoje sem um.

Bufo, sem acreditar naquilo. Ouvimos coisas a respeito de protetores, mas jamais demos ouvidos à conversa. Protetores de bruxas soam improváveis até mesmo em contos de fadas.

—Não sei do que está falando. Vivemos muito bem até hoje sem eles.

—Oh, sim. Claro. — A resposta sarcástica tem o claro intuito de irritar, e irrita.

—Não entendi seu tom, assim como nunca entendi essa ideia de protetores. Que tipo de

relação é essa?

—Uma necessidade.

—Pff. Necessidade de quê? — paro à sua frente e coloco as mãos na cintura.

—De nos ajudar em nossa função no mundo! — ela bate a palma no chão como se a aborrecesse ter que responder uma pergunta tão óbvia.

—Que é...?

Ela me olha como se eu fosse um castigo, uma punição àquelas alturas da vida: — Proteger a Grande Mãe! — seu tom, além de irritado, está tomado de incredulidade.

Volto a varrer. Já ouvi aquela ideia antes, a de que nós protegíamos o mundo. Óbvio, não dei à ideia a menor importância. Quem daria, na verdade?

Não protegemos nossos Deuses. Se há entre nós uma relação—e se essa relação envolve proteção—então nós somos protegidas por eles. Assim como dominados, e punidos. A história conta que um dia guardar a terra foi nossa função, sabe-se-lá o que ‘guardar’ significa. Bruxas foram um dia, distante na linha do tempo, interlocutoras privilegiadas de um planeta misterioso. Guardiãs das florestas, tradutoras de seus segredos para os bípedes complexados com quem dividíamos o chão. Mas as coisas mudaram. Perdemos o posto, perdemos as florestas. Precisamos nos adaptar para sobreviver.

E no mais, a quem estamos tentando enganar? A verdade é que quando a terra começou a perder o posto de divindade, fomos abandonadas. Vimos nosso papel divino desaparecer, e hoje testemunhávamos uma agonia mútua. Não costumo pensar demais no futuro, não gosto de imaginar que não tenho lugar no mundo. Mas principalmente, não gosto de pensar no que aguarda a terra.

Não seremos os primeiros a ver uma divindade morrer, seremos? Penso alisando absorta as bolhas que ganhei na mão.

Parascheva balança a cabeça para os lados: —Você é uma maçã que não caiu longe do

pé. São famosas pelo descaso, — diz apoiando-se em um joelho para se levantar. A mão pousa na anca, e ela dá um passo trôpego para o lado antes de se equilibrar. —A fama de sua família a precede.

—Você quer que eu acredite que protegemos a Terra, mas precisamos de protetores que nos defendam?

—Eles podem ajudar de muitas maneiras.

—Protetores não existem! Se existissem, já teriam dado as caras! Aliás, como pode me acusar de desobediência se estou aqui? E o que quer dizer com ‘a fama de sua família a precede’?

—Vocês cortaram a ligação com Ela. Esconderam-se por séculos como ratos em tocas —encolhidas, amedrontadas— é claro que não seriam encontradas! Vocês viraram bruxas incompetentes.

—Bruxas incompetentes? — repito com a pior de minhas caretas, aquela tingida de antipatia adolescente. *Que bicho mordeu essa mulher?*

—Pare de me amolar. Vá varrer o chão, que é seu trabalho.

Meu rosto ganha tonalidades diferentes de vermelho: —Por que me chamou para vir, se somos incompetentes?

—Eu nunca chamaria você.

—Mas a Natureza me chamou, e eu quero saber o porquê.

A velha crava os olhos estranhos nos meus, talvez se questionando o mesmo. Por algum motivo que me escapa, ela muda de assunto: —Quero saber o que aconteceu no lago.

—Ahn?

—Quem é o garoto que você machucou?

Meu coração começa a socar o peito. Memórias de dias doloridos retornam, e as mãos começam a suar. Como ela sabe disso? Meu primeiro ímpeto é gritar que eu nunca o

machucaria, mas ao invés respondo com voz embargada: —Nem morta que responderei as suas perguntas. Não enquanto você não responder as minhas.

—Por que o queimou, o que ele fez a você?

Eu não o queimei. Eu nunca faria isso.

—Você explodiu como uma bomba sobre a areia, certamente machucou o menino.

Balanço a cabeça em silêncio. *Não é verdade.*

O impacto que me lançou a metros de distância e que remexeu as dunas desperta o corpo e as memórias. O ruído que reverberou na praia confundindo-se com o trovão, que me roubou a audição por minutos. A velha se aproxima, como se atraída pelas imagens que tento esquecer. Sua proximidade me irrita.

—Por que responderia suas perguntas se não responde as minhas?

O dedo encardido da velha—que mais parece um nabo arrancado do solo que propriamente um dedo—chega tão perto do meu nariz que sinto seu cheiro da terra: —Na minha ilha eu pergunto, você responde. Entendido?

—Não, —respondo sem pestanejar. —Não entendi.

Seu olho bom relampeja: —Então vou explicar. Se você não responder, eu faço da sua vida um inferno. Se você perguntar, eu não respondo. Entendido agora?

Minhas orelhas ardem como se alguém tivesse ateadado fogo nelas.

—Se quer que eu a treine, vai me contar o que fez ao rapaz. — A velha ergue o queixo à altura do meu. —Não posso treiná-la se você for um risco à minha segurança ou à de qualquer outro.

—Quem disse que quero ser treinada por você?

A bruxa trava as mandíbulas desdentadas e manca para longe. Exalo o ar com asco, sentindo os membros tremerem. Tenho vontade de gritar que tanto ela quanto a Natureza são insensíveis e controladoras, e que Parascheva é a bruxa mais grosseira e intratável que já

conheci.

Volto a varrer, o sol a pino fervendo o cérebro. Sinto meus miolos desmancharem-se aos poucos dentro da cabeça, trazendo tonturas próprias do estado de liquefação. Às vezes a natureza colorida escurece, e preciso me apoiar na vassoura para não cair. Em momento algum deixo a velha perceber que estou tonta. Jamais daria a ela a satisfação de reclamar de meus serviços no primeiro dia.

—Por que os lobos? — Sua voz arranha os ouvidos.

A nuvem de poeira vermelha não me permite enxergá-la de imediato. Acho-a mais adiante, atrás de uma roseira espinhenta e sem flores. Rolo os olhos e dou-lhe as costas.

—Lobos não atacam pessoas.

—Diga isso para aqueles que nos atacaram, —respondo sem esperar que ela entenda a ironia.

—Quero saber de você. Por que eles atacaram o menino?

Soco a vassoura no chão: —Ela não queria que eu me aproximasse do garoto! Pronto, respondido! Satisfeita?

—E você a desobedeceu...*tsc tsc*.

Pisco os olhos, irritada. As pálpebras raspam sobre o olho seco como lixas: —Ela deveria ter me punido, e não ele.

—Os lobos não foram uma punição, sua tonta! Eles estavam defendendo você!

—Defendendo? Me defendendo de que?

A velha não responde. Retornando à horta, pega a pilha de ervas daninhas nas mãos, e eu paro de varrer de vez. Ela joga o mato na faixa estreita de árvores e volta a se agachar sobre a terra. De longe ela parece uma pedra cravada no meio do mato.

—Por que eu precisaria de proteção?

—Ela achou que você estava em perigo.

—Não estivemos sempre? — ergo os ombros. —Por que agora?

—Por que chegou a hora, — Parascheva responde erguendo o dedo na altura do rosto.

Em seu dedo está enrolada uma minhoca. —Os tempos são de guerra, e *mamãe* está brava.

Dizendo isso, pousa o bicho delicadamente sobre a terra. Cenas que ela oculta tão bem em sua testa de chumbo são liberadas; um carrossel de tristezas força entrada na minha cabeça.

Tratores que erguem corpos de animais maltratados em fazendas imundas, a motosserra que atravessa um tronco de centenas de anos, bens de consumo conquistados à custa de florestas tropicais, canhões de guerra que asseguram o óleo que move os carros que poluem o mundo. Tudo porque o humano, a criação mais defeituosa de todas, evolui em ritmo mais lento que a destrói. Quando sua mente aquieta, eu mesma estou de saco cheio de gente.

—Não podemos mais ignorar os estragos que os homens estão fazendo. Ela precisa de sua ajuda. — Parascheva fala.

Levo a mão ao peito: —Minha ajuda?

—Homens, mulheres e crianças se unirão à nossa luta. Ela conta com você para ajudá-los.

—Que luta?

—Uma luta que acontece há anos, e que se você fosse mais inteligente teria visto.

Olho-a impaciente. Ela não consegue terminar uma frase sem me alfinetar.

—Um grupo de pessoas que se importa com o mundo já começou a revolução. Estamos nos aproximando aos poucos deles, e eles de nós. É isso que a Grande Mãe quer de você. Que ajude o mundo a entender que Ela é sagrada. Que a humanidade não precisará venerá-la como entidade única, mas como entidade. O posto de Mãe de todas as coisas está desocupado há milhares de anos, e temos pago um preço alto por deixar esse lugar vazio. Para sobreviver, a natureza precisa de devoção, e por algum devaneio divino Ela acha que você pode ajudá-la a atrair pessoas para esta causa.

Tento absorver a profecia de Parascheva, mas suas palavras oferecem uma possibilidade de futuro que não consigo imaginar nem nos dias mais ensolarados. Quão aborrecedora eu fui para Ela durante todos esses anos? Ela só pode estar me punindo.

—Você tem ideia do que está me pedindo? — pergunto esfregando os olhos com as palmas das mãos. —O mundo me queimará viva em praça pública se souberem o que eu sou.

—Talvez sim. Mas você está aqui, em treinamento, para atrasar esse momento.

—Atrasar que momento? O de ser queimada em praça pública?

A velha afirma.

—Não estou preparada para uma guerra, —digo procurando um lugar ao redor para me sentar. O chão parece menos firme que há pouco.

—Você foi escolhida a dedo para ela.

Sento sobre uma pedra e afundo o rosto entre as mãos. A face lateja, o coração palpita. Por que tenho que ser sacrificada tentando ajudar em espécie que claramente não dá a mínima para as consequências de seus atos? Por que me preocuparia com o futuro das pessoas? Que elas se virem com a vida que escolheram. *Causa e consequência, ação e reação!* Quando levanto o rosto, estou bem mais irritada do que antes.

—Ela pode se defender sozinha, Parascheva. Pode resolver seus problemas assim! — estalo os dedos. —A guerra não é a solução para todas as coisas, — digo marchando em direção à casa. —Não pegarei em armas em nome de ninguém.

Fui treinada para me esconder. Sou, em um raio de muitos quilômetros, a pessoa menos indicada para a missão. Não me sacrificarei nem por uma causa perdida, nem por um mundo que eu não entendo. Por que faria isso? Eu sei, eu admito: adquiri o cinismo da minha época.

Não deveria parecer exagerado pensar assim. Por que então parece?

Parascheva limpa as mãos na saia e cambaleia mais uma vez ao se levantar. —Você viu as cenas, —diz se referindo às imagens que projetou à força na minha cabeça. —Elas não te

tocam?

—É claro que to... — tento responder, mas ela não espera eu terminar.

—Ou são cenas distantes demais de seu mundo perfeito? Ah, sim, elas são geralmente apagadas da sua mente assim que entram os comerciais.

Franzo a testa, aborrecida por ela não me deixar responder. Ela claudica até a mim.

—Você sofre como o mundo moderno sofre, Nina Wolf: um minuto de consideração em frente à TV, olhares tristonhos, ‘ows’ comovidos. Então *puff*— ela abre os dedos, respingando terra ao redor —O sofrimento se evapora no ar.

—O que a TV não mostra, — ela continua me olhando de lado com aquele olho estranho —É que onde existem desastres ecológicos a humanidade desanda. A fome chega, leva as crianças embora. Sim, mesmo depois que o programa acaba e você desliga a TV. Oh, você está chocada? — ela faz um beijo.

Você é odiosa, eu penso com todas as letras.

—Não se iluda, você não precisará empunhar as armas. A horda de miseráveis que a devastação deixa para trás pegará nelas por você. — Seu olhar corre meu rosto como se precisasse, embora não quisesse, acreditar em mim. —Ao contrário da sua apatia que chama de pacifismo, eles não estão preocupados em manchar as mãos de sangue. O povo que o progresso cospe das engrenagens não está preocupado se a guerra não cai bem para uma adolescente mimada.

Abraço o corpo e estalo o pescoço endurecido. As palavras de Parascheva machucam. Fisicamente doem, ali onde as costelas se juntam. Não só por imaginar que um povo só vê saída na guerra, mas por ver meu reflexo em seus olhos. O que eles refletem é uma garota que não entende nada de dor.

—Não pode me culpar por ter medo Dela, — tento me defender. —Não sabia que Ela precisava de ajuda.

—Onde esteve nos últimos anos? Morando no subsolo com as toupeiras?

—Que Ela precisava da *minha* ajuda, —grito tentando terminar a frase. —Minha. Você não ficaria com medo?

—De morrer? — a velha pergunta como se não partilhasse esse medo com a humanidade inteira.

—Sim, de morrer!

—Arrume um jeito de não morrer!

Faço uma careta: *que conselho é esse?*

—Ela te enviará para algum lugar para traduzir o rugido da fera. Traduza o rugido, não morra. Simples.

Parascheva tenta me deixar para trás novamente, mas eu a sigo: —Que parte de seu rugido precisa de tradução? Quem não consegue ver que está serrando o galho que o sustenta?

Porque se sei de alguma coisa, é que a natureza é clara em suas regras. Fiel seguidora da lei da causa e efeito, ela não negociará perdão depois que o desastre tomar seu rumo.

—E no mais, por que as pessoas me ouviriam? — continuo falando com sua corcunda. —O mundo é delas! Por que fariam qualquer coisa diferente se esse é um planeta que as favorece, muito e sempre?

A velha suspira sem se virar.

—Não importa quem seja o nosso oponente, —apresso o passo atrás dela —o governo, o estado, uma companhia poderosa — mostro cada um deles com o dedo, embora ela não veja. —Seja ele quem for, eu serei massacrada.

—E o que sugere? Que desistamos Dela?

Passo as mãos pelo cabelo suado, sem responder. Não acho a causa inválida—a causa é válida. O ponto é que a Terra não precisa de ninguém para varrer do mundo suas pragas. Matar não é um problema para Ela.

—Matar é a solução dos incompetentes, — Parascheva rebate meu pensamento. —A vida não é uma linha reta, ela é uma roda. Tudo o que fazemos retorna a nós. Se ela varrer as pessoas da terra, quem terá ganho com isso?

—Ela.

A velha se vira. Sua testa franzida ganha algumas linhas a mais: —Não é isso que Ela quer.

—A Grande Mãe não sabe o que está pedindo. Mensageiros são geralmente crucificados, e suas mensagens raramente ouvidas. No máximo, as pessoas desvirtuam o que ouviram em causa própria. Ser enviada para lidar com humanos em zonas de conflito é decretar a minha morte!

—Se for para ser assim, que seja. Seja mais que o mensageiro e morra por uma causa justa.

—Mas eu não quero morrer!

—Então aprenda tudo o que eu tiver para ensinar!

—Aprender o quê? Como varrer o quintal?

Minha última frase, nem de longe a mais ofensiva, incendeia a velha.

—Basta! — ela estende as mãos como se tentasse me afastar. —Você já deu a entender que não quer estar aqui.

Você é tão perceptiva, penso sarcástica. A sensação vazia de vitória espalha-se em mim como tinta n'água.

—Desista, —a velha diz. —Esta é sua chance de se livrar do fardo. Largue tudo e volte para casa. Eu mesmo convencerei a Grande Mãe que você não é a pessoa certa se me disser até o fim do dia que não quer ajudá-la.

—Talvez eu faça, — olho-a com atrevimento.

—Eu quase espero que sim, — ela responde.

XVIII

O lado mau do monstro



Bato a porta do quarto, furiosa. Arrasto a mala pelo chão e escoro-a na porta sem trinco. Onde acharei forças para suportar os próximos meses? Quero ligar para casa, contar que a mulher é doida e que preciso ir embora. Fazer isso, contudo, é fracassar no primeiro dia, e eu não conseguiria viver com isso também. E no mais, o que há em Valparaíso para mim?

Pisco os olhos diversas vezes para fazer a umidade desaparecer.

Quando a porta do quarto range, estou armada de insolências. Corro os olhos pela fresta, vendo já quase no chão dois chifres insinuarem-se pela abertura. *Argh, o que eu faço com essa cabra gorda e abarrotada de leite?* Gretchen entra no quarto empestando o ambiente com seu cheiro de curral. Sinto seu cheiro impregnado em minhas roupas, evaporando-se pelos poros.

Abraço os joelhos, afundando a cabeça entre eles. Parascheva está enganada se acha que desistirei. Por falta de opção permaneceréi exatamente ali.

Os olhos se arregalam quando ouço o *chomp, chomp*. A cabra circula pelo quarto, balançando feliz o rabo. Pendurada em sua boca está a minha nécessaire.

—Gretchen, não! — salto sobre ela. Seus olhos vessos me fitam sem entender o

estardalhaço.

—O que é isso na sua boca? — pergunto ajoelhando ao seu lado. Enfio os dedos entre seus dentes sob protestos altos, tirando dali um pedaço de barbante molhado. Olho para a mala remexida. Gretchen achou o pacote de Elka.

—Me dê isso de volta!

A cabrita bale, indignada.

—O que está acontecendo aqui? —Parascheva grita do corredor. Com a cabeça da cabra presa entre os braços, tento arrancar o que ela tem na boca. Com a outra mão pego o pacote de Elka. Havia me esquecido dele, escondido entre roupas e sapatos. Ele pode conter algo valioso, ou apenas chocolates; de qualquer maneira não estou interessada em doar nem uma coisa nem outra à cabra fedorenta.

Parascheva surge à porta, e a cabra cospe o que mastiga. Em meio aos dedos cheios de gosma vem um pedaço de borracha que escapole de uma sacola metálica.

O calafrio corre a espinha. O pacote semi-comido de Elka escorrega da mão e cai no chão, espalhando ao redor dezenas de sacolas de camisinhas.

—Camisinhas? —Parascheva soa horrorizada.

—Mas o quê... —A mente se recusa a entender a imagem.

—Que pouca vergonha! — a bruxa brada escondendo o focinho da cabrita entre as pernas. —O que esperava encontrar em minha casa?

—N-não é o que parece, — balbucio sem entender direito como posso estar naquela choupana velha com uma camisinha nas mãos. É claro que aquilo é tudo um grande mal—

Parascheva puxa Gretchen pela coleira, que a segue chacoalhando os guizos pelo corredor. Por algum tempo ouço a velha acalmá-la na língua estranha, enquanto continuo estática no lugar, sem acreditar que preciso achar uma explicação para aquilo. De uma coisa eu sei: não tenho como sentir mais vergonha. O que Elka tinha na cabeça? *Para caso surgir a*

oportunidade, ela disse.

Com as orelhas em brasa, soco o pacote de preservativos de volta na mala. A partir daquele incidente ignoro Parascheva e varro a ilha como se não houvesse amanhã. Ao findar do dia, sem saber para onde ir, manco até o precipício onde raios de sol descem pela parede do abismo. O bom senso diz que devo aproveitar o calor do exercício para enfrentar o banho, mas o sol se põe e a beleza daquele momento precisa compensar o dia horrível.

Os músculos tremem, e as costas ardem pelo tempo curvada sobre a vassoura. Ao girar os braços um deles estala e em seguida cai sem vida ao lado.

O espetáculo não desaponta. O sol desaparece e a escuridão toma o vale. Não há nenhuma luz em um raio de quilômetros de distância, nenhum sinal de vida naquele mundo desabitado. A sensação é de que eu não cruzei o oceano, e sim a galáxia.

Ignoro o lugar reservado à mesa do jantar. Informo a Parascheva que estou cansada e preciso dormir. A velha não diz nada. Com as costas na porta do quarto sem luz, afundo o rosto nos joelhos e ouço a barriga reclamar de fome. *Escolhas*, penso sentindo os olhos umedecerem. Prefiro dormir suja a tomar banho; passar fome a encontrar o dragão. O dragão me perguntará se eu estou pronta para desistir, e eu responderei que estou tão pronta para desistir quanto para continuar.

Quando o cansaço eventualmente vence a angústia, engatinho até a cama e deslizo nela sem forças. Estou melada, fedorenta, dolorida. Miseravelmente infeliz. Rolo o corpo para a parede, vendo a silhueta recortada das árvores projetadas em sua superfície.

O machucado do ombro pulsa, como se ali batesse um segundo coração. Talvez eu devesse desistir. Eu voltaria para Valparaíso e seguiria com a vida, por que não?

—Porque não — eu rosno. Não desistirei. Nesse momento não é persistência o que me faz ficar; não é Martin Kuhn, nem é a Grande Mãe. É pura teimosia.

Mas por que não?

—Porque não e acabou, — sussurro lutando contra o ímpeto de andar até Parascheva e dizer a ela duas simples palavras: eu desisto.



—Hora de Acordar, —ouço cravando as unhas no lençol. Recebo o leite de cabra misturado ao café ralo. Tento protestar, a velha endurece o cenho. Enquanto coloco a bebida nojenta para dentro amaldição até a quinta geração da bruxa que me olha como se não lesse nada em minha mente. Tomo o banho frio com disposição de quem vai para a guerra. Eu poderia sair do banho gritando como Rambo surgindo das selvas. Se alguém me falasse ‘pule o precipício,’ eu teria adrenalina para isso.

As tarefas no segundo dia mostram-se mais sem sentido que as do dia anterior: checar a cada duas horas o estado de Gretchen, que sempre parece ótima; subir nas árvores e podar os galhos que encostam nas telhas da choupana; limpar com água e vinagre os vidros ao redor da casa—alguns, posso jurar, nunca foram limpos. Limpar a casa, esfregar o chão encardido, ariar com areia as panelas tortas cujas crostas datam de séculos.

Concluo que Parascheva escreve todos os anos para uma família de bruxas e requisita uma serva para o verão. No nosso caso precisou esperar trinta anos pela chegada da assistente, e parece querer compensar o atraso. Paro de esfregar a areia no fundo preto das panelas, tendo a epifania de que descobri seu segredo. Sim, uma vez por ano alguém coloca sua casa em ordem a fim de receber o selo estampado no final: oficialmente bruxa.

No final do segundo dia o corpo range e estala como uma máquina prestes a pifar. Caio na cama quando o sol desaparece e desmaio. Sonho que esfrego panelas e acordo fazendo o círculo com as mãos. Às quatro desperto de vez, preocupada em ter que acordar às cinco —*malditas flores!* E por resmungar demais acabo despertando Parascheva antes da hora. Quero assassiná-la quando ouço ‘Hora de acordar!’

No terceiro dia marco orgulhosamente com uma faca o terceiro traço na porta do banheiro. *Três*, penso animada por ter sobrevivido três dias ao lado daquela mulher. Pouso cuidadosamente a faca sobre a madeira da porta, tomando coragem para deixar a água do balde cair. Já com as mãos na corda, estanco ao ver a toalha que Parascheva me deu no primeiro dia. Não sei por que não notei antes o contraste; talvez porque tudo foi considerado um contraste.

Mas agora eu noto, a toalha destoa do resto. Tudo na casa de Parascheva é feito para agredir os sentidos—a penumbra eterna, os tecidos grotescos, as paredes ásperas. Tudo, com exceção das toalhas.

Passo a mão sobre o tecido, vendo-a afundar entre os fios. O branco reluzente e a textura macia discordam da rusticidade ao redor. Solto o cordão do balde, esfregando a superfície macia no rosto. Procuro sua etiqueta, e vejo nela um selo bordado. Um brasão, talvez? Giro o rosto, identificando a coroa suspensa por animais—um leão? Um dragão? O que diz sob o emblema não consigo ler; sei apenas que todo aquele luxo tem procedência real.

Bruxas e reis, penso na improbabilidade da união. Por que uma bruxa que vive com a austeridade de um colono do início do século teria toalhas tão luxuosas?

As mãos ajustam-se à corda fina. Sem pensar demais, puxo-a. A água cobre a pele como uma avalanche. Abro a boca, mas seguro o grito. O choque apaga a curiosidade, os pensamentos, qualquer tipo de sensação ou sentimento. É como se meu sistema reinicializasse automaticamente após um travamento; um *reboot* interno. Nada melhor do que água fria para acordar as servas que precisam de força para limpar a casa. Parascheva pensa realmente em tudo.



Os dias passam, e a porta de madeira ganha uma dúzia de pauzinhos.

Passam lentos e pesados, vale dizer, como dinossauros cruzando a terra. Conto os dias de

maneiras estranhas agora: quantos banhos tomei; quantos crepúsculos eu vi. Sem relógio ou calendário, os limites dos dias se confundem.

Talvez devido ao nosso mau-humor—definitivamente um traço comum—Parascheva e eu não conversamos. Se minha presença em sua casa tem um propósito não sei mais—pessoalmente desisti de acreditar que existe um. Não ouvi da idosa mais nada sobre meu suposto treinamento, tampouco sobre minha decisão de ficar. Eu estou ali, essa é a resposta. Por covardia, orgulho ou falta de diligência eu não desisti. Parascheva terá que me aguentar.

Geralmente evito a velha, porque seus trejeitos me alarmam. A ilha no entanto é minúscula, e trombar com ela, inevitável. Não gosto dela, decido. Seus gestos são bruscos, seus comentários vêm em estouros. Às vezes acho que, se a tocar, levarei um choque. *Uma enguia enrugada, isso é o que ela é.* São pensamentos assim que eu preciso esconder o tempo todo.

Por sorte ela também me evita, e definitivamente também não gosta de mim. Sua única exigência é quanto à rotina, cumprida como um ritual. Acordar às cinco, varrer, passear com Gretchen, moer milho para fazer *mamaliga*, um tipo de polenta da região. Plantar e colher legumes da horta. Eu mencionei varrer?

Varrer, varrer, varrer.

Concluo que Parascheva é doida. A porcentagem de sua loucura eu não sei, mas aposto que está em dois dígitos e subindo. Suas superstições são irritantes, e não fazem qualquer sentido. Se uma abelha entrar em casa, receberemos uma visita inesperada; já se for um pássaro, teremos má sorte. Pergunto se é por isso que ela mantém as janelas sempre fechadas—não é. É outra crença a responsável pelo calor absurdo: o vento na Romênia traz de tudo, de doenças reais a males subjetivos como azar. A maluquice não para aí: se eu me sentar à quina da mesa, não me casarei. Se deixar restos de comida no prato, casarei com um homem feio (‘e se eu deixar resto de comida sentada na quina?’ perguntei um dia. Parascheva emburrou).

A vida longe da civilização é infinitamente mais dura do que imaginei. Se quisermos leite—ninguém quer—temos que ordenhar a cabra. Para ter água contamos com a tubulação precária que geralmente entope pelas folhas das árvores. Qualquer luxo—papel higiênico entra na categoria—precisamos encomendar às netas de Parascheva com antecedência absurda, já que estas só dão as caras aos domingos. Parascheva está acostumada àquela dureza, como se o mundo inteiro fosse assim.

Aprendi também a tolerar o fato de que a bruxa tem estranha predileção por alguns grupos de comidas. Em outras palavras, só comemos batatas. Sem sal, por que sal traz azar. Vivemos à base de uma dieta que é a cara da velha—rústica e básica, como no tempo das cavernas. Impreterivelmente paleolítica.

As noites terminam para a velha com o copo cheio da bebida de aspecto tóxico e inflamabilidade da gasolina. Seus brindes variam com o dia: um dia brinda à Romênia, no outro deseja que um meteoro varra o país. Às vezes brinda aos doentes, aos reumáticos e aos artríticos—a quem demonstra incomum empatia. Com frequência brinda à Natureza, e quando o faz é com tocante reverência. ‘Aos extintos’ ; ‘aos em vias de extinção’ ; ‘aos abatidos em matadouros’.

—Aos esquecidos — brindou certa noite.

—A nós, — concordei trazendo resignada meu copo de água morna à boca.

E assim vejo o verão correr: observando o mato crescer ao redor. Quando algo acontece, um evento pequeno que seja, acontece apenas para aumentar o tédio. Como na noite em que ela cismou que eu precisava aprender a bordar.

Puxando detrás da poltrona um equipamento da época da pedra polida, ela estica uma peça de linho sobre ele. A estrutura de madeira parece uma lousa antiga, ou um tripé para colocar partituras. Ali ela me ensina pacientemente, nas próximas horas, como fazer ponto cruz. Inúmeras vezes cruza a cabeça como o ponto cruz pode ser de alguma ajuda ao planeta,

mas Parascheva finge me ignorar.

Aprendo a bordar nas próximas noites. Aprendo dois pontos básicos, um ponto chamado nó francês e outro chamado pé-de-galinha. Ganho também meu próprio aparato, um pequeno bambolê de madeira que segura a peça de pano e eu posso manter no colo.

A primeira coisa que bordo é a palavra *tédio*, que enfeito com três folhinhas. Parascheva me manda desfazer o trabalho.

—O que devo bordar, então? —pergunto irritada, sem entender o sentido daquilo.

—Algo memorável, —ela responde com tanta raiva que não tenho coragem de contestar.

Depois disso só bordo flores.

Nas noites em que consigo alcançar a cama antes que desmaie de calor na sala, minha vida antiga surge como uma lembrança distante. Sequer parece realmente minha vida, agora que minha realidade consiste em bordar ao lado de uma bruxa centenária e sua cabra mimada em um mundo estacionado no tempo duzentos anos atrás.

Alex às vezes brota do inconsciente como a água de uma nascente. Quando as memórias vêm à noite são desencadeadas pelo céu ridiculamente estrelado. Eu queria poder ignorar as estrelas novamente, como no tempo em que não as enxergava. Agora que são vivas, elas me fazem falta.

Já quando Alex se intromete no sono, o estrago é maior. Eu acordo de madrugada sem ar, paralisada de medo de que ele me esqueceu para sempre. Então me lembro que ele me esqueceu para sempre, e encharco a fronha puída com lágrimas mal-vindas. Embora Parascheva ouça minhas fungadas, ela nunca abordou comigo seu nome.

Até aquela noite.

O rosto enrugado da bruxa está parcialmente clareado pelo fogo, a única fonte de luz do local. Ela mal consegue enxergar a agulha nas mãos, exercendo a atividade por pura competência adquirida em um século de prática. O silêncio é completo, com exceção dos

estalos da madeira seca na lareira.

É noite sem lua e as estrelas estão de volta aos milhões. Observo o céu da janela enquanto pressiono os polegares sobre as juntas doloridas. A temperatura do local está suportável, graças à minha insistência em abrir as janelas emperradas. A velha reclamou duas vezes da *currenta* de ar, mas não há vento algum circulando na sala.

Os pensamentos giram em torno da rotina: quem costuma arrumar a ponte; o que Regina trará no próximo domingo. A voz de Parascheva me traz de volta: —Você sonhou com ele recentemente. Achei que já tivesse superado esse fim de namoro.

Finjo não entender, voltando a bordar. O coração começa a bater de modo constrangedor.

—Nunca me contou o que barganhou com Ela, — a velha continua, falsamente concentrada no bordado.

—Ela? — me faço de tola. O pronome ‘ela’ pode ser traiçoeiro, especialmente quando ao redor só há mulheres. Parascheva sobe o olho bom até a mim. Excepcionalmente. não acredita em minha tolice.

Os segundos passam.

—Não foi uma barganha, — falo finalmente. —Foi uma armadilha. A troca de uma coisa por outra, onde só um lado ganhou.

—Mas Ela acordou o menino do coma.

Confiro resignada os últimos pontos, tortos. Terei que desfazer tudo. *Por que se dá ao trabalho de perguntar o que já sabe?*

—Hum, — ela ignora minha pergunta. —Ela não apenas o acordou, Ela o fez esquecer você.

Puxo a linha com impaciência, e ela se emaranha em meus dedos como macarrão japonês. —Ela lançou um raio sobre ele —retrocedo irritada no tempo —depois deixou claro

que só o acordaria se eu me afastasse. Um gesto requintado e cruel para quem supostamente dispensa sentimentalismo.

Parascheva coloca a agulha de lado e cruza as mãos sobre o avental. Contra a luz avermelhada, os sulcos de seu rosto parecem ainda mais acentuados, como vales profundos escavados na terra: —Nina, — diz solene. —É hora de derrubar alguns muros, já que se decidiu pelo treinamento.

Algo em seu tom indica que o rumo da conversa não me agradará.

—Por favor, diga que você ao menos desconfiou.

—Desconfiei do quê? — pergunto literalmente e metaforicamente no escuro.

—Oh, você não faz realmente a menor ideia. — Sua voz não contém descaso, apenas surpresa.

—Parascheva, seja mais clara. Não estou entendendo você.

A velha tateia o chão sob a poltrona, trazendo à vista a garrafa pela metade. —Oras, que explicação encontrou para Alex cair de amores tão rápido por você?

Ela parece indiferente a quão ofensiva é sua frase. Recosto na poltrona, segurando a agulha no ar. Por alguns segundos fico assim—parada, a boca aberta pronta para deixar sair o que a mente mandar, no aguardo de uma resposta que não vem. Como assim, que explicação dei para Alex se apaixonar por mim?

Que explicação damos quando alguém gosta de nós? Lanço a frase de volta. Em pensamento, porque a língua continua paralisada. A mente da velha é uma tela branca. Como se dissesse, em seu silêncio, que eu devo ter uma explicação, e é a minha explicação que ela aguarda.

Pois bem, eu lhe darei uma explicação. Procuo algo que possa ter feito Alex cair de amores por mim. Uma qualidade particular, ou um traço especial de minha personalidade. Nada chega.

—Não devo explicações a você, —respondo finalmente.

—Não deve uma a você?

O estômago reclama. Deve ser o endro, que a velha coloca às toneladas na comida. Ouço então o ruído distante. O barulho de um pilar que eu imaginava sólido tombando. Meus ombros cedem, e a mão com a agulha abaixa. O irreal não se sustenta quando confrontado; a ilusão é um castelo de cartas.

—Você já desconfiava, — ela constata erguendo o copo à frente e brindando: —À negação, nem tão à prova de balas como alegam. — Levando o copo à boca, bebe o líquido de uma vez só.

O calor sobe à face. Um calor que não vem da sala quente, vem de dentro. Parascheva derruba minha última resistência; já era tempo que algo a derrubasse.

Eu posso questionar a velha bruxa e sua falta de tato, ou mandá-la cuidar de sua vida, mas a verdade é que essa pergunta pede respostas desde o dia na praia. Achei que fora da vista ela jamais precisaria ser respondida, e eu não teria que lidar com a verdade. Como Parascheva viu antes de mim não me surpreende; a bruxa é um oráculo.

—Você não viu antes por que estava grande demais à frente, — ela fala como se me fizesse um elogio. Um afago *à la* Parascheva em meu ego machucado.

Sim, estava grande demais. Era grande demais. O tamanho daquele amor estava errado. Por que Alex se apaixonaria justamente por mim?

O mal estar se espalha pelo corpo. Lembro-me da tatuagem que ocupava seu braço, dos sonhos que o perseguiam desde a infância. Não pensei o suficiente no significado daquilo, coisas mais urgentes aconteceram. Alex me convenceu de que existia destino.

Corro as mãos pelo cabelo, constrangida pela realização tardia do óbvio. De onde tirei que aquele encontro estava escrito nas estrelas?

—A pergunta é: quem o enfeitiçou? — Parascheva menciona a palavra que eu estava

evitando usar.

Sim, essa é a verdade que eu não queria ver. Alex foi enfeitiçado.

—Foi Ela, —eu murmuro. Quem o teria levado até Valparaíso senão Ela, a fim de criar as condições perfeitas da minha vinda? *Quem quer algo tem uma fraqueza*, disse-me alguém um dia. *Alex foi a minha*.

—Não acho que tenha sido Ela.

—Foi Ela, — eu repito. —Eu não viria para a Romênia se Ela não tivesse sequestrado Alex em um sono sem fim. Ela me ofereceu o elixir, eu aceitei. Alex pelo treinamento.

Eu derreto gota a gota sobre a poltrona. Com a maré vazante, a verdade começa a aparecer. Atrás de todos os olhares e gestos cuidadosos, o abominável. Alex foi enfeitiçado, ele nunca me amou.

—Bem, quem lançou o feitiço não interessa, —Parascheva conclui. —Se foi Ela quem o enfeitiçou, Ela desfez o feitiço.

Acordo do estupor, direcionando a raiva para a velha faladeira: —Por que está sendo cruel assim?

—Não estou sendo cruel. Se Ela criou o problema, também o resolveu.

—Ela quase o matou! Como pode considerar o problema resolvido?

Parascheva volta a bordar.

—Quero saber por que Ela fez isso, —digo engasgada. —Por que o escolheu, por que o levou até Valparaíso!

—Podemos perguntar para as árvores, elas devem saber os porquês.

Sua sugestão me irrita. —Ora, pare com essas maluquices de que as árvores contam coisas a você!

—Elas contariam diretamente a você, se não fosse parva demais para entender outra língua que não a sua.

Ergo as mãos, como se a bruxa tivesse acabado de atingir o meu limite. Eu também dou bom dia a árvores e acho ouvir delas sussurros, mas aquilo deve ser visto de modo poético, metafórico. O que Parascheva insiste é na tagarelice sobre a vida alheia. —E o que seria *parva*? — respondo cansada de seu vocabulário medieval. —Eu mal entendo o que você fala, como entenderia o que uma planta fala?

—Parvo significa estúpido, — Parascheva para de bordar. —E sabe do que mais? A Grande Mãe tem razão. Você não teria optado por vir apenas com a minha carta. Ela fez o que precisava fazer, usou uma carta escondida na manga. — A velha volta ao bordado, e a conversa está encerrada.

É isso que Alex foi? Sua arma secreta, a quem poderia explodir como último recurso? *Eu também sou um naipe em seu jogo de cartas?*

A pressão no nariz estende-se aos olhos. Antes que as lágrimas rolem pelo rosto, jogo o aro idiota sobre a poltrona e pulo as tralhas que atravancam o caminho. A porta da cozinha bate atrás de mim, e o ar perfumado da montanha me envolve. Tão melhor que a casa fedorenta de Parascheva, que cheira a alho, suor e fumaça. Corro até a borda da ilha sentindo a terra machucar os pés. O abismo lança à ilha outro tipo de vento, mais forte e sem perfume. Aproximo-me da beirada, tão rente que os dedos dos pés ficam suspensos no ar. À volta há apenas escuridão.

Lá está Ela, alheia e indiferente a tudo e a todos. Tenho vontade de gritar desaforos, de xingá-la. aguardo da Natureza uma explicação, mas aguardar é tudo o que faço. O mundo continua insensível como sempre foi.

Tremo de raiva, encolhendo os ombros entre soluços secos. A nota do perfume de Alex que achei reconhecer, suas palavras bonitas—tudo, absolutamente tudo resultado de um encantamento, uma brincadeira de mau-gosto. Alex veio para subir as apostas, foi sua moeda de troca. Sem o componente mágico, ele jamais teria me destinado um segundo olhar. Essa é a

verdade que preciso engolir, seca e árida: Alex jamais teria caído de amores por uma bruxa em um mundo sem feitiços.

As lágrimas embaçam a vista, e as estrelas borram no céu.

Tento, em meio a espasmos, odiar Alex por ter se apaixonado por mim sob encanto, por virar meu mundo de cabeça para baixo e destruir para sempre algumas coisas em minha vida. Como os meses de maio, que nunca mais serão os mesmos. Ou o céu, para onde eu não consigo mais olhar. Infelizmente o ódio requer forças, e elas estão em falta no momento.

Miro o oceano escuro até que a energia do corpo se dissolva e o que gira antes como tormenta se espalhe. A raiva acha cantos e quinas, dilui-se no espaço.

Digo adeus a Alex aquela noite. Não quero pensar nele como a consequência de um feitiço. Não quero, é um insulto e uma derrota. Dói de um jeito estranho, de uma maneira que no momento não consigo suportar. Enxugo o nariz na manga da camisa e olho para baixo, percebendo que bambeio entre a vida literalmente sem sal e os caprichos da criatura voluntariosa.

Você venceu essa batalha, monstro.

Não tenho para onde correr, eu preciso ficar —sem Alex, sem esperança de finais felizes, sem delírios românticos de histórias escritas nas estrelas. Estou sob patas pesadas, e sob elas preciso amargar um treinamento até o fim.

Dou um passo para trás, me afastando da borda. Embora decidida a ficar, não tenho a menor intenção de aterrissar cedo demais no colo do monstro.

Ela não me terá fácil assim.

XIX

O lado bom do monstro



Os próximos dias me aproximam de Parascheva e me distanciam do monstro. Ainda que Parascheva tenha o carisma e às vezes aja como um, nem de longe apresenta a crueldade do outro. Estamos há dois dias arrumando a horta em silêncio. A tarde está quente, embora sem sol.

—Dentes-de-Leão! —a velha exclama mais à frente com o traseiro para o alto. Suas mãos acariciam a flor amarela no meio da horta. —Eles são indestrutíveis. Quinze mil sementes em um único pé, já pensou? O mundo é dos persistentes, se alguém ainda não notou.

Paro de cavar para observar a curiosa tonalidade vermelha que meus braços ganham do sol. Ao levantar a manga da camiseta, vejo que tenho oficialmente duas cores.

Parascheva estala a coluna ao levantar. —Só não os cheire, quem cheira dente-de-leão faz xixi na cama.

A essas alturas eu conheço os artifícios da velha. Sempre que emburra, passa um tempo em silêncio; quando quer voltar a conversar, começa puxando assunto sobre algo sem relevância. O pedido, quando chega, não traz surpresa (até mesmo o tom desagradável é

previsível): —Por que não me conta como o governo achou vocês.

—O que quer saber? — pergunto retornando a manga da camisa ao lugar. Meu *modus operandi*? Fingir que não sei como o dela funciona.

—Como o magricela parou na sua porta, como se livraram dele. Você sabe — ela pede fazendo um gesto impaciente com as mãos.

Exalo o ar, olhando o sol que mais parece uma moeda de prata no céu mormacento. — Foram as chuvas sobre a reserva, —começo. —Acho que estranharam a quantidade de água despejada do céu sobre ela. Quando Martin Kuhn chegou lá, viu outras coisas. As luzes, e então vieram os lobos.

Sento sobre os calcanhares, pensando nos acontecimentos que culminaram na minha vinda. A Grande Mãe poderia ter sido mais discreta.

—E então seus amigos descobriram sobre você.

Volto a cavar buracos na confusão que ela chama de horta. —Sim, eles descobriram quem eu era—o que eu sou. Talvez Kuhn agora também saiba de tudo.

—Eles falaram o que viram para ele?

—Não sei, sua carta me tirou de lá antes de tudo explodir.

Faço uma pausa. —Se você ao menos me deixasse usar o telefone...

—Neguem tudo, —ela me corta. —Ninguém gastará tempo atrás do relato de um grupo de adolescentes.

—Não tenho tanta certeza disso. A agência de Kuhn trata de assuntos especiais. Você já pensou nisso? — tapo as vistas para olhá-la. —Eles não negam mais que coisas estranhas acontecem; eles existem para investigar essas coisas.

—Hm. Nossa paz depende da crença de nossa inexistência, — ela diz pensativa. —As pessoas não podem acreditar em bruxas.

Volto a cavoucar a terra, mas estranho o silêncio. Olho de relance para a velha e a pego

me olhando sem expressão clara. —O quê? —pergunto.

—Nada, —ela dá de ombros.

—Senti falta de suas grosserias, —murmuro voltando a olhar para baixo. O jejum de palavras parece melhor do que na verdade foi. A velha me causa raiva, e na falta de raiva só me resta pensar. Entre uma coisa e outra, prefiro passar raiva.

Ela grunhe algo de volta, incomodada pelo que acredita ter sido um elogio. —E o que vão fazer, agora que o governo sabe quem vocês são?

—Acho que a situação foi contornada, —respondo limpando o suor do rosto com a mão.

—Como?

—Demos à agência o que ela queria. Uma bruxa para aborrecerem.

—Vocês deram a eles uma bruxa? Por que fariam isso?

—Não foi uma bruxa qualquer. Foi a bruxa certa, — penso em Elka.

De nada adiantaria torcer para que o governo nos esquecesse. Somos raras demais, promissoras demais—eles não nos esqueceriam. Contudo, a essas alturas, conhecíamos uma ou outra coisa sobre humanos. Por que não entregar-lhes de bandeja o que tanto desejavam?

Parascheva esboça o que acho ser um sorriso ao entender quem enviamos à capital. Incentivada pelo momento, ela salta três pés de cenoura e para à frente. Algo me diz que não está mais interessada em rodear o que quer saber com bate-papo. —Posso fazer uma pergunta pessoal?

Tampo a claridade para vê-la melhor. Seu olho leitoso corre meu rosto, como se me visse melhor com ele. Ela às vezes faz isso, é assustador.

—Não!

—Como anda o coração? — ela pergunta assim mesmo.

Sua pergunta não chega a ser uma surpresa. *Como anda o coração*, refaço a pergunta cravando a ferramenta neolítica na terra. Dois dias atrás meu chão cedeu, como se um alçapão

tivesse se aberto sob os pés. Eu não esperava recuperar qualquer solidez tão cedo, mas foi exatamente isso que a rotina dura me devolveu: um chão. Estou ocupada demais trabalhando e reclamando para sofrer. E eu não quero mais pensar em Alex, e isso é um progresso.

—Sarando, —respondo.

—Você anda mais calma, —ela constata me cheirando. —Ha mágica no querer.

—Não acho que tenha sido magia o que me libertou.

Eu deixei Alex partir porque deixá-lo partir é o certo. Não havia me esquecido dele, nem deixado de sentir coisas por ele, mas Alex só valeria a pena se fosse livre. Quando eu o libertei, libertei a mim também. A velha bruxa sai da frente, satisfeita com o que vê.

—Você matou minha pimenteira, —ela acusa. —Nunca vi energia tão ruim.

Conhecendo Parascheva como a conheço agora, matar uma de suas plantas é uma ofensa.

—Desculpe.

Ela faz um gesto para que esqueça o assunto. —Venha, vamos tomar uma água.

Gretchen nos segue, como se o convite se estendesse a ela.

A casa de Parascheva é no momento uma fornalha. No meu terceiro copo de água morna, Parascheva fez o impossível: —Me desculpe por não ter conversado nos últimos dias. Você precisava pensar.

Para o ouvido acostumado a grosserias, as desculpas soam estranhas.

—Seu silêncio me fez bem, —devolvo me sentando ao seu lado na mesa. —Você tem uma estranha capacidade de me tirar do sério quando fala.

Ela ri, empurrando com o pé minha cadeira até o meio da mesa: —Quem se senta à quina não casa.

Aceito o local indicado, seguro para moças casadoiras como eu. —Eu também não fui fácil, —reconheço.

—A resistência nem sempre é um entrave. Traz vantagens e desvantagens.

—E dor de cabeça, — adiciono. A resistência nos últimos tempos trouxe um pouco de tudo.

—Resistir dá poder. Tanto para criar quanto para resolver problemas.

Eu concordo. Pouco depois pego a velha me fitando como se me estudasse, seu rosto parecendo um tecido franzido iluminado pela claridade da janela.

—Existe alguma coisa na sua oposição que me atrai, — ela diz.

Levo as mãos ao peito em um gesto dramático: —Quem é você? O que fez a Parascheva?

A velha acha graça. Sem delongar-se no sorriso, pergunta: —Por que não disse não?

—Seja mais específica, eu disse muitos nãoos ultimamente.

—Se achava que não era a garota da carta, por que veio para a Romênia?

—Acredite, Parascheva, eu tentei não vir.

—Mas você poderia ter desistido quando lhe dei a chance.

Eu sorrio: —Jamais.

—Você é uma Wolf.

—Eu estou aqui onde vivem os monstros, não estou?

Parascheva ri. Eu estou.

—E no mais, eu sou a garota da carta.

Os olhos da velha se alargam, tanto o bom quanto o ruim. Sim, ela está ouvindo corretamente. Tenho muitas outras dúvidas, mas não esta. Eu entendi a mensagem antiga assim que a ouvi. A carta souo um sino, algo ecoou em mim de volta. Eu sempre fui a destinatária da carta fedida à naftalina.

Não sei o poder que aquela frase tem, mas ela dispara uma reação improvável na velha. Ela bate as mãos na saia grossa, levantando a poeira no ar: —Então eu digo: você está pronta!

Meu copo quase cai no chão. —Pronta para o quê? — embora saiba que não estou ali em

um retiro espiritual, a frase traz alegria e pavor. O estômago embola como se Parascheva tivesse acabado de me oferecer a chance de aprender a voar sobre o precipício.

—Hoje vamos começar alguma coisa.

Aguardo ansiosa o que Parascheva tem para falar. Segredos, chaves para mistérios? Sequer consigo organizar tudo o que espero daquela mulher. Estudo suas feições à procura da verdade profunda, mas tudo o que vejo é um riso—ou choro, não entendo a princípio. Parascheva abraça a cabeça da cabrita, curvando-se sobre o bicho como se estivesse tendo espasmos nervosos. Penso em bater em suas costas para que desengasgue, mas ela se endireita. O riso agora se assemelha a um cacarejo. Parascheva está rindo—muito, alto, e feio.

—O que é tão engraçado?

A velha não está em condições de falar, ela está tendo um ataque. Tenta pegar ar, mas as gargalhadas explodem mais uma vez, e ela se entrega a elas quase sem forças para respirar. Isso deve fazer mal. Rio contagiada, vendo-a enxugar uma lágrima leitosa do canto dos olhos. Ela pousa enfim a mão no coração, ofegante.

—Você, — diz —a cabra, — e põe-se a rir novamente. Sou contaminada pelo humor, ainda que tenha finalmente entendido que ela ri de mim. Todos aqueles momentos em que conclui que Parascheva estava senil, ela estava me testando. Os passeios com a cabrita, as constantes varreduras do quintal selvagem, as podas malucas nas árvores, o bordado sem sentido ou fim.

—As camisinhas, — Parascheva adiciona mal conseguindo pronunciar a palavra, tapando o rosto com uma das mãos. —De onde tirou aquilo? — uma fungada escapa entre seus dedos.

—Eu tentei explicar.

Ela enxuga as lágrimas com as costas das mãos. —Você animou as últimas semanas, — diz olhando-me pela primeira vez com expressão alegre. Um suspiro que parece não ter fim

encerra o momento.

—Eu xinguei você com frequência nos últimos tempos, —confesso constrangida.

—Eu sei, — ela ri mais um pouco. Então o riso some do rosto, e ela volta à compenetração usual: —Bem-vinda, Nina, que bom que finalmente chegou. Agora chega de moleza, menina-lobo. Que a bagunça comece!

Bagunça, para uma velha de 128 anos, tem um significado próprio. A bagunça que fazemos é na cozinha: coamos café e chá, assamos bolo. Antes que o sol deixe o topo do céu nos sentamos na sala para começar, finalmente, o treinamento que me trouxe ali. A sala está como sempre: quente. A bruxa toma seu lugar, eu o meu.

—Pois bem, —a velha se serve de um pedaço de bolo de milho. —Vamos começar.

—Por onde? —pergunto cortando um pedaço do bolo morno para mim também.

—Que tal por monstros?

As mãos param sobre o bolo. É claro que ela sabe que eu a chamei no início de monstro, e também a Grande Mãe. Na verdade, eu ainda chamo as duas disso.

—Por que a chama de monstro?

Limpo a garganta, desistindo de comer por enquanto. —Acho que Ela me acertou com a mão pesada demais, — respondo envergonhada.

—Hm—a velha enfia um pedaço do bolo na boca. —O que acha que é uma bruxa para o mundo, Nina?

É bom ela ter inserido ‘para o mundo’ na frase; o que somos e como nos percebem são coisas diferentes.

—Um monstro?

—E somos monstros?

—Algumas mais que as outras, — brinco, mas ela não acha graça.

—E o que somos? — ela continua.

—É mais fácil falar o que não somos. Não moramos em castelos, não enfeitiçamos maçãs. Também não comemos criancinhas.

—De onde acha que vieram estas crenças? — ela pergunta se inclinando para pegar a xícara na mesa. Quando não a alcança, a xícara arrasta-se até ela.

—Não sei, — digo surpresa com seu truque.

—Por que acha que nos acusaram de tudo isso?

—Não sei, Parascheva. Por que procuravam alguém a quem culpar pelos desastres do mundo?

—Sim, mas nem de longe apenas por isso.

—Por que então? — pergunto tentando convencer minha xícara a se aproximar também.

—Medo. O medo cria monstros, e não o contrário.

Desisto de trazer a xícara, pegando-a pelo velho método de enganchar o dedo na alça. — Está dizendo que tenho medo Dela, por isso a vejo como monstro?

—Sim. Mas também que não a entende, por isso tem medo dela.

—O que isso significa? Que os homens nos transformaram no passado em monstros porque tinham medo de nós? Nós, camponesas pobres e sem voz?

—Éramos muito mais do que as aparências mostravam, e as pessoas sabiam.

—Mas ainda assim não dançávamos com o diabo, nem comíamos crianças.

—Nós não nos curvávamos. Lembre-se, nenhuma sociedade jamais soube o que fazer com seus rebeldes.

Cruzo as pernas, apoiando a xícara sobre a pele suada.

—Imagine uma sociedade sem respostas — Parascheva continua. —Sem resposta para o porquê da seca, da fome. Para as doenças que carregavam pessoas queridas embora. Detrás da próxima árvore espreitava a morte, que era certa e vinha de muitas formas. Frente a esse

mundo hostil, os humanos passaram a acreditar que se controlassem os arredores, diminuiriam as chances de serem mortos, ou passados para trás, ou desmoralizados.

Parascheva cruza as mãos enrugadas sobre o colo: —Ameaças precisavam ser domadas, esta foi a lição dos primeiros séculos. Mas para essa ideia dar certo, o controle precisava valer para tudo: escolhas, opiniões, comportamentos, ideias. Exceções abalavam esse pilar — ela solta um fungado, corrigindo a frase: —Pilar é um eufemismo, o controle dos homens sobre o mundo assemelha-se mais a palafitas do que a colunas de concreto. Seu controle do caos é tão frágil que precisa, por compensação, ser completo. Você sabe, todo exagero é uma compensação.

Franzo a testa. —Todo exagero é o que?

A velha não responde, reiniciando o falatório que quando começa, é difícil parar: — Como seria diferente conosco? Lá estávamos nós, um grupo do chamado sexo frágil, morando sozinhas e ganhando o próprio sustento, recusando o pensamento da horda. Eles devem ter nos odiado.

—E odiaram — adiciono.

—Veja só, que surpresa. Eles descobriram rápido que não adiantava ameaçar-nos com o inferno, nem proibir-nos de ascender ao paraíso— ela faz um beíço — imagine, ao tentarem nos converter descobriram que para nós o céu é na terra, e que nosso Deus era na verdade uma mulher. Acusaram-nos de blasfêmia, ameaçaram nos prender. Ainda assim não interrompemos nossas danças nem suprimimos nossos encontros, porque não dávamos a eles o controle sobre nossos corpos, como até hoje não damos. Sem saída, perguntaram-se: como controlar o incontrolável?

—Eles tinham medo de nós porque não nos controlavam?

Parascheva afirma. —Primeiro nos isolaram, depois nos julgaram, por fim nos condenaram. Ao final, exaustos de matarem mães e filhas, avós e tias, pintaram-nos de

monstros a fim de apaziguarem sua consciência.

A velha pausa, mas apenas brevemente: —Os humanos não tem criatividade. Nunca vi uma espécie com tanto medo do novo, do rebelde. Por isso repetem hoje o mesmo comportamento de séculos atrás quando encontram o que não controlam: difamam, caçoam, diminuem, apedrejam, objetificam. Amansam o que podem e destroem o que não conseguem. Isso vale para roupas, cabelos, contorno do corpo, escolhas sexuais.

Abro a boca para mencionar um caso que aconteceu na escola, mas ela me atropela: — Uma destruição metafórica, é claro. Nem sempre eles matam os rebeldes. Age-se hoje de maneira inconsciente e profilática: criando filhos que não se sujam, não se descabelam, não pensam diferente. E fazem a mesma coisa com Ela.

—*Ela*, Ela?

—Claro. A natureza é uma rebelde indisciplinável.

—Está dizendo que a destroem porque não a controlam?

—Porque não a entendem.

—E alguém a entende? — solto sem pensar.

—Nós a entendemos, —a bruxa responde. —Deveríamos, ao menos.

Posso ouvir as rodas gastas de sua mente sussurrarem ao girar: *essa idiota não tem ideia do que estou falando.*

—Ninguém a vê mais, ninguém a observa. O mundo está cego.

—A ciência a observa, —eu arrisco.

—A ciência a vê em partes, desmembrada. O cientista e seu objeto estão em lados opostos.

—E qual é a maneira certa de vê-la?

A velha para de falar. Após um tempo eu repito a pergunta, achando que eu não perguntei alto o suficiente:

—Diga-me, Parascheva. Qual a maneira certa de ver o mundo?

Os olhos da velha brilham, tanto o escuro quanto o enevoado. Ela enfia outro pedaço de bolo na boca, mastigando-o infinitamente, checando as teias de aranha do teto. Tamborilo o dedo na perna.

—As pessoas precisam se apaixonar novamente pelo planeta, — ela finalmente diz borrifando farelo sobre o colo. —Só assim o salvaremos.

Apaixonar-se. É estranho ouvir aquilo de uma velha tão mal-humorada.

—Precisamos nos apaixonar pela Terra da mesma maneira que nos apaixonamos por outra pessoa. Arrebatadoramente, profundamente, completamente. — A velha me olha, sabendo que sei de que sentimento ela fala.

—Parece mais fácil do que é, — digo girando a xícara para dissolver o açúcar do fundo, tentando não dar sentido pessoal às palavras. —Não sei se somos capazes de nos apaixonar por Ela assim. Quando a natureza é boa nós a amamos, quando ela é ruim nós a odiamos. Ela é um parceiro volátil.

—Parceiros voláteis nunca foram um empecilho para a paixão.

Eu sorrio, passando o dedo no açúcar e levando-o à boca. —Verdade. A pergunta é: como nos apaixonar assim pelo mundo?

—Cada um precisa descobrir sua forma de gostar. Uns caem de amor pelo outro como se andassem por um campo minado; estes precisam de tempo. Outros se lançam em relacionamentos como se puxados pela gravidade; e descobrem-se imediatamente prontos. Já para outros, —ela suspira— amar é tão simples quanto respirar. Essas pessoas já vem ao mundo dispostas a se apaixonar por tudo, inclusive pelo mundo. Amar está no gene.

Ela sorri de modo estranho para mim, eu sorrio de volta. E simples assim (e apenas por uma fração de segundos) a bruxa enrugada me parece um arbusto com menos espinhos.

—Quanto a Ela ser um parceiro volátil, não deveríamos amar apenas o que nos serve, —

Parascheva olha para o dia lá fora. —Quem ama o mundo precisa aceitar também o que não é bom. Todo corpo sob a luz produz sombra, e a sombra faz parte de nós. É justamente na aceitação do imperfeito que vem a nossa força.

Franzo as sobrancelhas. Um formigamento—algo como cócegas—se espalha pelo estômago. Parascheva acabou de dizer o oposto do que Kuhn disse aquela manhã, perto de casa. Que da fraqueza pode vir a nossa força.

—Não existem binarismos na alma, apenas bom ou ruim. — Parascheva ignora que eu estou longe. —A vida não tolera a simplicidade da dicotomia. Bom *versus* ruim, certo *versus* errado. A vida é complexa, caótica, difícil. Não há o que fazer: ela é um mar de rosas.

A frase me traz de volta. —Como assim, mar de rosas? — pergunto desconfiada que a velha não conhece a expressão. Ela às vezes troca os termos, por exemplo acha que quem gosta da lua é lunático. —Você acabou de dizer que mar de rosas é tudo que a vida não é.

—O mar de rosas é a melhor descrição do mundo, — ela rebate. —Flores e espinhos. É disso que se trata a vida.

Penso em perguntar de onde ela tirou aquilo, mas àquelas alturas da vida uma velha de cento e trinta anos pode se dar ao luxo de ser sua própria referência. E no mais, talvez ela tenha razão. Flores e espinhos. Essa não é só a definição da vida, é a definição de tudo que a vida traz.

—A vida é um monstro, — Parascheva ri pensando a respeito. Rio também. Como fundadora do clube Ela-é-um-monstro, é tranquilizador ver mais membros chegarem.

—E qual é o seu conselho para alguém que precisa se apaixonar por monstros? — pergunto —Transformar-se em um também?

—Não, —a velha limpa as mãos no avental. —Meu conselho é: cresça. É a nossa pequenez que aumenta os monstros do mundo. Eleve-se, e eles ficarão menos assustadores. *Alguém tão grande e sábio como a Terra saberá reconhecer outro gigante, ela completa em*

pensamento.

É nesse momento que ouço o grunhido. Acho estranho o grunhido vir de Parascheva, mas ao olhar para o lado vejo que os passos de Gretchen estão lentos e endurecidos.

—Gretchen—eu murmuro me ajoelhando no chão. —O que foi?

—Como foi que essa cabra intrometida entrou? — Parascheva esbraveja.

—Olhe, Parascheva, ela está dura. — Assim que termino a frase, Gretchen tomba no chão. Tapo a boca em horror. —Ela morreu? — A frase sai abafada entre os dedos.

—Não nos novelos! — Parascheva grita como se soubesse bem o que a derrubou. Olhando para mim, franze o cenho: —O que está fazendo sobre ela? Quer amassá-la?

Só então percebo que estou sobre a cabra. Dou imediatamente espaço ao animal. Parascheva a levanta do chão e a carrega até a cozinha, onde a põe sobre uma coberta velha. Gretchen se contorce. Chegou a hora, ela está em trabalho de parto.

Assim que Parascheva deita a cabrita sobre a coberta eu rumo para a porta.

—Aonde pensa que vai?

—Aguardar lá fora, —falo abrindo a porta. O ar fresco entra varrendo a face quente.

—Fecha a porta, olha a *currenta*!

Por um segundo não sei se fecho a porta na frente ou atrás de mim. Os gemidos da cabra parecem de dor, e decido aflita que esperarei do lado de fora. Não consigo ficar. Desde o dia do ataque no lago desenvolvi náusea a sangue e tudo que tenha aquele cheiro metálico. A pele que envolve hoje as marcas deixadas pelo lobo repuxa.

—Fique, — Parascheva ordena. —Existem coisas inesquecíveis nesse mundo, e uma delas você vai ver agora.

A velha senta-se no chão. Com calma desconhecida, diz: —Quero que conheça o outro lado Dela.

Fecho a porta com o nariz tampado. —Não devemos fazer nada?

—O que quer fazer? Levá-la para um hospital?

—Não sei, — digo ignorando o sarcasmo. A velha alisa a barriga da cabra, que, ao contrário de mim, está tranquila.

—Entende agora? — Parascheva pergunta. —A natureza, assim como a vida, é um arbusto belo e caótico, cheio de espinhos.

Olho para a cabra, que geme baixo. O cheiro de curral se mistura ao da lenha queimada.

—Flores e espinhos, — Parascheva sussurra pousando a mão sobre o ventre avantajado do bicho. —A pergunta é: você consegue amá-la conhecendo seus dois lados?

As contrações vêm agora em intervalos ritmados e cada vez mais curtos. O cheiro de sangue toma o ar, e tampo o nariz com ambas as mãos sentindo o estômago revirar. A cabra solta um berro de dor. Tão rápido quanto grunhe, expulsa um filhote. Abro a boca maravilhada. Antes que possa reagir —outro grito, um segundo filhote. Dois pequenos bebês, úmidos e aparentemente desacordados. Começo a rir como uma tola.

A cabra leva a boca à gosma que expulsou com os filhotes, comendo tudo que os rodeia. Um gesto primitivo e nojento, belo e fenomenal.

Acho que finalmente entendo a história sobre flores e espinhos.

É Ela ali mostrando o seu lado bom.

XX

Árvores também se enganam



Quando o aroma da Flor das Quatro chega ao quarto, encontra-o vazio. Passo por Parascheva batendo panelas na cozinha, indecisa se cozinha o milho duro agora ou mais tarde. Dou-lhe um bom-dia breve e aproveito para espiar Gretchen, encolhida sobre a toalha velha ao lado dos bebês.

Passo a mão sobre a pelagem lustrosa dos filhotes, encantada com as barrigas redondas que sobem e descem como ondas que batem mansas na praia. Os bebês são adoráveis. Um branco como a mãe, o outro marrom e repleto de pintas pretas, o que nos leva a conjeturar sobre a fisionomia do pai. Sinto uma vaga tristeza por perder minha companheira de andadas. Gretchen é agora uma cabra ocupada e sem tempo para mim.

Deixo a ilha pela ponte a fim de catar plantas em terra firme. Cogito arriscar uma corrida até a porteira, mas o simples pensamento de correr me desanima. Por que perdi a vontade de correr não entendo, mas acho que eu corria de alguma coisa, e agora não há mais do que correr.

Esqueço a trilha e volto a me concentrar na busca de frutas ou plantas que se transformem em chá. A floresta está deserta. Os troncos próximos não permitem a entrada do sol, e entre as árvores ainda é noite. Talvez as surpreenda acordando. Ou distraídas, dando

bom-dia às outras.

Abaixo para investigar uma planta colorida, sorrindo pelo último pensamento. Coitada da velha bruxa. Conversar com árvores a faz alguém menos confiável? O que sei sobre eremitas que vivem nas montanhas? Não me espantaria se a bruxa também conversasse com pedras.

Reconheço as flores de pétalas rajadas de rosa e vermelho. *Sweet William*, um tipo de cravo das montanhas. De perto, sua haste parece um estacionamento de borboletas, todas pousadas em um mesmo mastro. Arranco a planta inteira, com raiz e tudo. O cravo pode ser comido, e só de pensar em mudar o gosto de endro das refeições me enche de alegria.

Atravesso a ponte trotando, pensando em milho duro e flores. A boca enche de saliva. Quando chego, Parascheva já está sentada à soleira da porta com Gretchen ao lado, e uma xícara de café me espera sobre uma pedra.

—Bom dia, meninas, — digo estendendo o buquê em direção às duas. Parascheva cheira o ramo, indiferente. Quando estendo o buquê à Gretchen, ela o enfia na boca.

—Gretchen! — Ralho puxando o buquê para longe. —Era para cheirar!

Avalio o estrago causado pela cabra esfomeada; as flores estão destruídas.

—De onde tirou que Gretchen não veria a flor como comida? — Parascheva ralha comigo. —Dê o resto para ela.

Gretchen bale, apressada. Lá se vão as flores, para a alegria da cabra.

—Hoje vamos à floresta, — a velha informa. —Vista algo apropriado.

Isso é algo que altera a rotina. Tomo o café em um só gole, seguindo a velha que se levanta. Escolho entre a confusão de roupas amassadas um short marrom e a última blusa limpa da mala. Amarro o casaco na cintura e calço o tênis velho. Apropriado, eu acho.

Sigo a mulher porta fora. O dia está glorioso; nuvens brancas revolvem-se sobre si mesmas, contrastando com o azul elétrico do céu.

—Vamos até a parte antiga da mata, — Parascheva avisa. —Quero que conheça as responsáveis por termos encontrado você.

—As árvores? — pergunto. Ela assente, pegando o caminho batido entre o mato alto.

Na floresta, a cor dá lugar à penumbra. A luz aparece aqui ou ali, escapando entre galhos como espadas de luz. Parascheva segue disposta como sempre. Toda aquela história com as muletas havia sido uma encenação; a velha é um tanque de guerra, e atravessa a mata como um.

Aos poucos o verde da vegetação muda de tom. O estridente das folhas banhadas pelo sol se transforma no escuro intenso dos pinheiros e no aveludado do chão musgoso. Rearrumando-se como um caleidoscópio, a cor continua a tingir a floresta de esmeralda, do verde amarelado de grama nova e do verde azulado das turquesas.

Turquesas. Tento apagar a palavra da mente, mas é tarde demais. O termo agora banido do vocabulário me esquenta. Encosto a bochecha na lateral do braço, sentindo sua temperatura. Uma palavra que traz tamanho calor à face só pode conter algo terrivelmente valioso em seu sentido.

Parascheva pigarreia: —Por que não aproveita a caminhada e me conta o que sabe fazer?

—Fazer o que? — volto a me concentrar no caminho.

—Você é uma bruxa, deve saber fazer alguma coisa.

—Oh, — entendo o que ela quer. —Bem, sei fazer círculos de fogo, quer ver?

—Não quero ver nada, só quero saber. O que mais?

—Também interfiro em aparelhos elétricos, — digo abaixando o tom. Posso sentir a velha rolar seu único olho para cima.

—Por que teria um talento tão desnecessário?

—Não sei.

—Como dar panes em motores ou televisões um dia lhe beneficiariam? — ela estende os

braços como se perguntasse aquilo para a mata. Dou de ombros, sem saber.

—Bem, é isso.

Parascheva ri.

—Do que está rindo?

—Você não mencionou a pequena bomba.

—Que bomba?

—A que mora aí dentro—ela se vira e cutuca minha testa. —Ou vai me dizer que não tem curiosidade de saber como explodiu aquela praia?

Sua cutucada me assusta mais que suas palavras.

—Não sei bem do que está falando, — eu a olho desconfiada. Lembro vagamente da onda de choque e do padrão circular sobre a areia naquela noite, mas estou quase convencida de que aquilo foi causado pelo raio, e não por mim.

—Não foi o raio, e você sabe.

—O que foi então? Se dentro de mim tica uma bomba, é bom que eu saiba a respeito.

—Eu tenho uma teoria, mas por sorte continuará sendo apenas uma teoria. Não pretendo forçá-la a explodir perto de mim, por que não sou doida.

A ideia de que posso explodir não me cai bem. *Fui eu a responsável pelos machucados de Alex?*

—Não seja boba, — Parascheva me tranquiliza. —Alex já havia sido atingido pelo raio quando você... — ela procura a palavra. —*Detonou.*

Um nó se forma na garganta. Lembro de Alex, machucado no hospital. Ele estava naquela cama por minha causa. Eu o coloquei lá.

—Se posso arriscar uma opinião, você pode ter salvo o menino, — a velha diz. —A explosão o lançou para longe e o raio saiu pelo lado. Se ele tivesse caído diretamente sobre o garoto... — ela balança a cabeça, estalando a língua. Ela não precisa terminar a frase, eu sei.

Paro de andar, pousando a mão sobre o peito. O coração lateja perdido pelo corpo, como se não conseguisse achar o caminho de volta ao lugar. Céus, o que mora dentro de mim?

—Algo rápido, eficiente e incrivelmente responsivo, — Parascheva responde.

—Eu posso acabar machucando alguém, — digo sentindo a glote travar. —Posso ferir gente que amo.

—Não acho que explodiria quem ama, mas não colocaria a mão no fogo, contudo, de que não explodiria sob ataque.

O estômago é um enredado de cordas durante toda a caminhada. Eu às vezes olho minhas mãos, ou pouso-as sobre o coração para saber se o *bum-bum-bum* é na verdade um *tic-tac*.

—Isso nunca aconteceu em minha família, Parascheva.

—Vocês viraram bruxas urbanas, *nada* aconteceria em sua família.

—Não somos bruxas urbanas. De onde tira essas coisas?

—Sorte sua que eu a resgatei. Você precisava ser *selvagizada* novamente.

—Essa palavra sequer existe.

—Precisamos cunhá-la, então. Chega de tirar o selvagem da floresta para socializá-lo; é hora de tirar as pessoas da cidade e *selvagizá-las*.

—Tentarei lembrar do termo durante a minha futura missão, — respondo espantando a nuvem de mosquitos que salivam ao redor.

—Isso se eu conseguir te ensinar alguma coisa, — a velha estala a boca banguela.

O mau-humor de Parascheva me contagia ao contrário. O nó da garganta desce, e eu rio resignada. Após tanto tempo exposta aos seus arengues, acabei me acostumando a eles — ao ponto de sentir falta. Síndrome de Estocolmo, não existe outra explicação.

Subitamente, sinto uma picada. Olho para as pernas avermelhadas pelo sol onde os calombos já se insinuam, salientes. As pernas da velha estão cobertas pela saia preta, uma

vestimenta infinitamente melhor do que shorts. Subitamente entendo o que ela quis dizer com apropriado.

Abano a orelha para afastar o zumbido chato. Ao ver um mosquito estacionado em meu braço ergo a mão, mas antes que possa amassar o inseto, Parascheva a segura no ar.

—Eles estão em casa, não seria direito.

—Achei que planejavam me carregar para acabar comigo em outro lugar, — rebato tirando as mãos das suas.

—Quanto exagero.

—Não viu o tamanho dele? Agora sei de onde a lenda de vampiros surgiu, —falo aborrecida vendo o inseto voar gordo de sangue —meu sangue— para longe. —Dos mosquitos da Romênia.

—Não comece com essa história de vampiros. Você não sabe como o assunto é cansativo para um romeno.

Imediatamente sei que esse será o assunto dos próximos minutos: —Se dizem que bruxas não existem, o que posso dizer sobre vampiros?

—Quanta bobagem! Vlad, o Impalador foi um herói, não um monstro sanguinário.

—Quem duvidaria disso, com esse apelido?

A velha se vira com cara de brava: —Ele foi um herói. O Ocidente que veio aqui e distorceu tudo, inventando essa história tola!

Chacoalhando os braços como se estivesse farta do Ocidente inteiro, resmunga: — Vampiros!

Eu ainda rio quando a velha estanca no lugar. Paro logo atrás dela, sentindo o suor descer pelas bochechas. Chegamos em algum lugar.

As árvores ao redor são diferentes. Algumas são altas e encorpadas, quase obeliscos naturais; outras são baixas e exibem ramadas labirínticas—árvores que são a minha própria

imagem de árvore. Samambaias, cipós, heras frondosas descem dos galhos altos, e sementes delicadas flutuam ao redor. Sem dúvidas aquela não é uma parte comum da floresta, estamos em um lugar especial.

—*Buna Ziua*, — Parascheva murmura andando até elas. Não há tom brincalhão ou sarcasmo na voz da bruxa quando ela começa a falar em romeno com os troncos. Ela retira galhos caídos da clareira, conversando como se eu não estivesse mais ali. Eu me esqueci que Parascheva acredita morar em um condomínio, e gosta de trocar ideia com outras centenárias.

Talvez eu esteja ficando tão louca quanto ela, mas sempre que ouço a velha falar meu nome eu me sinto observada. As árvores não se envergam nem saem da terra para se virar, mas de alguma maneira assombrosa e inexplicável, *me vêem*.

Parascheva se senta em uma pedra na borda da clareira. É então que percebo o que não vi até o momento: as árvores formam um círculo, como se estivessem de pé ao redor de um templo. Onde o sol incide sobre a clareira, exatamente no meio, está uma pedra. As doze pairam majestosas ao redor desta mesa imaginária, como se fizessem parte de um concílio.

Nessa roda Parascheva também tem o seu lugar. A décima terceira delas.

—Sente-se, —ela ordena.

—Ali? —aponto para o meio. —Não tem nada menos central?

—Elas querem te observar.

Esfrego a mão nos braços encrespados e me sento sobre a pedra úmida. Paira no círculo um cheiro de antigo, de madeira úmida. O lugar inteiro cheira a ancestralidade. A idosa cruza as mãos sobre a saia e seu rosto tomba para frente. Enquanto as árvores supostamente me olham, aproveito para olhá-las também. As cascas rugosas que envolvem seus troncos parecem peles curtidas e maltratadas pelo tempo. Parascheva assemelha-se a elas, sua pele também parece uma casca rugosa.

A mente começa a dar piruetas. Imagino que por centenas de anos as treze observaram

com a placidez de rainhas o tempo passar. É ao mesmo tempo uma insanidade e um privilégio saber que foram elas que me encontraram antes mesmo que eu nascesse.

—São lindas, — murmuro.

A velha abre os olhos. —Elas agradecem o elogio.

—Quantos anos elas têm?

—Pesquisadores estimaram sua idade média em 800 anos. Elas afirmam ter mais.

O papo morre e o silêncio volta a beirar o ridículo. Remexo sobre a pedra tentando achar uma posição mais confortável. Coço algumas picadas que viraram calombos, olho para trás e para os lados. A verdade é que estar sob escrutínio –ainda que de uma planta– deixa a sensação de que a pele está apertada sobre o corpo.

Ajeito a camiseta, descolando-a do braço suado. —E então, elas me aprovam?

A velha me lança um olhar soturno.

Olho sobre os ombros para os troncos atrás de mim à procura de olhos ou bocas, como se precisasse ver nelas um rosto. Não ouço nenhum murmúrio ou sussurro.

—Elas têm dúvidas sobre você.

Aquilo é uma surpresa: —Elas não me aprovam?

A pergunta soa sem sentido. Estou na frente de uma bruxa que discute com árvores, e acabei de perguntar se árvores me aprovam? Chacoalho a cabeça, recobrando o bom senso.

—Elas pedem desculpas, mas você não é a garota da carta.

A revelação não é imediatamente compreendida: —Mas é a primeira vez que piso aqui.

—Elas sabem de tudo.

Molho os lábios com a língua, pausando as próximas palavras: —Bem, como podem saber de tudo se enganaram-se?

—Estou apenas repetindo o que disseram.

Tenho vontade de rir. Não um riso divertido, mas um riso de agonia: —Elas ao menos

contaram por quê?

Parascheva nega.

Pressiono os olhos com os dedos, sentindo uma veia pulsar no pescoço. Tento modular o tom, mas a frase acaba saindo entre os dentes: —Como podem ter esperado trinta anos por mim sem terem certeza de que era realmente eu?

A bruxa dá de ombros. —Não sei.

Continuo —não calma, mas educada: —Eu deixei de viajar para vir para cá. Trabalhei por um mês como um burro de carga para você agora me dizer que tudo não passou de um engano?

Sequer penso no que aconteceu a Alex por causa dessa confusão. Se eu pensar nisso eu explodo. Agora sei, literalmente.

—O boato que corre na floresta é que você não é a pessoa certa.

Tombo a cabeça entre as mãos. Por que diabos atravessei um continente baseado em uma suspeita levantada por árvores? Eu fui escolhida por acaso, minha vida está de pernas para o ar por causa dessa lunática!

Minha vontade é de esganar a velha bruxa.

Levanto da pedra em um só impulso e deixo a clareira. Não consigo sequer olhar para Parascheva. Está claro que ela está agindo como aqueles psicólogos que conversam com crianças com um fantoche nas mãos. Fazem o fantoche dizer verdades em voz infantil, sem coragem de encarar o problema de frente. É ela quem desconfia que eu não sou a pessoa certa. Por que não me libera logo desse castigo e me deixa partir?

—Não fui eu, — a bruxa reclama. —Foram elas!

Ergo os braços em rendição e inicio sozinha o retorno à ilha. Chega de sopa de batatas para mim. Chega de bordado e varreduras de quintal. Chega de endro. De banhos frios enlameados.

O coração galopa sem saber o que sentir. *O que devo sentir?* parece perguntar: alívio ou decepção? A verdade é que sinto os dois, mas um pouco mais de decepção do que esperaria sentir. Em algum momento, já longe da clareira, Parascheva me alcança.

—Você podia ter esperado, elas fariam mais coisas!

Não respondo, mas diminuo o passo ao ouvi-la arfar.

—Sabe o que não entendo, Parascheva? Por que nós? Por que justamente as bruxas incompetentes e urbanas? Por que a Grande Mãe não escolheu alguém melhor, mais forte, menos *tonta*?

Parascheva escora-se em um tronco. —Você entendeu tudo errado, — limita-se a dizer para economizar oxigênio.

De onde tirei que Parascheva me explicaria alguma coisa? Sempre que conversamos saio com mais perguntas que antes. —Elas poderiam ter falado diretamente comigo.

—Mas elas falaram! — A velha arregala os olhos. —Que culpa tenho eu se você está fechada para ouvi-las? Procurando um rosto nelas, onde já se viu? Você fez papel de boba ali!

Solto uma bufada de raiva e volto a andar. É horrível ter os pensamentos escrutinados e não poder revidar.

—Você não é a garota da carta porque não está pronta, — a bruxa grita. —Sinto muito, mas só se está pronta quando se está pronta. Elas esperavam outra coisa de você!

Quando a distância entre nós fica maior, Parascheva desabafa: —Elas estão certas, Nina!

Eu paro, mas a velha continua: —Você vê a Grande Mãe como má e geniosa; vê a mim como maluca, vê as árvores como postes. Você não está de corpo e alma nessa história.

—Eu estou aqui o tanto quanto consigo estar, — praticamente cuspo a verdade.

—Falta o coração.

—Eu trouxe meu coração para cá, ele só está nocauteado. — Pego um pedaço de pau caído no chão e estendo para ela.

—Eu sei, —ela diz aceitando o cajado improvisado.

—O que mais Ela quer de mim, Parascheva? — encaro a bruxa, que me encara de volta.

—Arroubo. Paixão. É isso que Ela quer. Falta o brilho em seus olhos.

Há brilho em meus olhos agora, mas é de raiva. Dou as costas para ela e volto a andar.

—Ela escolheu você para ajudá-la, quem não amaria isso? Quem não gostaria de ter a chance de salvar o mundo?

—Ninguém, — respondo sobre os ombros. —A gente quer que alguém o salve. As pessoas darão mil *curtidas* e baterão palmas, mas apenas se não der trabalho.

Parascheva não gosta quando eu digo essas coisas em voz alta.

—Você acusa os humanos de não ligarem para Ela, mas não percebe que também não liga. Há uma diferença entre defendê-la e amá-la.

—Que diferença faz se morrerei por Ela amando-a ou não?

—Toda a diferença! —a velha responde irritada. —Quando acreditamos na causa, uma luta não é só guerra; é justiça!

Aproveitando que não rebato seu comentário, ela assume a dianteira. —Venha comigo, —ordena. —Tenho uma revelação a fazer.

XXI

Réquiem



O calor do aposento é insuportável. Abano o prato de louça como um leque, tentando fazer vento. Parascheva, alheia como sempre ao calor ou meu desconforto, fecha a última janela e cerra as cortinas. Estamos agora dentro de um forno escuro.

—Desculpe, Parascheva, mas não aguento esse calor, —reclamo abrindo a cortina que ela acabou de fechar. —Chega dessa história que a *currenta* é a responsável pelas dores do mundo. Eu preciso de ar!

A mão da velha pousa sobre a minha, firme mas gentil. —Leve essa planta para fora. —Pede indicando com o queixo o pote de tomates que cresce na sala como se estivesse em uma estufa. —Gretchen e as crianças também.

Toco Gretchen para o terreiro. Os filhotes, saltitantes demais, coloco do lado de fora pela janela para que não voltem a entrar sob minhas pernas. —Salvem-se do calor, —murmuro assim que os dois pousam os cascos na terra.

Quando volto a velha está parada no meio da sala, mãos na cintura, o olho bom escaneando o ambiente. Acha no canto um cacto tristonho com aspecto de que nunca viu água na vida: —Leve-o daqui também, —diz estendendo-me a planta esturricada.

—Este não morrerá de calor, —resmungo. Quando retorno, Parascheva está sentada em

sua poltrona puída. Suas feições estão pesadas, e tomo desconfiada o lugar à sua frente.

—Não pode haver nada nessa sala que esteja conectada a Ela, —a velha diz. —Nenhuma planta, nenhum animal.

Mesmo não entendendo, olho ao redor. Com a exceção de Parascheva, não há nada conectado a Ela ali. Supondo que Ela significa Ela.

—Não há mais nada.

A velha balança a cabeça e por algum tempo faz silêncio. Não procura mais coisas vivas na sala, apenas as palavras certas para começar. Sua demora aumenta minhas expectativas. O que ela hesita tanto em dizer entre quatro paredes e portas fechadas?

Volto a me abanar com o prato.

—É muito importante que preste atenção ao que vou dizer, —ela começa.

Concordo com a cabeça. Eu quase sempre presto atenção.

Sua voz sai em tom de confidência, como a de um espião que murmura um segredo ao outro enquanto olha à volta para ver se não foi ouvido: —Você não ouviu as árvores hoje porque elas estavam falando baixo.

Naquele momento eu finalmente entendo. O último parafuso frouxo que prendia as ideias de Parascheva no lugar havia caído. Ela é, para mim, oficialmente doída.

—Elas não queriam que a Grande Mãe soubesse.

—Soubesse de quê, Parascheva?

—Que está tudo perdido.

Suspiro. É inacreditável, eu me sinto culpada por não ser a garota que as árvores e Parascheva esperavam que eu fosse. Como posso sentir culpa pelo erro delas?

Antes que possa dizer algo, a velha continua: —Além disso, eu cansei.

—Você não está mais fazendo sentido.

—Cansei de ver gente morrendo por Ela. Cansei, essa é a verdade. Gente que eu conheci,

gente que eu treinei.

Olho-a com mais atenção. *Quem morreu por quem?* Suas mãos estão nos braços da poltrona, como se ela estivesse para descer uma montanha-russa. Os olhos estão em todos os lugares e em lugar nenhum.

—Quando você me perguntou que diferença fazia defendê-la amando-a ou não, eu me perguntei o mesmo. De que diabos adianta amá-la? — Parascheva balança a cabeça, algo nela parece ter *clicado*.

—Conversamos muito sobre isso. Você sabe, eu e as árvores. Elas não viram em você o que esperavam ver. Disseram que faltava o brilho nos olhos, como se esse brilho — ela passa o polegar entre os outros dedos, como se sentisse a palavra em suas pontas —Pudesse salvá-la.

Sua cabeça balança por uma eternidade que não.

—Mas não foi isso que você falou? — Pergunto. —Que a vontade faria toda a diferença?

Uma sombra de derrota cruza seu rosto. —Oh, Nina... a quem estamos tentando enganar? — A velha leva o olhar para a janela fechada, suspirando para as cortinas puídas que impedem o mundo de entrar.

—Enganar sobre o que?

O ar da sala torna-se denso, encorpado. Pesa sobre nós uma névoa ruim, que não sei bem se está mesmo lá ou é apenas impressão.

—Sobre sermos capazes de fazer alguma diferença.

Afasto alguns centímetros, sem entender direito o que está acontecendo ali. —Você está tendo uma crise de fé, só isso — digo. —Bem vinda ao clube.

A velha não sorri como eu esperava. Que não seja uma crise de fé, então. Todos precisamos em algum momento ventilar—desabafar—o que faz sentido dentro de um lugar tão abafado.

—Não estou tendo uma crise de fé.

Minutos se passam. Enxugo a testa, e a mão volta molhada ao colo.

—E não preciso desabafar. Minha fé está em ordem. Você sabe o que Ela é para mim; o que Ela é para nós.

Penso em dizer algo, mas mordo os lábios a tempo. A verdade? Eu não sei.

Essa seria a hora de Parascheva perder a paciência comigo, mas ela continua estranhamente calma: —Somos intimamente ligadas a Ela, de todas as maneiras possíveis. Sem essa conexão íntima, nossa vida seria um labirinto sem saída, como o de tantos por aí. Essa conexão com a Terra é a nossa estrela do norte, você consegue entender isso?

Balanço a cabeça de modo inseguro que sim.

—Ela é a nossa bússola, o guia da nossa alma. Ser uma parte dela—ser bruxa—é a nossa mitologia.

Ela procura em mim algum sinal de compreensão. Não compreendo inteiramente, mas espero que note que estou tocada. Ela nota.

—Quando digo que ser bruxa é a minha mitologia estou dizendo que, quando olho para a frente, sei para onde vou. Quando olho para o lado sei onde estou; quando olho para trás entendo por que fiz as coisas que fiz. É isso que a mitologia faz—ela acalma o mundo para que ele possa caber dentro de nós. Eu não navego desordenada pela vida. Eu entendo o mundo, eu sigo um curso. E o meu curso quem dita é Ela.

Engulo em seco. Se isso não é fé, o que fé seria?

A feição de Parascheva não é hostil, é frágil. Ela parece despreparada em organizar as palavras como gostaria que elas saíssem, como se dissesse aquilo pela primeira e talvez última vez: —A verdade é que Ela...

—O que tem Ela?

—Ela está morta. Não há mais o que salvar.

Minhas sobrancelhas se apertam. Achei ter ouvido Parascheva dizer que Ela está morta.

—Ela está.

Procuro sinais de que Parascheva está bêbada. Havia acontecido antes, posso não tê-la visto beber. Como se meus pensamentos a tivessem lembrado algo, a velha tateia o chão debaixo da poltrona. —Não há pelo que lutar, — ela confia puxando a garrafa pelo pescoço. —Acabou.

—Isso é alguma brincadeira? — pergunto sem paciência. A história com as árvores me deixou nervosa. Somado a esse calor infernal e à novidade de que hospedo em mim uma bomba, preferiria dar um basta às notícias ruins por hoje. Parascheva abre a garrafa e a leva à boca, diretamente no bico.

—Infelizmente não, — responde aos meus pensamentos limpando a boca com o punho. —Não estou brincando.

—Mas você acabou de falar que ela é o seu propósito, seu norte, sei lá.

—E é. E será até desaparecer. O que é um fato.

Olho para a janela. Algo me diz que a Grande Mãe não acharia graça naquela conversa.

Parascheva recosta na poltrona e leva a garrafa à altura do rosto. —Eu vou te contar uma história, — ela diz. —Depois dessa história você poderá tirar suas próprias conclusões.

Cruzo os braços, no aguardo.

—Era uma vez um planeta azul... — ela começa com o olhar perdido na bebida que toma a cor da palavra. O líquido da garrafa de cachaça ganha o azul dos dias bonitos.

Como ela fez aquilo?

—Um planeta perfeito, mas que cometeu um erro fatal: ceder a uma de suas criaturas um espírito que nunca se satisfaz.

Humanos nadam naquele caldo imaginários. Primeiramente um ou dois, depois dezenas, centenas deles.

—Por pouco essas criaturas não passaram no teste da sobrevivência dos primeiros anos.

Depois desse início medíocre, viraram o jogo. Cresceram, espalharam-se. Inventaram doutrinas e leis que justificavam os seus massacres. Sem garras, talentos especiais ou compleição física vantajosa, eles controlaram o pequeno planeta com mãos de ferro, quase uma compensação pelo início difícil. O segredo desse animal? Resiliência. Número. Intelecto.

A velha roda a garrafa em frente ao rosto, dissolvendo os humanos que se formaram no líquido. Os humanos somem, deixando para trás um caldo escuro.

Parascheva estreita os olhos como se perguntasse para a bebida: —Como Ela pode ter cometido esse erro? Permitir que fosse dominada por um bando tão indisciplinado e intolerante? Um animal de horda, que mata os semelhantes, que polui o próprio ar?

Não sei responder. A agonia em mim cresce.

—Hoje eles reinam absolutos, sem perceber o preço da etiqueta pendurado na coroa. Do alto de seu trono afastaram-se dos sentidos, e sua distância da terra trouxe-lhes amnésia. Governam a criadora como se fosse criatura: com grilhões de ferro. Com crueldade.

Ela me olha de modo obscuro: —Você os conhece, os humanos não gostam de ser súditos. Sua mente é doutrinada para acreditar que só podem ser senhores. Imbecis.

—Parascheva, eu —

—Eu detesto treinar você.

—Oh, — exclamo pela súbita e inesperada revelação. Não sei bem porque fico surpresa, sua antipatia é explícita.

—Tive raiva de você quando vi sua resistência. Quando vi quão doente você estava.

Estalo a língua: —Eu não estava doente.

Ela me ignora. —Cheguei a pensar: como a Grande Mãe pode ter colocado suas esperanças nessa garota mirrada, que claramente não se importa? Que chegou aqui quebrada por tão pouco?!

—Eu me importo agora!

—Eu também culpei você, — ela aponta o bico da garrafa para mim. —Culpei você hoje mesmo, quando as doze me confrontaram sobre sua falta de vontade, como se isso –vontade!– pudesse salvá-la.

—A quem estamos enganando? — Parascheva sorri pouco convincente. —De nada adiantaria se você chegasse aqui disposta a queimar o mundo por Ela. Ela não tem salvação.

—Parasch...

—Eu cansei desse mundo. — Após cuspir a frase, Parascheva fecha os olhos e encosta o queixo no peito. Sua respiração interrompe. Ela não parece respirar.

Ah, não, eu me empertigo. Você não vai morrer agora.

—O que está tentando fazer? — praticamente grito para acordá-la. Ela ergue a cabeça, mostrando que não morreu.

—Estou dizendo é que o motivo por ter vindo está com os dias contados. Tic tac. O selvagem não tem mais salvação. — Dando outro gole na cachaça, tenta encerrar o assunto. Como se um caroço que morasse há semanas em sua garganta tivesse finalmente pulado para fora. Como se coubesse a ela interromper aquela conversa agora. Eu não estou preparada para parar de falar.

—O que estou fazendo aqui, então? — pergunto. —Sofrendo uma lavagem cerebral de que Ela vale a pena, que tudo que Ela precisa é de um grupo de pessoas que a defendam?

—Você sequer me ouviu? —Parascheva volta a tatear o chão à procura do copo que rolou para algum lugar. —Não existe mais jeito. A Grande Mãe tem esperanças de que pode ser salva, embora todos saibam que não pode mais. Pff, esperança. Quem diria, os Deuses também cultivam o sentimento.

—Mas você acabou de dizer que Ela é seu guia, e—

—Eu só queria mostrar para você que me importo, que não estou sendo derrotista antes da hora. Amor e comprometimento não bastam mais para salvá-la!

—Mas e as últimas semanas? Tudo que me disse até hoje foi uma encenação? Um ato para que Ela acredite que alguém ainda se importa?

O que Parascheva está me dizendo é que nada mais adianta, que a Grande Mãe está condenada. No entanto, anos de mensagens positivas ainda moram na minha mente. Doutrinas que nos convenceram que, se reciclássemos e diminuíssemos o consumo, se comprássemos conscientes ou fizéssemos o nosso melhor, poderíamos ajudá-la.

Parascheva tenta prender o riso: —Reciclar foi a maneira que achamos de amenizar a nossa culpa.

—Mas e tudo que ainda resiste no mundo? — aponto para a janela com as orelhas em brasa. —As florestas, os animais, os esforços de milhares de pessoas para salvá-los? Está me dizendo que eles lutam em vão?

Parascheva limpa o copo melado na saia empoeirada. —O que resiste no mundo vai tombar. Talvez não no ano que vem, mas inevitavelmente durante a sua vida. Bem, isso se você não morrer em sua primeira missão, — ela adiciona em um murmúrio, sem me encarar.

Tenho vontade de estapeá-la para trazê-la de volta, como se aquilo tudo fosse um delírio de sua cabeça senil. Como ela pode parecer em paz com o fim?

—Você está bebendo demais, — concluo. —E se não estiver dizendo bobagens por causa da bebida, está delirando por causa desse calor dos infernos. Esse calor não faz bem às pessoas! — exclamo afastando a gola da blusa que encosta úmida na pele.

—Os homens destruíram o mundo rápido demais. Mesmo que interrompêssemos hoje todo tipo de crime ambiental, não conseguiríamos reverter os estragos. Nós passamos do ponto-de-não-retorno.

—O que sugere que façamos? Que desistamos Dela? Você mesma disse que existem pessoas que valem a pena.

—Não é mais esse o caso! — ela rebate com os olhos esbugalhados. —Não-dá-mais-

tempo! — Seus indicadores unem-se aos polegares em um ‘o’. —O curso que o mundo tomou não tem retorno, o selvagem está MORTO!

—Quanta besteira!

—Besteira? — A velha ergue uma das taturanas grisalhas que tem sobre o olho. —Você diria que é besteira o fato de noventa por cento dos mares ter sido saqueado? Que apenas ínfimas quantidades de mata intocada restam no mundo, que animais e vegetação são aniquilados para forçar passagem para represas, para o gado, para as monoculturas?

Ela sequer pega ar, emendando a frase na outra: —Daqui a cem anos, vá você para a guerra ou não, um quarto de tudo que é vivo terá desaparecido para sempre. Pense nisso, Nina! Animais que jamais veremos novamente. Paisagens que nunca mais serão as mesmas. Tratamos a terra como se tivéssemos um outro lugar para ir. Nosso futuro será aqui, —ela aponta para o chão —junto a bilhões de humanos e ratos!

—E baratas! —adiciona como se não pudesse esquecer-se delas também.

Encho o pulmão com o ar quente da sala, tentando recuperar a paciência há algum tempo esgotada. Modulando a voz, tento rebater suas previsões: —As pessoas mudam. E se elas mudam, podem mudar o rumo das coisas.

—Ninguém pode mudar o passado. O que fizeram com a Terra não tem volta.

—Precisamos tentar.

—Tentar como, Nina? Criando reservas e santuários? E se eu te dissesse que esses locais de conservação ‘gentilmente’ cedidos ao selvagem são justamente o que os condenam? Que ali onde eles deveriam estar protegidos, eles estão na verdade ilhados, aprisionados, vulneráveis a caçadores e doenças que se alastram pela terra mais rápidas que fogo?

“Quer mais exemplos? — ela continua. —Esforços como clonagem, reprodução assistida, documentários que nos trazem para perto dos animais, safáris ecológicos, zoológicos que justificam o calvário sob rótulos conservacionistas, expedições exploratórias. Tudo –

exatamente tudo – que acreditamos fazer para ajudá-la na verdade a destrói.

Passo a mão pelo rosto, evitando as cenas que desfilam por sua mente.

—Como vamos amar o que não vemos, Parascheva?

—Oh, sim, esqueci que apenas amamos o que nos entretém.

Suspiro, olhando para a porta. Quero sair dali. Preciso sair dali.

—É um triste paradoxo que seja justamente o nosso amor por Ela que a destrói. A verdade é, toda vez que nos aproximamos do selvagem abrimos uma picada na mata, um caminho antes inexistente para que outros se aproximem. O selvagem que você toca deixa de ser selvagem. Os animais se acostumam à presença dos humanos, perdem o medo, perdem as rotas, simplesmente perdem.

“Não existem limites para essa espécie estúpida. Não existe limite para especulação imobiliária, para a ganância, para a necessidade do óleo, de madeira, de chifres, de comida. O selvagem está morto em um mundo de sete bilhões de pessoas. Coloque isso na sua cabeça: ELA-ESTÁ-MORTA.

Meu olho enche de água: —A inteligência que a destruiu pode consertar os estrago, — tento argumentar pela última vez, segurando as lágrimas.

—Não está mais nas mãos dos humanos decidir repará-la. O trem tomou seu curso, e para onde segue não sabemos. O que sabemos é que ele já partiu e segue ladeira abaixo. Sem freios. Sem volta.

Sinto o ardor tomar a face. Eu me recuso a acreditar nisso. O mundo inteiro sonha com montanhas e mares, campos e florestas desabitadas. Quando fechamos os olhos em meio ao caos, é Ela quem surge à frente. Precisamos fugir do barulho, da poluição, da dureza da civilização para não enlouquecermos. Como estragaríamos o destino final de nossos devaneios, aquilo com que sonhamos?

O olhar que a velha me lança é a resposta. *Você não sabe de nada da vida.*

Finalmente entendo que Parascheva não dirá em algum momento que está brincando.

Aquela bruxa pessimista e cruel na minha frente é uma estranha.

—Chega a ser irônico, — a velha solta.

—O que é irônico? — Pergunto ouvindo a voz falhar.

—Tudo o que você queria quando chegou aqui era arrumar uma maneira de livrar-se dela. Pois bem, aí está. Sua luta é contra um monstro moribundo.

Levanto da cadeira. Preciso deixar a velha, a conversa, o calor insuportável para trás. O que Parascheva ganha falando aquilo? Mais resistência, deserção, minha empatia?

—Eu não estou pronta para jogar a toalha.

—Não espero que jogue, e saiba que também não jogarei. Só acho que merecia saber.

—Eu mudei, — digo encarando-a. —E se eu mudei, outros podem mudar também. Ela sabe disso, e deve ter um plano.

—Ela tem, —a velha fala com escárnio. —Você.

XXII

Solstício



Enrolada no cobertor, vejo o sol despontar no horizonte à beira do penhasco. O pelo da cabra encostado ao meu brilha como se besuntado de óleo, enquanto a luz mansa do sol traz dourado à paisagem.

Nos últimos dias eu pensei. Sobre mim, sobre o mundo, sobre viver nele.

Quase não senti vontade de falar, o encontro com as árvores e a conversa com Parascheva me silenciaram. Um silêncio interno, daqueles que emudece a alma. Só as palavras da velha continuavam a flutuar ao redor, mais ideias do que sons, como estilhaços após uma explosão. A impressão é que só restaram escombros por dentro. Silêncio, cacos e reticências.

Quem diria que o brilho nos olhos chegaria assim.

O ar frio das montanhas abre os pulmões. Não sei por que penso nesse instante em Valparaíso e nos eventos que antecederam minha partida. O peito, onde costumava sentir a pressão sempre que pensava nos últimos dias em casa, mostra-se leve.

—Como posso me sentir leve? — Pergunto a Gretchen, que me olha vesga de volta.

Sem dúvidas o tempo cumpriu sua parte. Os eventos e pessoas continuam indelévels, mas os sentimentos a respeito deles estão menos intrusivos. A angústia se dissipou, uma hora após a outra, um minuto após o outro, uma respiração depois da outra nessa vida boa e ruim.

Quando cheguei à Romênia, achei que a bruxa irritadiça me ajudaria a domar as luzes e o tempo, a escapar da sombra do mundo que caía sobre mim como ameaça. Que me convenceria de que o mundo é belo e bom, e que valeria o sacrifício para o qual fui intimidada.

Quanta ironia.

Com sua falta de tato, sua psicologia reversa e seu carisma de uma unha encravada a velha implodiu minhas expectativas. Ensinou-me que temer o monstro fala mais de mim do que do monstro, e que para amansá-lo eu precisava crescer.

Um monstro, agora eu sei, sofisticado em sua brutalidade e em sua ternura. Que luta contra o tempo com uma espada covardemente cravada nas costas.

Ao tirar as expectativas sobre meu futuro, a bruxa tirou o poder que elas tinham sobre minhas emoções. Meu sacrifício por Ela valeria o tanto que eu o fizesse valer.

A voz de Parascheva ao longe interrompe minhas divagações. Ela parece aborrecida com algo.

—Vamos ver o que aquela maluca está aprontando, — digo a Gretchen.

Encontro Parascheva lutando contra um dos cabritinhos, que insiste em puxar sua saia. —Ah, você está *aici*, — diz ao me ver, embolando os idiomas. —Você sabe que hoje é Litha, não sabe?

—Claro, oras.

—Minhas amigas estão chegando, precisamos nos preparar, — diz animada. Ela se livra do cabrito dando um tapa em sua cabeça e ginga de volta à casa. Sua animação é basicamente andar mais apressada, mantendo a expressão de quem espera os contadores para fazer a declaração de renda.

Faço uma careta de desespero para Gretchen. *Como pude me esquecer do solstício de Verão?*

—Elas mal vêm a hora de pisar aqui, — Parascheva fala sobre os ombros. —Você sabe,

hoje tudo pode acontecer. Elas querem ver se ainda sabem fazer alguma coisa ou estão enferrujadas.

—Imagino, —murmuro entrando atrás dela. Passo correndo pela cozinha, torcendo para que o edredom enrolado ao corpo esconda o fato de que não me lembrei da data.

A festa de Litha—também chamado de Midsummer ou Solstício de Verão—celebra o apogeu do sol. No *sabat* da vida podemos usar tudo o que sabemos. Uma vez no ano, entre o momento em que o sol avermelha o horizonte preparando-se para partir até o anoitecer, todo feitiço lançado é amplificado por dez. Relatos antigos são tão magníficos quanto inacreditáveis, e enchem livros de histórias. Cisnes que se transformam em homens, homens que se metamorfoseiam em botos, idosas que voltam à flor da idade. Feitiços fora dos limites do bem e do mal, que se perpetuam no imaginário humano como histórias de contos de fadas, mas que são na verdade contos de bruxas.

Da mesma maneira que a noite de Samhain, ou Halloween, abre os portais do mundo dos mortos, em Midsummer são os da vida que se abrem. Apenas um desejo separa o possível do impossível.

Durante todo o dia arrumamos a casa, limpamos e cozinhamos. Parascheva cata camomila e cogumelos da horta, e enquanto coloca as ervas em água fervente, pede: —Pode lavar os cogumelos, por favor? Depois deixe-os secar à sombra.

Obedeço, intrigada pela coloração estranha dos fungos que ela mesma trouxe da horta. Penso em perguntar à velha o que pretende fazer com eles, mas ao me virar vejo que Parascheva estica as orelhas em direção a janela. Logo ouço também o zumbido de conversas à distância.

Parascheva tira o avental de cima da roupa enquanto tento ver algo da janela. Suas amigas estão chegando. Imagino um cortejo de mulheres enrugadas, vestidas de preto e com gatos nos colos. Olhos de vidro, verrugas no nariz, cabelos maltratados e corujas sobre os

ombros. Qual não é minha surpresa quando cores alegres surgem do mato. Rosas-choque, verdes-neon e amarelos-ovo seguem em fila indiana pela ponte. Meu sorriso se alarga, e saio da janela para disputar com a velha um lugar à porta. Definitivamente sinto falta de cor. Mais do que cor; eu sinto uma falta primitiva de gente.

Uma a uma, mulheres cujas as idades, somadas, dariam a idade da terra emparelham-se ao redor. A primeira delas, Vivianna, põe-se à frente como a porta-voz da procissão. Envolve as mãos calejadas de Parascheva com as suas, saudando-a sem palavras. Ela está vestida com um longo vestido típico bordado, e seu cabelo prateado está preso em um coque grosso que toma toda a parte posterior da cabeça. Imagino que se ela desenrolar o coque, o cabelo tocará no chão.

—Nina, estas são Vivianna, Zara, Virginia, Elvira, Dida, Dommica e Augustina. Estas são as amigas sobre quem falei. — Olho cada uma delas com minuciosa atenção, vendo-as sorrir de volta. —E esta é Nina, minha pupila neste verão.

Zara vem logo atrás de Vivianna. É mais jovem que as outras e negra como a noite, e seu cabelo cai em espirais sobre os ombros. Virginia é uma ruiva de pele tomada por sardas que se alastram pelo corpo. O cabelo é curto e espetado, e quando ela sorri a boca parece separar a face em dois pedaços. Elvira, por falta de uma metáfora melhor, aparenta ser uma arqueóloga chegada de uma expedição à África. O cabelo liso está preso em um rabo baixo, e os olhos são doces como os de uma fada, escondidos atrás de minúsculos óculos redondos. Dida é loura e robusta, além de supermaquiada. Seus olhos estão tão carregados de cajal que me surpreendo ao ver que são claros, um tipo de amarelo raro em olhos. E por fim, Dommica e Augustina, gêmeas, são tão pálidas que parecem mortas. Mortas, mas extremamente bem arrumadas.

A próxima hora é passada coando café e arrumando quitutes em vasilhas para servi-los. —Nina, conte-nos, —Zara puxa assunto assim que tomamos lugar na sala. —Parascheva já conseguiu engordar você?

—Ela está sempre tentando, — respondo passando a mão pela anca, onde os quilos acumulam-se. Carboidratos e amido são infalíveis, podemos sempre contar com eles para nos arredondar.

—Isso antes de perceber o quanto ela comia, — Parascheva resmunga. Na última visita de Regina, ouvi Parascheva comentar que eu a estava levando à falência.

Zara sorri. —Tenho certeza de que A Chefe escolheu você pelos seus pães, Parascheva. Você nunca seguraria essas meninas aqui apenas com sua personalidade.

Acho simpático o modo como ela se refere à Grande Mãe: a chefe.

—Não dizem por aí que a mão que sova o pão é a mão que governa o mundo? — Augustina comenta.

É engraçado —e ao mesmo tempo assustador — imaginar Parascheva governando o mundo. Elvira se intromete em meu pensamento, me apaziguando: —Não se preocupe, jamais deixaríamos Parascheva governar o mundo.

—Até por que Parascheva já mostrou suas poucas habilidades como administradora quando representou por quase cinco décadas as bruxas da Romênia, — Dida alfineta.

—Parascheva representava as bruxas da Romênia? — pergunto, surpresa.

—Somos sindicalizadas, — Parascheva responde.

—Legalmente sindicalizadas? E o que esse sindicato faz?

—Mil e uma coisas. Estabelecemos valores de consultas, lutamos por melhores condições de trabalho. Também defendemos nossos direitos. Acredita que o presidente da Romênia recentemente assinou uma lei que taxa previsões do futuro e leitura das mãos?

—A lei incentivava o retorno de clientes insatisfeitos no caso de previsões não realizadas, — Domnica rola os olhos.

—Lançamos uma mandinga sobre ele, — Vivianna confessa. —É difícil manter o lado profissional controlado nessas horas.

As risadas cacarejadas ecoam ao redor. Vivianna aproveita o momento para deslizar discretamente os olhos do meu rosto para o corpo, como se me medisse.

—Mais chá? — Pergunto estranhando seu interesse por mim.

Ela balança a cabeça que não, mas aproveita para perguntar: —E o que andou aprendendo com essa velha teimosa, Nina?

A pergunta, não sei bem por que, traz desconforto. Não sei o que aprendi até o momento, com exceção de que aprendi a bordar — e mal. Acho, no entanto, que seus olhos afiados demandam uma resposta. Há expectativa neles.

Parascheva para a xícara na frente da boca. Sei que ela se arrependeu da conversa dias atrás, quando anunciou a morte da *chefe*. Ela aguarda minha descrição a respeito, eu sei.

—Ando aprendendo a ser bruxa, — respondo. Ao contrário da maioria das coisas que solto, aquela frase soa certa. Intimamente certa. Por mais que Parascheva tenha me causado espanto, asco e muita raiva, algo nela me acalmou. É como se eu, a cada dia passado ao seu lado, entendesse mais sobre mim.

—Você fez as pazes com o mundo, — Zara conclui com placidez, enquanto as outras balançam a cabeça em concordância, como se reconhecessem em suas próprias histórias em que estágio estou. Parascheva assente, agradecida por eu não ter pensado em nada. Meus pensamentos estão sendo transmitidos ao redor como programação da TV aberta.

—Não é fascinante que ainda mantemos esses ensinamentos entre nós, longe da frieza do academicismo? — Vivianna comenta.

Concordo, sem fazer a menor ideia se isso é fascinante ou não.

—Já pensou, uma bruxa ensinando a outra sobre o verdadeiro contato com a Terra dentro de uma sala de aula? — questiona Elvira com sua voz infantil.

—Fizemos bem em manter nossos ensinamentos longe do mundo até hoje, — Virginia adiciona. —Mas estar no mundo ao lado dos humanos é a única forma de impedir que os

horrores do passado se repitam.

Virginia, contam-me em seguida, leciona psicanálise em um instituto de Bucareste. O contato entre nós e os humanos é a sua área de interesse—*sua obsessão*, corrige Dida olhando para mim.

—Não teremos o privilégio da toca por muito tempo, — Parascheva diz. —A Grande Mãe nos quer à frente dos olhos do mundo.

Um silêncio de aceitação imposta paira como um organismo estranho na conversa antes animada. Pelo jeito a ordem da chefe deixou as funcionárias insatisfeitas.

—Ela deve saber o que está fazendo, —Virginia comenta sem convicção. —O mundo elabora suas verdades longe de quem as detém; estar nele é uma maneira de corrigir os erros da história.

Domnica concorda: —Os humanos terão que entender que nem tudo que foge ao seu controle lhes quer mal. Bruxas, entre outras coisas.

Elvira entrelaça os dedos em torno do joelho, balançando-o: —Mas eles nos creditarão todo tipo de calamidade e blasfêmias, como fizeram antes. É um ato de fé na humanidade o que Ela está impondo. As coisas podem dar errado para nós.

Imediatamente me encolho, enfiando um bolinho na boca.

—Os humanos projetarão na bruxa tudo que os assusta, — Elvira completa com um suspiro pensativo.

Virginia concorda: —Como fizeram no passado com tudo e todos que consideravam uma ameaça. Foi assim que sociedades inteiras nos demonizaram. Bruxas como adoradoras de um deus mau que sequer existe em nosso panteão, bruxas comedoras de criancinhas, quando na verdade não colocamos carne na boca por sentir diretamente a dor e a vontade de viver do animal sacrificado.

—As pessoas precisam acreditar no mal. —Vivianna pondera. —A quem creditariam as

misérias de seu mundo se ele não existisse?

—Quando os vilões ficam claros, as fronteiras das crenças se definem. Quer povo mais poderoso do que aquele que enfrenta um inimigo comum? Que vence, junto, seus monstros? — Elvira filosofa.

É Vivianna quem conclui: —Fomos bodes expiatórios oportunos no passado, e seremos novamente. As primeiras de nós, aquelas na linha de frente, fatalmente tombarão.

Os olhos de todas se viram para mim, e meu coração pula uma batida. É impressão minha ou aquela conversa teve o propósito de me sondar? Elas questionam se minha estrutura frágil e minha estatura pouco convincente suportarão o que me aguarda. Se eu, uma garota ordinária, darei conta da missão. Elas sabem bem o que me traz aqui.

—E você, o que acha, Nina? —Vivianna pergunta sobre a borda da xícara. —Aposta no fato de que suportaremos o fardo?

—Vivianna, — Parascheva ralha.

Todas estão ali para conhecer aquela que será lançada primeiro à arena. Eu sou a cobaia de um experimento inédito e grandioso, e as bruxas estão curiosas.

Vivianna continua a aguardar com a xícara na frente da boca, a boca em um bico à espera do chá. Eu apostaria no fato de que as bruxas suportariam o fardo? Em outras palavras, eu suportarei o fardo?

Engulo a saliva e abaixo o bolinho que tenho na mão: —Talvez o futuro seja menos obscuro que imaginamos, — respondo baixo.

Não tenho ideia porque digo algo otimista. Acho que é difícil aceitar termos absolutos, crenças arbitrárias como ‘a primeira vai morrer’. Como posso aceitar isso, sendo a primeira? —Talvez precisaremos menos de poderes e força do que imaginamos.

—Oh, e como vamos vencer a batalha sem essas duas coisas? — Dida olha ao redor.

—Torcendo para que as pessoas acreditem em nós. Se eles acreditarem, seus medos e

sonhos nos deixarão do tamanho exato para a confusão. — respondo.

Parascheva me olha com a boca desdentada semi-aberta. Sim, a essas alturas eu aprendi uma ou outra coisa sobre a criação de mitos.

O silencio é seguido de ruído de xícaras batendo em pires, e gargantas sendo limpas do pigarro. Sorrisos pipocam aqui e ali, defasados e incertos; definitivamente atordoados pela resposta inesperada. Vivianna finalmente toma o chá. Acho que, por trás da xícara, sorri.

—O Midsummer seria uma boa época para confirmar o que Nina disse. O que acha, Vivianna? — Dida pergunta com um biscoito esfarelado entre os dedos.

—Dida, — Parascheva a censura.

—O que ela quer dizer com aproveitar a data? — Pergunto.

Vivianna pousa a mão sobre a minha: —Eu leio futuros. Dida está sugerindo que eu leia o seu.

—Lê o futuro como? Tipo cartomante, com bola de cristal?

—Vivianna é leitora de destinos, — Zara se intromete. —É a única entre nós que consegue fazer isso.

—Uma previsão durante as horas finais de Litha nunca sairia errada, — Augustina fala e todas concordam.

A voz de Vivianna desliza como veludo: —Basta querer, e eu o mostro para você.

Parascheva praticamente relincha como um cavalo irritado: —Vivianna!

O burburinho recomeça. Dentro da cabeça ideias relampejam, e neurônios acendem-se em chamas. Penso na tal missão que me espera. Penso em Alex, nas árvores que me desacreditaram, no suposto fim do selvagem. Aquele seria o momento ideal de saber o que me aguarda; de saber se valerá a pena o esforço de talvez morrer por Ela.

—Você consegue realmente ver o futuro? — repito a pergunta, ingênua e ansiosa.

Os olhos da bruxa faíscam, deleitados pela minha curiosidade. Ela balança a cabeça que

sim. —A única pergunta é: quanto você daria em troca para saber?

Parascheva oscila entre o rosto de Vivianna e o meu. Sua expressão é austera. Agora que a oferta foi feita, parece aguardar as próximas cenas.

A pergunta de Vivianna soa estranha. Saber o futuro não é o que todos querem? O motivo pelo qual procuramos oráculos de todos os tipos e formas?

—O futuro tem preço, — a bruxa sussurra.

Penso mais uma vez em Alex. No meu dito protetor, na minha família. Se o futuro será um choque ou um bálsamo não sei, mas tenho certeza que quero saber.

—Dou tudo, — respondo com o corpo da borda da cadeira. —Meu tempo, meu trabalho. Tudo.

Vivianna assente, virando-se em seguida para Parascheva: —Parascheva, busque a serra.

Serra? Meus olhos se arregalam quando Parascheva se levanta. —Que serra?

—O preço do futuro são suas pernas.

Agarro minhas duas pernas protetoramente: —As minhas? — Vivianna tem a ousadia de olhar para as pernas que abraço encolhidas a mim. Ao redor, as bruxas aguardam a minha resposta. —Não! — esbravejo. —Está louca?

Parascheva volta a se sentar e Vivianna dá de ombros.

—Por que teria que serrar as pernas? —pergunto com a voz cada vez mais aguda, sem entender de onde saiu aquela carniceira. Algumas das bruxas, posso jurar, parecem decepcionadas com a minha decisão.

—Coisas do destino, — Vivianna responde. —Ele sussurra para mim suas verdades, mas pede de volta as duas pernas de quem pergunta.

É inacreditável, ilógico, absurdo. —Quantas pernas você já serrou até hoje?

—As suas seriam as primeiras.



Minhas pernas são esquecidas, e as mulheres passam a conversar entre si em romeno. Aproveito a oportunidade para sair da sala. Sento à beira da porta, levantando o cabelo para que a nuca receba o bafejo de ar. Aliso as pernas, estranhamente aliviada.

Com o canto do olho vejo Gretchen embrenhar-se no canteiro de flores, aproveitando que Parascheva esqueceu a portinhola aberta, e degustar uma Flor das Quatro como se ela fosse uma iguaria delicada. Decidindo que gosta dela, a cabra come outra flor. Seus filhotes, imitando-a, começam a comê-las também. Observo-os imóvel (nem mesmo respiro para não assustá-los) até que a origem do tormento das madrugadas vire um espeto pelado.

—Você está bem? — Parascheva pergunta atrás de mim e eu salto de susto. Levanto da soleira apressada, tapando o canteiro com o corpo.

—Precisa de ajuda?

Sua mão ressecada toca meu braço, um gesto quase tão gentil quanto inesperado. —A conversa assustou você?

—Não, — minto, nervosa. Seu carinho é breve e ela recolhe a mão.

—Gostei de suas respostas, — ela fala voltando-se para a pequena prateleira onde estoca o aguardente. —Todas elas.

Antes que Parascheva retorne a sala, pergunto: —Por que teria que cortar as pernas para saber meu futuro?

Parascheva sorri, eu acho. —Você é uma boa menina, Nina. Quando descobrir a resposta, não precisará mais de mim.

E dizendo isso, retorna às amigas.

Um sentimento ruim dilata-se no estômago. Não sou uma boa menina, não mesmo. Eu mancomuneiei com três cabritos para destruir seu relógio despertador, sua flor favorita. O

arbusto, antes florido, é agora uma coleção de palitos em pé.

Culpada por ter me deleitado vendo as cabras comerem a flor, entro na cozinha à procura de vasilhas para lavar. Sobre a pia estão os estranhos cogumelos que catei mais cedo, descansando sobre uma tábua de madeira embolorada. Pego um entre os dedos.

O cogumelo de desenhos animados não parece apetitoso, mas sua cor vermelha me intriga. Giro-o observando as pequenas verrugas brancas, e mordo-o como se ele fosse uma maçã. Já comi um cogumelo vermelho antes? Acho que não. O gosto insosso e a textura esponjosa disparam uma careta. O gosto é de esponja suja de terra. Estou pronta para cuspi-lo quando ouço as gargalhadas.

Engulo o cogumelo e ando até sala, onde oito mulheres se curvam em poses variadas. Um abraçam a barriga, outras batem as mãos nas pernas. Só Parascheva está séria.

Minha chegada não interrompe as gargalhadas estridentes. Até mesmo a açougueira não consegue respirar de tanto rir. É Dida quem me põe a par, entre resfôlegos, do que estão rindo: —Parascheva acabou de nos contar que certa vez, muitos e muitos anos atrás, um rapaz apareceu em sua porta querendo entrevistá-la... — Olho para Parascheva, que parece aborrecida. —Ele disse que trabalhava em um grande estúdio de cinema, e queria saber como era a vida de uma *pseudo-bruxa*.

—Ele me chamou de pseudo-bruxa, — Parascheva confirma.

—Ele disse que precisava de inspiração para um personagem de desenho animado, — Vivianna solta entre gargalhadas. —Uma bruxa!

Parascheva cruza os braços, completando mau-humorada: —Após me fotografar e fazer mil perguntas, ele disse que eu era material não vendável.

—O que claramente não foi verdade, — Dida fala tirando um lençinho do bolso para limpar a maquiagem que escorre pelo rosto.

Observo Parascheva por alguns instantes. As feições tortas, o olho envidraçado e o nariz

adunco ornado com a verruga na ponta. Só então o pensamento me ocorre. Quando minha risada pula do peito, explodindo alta, as mulheres balançam a cabeça em concordância. Sim, elas sabem bem que eu me lembrei do desenho animado.

—Vocês estão senis, — a velha reclama. —A bruxa do desenho não se parece comigo!

Dida ergue o copo à frente, imitada pelas outras: —À Branca de Neve! — brindam, e os copos chocam-se aos outros derramando a gasolina ao redor.

Os respingos são a última coisa que vejo antes que o clarão dispare na cabeça, como se alguém tivesse me fotografado por dentro. O flash me cega.

As mulheres ainda riem quando o clarão se repete. A partir daí a cabeça anuvia, e minha mente deixa de ser minha. Ergo as mãos, procurando amparo.

—O que foi? — Parascheva pergunta ao ver que eu perdi o equilíbrio. As bruxas estão mais coloridas, quase incandescentes. Até Parascheva reluz dento da roupa pesada.

—Olhe só, ela está suando, — Domnica comenta.

Forço os olhos a se abrirem e fecharem. O que está acontecendo comigo?

Virginia coloca o rosto na minha frente e eu dou um pequeno salto de susto. Seu cabelo é uma fogueira sobre a cabeça.

—Você usa drogas? — Elvira pergunta. Sua voz sai como a de um balão desinflando.

—Ela cheira a psicodélicos, — Zara constata. —Cogumelos.

A sala gira e eu tampo a boca com as mãos. O calor de nervoso por ter enfiado algo venenoso na boca toma o pescoço, culminando em uma erupção de lava que inunda a face. Não consigo mais achar Parascheva no carrossel de bruxas. Elas giram cada vez mais velozes, como se batessem dentro de um liquidificador.

—Socorro, — sussurro para Parascheva quando ela para à frente.

—O que você fez? — ela me sacode pelos braços. Desconfio que saiba o que fiz; sua frase é a versão oral de um safanão.

—Comi um cogumelo, — mio.

—Você comeu um daqueles cogumelos? — Parascheva pergunta olhando furiosa para Dida.

—Que culpa eu tenho? — Dida coloca as mãos de unhas iridescentes sobre o peito. —Eu só queria saber se você ainda os tinha, — defende-se, confessando em seguida que pediu a Parascheva alguns exemplares do psicodélico para levar para casa.

—Quantos anos você tem? Três? — Parascheva grita no meu ouvido. A maneira como ela diz três em meio a berros me faz encolher.

—Achei que fossem comestíveis, oras! Por que estariam lavados sobre a pia?

—Onde já se viu comer um cogumelo daquela cor? — Virginia balança a cabeça, me recriminando. —Quanto mais vermelho um cogumelo, mais ele quer que você sofra.

Alguém atrás de mim ri: —A natureza colore suas criaturas de vermelho por um motivo.

Parascheva me para à sua frente, e eu me concentro em seu olho bom. Dele saem faíscas e fumaça, e eu entorto o rosto.

—Nina, — ela me sacoleja outra vez. —Não deveria ter comido aquilo. Você foi burra e impulsiva! — *Sim, eu fui*, penso enquanto sou sacudida. —De novo, — ela completa. —Mas agora que comeu, boa viagem.

—Como assim, boa vi—

As mulheres se despedem de mim e Parascheva me carrega até o quarto. Ouço o *clic* da porta que não tem trinco. O que ela quis dizer com boa viagem? Tento escapar, mas me distraio com minhas mãos, que brilham como lanternas. As lágrimas rolam pelo rosto. A certeza é que estou derretendo, e não chorando.

Ando pelo quarto tendo os pensamentos mais estranhos. Tenho subitamente certeza de que explodirei em mil partículas. Virarei poeira de estrelas, e ao pensar nisso o desespero dá lugar à paz, quase um estado de grandiloquência. Serei onipresente, virarei pó! *E como pó, eu*

poderei ir a todos os lugares, penso sentindo os olhos esbugalharem. Vou pousar na ponta do nariz de Alex, e ele irá me coçar de lá.

Alex.

Assim que digo seu nome, minha viagem fica verde. Seus olhos viram grandes árvores azul-turquesa que tomam a paisagem das memórias. Uma floresta azul da cor do mar. Repito seu nome como se fosse uma palavra mágica, um pirlimpimpim ou abracadabra. As paredes do quarto dão lugar a uma longa estrada que me leva para casa.

Alex aparece como uma miragem. Eu o vejo perfeitamente à frente —perfeito à frente— as feições bonitas tomadas por uma seriedade incomum. Há uma linha de preocupação em sua testa, e sua boca está prensada. Um homem aponta em um auditório para o mapa do universo, enquanto diz que somos todos —não apenas eu— poeira cósmica.

Eu estou lá quando Alex junta o material. Seu braço enfaixado está escondido sob a camisa xadrez, e ele manca discretamente. Vejo quando uma garota de olhos puxados o aborda. Ela o abraça, e ele responde. Seu sorriso move seu nariz, e eu me desequilibro.

Alex segue a menina bonita pela avenida, para algum lugar ao qual eu não pertença. No próximo segundo estou de volta à realidade, uma realidade tão vazia e triste que quero abandoná-la novamente. Algo grande e espinhoso entala na garganta. Minha dor entalou na glote.

Ele está bem, uma voz ao meu lado garante.

—Sim, ele está, — concordo secando as lágrimas que riscam o rosto. Só então me dou conta de que não estou sozinha no quarto. —Quem é você? — Pergunto olhando ao redor. Da janela, o sol laranja incendeia o céu. A presença, uma luz entre milhões de flashes estroboscópios, toma forma. É uma mulher, que ao mover-se deixa atrás de si um rastro de luz.

Eu sou Erin.

Meu nariz comicha como se pronto para liberar formigas. Erin Wolf, a bruxa que

queimou na fogueira? Como Erin pode estar aqui? Entre nós há um salto de vários séculos, não faz sentido senti-la ali—embora seja difícil definir no momento o que faz sentido.

A imagem de Erin se mescla à luz do fim de tarde. Sigo-a até a janela, vendo-a se confundir com os últimos raios de luz. A mente vem e vai entre a loucura e a lucidez, sem conseguir se equilibrar em um dos lados. Não sei quanto tempo fico ali. Os raios de sol somem um a um, a noite tropeça e cai.

Erin mal se destaca da paisagem. Move-se em ondas, em lampejos de luz. Pisco tentando vê-la, e em algum momento ela olha para mim. Seus olhos são prateados, duas luas no céu.

Alex não foi enfeitiçado, ela diz. Procure as doze, elas conhecem a história.

Alex não foi enfeitiçado? Erin desaparece no instante em que os cacarejos me acordam. A lua já é alta no céu, e as sete mulheres partem. Cada uma sobre sua vassoura, gargalhando risos aterradores enquanto desaparecem escuridão afora.

—Elas voam em vassouras, — exclamo acenando adeus com meus dedos-lanterna.

Náusea mistura-se às luzes, à distorção de espaço, à roda que gira na cabeça. Meus dedos tornam-se mais interessantes que o vôo em vassouras, e eu os olho até que a viagem sensória dê vez à tremulação convulsiva e eu me transforme em um quasar pulsante.

Em seguida tombo no chão para acordar só dois dias depois.

XXIII

Lobos para sempre



Sessenta, termino finalmente a contagem. Sessenta sulcos profundos, traçados em grupos de seis e cortados por um sétimo traço perpendicular. Devemos estar no meio de julho, faço as contas. Um mês que foi um sopro longo e morno, que parece nunca terminar. O calendário improvisado, contudo, indica que ele se encaminha para o final. A novidade que julho trouxe? Lições.

Lições, lições, lições.

Sobre como controlar luzes, como secar verrugas, como curar soluços. Como ler mentes e ler mãos. Como plantar batatas, tomates e nabos, e como cozinhar com poucos recursos.

O calor também anima a floresta. As árvores não cansam de contar fofocas à velha, sejam elas inocentes ou cabeludas. Se as intrigas que agitam a vida dos camponeses de vilarejos vizinhos deveriam ser contadas a uma centenária eu não sei, mas Parascheva definitivamente não deveria passá-las adiante a uma garota de dezessete anos.

Eu nunca mais olharia para árvores do mesmo modo. Aquelas criaturas frondosas, antes mudas e surdas, nada têm de estáticas. Elas são sensíveis e românticas em todos os sentidos da palavra, sempre à espreita de interações humanas. Interessam-se particularmente por nossos dramas e tragédias, e torcem em conjunto por finais felizes. Claro que se o romance tiver um

toque de perversão, melhor.

Ainda assim eu não as ouço.

A viagem psicodélica fica no passado. Enquanto ela durou eu explodi como vulcão e desmanchei como gelo sob o sol, voei como poeira e me esvaziei em formigas. A sensação é que a cabeça demorou dias para voltar ao peso normal. A falta de espelhos dificultou o retorno, já que por algum tempo fiquei obcecada em confirmar se meus olhos não tinham escorrido alguns centímetros pelo rosto ou se a boca não tinha entortado.

Após o sermão sobre comer cogumelos vermelhos, confessei à velha que Erin apareceu para mim. Disse que acreditava ter alucinado a coisa toda, mas Parascheva discordou. Para ela, a viagem abriu canais sensórios que normalmente encontram-se lacrados, e eu cruzei mundos. Erin realmente me visitou.

A mensagem de Erin, contudo, guardei para mim: *Alex não foi enfeitado.*

Não abordei o assunto com Parascheva porque não queria reviver toda a tristeza que deixei de alguma maneira para trás. Alex não era menos psicodélico no momento que os cogumelos vermelhos. Até segunda ordem ele é uma substância que causa alucinações, e eu uma usuária que se recupera de seus efeitos.

Aborrecida por ter perdido a Flor das Quatro para a cabra, Parascheva decidiu me punir. Voltou a cobrar resultado de meus bordados, insistindo que eu bordasse algo que prestasse. Alinhavei e desfiz flores, bichos, nomes durante um mês, até que um dia, sentada na soleira da porta, tive uma ideia. Perguntei a Parascheva se ela tinha um tecido escuro, e ela me trouxe um pano de linho azul. Azul escuro, da cor do céu das noites estreladas.

Foi assim que passei a bordar o céu.

A princípio me incomodava ver as constelações, mas com o tempo acostumei-me a elas. As estrelas perderam o aspecto difuso e tomaram forma. *Tempo*, disse-me alguém uma vez. Tempo é tudo que precisamos para entender aquela magnífica dança das estrelas.

As constelações foram surgindo uma a uma no pano esticado ao redor do aro. Primeiro Cassiopéia, seguida de Orion, depois Tauros. O pano azul ganhou pontos, e eu um propósito.

Quem diria, há algo de simbólico em agulhas e linhas. Em como agulhas cortam a superfície e transformam ideias em desenhos. Em como dão forma aos sentimentos. Quando algo dá errado eu tenho a chance de refazer, de melhorar. Basta olhar para o céu e rearrumar as estrelas.

Depois de muitas noites eu estendi meu trabalho a Parascheva: —Memorável?

Ela sorriu, observando as constelações bordadas. Não respondeu o que achou do meu bordado, mas depois disso suspendeu a punição. Nunca mais pediu para que eu bordasse, e eu passei a bordar por prazer.

É em uma noite clara, enquanto bordo uma constelação afastada que ouço o som mais lindo.

Ele chega carregado pelo vento, não muito diferente que um choro distante. Giro o corpo em direção ao barulho, os ouvidos se apuram. O caminho de estrelas desce do norte para o sul, encontrando os picos das montanhas. O som vem da floresta.

É a primeira vez que uivam, eu os teria ouvido antes.

Parascheva aparece na porta, seu perfil acorcovado contra a claridade da cozinha. —O que foi? —O uivo seguinte responde sua pergunta. Um uivo tão reconhecível quanto a voz de um ente querido. —Lobos, —Parascheva dá de ombros como se falasse ‘galinhas’.

Um terceiro uivo acorda a pele, que arrepia em profundo respeito. Como se algo dentro de mim, tão velho quanto o mundo, recordasse do tempo em que aquela era a hora de subir em árvores, trancar as portas, erguer as pontes suspensas. São lobos na mata.

—Onde eles estão?

—Na mata, caçando.

—Leve-me até lá, —peço sem me interessar que a última palavra da bruxa foi caçando, o

que significa que estão com fome e à procura de carne.

Parascheva não resmunga, nem me chama de inconsequente. Ela me deixa para trás e entra em casa. Outro uivo—desta vez fino e engasgado—estende-se indefinidamente até romper. Continuo a olhar a mata, sem saber a posição da matilha. Ao ouvir um barulho atrás de mim, salto no lugar.

—Amanhã, —Parascheva informa com o celular na mão.

—O que tem amanhã?

—Amanhã encontraremos os lobos.



—Eles são caçados por aqui? —pergunto arfando. O dia está quente e úmido, e a floresta parece uma sauna.

—Em que época e em que continente essas criaturas magníficas não foram caçadas? — a bruxa responde voltando a cheirar o chão. Assentindo, continua na trilha.

Logo os troncos encorpados ficam para trás. A intercessão entre floresta e campina deixa a paisagem rala, calva de árvores. Deixo pingar a última gota de água da garrafa dentro da boca, e a sensação é de que aquela última gota me faz transbordar. Olhando decepcionada o frasco transparente, reclamo: —Ótimo. agora preciso ir ao banheiro.

—Passamos por alguns no caminho, — Parascheva responde em tom monótono.

Avalio o local com as mãos na cintura. Tudo à volta é banheiro.

Estamos há duas horas caminhando sob calor extremo; espanta-me que Parascheva não precise fazer o mesmo. Embora sinta que todo líquido ingerido foge pela transpiração, a pressão na bexiga garante que há muito para sair do outro lado. Jogo a mochila no chão e ando até uma das poucas árvores grossas. Enquanto me alívio, penso como Parascheva consegue

andar tanto sem precisar fazer o mesmo.

Assim que volto, continuamos a andar. Quando a última árvore fica para trás, a campina surge. Flores amarelam o campo, unindo-se aos milhares e depois desaparecendo por completo para renascer à frente. Montanhas sobem e descem no horizonte como ondas no oceano. No céu não há uma única nuvem.

Metros abaixo, um casebre ergue-se tímido, seu telhado retangular contrastando com as curvas naturais.

—O que é aquela casa?

—É um posto de observação, — Parascheva responde andando cautelosa. A grama que cobre a campina esconde o solo irregular e esburacado, muito mais suave à vista do que aos passos. —Foi construída para cientistas pernoitarem durante expedições.

Parascheva acha um tronco caído. Curvando-se sobre ele, tomba sentada.

—Você está bem? —Pergunto vendo-a suar excessivamente sob o lenço preto. Fios do cabelo branco escapam sob o tecido e colam à pele queimada. Apenas as sobrancelhas cabeludas impedem o suor de atacar suas vistas.

—Por que não estaria?

Dou de ombros, me concentrando no cheiro ao redor, uma mistura de mato, terra molhada e decomposição mofada de madeira. Sobre a poça de água mais adiante dança uma nuvem de mosquitos.

—Como consegue segurar tanto tempo seu xixi? — pergunto. Uma bruxa tão vivida certamente possui controle completo sobre sua fisiologia, mas eu a vi beber uma garrafa inteira de água. Essa seria uma boa habilidade para aprender, bem mais útil que secar verrugas ou curar soluços.

—Uso fraldão.

Espanto um mosquito que zune perto do ouvido, chocada demais para rir.

—Eles estão realmente por perto? — mudo de assunto. A paisagem parece vazia.

—Eles estão aqui.

Jogo a mochila no chão, sentindo as costas arderem. Parascheva fecha os olhos, virando o rosto na direção de onde o vento sopra. Sento também, sentindo o coração bater forte contra as costelas. Estar ali vale a pena o calor infernal, a ardência dos músculos, o sol que cozinha os miolos. Eu não deveria querer tanto vê-los, mas é exatamente isso o que quero.

—Eles viviam aqui aos milhares, — a velha comenta. —Vinte mil lobos na Europa inteira.

—Quantos são, hoje em dia?

—Bem menos do que mereciam ser. Os maiores causadores de problemas no mundo acabaram com eles.

—Sob a acusação de serem os lobos os causadores de problemas, — arrisco adivinhar.

—Sim senhora. Reflexos no espelho.

—O que são reflexos no espelho? — pergunto vendo-a levar a quarta e última garrafa à boca.

—Lobos e homens. Eles são mais parecidos que pensamos.

Olho para os animais, ouvindo-a continuar: —Os homens não reconhecem-se neles, embora as semelhanças sejam claras. Homens e lobos igualam-se em violência, bravura e astúcia. Mas os homens, por serem incapazes de odiar a fera em si mesmos, odeiam seu reflexo.

Olho-a, pensando na comparação.

—Eles gostam de apontar a ferocidade do outro, no entanto. De partir em cruzadas contra o mal alheio achando que assim calarão seus demônios. Matam o lobo para que aquietem o lado escuro de sua alma, uma decisão que não silencia a fera em si, apenas as vozes da floresta. São invejosos com requinte, isso é que as pessoas são.

Após um tempo, ela confessa: —Vi coisas demais nessas florestas.

De perfil, Parascheva parece um totem esculpido em madeira. Imagens tristes desfilam pela sua mente. Memórias, não algo que leu nos jornais ou viu na TV.

Como a vez em que, em vão, tentou livrar um animal de uma armadilha que dilacerava sua pata. Ou quando encontrou a prole inteira baleada sobre o local onde dormiam. Filhotes de urso que tiveram a mãe arrancada da hibernação e morreram de fome. Animais mortos por esporte. Dezenas de situações como essa por ano, por uma centena de anos. Estas são as histórias escritas nas linhas de sua pele.

Sinto-me próxima dela, o mais próximo que já estive, e desta vez não é porque ela parece ter menos espinhos. —Não sei como consegui, — falo voltando a olhar para frente, onde o vento dobra a grama como se fosse um tapete macio. —Eu teria transformado todos os caçadores em carvão. Sem pular etapas.

Ela me olha de lado com o olho bom. —Alguém com sua missão não deveria ser tão passional.

—Talvez Ela tenha me escolhido por isso.

—Hum, — a velha solta pouco convencida. —Se Ela quisesse transformar humanos em carvão poderia fazer o trabalho sozinha.

Sorrio, lançando uma pedrinha na poça mais adiante. Os mosquitos que circulam sobre a água se dispersam.

—Mas não podemos desistir, — ela recomeça a mastigação na boca engelhada. — Temos um débito enorme com o resto da criação. Precisamos falar pelos que não têm voz.

Sorrio, escondendo minha surpresa pelo seu súbito otimismo. Ela não se explica, não precisa. Tem, como eu, seus dias bons e ruins. Aquele é um dia bom. —Eles têm voz, —eu a corrijo mesmo assim. —Só que ninguém está disposto a ouvi-las.

—É melhor que finjam não ouvir—A velha reclama dando um gole na água. —O que

aconteceria se entendessem as súplicas dos bois que levam ao abate ou os gritos dos animais cuja pele arrancam para vestir?

—Algumas pessoas ouvem, — eu falo. —Você me fez acreditar que existem heróis sem rosto na multidão.

Ela sorri. Tanto ela como eu pensamos nisso, em heróis. Os verdadeiros heróis, aqueles que salvam o mundo onde vivemos.

—Como vou saber quem são essas pessoas? — pergunto distraída, a mente entre o futuro obscuro e a paz do momento.

—Você saberá quem foi tocado por Ela. São aquelas almas gentis que salvam vespas em poças d'água, que denunciam os maus tratos ao planeta e sua criação, que se comovem quando vêem uma árvore tombar no chão.

Olho para Parascheva e sorrio: —Voltou a ter fé?

—Voltei. Dias como hoje trazem a fé de volta.

A brisa cai silenciosa, como se segurasse a respiração. Os cabelos da velha param de se mover, e a pele volta a arder sem a brisa que a acalma. Parascheva aponta para uma área da planície abaixo de nós, cem metros adiante.

Coloco sob o foco um ponto, partindo os olhos dali como um scanner que corre a paisagem. Flores, um formigueiro; reajuste de olhos. Então um par de orelhas. Escuras, em pé. Cruzando a grama como barbatanas de tubarão. A sensação gelada risca a pele. Os olhos se aguçam, a audição passa a captar todo tipo de ruído. Um focinho curioso cheira o ar como se soubesse que tem companhia. Logo dezenas de orelhas correm atrás da ondulação da campina.

—Você acha que vão se aproximar? —pergunto em um sopro.

A velha não responde, apenas aponta para um dos morros distante no horizonte: —Está vendo aquele morro lá trás? Ali existe uma criação de ovelhas.

Prefiro que Parascheva não converse para não assustar os animais, mas ela não está

interessada em fazer silêncio.

—Uma vez participei de uma reunião para discutir o futuro dos lobos nas montanhas. Os criadores diziam em vozes cada vez mais altas que os lobos precisavam desaparecer daqui. Um deles, eu sabia, fabricava carcaças para justificar a caça. Dizia que os lobos eram grandes e perigosos, e que eram, por isso, mortais. Você pode imaginar a discussão.

Posso, mas não quero. Quero que ela faça silêncio.

—Foi então que a filha do tal fazendeiro – uma menina de uns nove anos – perguntou na reunião para que precisávamos de lobos. Esta foi a sua frase: por que precisamos deles? Me lembro bem, e lá se vão quatro décadas e meia, da frase soando aos ouvidos como uma profecia triste. A palavra ‘precisar’ me marcou. Estávamos caminhando para um futuro onde haveria apenas humanos e suas reservas de suprimentos. Só sobreviveria o que tivesse para eles um porquê, uma função.

Parascheva vira-se para mim com feição macabra: —Esta foi a única vez que fiz algo contra uma criança.

Arregalo os olhos. Estava brincando quando disse que transformaria humanos em carvão. Não esperava, contudo, ouvir da velha que ela fez algo contra uma criança. —O que fez? —Pergunto com um misto de malícia curiosa e horror.

—Você arderia no inferno se fosse cristã.

—Conte logo!

Ela volta os olhos para a matilha que continua a nos estudar: —Bem, durante toda a reunião eu fiquei com a menina na cabeça. Ela era pequena demais para entender o que eu falava – na verdade nem os adultos pareciam entender sobre a importância dos lobos para o meio ambiente. Você sabe, quando se trata de desejo, dados científicos têm a eficácia de pílulas de açúcar.

Giro a mão, pedindo que acelere.

—Quando estávamos saindo, eu me aproximei da menina. Tive que fazer isso longe da vista dos pais, claro.

Rolo os olhos. —Conta logo, Parascheva!

—Eu ofereci a ela um doce e a chamei para vir atrás de mim. Ela veio. Demos a volta no celeiro e rumamos para a borda da floresta. Era uma noite clara, e na borda da floresta um deles nos esperava.

Ela indicou ‘eles’ com o queixo. Abro a boca, sentindo o queixo estalar: —Parascheva, você lançou a menina aos lobos?

—Que besteira! — ela resmunga. —Ao chegarmos lá, ela achou que o lobo fosse um cachorro, sei lá. Quando viu que era um lobo sua mãozinha congelou sob a minha. Seus braços começaram a tremer, e suas pernas não se moviam. Eu a assegurei que ele estava ali a meu pedido, que ela confiasse em mim.

—E ela confiou, — eu afirmo em suspense.

—Claro que não! Estamos falando aqui de uma peste de menina. Ela mordeu a minha mão e fugiu!

Uma virada inesperada na história, mas não menos interessante: —Continue, e o que você fez?

—O lobo pulou à sua frente. Ele vinha com uma mensagem, e foi uma mensagem que entregou. Como você sabe, eles são ótimos seguidores da lei Dela.

—Eu que o diga, — comento sem revisitar o passado.

—Eu coloquei as mãos sobre seu ombro e garanti a ela que aquele lobo era um enviado da Mãe da Vida. A menina tentou gritar, mas você sabe o que podemos fazer quando queremos silenciar alguém. Enfim, tendo controlado o pavor, ela pode enxergar a mensagem que o animal trazia nos olhos. Um mundo que a criança acreditava não precisar existir. Uma vida cheia de histórias e sensações; de paisagens que eles cruzam solitários ou em bando, que nós

em nossas vidas restritas jamais veremos. Havia um mundo naqueles olhos que ela não conhecia: um mundo de lealdade, ordem e inteligência; de amor ao grupo, de reverência pelo chão. Ela entendeu que eles vão a campos solitários chorar seus mortos, e se arriscam em precipícios e falésias para uivar para a lua. Que dentro deles correm rios de serenidade, e que revoltam-se mares de ressaca. Quando a menina olhou para dentro de seus olhos ela viu a Terra, e entendeu que ela e o lobo não ocupam posições opostas, eles estão lado a lado. A Terra precisa de lobos como precisa dela.

—O que ela fez?

—Ela correu para casa.

—Não teve medo do que os pais dela fariam com você?

—E o que eles fariam? Discutiriam comigo por ter oferecido à menina um pirulito? Mas o melhor está por vir. Sabe o que aconteceu com o pai, o rancheiro que matava as ovelhas?

—Não, o quê?

—Ele estava um dia no campo contando suas cabeças quando uma aranha venenosa entrou em sua bota.

—Ele morreu?

—Sim. Infelizmente a aranha também. Que ironia, não? Tão preocupado com os grandes, e no final quem o matou foi um bicho tão pequeno. Para morrer, basta estar vivo, — ela filosofa.

Olho para a bruxa, que parece estar agora com outro humor. Sua boca sempre voltada para baixo está erguida por um músculo.

Os lobos decidem se aproximar. Dois deles a princípio, farejando o que temos a oferecer.

—O que aconteceu com a menina? — pergunto curiosa.

—O que acha que aconteceu a ela?

Ninguém sai de um encontro com Ela sem cicatrizes, penso vendo a silhueta dos animais

crescer no horizonte.

Quatro lobos robustos se aproximam. Seus pelos variam do castanho ao cinza, que clareiam em alguns pontos e escurecem em outros. Um deles ergue o focinho, cravando os olhos cor de âmbar nos meus. Seu pelo é limpo e brilhante, resplandecente sob o dia inundado de luz.

O primeiro deles chega mais perto, observado pelo resto à distância. É uma fêmea. Astuta, certifica-se antes de me deixar tocá-la que reconhece meu cheiro. Eu me ponho de joelhos.

As patas do animal movem-se sobre a grama úmida, e seu focinho corre a pele do meu rosto. Meu coração lateja, o peito parece que vai explodir de emoção. Ela é tão linda. Tão real e selvagem, tão livre.

A loba está tão perto que se eu estender o braço, posso tocá-la. Seguro o impulso, seus olhos indicam que ainda estou sob apuração.

Quando ela relaxa as orelhas, pouso a mão sobre ela. Seu focinho aproxima-se de meu coração, como se perguntasse —o que é isso tão vivo aí dentro?

—Sim, como o seu, — murmuro tocando-a de leve, sentindo seu coração bater forte também. Sinto a textura aveludada da face, das pontas encrespadas do peito. A loba se ajeita, movendo a traseira ao sentir a mão correr pela anca. Aos poucos os outros se aproximam.

Parascheva continua sentada. Um a um eles a cumprimentam, encostando o focinho em alguma parte de seu corpo. O maior toca seu nariz, abaixando as orelhas e abanando o rabo. O segundo cheira a manga da sua camisa, o terceiro sua perna e o quarto tenta cheirar seu traseiro, mas leva uma cajadada na cabeça.

Logo estamos cercadas deles. Eles iniciam a partir da animação do menor uma espécie de brincadeira, latindo entre si, mostrando que estão contentes. Às vezes grunhem ou lançam choramingos que não entendemos. Todas as emoções estão presentes, boas e ruins, e uma

profusão delas. Um deles enfia o focinho gelado na minha orelha, e morde de leve meu queixo. Em questão de segundos estou toda babada de saliva.

—O que eles estão querendo? — Limpo a baba que escorre pelo meu pescoço. Um deles ergue a orelha e fixa o olhar em mim. Fico com medo de ter feito algo errado, mas ele logo volta à brincadeira boba de pular sobre o lobo ao lado. —Por que estão tão animados?

O menor deles abocanha as pontas do meu cabelo. Afasto-o com as mãos após o puxão forte. O animal, que se recusa a se afastar, tem agora um chumaço do meu cabelo na boca, e o balança de um lado para o outro enquanto rosna. Aquilo dói e é irritante, além de incrivelmente nojento.

Parascheva não parece preocupada com a luta corporal que eu agora travo com o ômega. Ele me lança ao chão, e eu tento manter toda aquela energia longe do rosto.

—Você podia me dar uma ajuda aqui, — peço à velha. Coloco-me de cócoras após afastar o animal, vendo-o abaixar a parte dianteira do corpo e erguer a traseira. Ele está pronto para saltar novamente.

—Não ouse! — Grito com o dedo em riste. Estou completamente babada e suja de terra e grama.

—Isso é fascinante, — a velha diz saindo de perto. —Olhe só para ele, ele gostou de você.

—Eu percebi!

Parascheva se apoia no cajado, observando a matilha: —Ouço as pessoas dizerem que os animais não têm alma. O que sabe o sapo sobre o jacaré? — resmunga. —Nada! O que o homem sabe sobre os lobos? Tanta filosofia e pompa, nada além de elucubrações sobre elucubrações. No final, ninguém sabe de nada.

—Parascheva, não se inflame, preciso de ajuda!

Tarde demais, Parascheva recomeça a litania. Levanto fazendo cara de brava para o lobo,

mas ele vê no gesto um convite para o salto. A última coisa que vejo antes de cair com as pernas para cima é o par de orelhas eretas e os olhos alegres.

—Li uma vez que fazemos todos parte de um coro, — Parascheva continua a lecionar para a paisagem. —A cada voz que calamos, a música fica mais pobre. Como as pessoas que moram aqui, aos pés do selvagem, podem odiá-lo? Por que não veem o privilégio da situação? Elas deveriam arrumar as malas e mudar-se para a cidade, se não conseguem dividir a terra!

—Largue meu cabelo, seu monte de pelos! — empurro o lobo para longe. O lobo está louco, em um estado entre a alegria imoderada e hipermania. Ele avança sobre mim novamente.

—Sabe o que acho? — Parascheva pergunta tentando achar em mim algum interesse por suas teorias.

—Não! — grito sob o animal. —Não quero ouvir nada! Se não me tirar daqui juro que não ouço mais uma frase sua!

—Saia daí, — Parascheva afugenta o bicho com o cajado. O lobo finalmente se afasta.

Levanto olhando meu estado. Estou um nojo. Há baba no meu rosto, e o cabelo é um ninho cheio de nós. —O que deu nele? — pergunto batendo a folhagem da roupa.

O lobo se atira ao meu lado no chão, jogando o corpanzil contra as minhas pernas. Acho que está me chamando de volta à brincadeira. —Nem pensar, bestalhão.

Os outros saltam sobre ele, como se ele merecesse apanhar por ter perdido uma briga. Eu e Parascheva nos afastamos dos rabos que chicoteiam ao redor.

—O ômega gostou de você.

—Isso é muito bom para minha autoestima, — falo tirando algo de meu cabelo que prefiro não ver o que é.

—Ôegas não podem ser seletivos. A propósito, você está um horror.

Limpo a bochecha na manga e cuspo um pedaço de folha agarrada na língua. Nesse

momento, um ruído chama a nossa atenção. Parascheva tampa o sol com a mão e olha para a campina. Um vulto sobe o morro, vindo da casa que vimos ao chegar.

Os lobos param a brincadeira e espetam as orelhas. Assim que a pessoa acena para nós, eles disparam colina abaixo, desaparecendo na mata. Sigo-os com a vista até que sumam. Não tenho tempo de perguntar quem é a mulher, mas entendo, pelo aceno de ‘estamos aqui’ que a velha a espera. Está explicado porque carreguei comida para três. Foi para essa mulher que Parascheva ligou ontem à noite.

A mulher de meia idade traja calças cargo e camiseta escura. Em uma das mãos tem um rádio, na outra um tipo de espingarda carregada de tranquilizadores.

—Parascheva! — A mulher a saúda com carinho. Apontando para a cabana, agradece a informação sobre a localização da matilha, que pode observar durante toda a manhã — ao menos é isso que parece dizer.

Com as mãos na cintura, ela faz um gesto em minha direção. —Vrăjitoare? * Bruxa?

Parascheva assente. Nós nos cumprimentamos, cada uma em sua língua.

—Nina, — Parascheva enuncia solene —esta é Roberta Abram. Você já deve ter ouvido falar nela, ela é referência mundial em lobos.

A mulher estende a mão em minha direção, e eu levo a minha úmida de saliva até ela. Não me lembro de ter ouvido falar dela, mas procuraria saber quem ela é quando voltasse ao século XXI. Assim que nossas mãos se encontraram, o flash me cega. Um clarão diferente, luminoso.

Pela primeira vez, eu *vejo*. Li mentes até agora, captei um ou outro pensamento de Parascheva, mas pela primeira vez tenho acesso às memórias completas.

As imagens surgem intensas e reais. Enquanto ouço Parascheva narrar ao fundo feitos como ‘referência mundial em repopulação de áreas’ e ‘parte de uma junta nacional para proteção dos últimos remanescentes dos lobos da Europa,’ — sou tragada para um mundo que

gira exclusivamente ao redor de lobos. Embrenhada entre as células daquela mulher, percorrendo bilhões de sinapses e pensamentos há uma certeza que move toda e cada ação sua. A consciência de que ela existe porque lobos existem, e que viver em um mundo sem eles não vale a pena.

Meus olhos se enchem de água.

Que lucro teríamos — eu a vejo perguntar a plateias de políticos e celebridades — em ter o mundo só para nós? Conseguiríamos nos encarar no espelho quando abatêssemos o último lobo? Conseguiríamos gostar do que o espelho reflete?

Nada justifica que empurremos espécies inteiras para o abismo da extinção. Lobos não deveriam nos assustar. Mostremos grandeza frente à criação! Dobremo-nos à sua majestade, e só então seremos realmente grandes.

O sol se move, e um raio incide sobre a mulher como se a clareasse para mim. Ela tira as mãos das minhas no momento em que roubo sua última lembrança.

A visão dourada dos olhos que um dia a miraram na borda da floresta, que mostraram à criança insensível de apenas nove anos a possibilidade de um mundo onde lobos poderiam viver dentro e fora de nós.

Onde, igualados em grandeza, viveriam para sempre.

XXIV

Presente de Aniversário



No dia seguinte, com um meio-sorriso, Parascheva pendura um calendário na cozinha. Um número de dois dígitos repousa solitário no bloco de 6 x 6 centímetros, perdido entre as possibilidades dos primeiros dias do mês e a vagarosidade dos últimos.

Uma sensação de não reconhecimento cresce em mim. Como se as marcações arbitrárias dos calendários precisassem ser novamente aprendidas, e eu precisasse aceitar que, embora não pareça, o mundo gira. Prova disso é que eu hoje faço dezoito anos.

—Hoje é meu aniversário, — murmuro olhando para o número 21.

—Eu sei. Não sabia que a data estava próxima? Não estou entendendo seus pensamentos.

Acordo do transe com a intrusa na mente. —Talvez deva parar de acessá-los.

A velha me ignora e deixa a cozinha.

Como posso não ter percebido que o tempo correu? Sim, o verão está em seu pico, tudo à volta é um lembrete disso. Os pássaros cantam menos, as árvores aguentam o sol escaldante com tocante resistência. Meus aniversários são assim, quentes. Verdes. Eu tenho dezoito anos, e agora posso ser ordenada bruxa. Oficialmente.

Penso no meu aniversário passado, tão simples e sem grandes emoções. Quem poderia

imaginar que um ano depois eu estaria em outro continente, morando na casa de uma bruxa tão velha quanto uma tartaruga de Galápagos?

—Eu ouvi essa da tartaruga, — Parascheva reclama quando retorna à cozinha. Ela me estende um embrulho pardo.

—É seu? —Pergunto recebendo o presente desconfiada.

—Não. Regina o trouxe domingo passado, sua mãe o enviou pela ocasião do aniversário.

—Minha mãe? — A palavra mãe me aquece como um sopro quente. Aperto o embrulho entre as mãos; ele é o mais próximo que estive de minha mãe desde que cheguei.

—Vá, vá abrir o pacote, — a velha me enxota dali.

Corro até o abismo, para a pedra de onde costumo observar o vale. O sol não chegou ao pico, mas sobe moroso. Estendo as pernas no ar rasgo o embrulho, enfiando o papel sob a coxa para que não voe. O coração pulsa acelerado. Dentro da caixa há um pequeno bolo de frutas e nozes, cuidadosamente enrolado em lâmina de plástico. Há também alguns envelopes e uma lembrança de Elka.

Trago a lembrança à vista. É uma réplica mal feita da Casa Branca, onde se lê ‘Estive em Washington e pensei em você’. Não posso deixar de dar uma risada. Recoloco o souvenir na caixa, retirando as cartas.

Levo os envelopes de cores diferentes ao rosto, sentindo o cheiro de casa. Céus, como sinto a falta deles. Escolho primeiro o envelope branco, onde leio *Do papai*.

Max começa dizendo que está com saudade. Conta que as primeiras semanas sem mim foram as mais difíceis, mas que agora ele está acostumado e eu posso continuar aqui. Depois do ‘brincadeirainha’, conta a novidade: ele teve seu emprego oferecido de volta.

Segundo as fofocas de corredor, o Departamento de Comércio foi o responsável tanto pelo seu afastamento quanto sua reintrodução. Não explicaram por que o afastaram, disseram apenas que erraram e que ele deveria retornar. ‘Voltei a ser professor, estamos ricos

novamente,' Ele brinca ao final.

Olho o vale, pressionando a carta contra o peito. Mas como? Max estava sob investigação quando eu parti. Por que seria subitamente reintroduzido? Eu não entendo. Certamente não foi a dor de cabeça que enviei de presente a Martin Kuhn, e eu mal consigo esperar para saber mais sobre a novidade.

Abro em seguida a pequena nota de Neela. Nela, minha avó deseja que eu aproveite cada segundo e cada emoção, porque sente que meu retorno está próximo. Sem tom melodramático, escreve ao final: 'A floresta pergunta por você e sente a sua falta. Você já ouviu as árvores?'

Os olhos viram duas poças d'água, que eu trato de secar para continuar a leitura.

O envelope de Elka é, sem dúvidas, o verde néon com adesivos de coração. Quando o abro, saltam dele purpurinas coloridas que rodopiam no ar e caem no precipício como se tivessem decidido se suicidar juntas. Após me saudar em três línguas, Elka conta que a viagem a Washington foi 'épica'. Que o governo pagou tudo, até mesmo seu assento na classe executiva (sublinhou executiva, e posso imaginá-la dançando a dancinha da animação). Que visitou a Casa Branca, os museus Smithsonian, o Pentágono. Disse que a reunião com a comissão da qual Martin Kuhn faz parte foi um 'su-ces-so'. Que todos aqueles homens sérios e engravatados são muito educados, mas não mostraram interesse por nenhum de seus diplomas em terapia holística, tarô, numerologia, astrologia, transcendência astral ou xamanismo. Também não quiseram ouvir sobre seus conhecimentos sobre bruxaria wiccaniana e verde. Ela tentou.

A comissão prometeu entrar em contato. Desejaram-lhe uma ótima estadia na capital e retiraram-se. Em um pequeno P.S, ela comenta que Kuhn não parece bem, e não apenas encrocado. Disse que sua testa está enorme, e que está saindo de férias. Parece que vai tirar um tempo para jardinar, ouviu sua assistente dizer.

Elka se despede em várias línguas e me abençoa com bênçãos de quatro religiões

diferentes. Um beijo lambuzado de batom enfeita o fim da folha.

Dobro sua carta, pensando no que fizemos.

Kuhn queria uma bruxa, e foi isso que oferecemos. Seu departamento poderia nomear qualquer tipo de prática não-científica: Elka tem um certificado naquilo. Seus talentos arrepiariam o cabelo do mais careca dos engravatados da capital. Não apenas a saúde mental de Elka seria discutida, mas também a de Kuhn. O que diriam os contribuintes se soubessem que seus impostos financiam o estudo de superstições e crendices populares?

Aquele encontro deve ter acabado em pandemônio, penso enfiando a carta de volta no envelope. Exatamente como acabavam as invasões nas colônias dos cupins das Guianas, quando os insetos lançavam mão de seus idosos armados com bagagem química.

Elka seria monitorada por algum tempo, mas duvido que por muito tempo. O mundo moderno é alérgico às crendices; não tolera a permanência ao seu lado.

Suspiro um longo suspiro de alívio por saber que as coisas voltam lentamente ao normal. Aquilo não significa que está tudo resolvido, mas saber que Elka e meu pai estão bem é um consolo. Nenhum deles mencionou sobre meus amigos ou a noite em que descobriram o que sou, o que significa que essa informação só pode estar na última carta.

O coração aperta, e trago o último envelope à vista. A carta de Ava contém mais que uma folha, posso dizer pelo peso. Pondero se não devo abri-la à noite, na solidão do meu quarto; não quero passar o dia triste.

Dedos mais corajosos que a mente rasgam o envelope. Tiro de dentro dele três folhas e outro envelope, branco e sem atrativos. Giro-o nas mãos. No verso está escrito: Para Nina.

Para Nina, escrito em uma letra cheia de arestas. A letra de Alex.

As mãos começam a tremer. Amasso as folhas entre os dedos, com medo de que voem. Rastejo para trás, e o papel pardo sob a coxa escapa e rodopia no ar.

Enfio a carta fechada de Alex dentro do cóis da calça quando as costas encontram uma

árvore e só então desamasso a carta de Ava, onde em letra delicada ela descreve seus dias sem mim.

Minha querida, posso ouvi-la dizer alto as palavras, sinto tanto a sua falta.

Ela conta nas próximas linhas como os dias parecem longos quando eu não estou por perto. Reclama de meu pai, que a ocupou todo o início do verão com pedidos incessantes de ajuda para consertar tudo que precisava de reparos na casa. Conta sobre a ida de Elka a Washington, e como ela se apresentou à comissão em vestes cerimoniais, e foi impedida de acender um incenso. Como ela tirou um *selfie* com o senador de nosso estado, e como aquilo tudo pegou muito mal para a ANCA.

Ava diz que Anneliese agora mantém contatos regulares. Que segundo ela (e por mais difícil que seja acreditar nisso) nenhum de meus amigos deixou escapar nada sobre os eventos da noite no lago. Contaram a Kuhn que os lobos atacaram, e que sem grandes explicações partiram. Que uma tempestade se formava no horizonte, e o raio em Alex foi uma tremenda falta de sorte.

Um som escapa da minha boca, como se tivesse aguardado todos essas semanas para sair. Os olhos embaçam.

Seus amigos optaram por você. Agora você pode tirar o feitiço sobre Kuhn, coitado. Ele teve o que mereceu.

Uma lágrima cai sobre a folha, manchando-a.

Tenho outra notícia excepcional, tão inacreditável que sequer posso creditá-la à mágica, Ava escreve em um novo parágrafo. Segundo ela, o departamento de Recursos Naturais de Indiana enviou uma carta agradecendo o pagamento dos impostos sobre as terras da floresta. Temos agora, segundo eles, o status legal de reserva.

Trago a folha para perto do rosto. Estou realmente lendo aquilo?

Nina, alguém pagou os impostos atrasados e obviamente não fomos nós. Seja lá quem

fez isso também desembaraçou a situação das terras no departamento, que miraculosamente a categorizou como área de proteção. Estamos em choque.

Embaixo ela escreve: *Desconfio que sua tia tem razão. Talvez tenhamos mesmo um protetor.*

Abaixo a carta. Sim, pelo jeito eles existem.

A falta de palavras é uma injustiça frente ao sentimento de gratidão e felicidade que me inunda. Incompreensão, acima de tudo. Os sentimentos forçam caminho para fora, mas lágrimas não os liberariam com eficiência. Eu explodirei se não soltar um grito, como se fosse injusto esconder do vale que os problemas estão resolvidos, que a reserva é nossa, que meus amigos optaram por mim e a paz se insinua no horizonte.

Olho para o vale, para o céu azul. Para a ave que plana tranquila a metros de mim, para as florestas que encrespam o horizonte, para as montanhas que me cercam — eles merecem saber. Solto o grito mais alto que consigo, que começa com um ‘Iu-huu’ animado, um ‘uuu’ que não acaba e finalizo com um ‘ahhh’ que beira a perturbação mental. Bato os pés com euforia no chão, chacoalhando as folhas da carta sobre a cabeça. Deito com as costas na terra, amparando os pés no tronco crespo da árvore. Ali, olhando para cima, para os pés que parecem tocar a copa, concluo que às vezes tudo que precisamos fazer para resolver os problemas é afastar sua fonte —no caso, eu —e deixar que o tempo corra seu curso.

Meu grito alerta Parascheva, que chega correndo.

Ao não me encontrar dependurada sobre o penhasco ela bate na saia, quase aborrecida: —Achei que tivesse caído! — grita como se me culpasse por estar bem. —Seria a segunda, — reclama voltando para a casa.

Volto à carta de minha mãe. Resta ainda a terceira e última folha.

Filha, eu estava para fechar a caixa quando a mãe de Alex me entregou este envelope. Ela o encontrou depois do acidente, dentro de sua carteira. Quando consultado, Alex

desencorajou o envio. Disse que não seria justo deixar você acreditar que ainda se lembra de você –ele não se lembra– e pediu à mãe que rasgasse o envelope. Ela não rasgou, e eu o estou enviando em anexo. Seja lá o que Alex pretendia, acho que merece saber. Afinal, você se lembra de tudo.

Espero não ter cometido um erro. Sei que a Grande Mãe se opôs a vocês, mas assumo os riscos por esse gesto.

Amo você, conte sempre comigo.

Mamãe.

Assim que encerro a carta, o papel contra a barriga torna-se óbvio e incômodo. Como se não fosse mais feito de papel, e sim de vidro. Tiro o envelope da cintura. Ele não parece conter nada. Nenhuma grande declaração, nenhuma folha de papel –talvez uma nota, se tanto –pelo que eu vejo ao esticá-lo contra a luz. Cheiro o envelope sentindo vontade de ver a sua letra. De lembrar dos olhos cor de água, dos traços impossíveis de esquecer. Eu sinto saudade das borboletas no estômago.

Por outro lado, tenho agora pouco tempo com Parascheva. Tirar Alex da caverna onde o escondi poderia estragar meu recém adquirido senso de propósito. Eu estou em treinamento.

Embora curiosa, a carta continua lacrada.

Volto ao casebre com o envelope de Alex escondido entre os outros. Ao ver que eu não aparento a mesma excitação de antes, Parascheva vinca a boca: —Oh, você está triste.

—Não estou, não se preocupe. Só recebi notícias boas.

É verdade, ela que confira meus pensamentos.

A velha ganha uma linha a mais em sua coleção de traços na testa. —Também quero te dar um presente. Diga-me, o que deseja?

Sua oferta quase assusta. Olho para as cartas nas mãos, pensando em tudo que aconteceu até ali. Eu poderia pedir informações sobre o protetor que salvou a reserva, ou saber se a hora

de partir está próxima. Opto, ao invés, por algo mais importante e que acredito ser o momento de pedir.

—Quero que não acesse mais meus pensamentos.

—Feito, — ela concorda de imediato. Em seguida adiciona: —Eles não são lá muito excitantes, e giram demais em torno de poucos tópicos. Mas quero te dar outra coisa. O que mais deseja?

—Quero retornar às árvores, — falo tão rápido que tenho medo que ela desconfie que planejo algo. *Ah, e eu planejo.* Espero apenas que ela não esteja mais acessando minha mente.



A luz insinua-se através dos galhos, ressaltando a textura dos troncos. O sol, embora fraco, cresce em tamanho e em breve deslizará atrás das montanhas. Parascheva segue na frente, em silêncio. Eu sigo logo atrás dela.

É a hora. Eu sei que as ouvirei hoje, eu sei.

Antes eu não sabia como escutá-las, assim como ainda não sei, mas a diferença é que agora eu quero. Quero muito, e quero de verdade. Por um milênio aquela floresta existiu, e apenas uma pessoa prestou-se a ouvi-la. Eu estou disposta a entender a floresta como Parascheva a entende.

Quero saber se as árvores sentem o sol em suas folhas como eu o sinto na pele. Se elas sentem nas raízes o que eu sinto quando ando descalça. Talvez elas possam me explicar como lidam com a violência das tormentas, ou mantêm a placidez enquanto o mundo rui ao redor.

Quantos elas viram chegar e partir, destruir e reedificar, se arrepender e ajoelhar, rezar? Elas continuam a habitar o mundo quando todo o resto há muito retornou ao pó. Se alguma criatura sabe algo sobre a existência, são elas.

Parascheva cumpre a promessa de abandonar minha cabeça, e depois de meses, moro novamente solitária em mim. Quando chegamos à clareira, saúdo as doze em silêncio.

Parascheva toma assento ao lado delas, eu me sento no centro. O chão exala um cheiro que lembra minhocas movendo-se sob a terra. Um cheiro úmido, de fermentado de folhas em decomposição

A floresta bafora ao redor. Penso em suas vozes, sem saber o que aguardar. Talvez sejam possantes como trovões, ou delicadas como pássaros. Talvez eu não ouça nada, apenas uma voz vinda de dentro, como se eu dissesse algo em pensamento para mim mesma.

Afasto um mosquito chato de perto do ouvido. Embora dessa vez tenha vindo cheia de repelente, sinto um calombo crescer na bochecha.

Aguardo alguns minutos, nada. Meia hora se passa, as costas ardem. Eu não quero perder o otimismo, mas depois de trinta minutos até mesmo a velha está incomodada.

—Não pode olhar para outro lado? — Pergunto gentilmente, se é que se pode ser gentil pedindo para alguém parar de encarar.

Parascheva vira para o outro lado, mas logo volta a olhar para mim. Exalo um suspiro alto, girando sobre a pedra para outra direção. Seu olhar pesaroso agora me queima as costas.

—Não tenho culpa, — ouço sua voz rouca.

—Não culpei você de nada.

—Mas pensou.

—Achei que tivéssemos nos entendido sobre não invadir mais pensamentos.

—Não invadi nada. Você está com uma careta azeda.

Sinto uma picada do outro lado do rosto, e em um ato reflexo bato na face.

—Oh,oh, — murmuro trazendo o inseto esmagado entre os dedos à frente do rosto.

—Você o matou?

—Foi sem querer, — digo sem saber o que fazer com o que sobrou do mosquitinho.

—Impulsiva! — ouço como se Parascheva fofocasse sobre mim nos ouvidos de alguém.

—Coisas da idade, — respondo sem vontade de discutir. Toda vez que reclamo das sandices de Parascheva ela se justifica dizendo que ‘são coisas da idade.’ Pois bem, impulsividade é coisa da *minha* idade. Cavo uma cova minúscula com o tênis e lanço o mosquito com um peteleco lá dentro. Sem grandes solenidades pisoteio sobre outra camada de terra, finalizando o enterro.

A velha solta um suspiro dramático: —Sempre achei que um mundo com mais adolescentes e idosos seria o ideal, que a força de um e a sabedoria do outro se completassem. Você me faz repensar a ideia.

—Idosos e adolescentes, — respondo sem entender por que tanto drama por causa de um mosquito que *me* atacou. —Como ninguém pensou nisso antes?

—Sarcasmo! — alegre-se a mesma voz que me chamou de impulsiva, como se sarcasmo fosse algo raro por ali. Uma voz carregada de anos como a de Parascheva, mas que não é dela.

A efervescência toma conta da pele, como se dentro das veias passasse a correr champanhe. Viro para a bruxa, que balança a cabeça como se concordasse com o comentário. Meu olhar assustado a atrai.

—Oh, não posso olhar para você, — Parascheva comenta com uma careta esnobe.

—Quem acabou de me chamar de impulsiva?

—Quão maluca sou agora?

Olho boquiaberta o círculo à volta. Tão maluca quanto eu.

Vozes começam a pipocar aqui e ali, como se antes falassem em uma caixa, mas lentamente achassem caminho para fora. —Ela vai dar conta? — Uma voz diferente me faz virar 90 graus. —Não tenho mais dúvidas que sim, — diz outra.

Não tenho sequer tempo de rir. Eu consigo incontestavelmente ouvi-las, o som mais cristalino que ouvi na vida. E são vozes! Não trovões, ou assobios; vozes como a minha e a da

velha, masculinas e femininas, roucas e aveludadas. O formigamento varre a pele. As velhas futriqueiras existem, e trocam opiniões ao meu respeito!

—Oh, meu Deus, eu sou uma bruxa, — tampo a boca com as mãos ao entender o que aquilo significa. Meus olhos estão arregalados, mal escondendo meu fascínio e horror. Com a boca tampada olho para Parascheva: —Eu virei realmente uma bruxa!

Eu sou uma bruxa!

Penso em todas as lambadas verbais de Parascheva, em todos os momentos de tristeza, do medo de me tornar o que nasci para ser. Sou inundada por um sentimento prazeroso, de conquista — eu me tornei, irrevogavelmente, o que um dia planejei abrir mão.

O mais incrível? A sensação é de vitória.

—Eu sou uma bruxa! — grito a plenos pulmões, saltando da pedra. —Eu ouço árvores! Eu estou ouvindo, Parascheva!

Corro até ela, enganchando-a em um abraço desajeitado.

—O que foi que eu fiz? — pergunto, largando-a. O que aconteceu que eu virei uma? Eu não sei. O que posso fazer? Ergo o dedo no ar, vendo o fogo surgir em uma chama.

—Sim, isso também está aqui! O que mais? — questiono afobada, girando a bola de fogo ao redor enquanto me movo.

A velha dá um tapa na minha mão: —Fogo e florestas? Por favor.

O que mais, o que mais? Eu poderia queimar qualquer aparelho em um raio de quilômetros!

—Que tal conversar com elas? —Parascheva sugere. —Acho que elas querem participar de sua alegria.

—Podemos assumir daqui, Parascheva, — fala uma voz mansa. Os galhos acima de mim se movem, espantando um pássaro para longe. Concordo com a cabeça, sentando-me novamente. O coração pula, excitado. Aquilo é tão bom.

O carvalho antigo, em cujo buraco no tronco caberia uma bola de basquete, fala com voz gutural: —Feliz aniversário, a propósito.

Desejos de saúde e vida longa espalham-se ao redor. Agradeço, sorridente.

As doze estão ali. Elas estão ali e eu tenho uma pergunta na ponta da língua para elas.

—Bem, agora que nos ouve, — fala uma voz delicada —o que quer saber de nó...

—Quero saber sobre a antiga história das Wolf! — eu atropelo a pobre árvore.

Parascheva se assusta. Evito olhá-la, sabendo que não demorará até que ela descubra o que me levou ali. Tenho a intenção de perguntar aquilo às doze desde a noite em que Erin me visitou. Guardei a intenção no local mais profundo da mente, com medo de que a velha não me trouxesse à clareira. Erin disse que Alex não foi enfeitado, e que as doze conheciam a história. Pois bem, eu estou ali, e essa é a minha pergunta.

—Oh, eu sei porque quer saber isso, — ri uma das árvores.

—Eu quero saber sobre Erin, —repito mordendo os lábios. Tenho medo que elas retornem às raízes e sumam, ou que eu acorde e descubra que foi tudo um sonho.

—Erin? — Um dos pinheiros mais jovens murmura, como se o nome não invocasse nenhuma lembrança.

—Você não era nascido, querido, — acalma uma voz mais antiga.

—Não acho que você deva insistir contra os desejos da Grande Mã... — Parascheva tenta falar, mas o carvalho a interrompe: —Deixe a menina, Parascheva. Ela só está pedindo a verdade.

Sim, eu só quero a verdade. Eu quero saber, eu preciso. Por que Erin apareceu para mim? Por que disse que havia algo na minha história que eu não conhecia? E principalmente, o que Erin tem a ver com Alex? Aquilo não faz sentido, e esta é a chance de saber.

—Então vamos lá, —diz a mais antiga das árvores. —Vamos voltar o relógio para o passado e retornar à Erin dos Lobos, à história que é o prólogo da sua.

XXV

Erin dos Lobos



Erin está entre nós. Não em corpo, mas em luz. Eu a vejo projetada na clareira, andando pela choupana de pedra. Ela é exatamente como a vi durante a viagem psicodélica –cabelos negros, feições delicadas. Um enorme cachorro lhe faz companhia, deitado ao pé do fogo. O cachorro pode bem ser um lobo.

Erin pensa na última vez que foi à cidade. As doenças comem a vila pelas beiradas, o povo está cada vez mais fraco. Outro parto deu errado e o bebê nasceu morto. Ela decide que aquela foi sua última visita à vila, sabe que em algum momento precisa sair dali.

O barulho dos cascos sobre pedras chama sua atenção, e Erin anda até a janela. Um homem salta do cavalo, seguindo através do mato alto até a casa na fronteira da floresta. Suas feições são duras e angulosas, como se tivessem sido talhadas a machadadas, mas ainda assim há algo terno em seu rosto. São os olhos, concluo. O homem que chega tem olhos sofridos, de um verde difícil de nomear.

Erin esconde a faca sob o avental e abre a porta. Não teme os mercenários locais que brincam de policiar as redondezas à procura de agrados para os seus suseranos. Não teriam o que levar desta vez, os últimos levaram tudo. Desde aquele dia, ao contrário da massa que foge da seca que completa uma década, ela enviou suas irmãs para a floresta. Não há nada de bom acontecendo entre os homens, entre eles um caldo perigoso ameaça transbordar.

Erin dos Lobos? O cavaleiro pergunta. O lobo atrás da mulher rosna.

Ela não assente nem nega, mantendo os olhos firmes no homem de olhos gentis. Seu olhar diz algo que eu, séculos depois, ainda consigo ouvir. Troco de lugar, renteando a miragem projetada na clareira. Duvido a princípio do que vejo, mas logo minhas dúvidas se dissipam — o que vejo é real.

Erin começa a brilhar. Um brilho sutil, emanante e quase imperceptível: indubitavelmente um tipo de encanto. A feiticeira ali é ela, ainda assim é ela a enfeitiçada. Conquistada por uma antiga magia que havia desistido há anos de encontrar.

Aquele encontro, eu desconfio, me diz respeito.

Você está sendo solicitada, o homem fala em uma voz desbotada pelo tempo. Fala também que ele e seus companheiros mais adiante são vassalos de uma terra distante. Que os rumores sobre a parteira que realiza milagres atravessou fronteiras. Eles estão ali para buscá-la, quem os mandou precisa de um milagre.

Perdeu seu tempo, ela responde. *Ando perdendo crianças, e a vila já me chama de bruxa.*

Meu senhor oferece abrigo e proteção, — o homem diz olhando para a floresta silenciosa. *A você e suas irmãs.*

Proteção. Há meses a Grande Mãe fala em uma profusão de vozes com Erin, e suas mensagens são sempre a mesma: aceite o chamado. Aceite proteção.

Após ponderar brevemente Erin entra na casa, diz algo para o cachorro-lobo e o devolve à floresta. Ele deve avisar sua família que ela voltará antes do inverno ou não voltará mais. E que se não voltar, não devem ir atrás dela.

Ela bate a porta, sabendo intuitivamente que aquela é a última vez que pisa ali. Antes que partam, o cavaleiro a alerta: *Mãe e criança não passam bem. Se você falhar, a morte é certa.*

Aqui ela é certa também, ela responde sem olhar para trás.

Cavalgam nos próximos dias por florestas que cobrem áreas tão vastas quanto Erin achava ser o mundo. Por cidades onde gente faminta implora por comida, por campos secos e estéreis. Enquanto os outros cavaleiros a ignoram, o homem de olhos gentis vai ao seu lado. Pergunta sobre sua vida, conta histórias sobre a sua. Acampam muitas noites sob as mesmas estrelas que hoje vemos no céu. Falam sobre a seca e sobre as inundações que matam no Norte, sobre a falta de comida que ambas trouxeram. Também comentam, ainda que ninguém saiba muito a respeito, sobre a estranha doença que aportou no Sul e faz gente cair como moscas.

O cavaleiro jamais questiona se ela é realmente uma bruxa. Não parece temê-la a princípio, e depois passa a respeitá-la. Seu porte é de uma rainha, embora vista roupas rotas. Quando o castelo insinua-se no horizonte ele não sabe mais esconder o que sente. Ele a quer para si, e não para seu senhor.

A cidadela paira imponente sobre a colina, formidável em suas cores douradas e arquitetura estrangeira. Um nobre gentil aguarda Erin. Ela é apresentada à sua esposa acamada, que definha à espera de dois bebês.

A mulher, Erin sabe, dificilmente sobreviverá. Como sempre faz, ela alerta o casal sobre os riscos da gestação. Ela não é a primeira a alertá-los, o nobre confessa. Sua decisão está tomada—sua mulher geraria seus herdeiros até o final.

Noites e dias passam.

Enquanto os dias são passados cuidando da mulher, os fins de tarde de Erin são reservados para as longas caminhadas que o nobre exige por sua propriedade. Aquele homem é o grande plano de proteção da Grande Mãe — um plano, ainda que repleto de boa vontade, profundamente insensível às circunstâncias. Para a natureza selvagem e insensível, somente ele pode salvar Erin do que fervilha nas cidades. Não interessa à Grande Mãe os pormenores da sociedade, suas regras, princípios e leis. Aquele homem se apaixonaria por Erin e a acolheria,

viúvo ou não. Erin entende a lógica torta de sua entidade, e discorda inteiramente dela.

As noites da mulher dos lobos são passadas longe do castelo, na companhia do cavaleiro de olhos tristes. Entre eles cresce um amor tão grande quanto a tempestade que se forma sobre o mundo.

Desço arranhando as costas no tronco da árvore e me sento no chão. Os elementos para o desastre estão todos ali, e eu começo a entender a trama que culminará no fim conhecido. As cenas continuam a se justapor na clareira, como memórias formadas na mente.

Erin tenta de tudo – deixar a mulher mais forte, menos doente, menos infeliz, mais otimista – mas no dia do parto uma das crianças morre, e apenas a menina sobrevive. A esposa, em seu leito de morte, pede para falar com ela. Faz a ela o mais inusitado dos pedidos: pede que crie sua filha. Que Erin assumo seu lugar naquela casa e ensine à criança tudo que sabe. *Prometa-me que cuidará dela. O mundo é cruel com as mulheres, cuide dela como cuidou de mim.*

A senhora do castelo parte naquela manhã. É enterrada no jardim, sob as folhas de um salgueiro antigo.

No dia seguinte Erin é chamada à torre, onde encontra o nobre mirando as montanhas. *Quero que viva aqui*, ele pede. Tem nas mãos um fardo pesado demais para carregar sozinho. Treina guerreiros para um mundo grosseiro, não sabe o que fazer com sua filha. *Eu ofereço proteção, a insanidade não chegou a essas terras. Aqui você e sua família estarão seguras.*

Volto a me levantar, andando até a imagem. Há sinceridade nos olhos do homem. Esse nobre pode te proteger, Erin. Dê a sua história outro final.

As próximas imagens são um borrão: os encontros com o cavaleiro ficam menos frequentes, os cuidados com a criança aumentam, e há a agonia de Erin ao pensar nas irmãs.

Certa noite, homens armados batem à porta. Foram informados das mortes e vieram prestar as condolências. Entre eles está um membro do clero, que ouve dos servos que a finada

se esqueceu de Deus no final da vida. O mal ainda mora ali e cuida da criança, sussurram-lhe ao pé do ouvido.

O homem de Deus confrontou o nobre. *Sua concessão de governar é divina, mas pode ser revogada. Exerça com retidão esse privilégio ou tomaremos o que é nosso da reserva senhorial*, diz.

Pressionado pelo ultimato da igreja, o nobre estende a Erin o seu. Conta a ela o que ouviu sobre o mal que varre o continente. A doença que enegrece os homens alastra-se pela Europa e em breve cruzará as fronteiras. Ouviu dizer que as minorias estão sendo alvejadas pela ira dos sobreviventes, e que Erin terá poucas chances sem proteção. *Decida-se pela segurança, fique. Exigirei de você apenas uma coisa.*

A Grande Mãe sopra sua ordem em redemoinhos sobre os campos: *Você precisa salvar suas irmãs. Suas irmãs do mundo. Aceite*, Ela ordena.

Erin e o cavaleiro encontram-se pela última vez. Ela diz que obedecerá a seu chamado, embora tudo nela deseje o contrário. Ele jura que a protegerá, dará a vida por ela se necessário. Ele não precisa dizer isso, ela sabe.

Erin despede-se dele disposta a nunca mais encontrá-lo. Seu amor por ele a consumiria até o fim de seus dias, mas está presa por correntes invisíveis ao mundo, elos que nem mesmo ele, com seu amor, sua espada e coragem conseguiriam romper.

Erin encontra o nobre no fim da tarde. *Qual é a exigência?* Pergunta disposta a fazer o que precisa para salvar sua família.

Sua conversão, ele responde. *Você será batizada e seguirá o mesmo Deus que eu.*

Minha testa ganha um risco, e do outro lado da imagem vejo que Parascheva, atenta como eu às cenas, também parece surpresa.

Um terço de minhas terras pertence à Igreja. Para ficar aqui precisará cortar os laços

com a entidade selvagem que serve. Não posso ter uma pagã entre nós.

Sua demanda parece simples, porque para ele é.

Erin exala o ar e sorri. Tão sábia em suas criações, pensa olhando o sol que se põe com exuberância, mas tão alheia ao mundo dos homens. O que a Grande Mãe sabe sobre o manejo astucioso das relações, da maquinação conjunta para coibir o diferente, dos olhos fechados para atos traiçoeiros quando estes são convenientes?

Como posso concordar em ser batizada pelos que me perseguem? Erin pergunta ao nobre. Antes que ele entenda sua recusa, ela diz: *Eu nunca daria as costas para o que sou.*

Não escolheria ser decorativa e muda, um bibelô fabricado para passar pelo crivo de aceitação de quem não interessa. Não daria as costas à sua natureza. Ela é quem é.

Essa é a condição, o nobre declara.

Erin não pergunta a ele por que procurou uma bruxa para salvar a esposa desenganada. Não questiona os interesses financeiros por trás de sua conversão, nem os ouvidos mouros quanto ao massacre de inocentes por uma doença da qual não têm culpa. Não pergunta porque sabe os porquês. Quando há interesse, não importam as condições; onde está o poder está a vontade de mantê-lo.

Naquela mesma noite é presa.

Senta dias em uma cela escura. Cortam seu cabelo, machucam-na além do reparo. Recebe no último dia a visita do cavaleiro, que encontra um modo de vê-la. Seus olhos tristes transbordam ao vê-la tão torturada.

Se pode sair daqui, por que não sai? Ele suplica. *Por favor, faça algo!*

Eles massacrariam tudo que eu amo, Erin sussurra fraca. Queimariam as florestas atrás de minha família, enforcariam você por traição. A Grande Mãe não sabe da sordidez que escurece o coração dos homens. Nada pode me proteger agora.

O homem, tão forte quanto a vida, tomba ao seu lado.

Eu me movo entre as árvores. Não foi aquele homem que a levou para a fogueira, como contavam as histórias antigas.

Juntarei-me ainda hoje a você, ele a segura por entre as grades. Não tem intenção de continuar a viver. Suas mãos tentam segurá-la, mas ela escapa entre seus dedos. *Por favor, Erin, diga-me que esse não é o fim.*

Erin coloca-se com esforço à sua frente. Seu corpo é um espelho sujo e maltrapilho do dele. *Esse não é o fim*, ela afirma.

Os olhos de Erin se incendeiam, e suas mãos prendem as dele sob as suas.

O que vai fazer? Ele pergunta assustado pela transformação da mulher.

Eu acharei você, ela responde sabendo que jamais se esqueceria da cor de seus olhos. *E quando for a hora, você se lembrará de nós. Vida longa, meu amor.* Com um sopro, ela apaga suas lembranças. Livra-o do horror final de vê-la queimar, dá a ele a benção do esquecimento para que continue a viver.

Deixo escapar um som por entre os dedos, e cresce o medo de que tenha sido ouvida, que a imagem evapore sem que eu termine de vê-la.

Naquela tarde atam-lhe as mãos e a queimam viva. A fumaça enegrece o dia, descendo uma nuvem fétida sobre a praça. A miragem torna-se opaca, o único brilho da cena vem dos olhos desvairados das pessoas ao redor do fogo.

Gente cuja pele está escura da fumaça, cujas vestes imundas escondem ossos salientes. Com aquela mulher amarrada ao tronco, deliram, morre a miséria, a doença e a dor. Sob o brilho iludido de seus olhos há esperança — aqueles homens têm a alma lavada.

Meus olhos alcançam o topo da pequena ladeira, onde o cavaleiro observa a cena final sobre seu cavalo. A história não está inteiramente errada — ele estava lá, e assistiu a tudo. Mas em seus olhos tristes há indícios de que julga aquilo uma grande insanidade de seu tempo, uma barbaridade com a qual não compactua.

O cavaleiro olha para cima ao sentir os primeiros sinais de chuva. Puxa a rédea do cavalo e o leva para longe, retornando ao seu suserano sem a lembrança de que um dia amou o que agora jaz carbonizado na praça central daquela vila perdida.

—Esse é o começo da história, — ouço um sussurro á direita.

Eu ainda assisto com o coração apertado a fumaça subir do que restou de Erin. Uma massa que lembra remotamente um corpo, tombado como um tronco queimado.

Ando até o centro segurando os cotovelos com as mãos. A frase sai assim que a saliva acha espaço para descer: —Sempre acreditamos que Erin desobedeceu a Grande Mãe. Que o cavaleiro a traiu.

Como passamos histórias erradas adiante? Quantos heróis e vilões vivem sob rótulos injustos? Nosso exemplo de desobediência foi a mais justa das bruxas, até seu último suspiro leal às suas crenças e nobre em seus atos.

—Verdades e mentiras são enterradas no mesmo túmulo, — fala uma árvore atrás de mim. —Naquele mesmo ano a peste negra varreu a terra. A Grande Mãe pouco fez para ajudar o povo, estava tão irada com tudo. Irada por Erin ter dado as costas para quem a teria protegido, irada porque tantos perderam a vida em fogueiras que nunca se apagavam pelo continente.

—Ela não entendeu que Erin se sacrificou por Ela? — meu tom sai elevado de indignação.

—Ela viu o que viu.

—Foi a Grande Mãe que falhou com Erin, não o contrário! — aponto para a imagem que aos poucos se dissipa no ar.

A árvore farfalha, como se o vento interferisse em sua voz. —A verdade é que a Natureza não entende os homens, sua criação mais problemática.

—Ela poderia ter livrado Erin da fogueira, — digo abaixando a voz.

—Não, ela não poderia, — Parascheva finalmente se pronuncia. Ela caminha até a mim, cruzando as últimas imagens como se passasse por uma cortina de vapor.

—Embora não pareça, a Natureza é uma grande estrategista. Ela aceitou perder a batalha para ter chance na guerra. Se salvasse Erin, as bruxas cresceriam aos olhos do mundo. Seriam caçadas como javalis, nenhuma escaparia. Ela deixou as bruxas de lado até que os tempos mudassem. Ela mudou de planos, e os tempos finalmente mudaram.

Os olhos de Parascheva estão perdidos em algum lugar da mata. Ela assistiu a tudo sem fascínio, como se tirasse pouco prazer em rever certas cenas na vida que já viu de tudo.

—Erin não o enfeitiçou, Parascheva. Não foi propriamente um feitiço. Ela o salvou.

Parascheva assente, ela viu também.

Tento entender por que Erin veio até a mim. Por que se comoveu com a minha história? Por que, assim como a dela, deu errado? Os olhos tristes do cavaleiro se confundem com os de Alex, enquanto a sentença ‘Alex nunca foi enfeitiçado’ lateja na mente, sem lugar para se acomodar.

Balanço a cabeça, chegando a uma revelação: —Alex descende desse cavaleiro! Sim, é por isso que Erin me procurou. — Minha voz está calma, mas a respiração dispara.

—Não caia nessa cilada, Nina, — Parascheva alerta ao ver em mim uma fagulha de esperança. —Para a Grande Mãe, Erin morreu porque recusou ajuda. Ela não desistiu da ideia de proteger você. Ela não quer você com Alex, ela insistirá no seu protetor até o fim.

Uma das árvores concorda: —Ela se oporá a Alex de todas as maneiras.

—Mas Ela viu o que aconteceu! — aponto para o local onde a imagem foi projetada. — Erin morreu por causa da maldade de um povo em uma época sombria! O protetor exigiu que Erin se afastasse Dela!

—Ela não vê o mundo como vocês, — diz uma das doze. —Quando Erin recusou proteção, disse em sua linguagem que estava pronta para morrer. A cooperação entre

indivíduos é um mecanismo de sobrevivência. Quem não coopera e não se adapta, morre.

—Proteção é a base da maternidade, — alguém adiciona. —Esta é a fórmula da Natureza. Cooperação e adaptação.

—E procriação, — Parascheva adiciona.

Dou alguns passos, ouvindo as folhas partirem sob os pés. A cabeça dá voltas. —Não faz sentido. Por que a Grande Mãe voltaria a nos escolher se acha que falhamos com Ela?

—Ela parece gostar de vocês, — ouço sobre a cabeça.

Sim, ela gosta. Da maneira dela, claro.

—Se Ela gosta de mim, terá que me ouvir, — decido. Terá que ouvir que Erin agiu de maneira heróica e morreu por contingências fora de seu alcance: porque era pobre, mulher, uma bruxa na Europa feudal. Seu destino já estava traçado quando veio ao mundo.

A Grande Mãe terá que me ouvir, e eu tenho coisas para falar.

—Está ficando tarde, — Parascheva comenta procurando a localização do sol no céu. — É melhor pegarmos a trilha se não quisermos caminhar à noite.

Agradecemos às árvores por terem falado comigo, agradeço particularmente a visão. Envergamo-nos levemente antes de nos virar. Parascheva pega o cajado e sai da roda, eu sigo atrás. Antes que dê o terceiro passo, paro.

—Só não entendo uma coisa, — giro nos calcanhares. Olho de volta para as árvores, que parecem me olhar de volta. —Se a Grande Mãe não queria que eu reencontrasse o antigo cavaleiro, por que o levou até Valparaíso?

Não faz sentido que Ela levasse o descendente do cavaleiro até lá. Se Ela queria uma motivação para me trazer para a Romênia, poderia ter escolhido outra pessoa, ou outra situação. Por que escolheria justamente aquele que pretendia afastar das Wolf?

A resposta é o mais perfeito silêncio. Como se as árvores tivessem realmente descido às raízes a fim de conversar longe dos meus ouvidos. Nenhum farfalhar, nenhuma sussurro.

Quando a confraria volta, a clareira silenciosa ganha vida. O vento volta a soprar, um pássaro gorjeia.

—A vida é circular, — uma voz balança o ar. —Pessoas embarcam e desembarcam nessa roda, como em uma estação. Vêm e voltam. Reencontram-se.

Minhas sobrancelhas se unem. Viro para Parascheva, que me olha soturna: —Como assim?

—Alex não descende do cavaleiro, — Parascheva explica. —Ele é o cavaleiro.

—Espere, — ergo as mãos, como se isso pudesse parar o que elas disseram. —Aquele homem de olhos tristes voltou? E Erin sabe disso, por isso o trouxe para *mim*?

—Não para você, — a velha me corrige.

—Entenda como quiser, — o carvalho entoa com a voz dos gigantes. —Dê ao retorno o caráter místico da reencarnação, ou o científico do atavismo genético. O fato é que o seu Alex é o cavaleiro de sua ancestral.

—Separado por poucos quilômetros e uma eternidade em medida de tempo, Erin também voltou...

As palavras disparam meu coração e atabalhoam meus pensamentos, que tentam se organizar em perguntas lógicas. Se Alex é seu ancestral, quanto da minha própria sou eu?

—Você é tanto Erin dos Lobos quanto consegue ser. Erin trouxe Alex de volta para si mesma.

A revelação me rouba o ar. A história que vi na clareira não é a da minha ancestral, é a minha história. *Eu queimei na fogueira!*

A mente gira como se dentro de um tornado. Eu sou a bruxa desobediente, o conto de moral das bruxas desajuizadas. O interesse de Alex por mim não foi feitiço. Não estava escrito nas estrelas, estava escrito em nossos genes.

Olho para Parascheva, que me levou a crer semanas atrás que um amor tão grande como

aquele só poderia ser obra de feitiço. Mas Parascheva está genuinamente penalizada, ciente até os ossos de que cometeu um erro.

—Eu não sabia, nunca tinha visto um sentimento assim, — ela murmura em sua defesa.

—A compreensão de um sentimento eterno não é fácil, — o carvalho sussurra. — Escorreu pelas mãos divinas de quem rege o mundo também.

Não quero ouvir mais nada, não consigo assimilar ou aceitar nada. Tudo o que penso é que Alex quase morreu acertado por uma pancada poderosa demais, e tudo por causa de Erin. Por minha causa.

A clareira roda sob os pés, e preciso me abaixar. As mãos tocam o solo.

—Você está bem? — Parascheva me escora.

Balanço a cabeça que sim, respirando fundo. Ergo o rosto para cima, onde um círculo azul abre-se sobre as copas. As árvores ainda falam, mas o ruído chega aos ouvidos distorcido, como um farfalhar de junco, e não vozes.

Deito na terra sentindo a água das folhas invadir a camiseta e molhar as costas. Aves voam sobre nós como se passassem na frente de uma lente. Eu não preciso mais entender, e sim aceitar que Erin trouxe Alex para mim. Eu o trouxe de volta, e Alex me reconheceu.

—Vamos, levante, — Parascheva me cutuca com o sapato ortopédico.

Como me recuso a levantar, a velha deita-se com dificuldade ao meu lado.

—Esses abutres sem-vergonha não podem ver uma velha no chão que começam a sobrevoar, — reclama das aves que nos espreitam do alto. Ela se ajeita no solo para acomodar a corcunda, sem se importar com a umidade do chão. Suas mil camadas de roupa a protegem.

—As doze morrem de inveja quando faço isso, — comenta como se me contasse um segredo.

—Exibida, — uma das árvores desdenha.

A mão calejada pega a minha, e eu a olho sem entender porque está me dando a mão. Ela

me olha de volta: —Demorou para que eu entendesse, mas depois que entendi, só me resta aceitar.

—Do que está falando, Parascheva?

Ela aperta meus dedos entre os seus: —Poucas vezes temos a chance de entender como a vida se move em círculos. Ela é uma grande roda, a danada. Passado, presente e futuro são instâncias que se repetem. Esta não é uma jornada em linha reta.

— Parasche...

—O universo não tropeça, Nina. Acho, inclusive, que às vezes conspira.

Um flash me cega. Em um segundo estamos na clareira, no outro em um ônibus. Da janela vejo passar carros, na linha do horizonte desfilam prédios altos. A Sra. Perez, nossa antiga vizinha, está ao meu lado. Parece abatida após um dia de consultas.

Acontece tudo muito rápido: um carro fecha o ônibus, o motorista perde o controle do veículo e se choca contra um muro. Os passageiros voam em direção ao vidro, enquanto o tanque cheio de gasolina se incendeia e a fumaça negra enche o ar.

Alex vem andando por uma rua lateral, um caminho que quase nunca pega ao voltar da escola. Ele ouve as freadas, o crash que o faz encolher os ombros. Corre até o acidente e se lança sobre os carros empilhados. Ao ver a fumaça tira a camisa e a amarra sobre a face. Estilhaça o vidro da janela como as mãos, e com a ajuda de outros invade o veículo em chamas. Ele ajuda alguns passageiros a pular pela janela, empurrando outros pela porta. Repete o gesto até que não veja mais ninguém.

As labaredas crescem do lado de fora do vidro.

Na frente do ônibus, encolhida e machucada, está a Sra. Perez. Aperto a mão de Parascheva, como se a cena fosse um feito futuro, e não passado. Alex não sabe, mas aquilo que mais se assemelha a um trapo jogado no chão é a nossa antiga vizinha. —Há mais alguém no ônibus? —alguém atrás dele pergunta.

—Acho que não, —ele responde estreitando as vistas para tentar enxergar alguma coisa. Sem ver mais ninguém, dirige-se à saída.

Cravo os dedos na terra úmida, prevendo o pior. Se ele não voltar, a Sra. Perez vai morrer.

Alex sai do ônibus, tirando a camisa da frente do rosto, procurando ar puro.

—Não! — eu grito. Meu grito espanta uma ave da copa, que voa dali.

Alex olha por cima dos ombros, como se tivesse me ouvido. Ouvido o *meu* grito. A fumaça toma conta da clareira, a visão se torna uma nuvem negra sobre nós.

—É ela, — murmuro tentando enxergar entre as nuvens escuras. —A senhora Perez está do ônibus!

Segundos passam como batidas do coração. A fumaça dança escura à frente, impedindo-nos de ver o que está acontecendo. Quando finalmente a bruma se dissipa, vejo Alex sair pela porta dianteira com algo nas mãos. Ele traz a Sra. Perez nos braços.

Exalo aliviada, vendo a tatuagem ondular ao redor do seu músculo. O meu rosto, gravado na pele de alguém que ainda não conheço. A senhora Perez, encolhida em seus braços, também me vê.

As imagens desaparecem, e a clareira ressurgue verde ao redor. Com os olhos inchados de lágrimas, olho para a velha bruxa ao lado.

—O passado está completo, — ela diz largando minha mão. —O futuro não é nem sorte, nem acaso. É algo muito maior e complicado.

XXVI

O presente de Alex



Não conversamos durante a volta. O céu ganha o azul calmo do fim de tarde e a mata lentamente esfria. As revelações repercutem em mim de muitas maneiras, fortes o suficiente para eu não querer falar sobre elas. O problema é que não as entendo; não a um nível racional, pelo menos.

Eu ouço árvores.

Talvez tenha sido tudo uma alucinação, uma expressão do meu desejo insatisfeito de não saber a verdade. Quão confortador é pensar assim? Não estou louca, estou? Ouvi dizer que loucos nunca questionam a sanidade, que para eles a loucura é real. Que eu a questione é um bom sinal, embora um sinal pouco confortador. As árvores pareciam reais.

O que fazer a seguir? Voltar a duvidar que elas falam, na crença de que o mundo é silencioso e não interage com quem vive nele? Pensando em retrospecto, a terra nunca deixou de se comunicar comigo, de todas as formas e jeitos. Ouvi-la não dependeu dela, dependeu de mim. Ela teria continuado muda se eu não tivesse aceitado escutá-la.

Quanto à verdadeira história de Erin, cabe a mim repará-la.

Eu nunca mais permitiria que ela fosse contada como uma fábula de moral, um conto cauteloso. Eu vi a verdade, sei o que aconteceu. Entendo as razões de Erin e concordo com elas – a importância dos laços que nos unem à família, ao mundo. Essa é hoje a minha crença também. Compro quase todas as suas brigas, elas são minhas agora. Só não compro sua história de amor.

Seja lá o que Erin viveu com seu cavaleiro, aquela história foi sua, não minha.

O amor não precisa de feitiços, não depende de presentes passados entre gerações para acontecer. Aceito que algo em mim, tão íntimo e essencial como sangue ou ossos, traga em suas células resquícios de passado, um traço adormecido no aguardo do despertar. Mas apenas eu –ou quem eu permitir– teria direito de despertá-lo. Minha história será minha de todas as formas e por todos os méritos, ou não será minha. O raio que tirou a memória de Alex enviou nossa história ao zero. É de lá que ela parte—da estaca zero ou de lugar algum.

As árvores ficam cada vez mais familiares, sinal de que estamos chegando. Eu ando na frente, Parascheva vem atrás.

—Obrigada pelo presente, — murmuro após uma hora em silêncio. Embora tente remover a emoção das palavras ela está lá, embaralhada a elas: —Saber a verdade foi o melhor presente de todos.

—Está falando das árvores? Tenho um presente mais útil que a verdade para dar.

Viro-me para olhá-la.

—O que? —ela pergunta seca.

—Nada, — dou de ombros. —E qual seria o meu presente, já que estamos falando de utilidades? Estamos quase sem papel higiênico, não sei se notou.

—Meu presente é o pulo do gato.

—É um nome estranho para um presente.

—Vem de uma fábula antiga, nunca ouviu falar?

Balanço a cabeça que não.

—Preciso contá-la, então, — ela reclama como se detestasse contar histórias. Limpando a garganta, começa: —Certa vez o jaguar decidiu que queria devorar o gato. O problema é que o gato era ágil e nunca se deixava pegar. Foi assim que o jaguar bolou um plano. Ele chamou o gato e pediu que ele lhe ensinasse tudo que sabia. O gato concordou, e ensinou ao jaguar todos os tipos de pulos que conhecia. Para frente, para o lado, para cima, para baixo. Está acompanhando?

Balanço a cabeça que sim. A velha continua: —Pois bem. Com fome e certo de que aprendeu tudo, o jaguar saltou sobre o gato. Usou o mais ágil dos saltos que o gato lhe ensinou, mas o gato escapou com um salto inédito, para trás. Olhando para o gato agora distante, o jaguar reclamou que aquele salto o gato não tinha ensinado. ‘O bom mestre nunca ensina tudo que sabe’, disse o gato, e é por isso que esse pulo é chamado o pulo do gato.

A velha me ultrapassa, caminhando agora na frente.

—Não entendi, — falo vendo-a lutar contra ramos de arbustos altos. —Isso quer dizer que você não vai me ensinar tudo que sabe porque é uma boa mestra? Ou me ensinará tudo porque não é boa mestra? — por mais abalada que esteja com o que vi na clareira, não perdi nem um pouco a vontade de implicar com a velha.

Parascheva estala a língua: —Essa história só ilustra a situação! O que quero dizer é que existe um último truque para ensinar, um truque que não pode ser ensinado para qualquer um.

—Por que? Tem medo que eu o use contra você? — sorrio maliciosa.

—Apenas não quero que o truque morra comigo, — ela responde sem paciência.

—Você nunca vai morrer.

—Esse é o truque final quando nada mais adiantar. Se os elementos da natureza ou os animais não puderem ajudar, lance mão de um recurso inesgotável.

—E qual seria esse recurso?

Parascheva se vira para me fitar com o olho envidraçado: —O poço sem fundo que são os desejos e medos humanos.

Detesto quando ela me olha daquele jeito. De um jeito desvairado, insano. Estico o braço à frente e mostro a ela o que causou: —Credo, Parascheva. Olhe, você me arrepiou, agora!

Ela desmerece meu gesto. —Por ser tão precioso para os humanos, a vontade de realizar seus desejos só perde em tamanho para o medo de não vê-los realizados. Saber que pessoas são tão cheias de ambos os sentimentos é saber sua maior vulnerabilidade.

—Soa perverso. O que eu faria com isso? — não quero lançar feitiços sobre ninguém. Não é certo, além de ser extremamente dispendioso. Feitiços são facas de duas lâminas, morteiros que explodem para os dois lados.

Dali já se avista o penhasco. A claridade do dia surge como um portal iluminado que divide dois mundos.

Parascheva aproxima-se de um arbusto e para: —Em breve você estará metida em situações onde a diplomacia e conversa não bastarão.

Ela alisa o arbusto, onde espinhos tão longos quanto dedos e afiados como agulhas apontam em todas as direções: —Conhecer os medos e desejos do oponente pode alterar o resultado de uma guerra...

Migro os olhos para a velha. De súbito, algo vermelho toma a visão periférica. Rosas do tamanho de repolhos explodem como mágica em torno da planta, abrindo-se todas de uma só vez, como se com pressa. Milhares de pétalas da cor de sangue ainda se afastam dos botões quando olho assustada para a bruxa.

Parascheva não diz nada. Aproxima-se das flores e passa os dedos pelas folhas de textura sedosa: —Como funciona a química da percepção, Nina?

Uma das imensas flores desbota gradualmente até atingir a cor do champanhe, uma cor que evoca lembranças e um senso de doçura que há meses não sentia. Aquela é a cor da rosa

que Alex me presenteou no dia do baile.

Levo o dedo até a rosa, sem esconder meu fascínio. Posso sentir antes mesmo de tocá-la sua textura aveludada. Sentir os dedos desaparecerem entre as pétalas, como se elas fossem feitas de creme, ou claras em neve. Mas ao tocá-la, a rosa evapora. Desmancha no ar, transformando-se em um espinho comprido que fura meu dedo.

—Ai! — exclamo trazendo a mão de volta ao corpo. Olho com a testa franzida para Parascheva. Se meus momentos mais memoráveis tivessem uma cor, seria aquela; o que eu mais desejei um dia está simbolizado naquela flor. —Você sabia, — eu murmuro. Parascheva não enxergou meu fascínio quando avancei sobre a rosa; ela criou a rosa com base nele.

—Nossos desejos são um perigo, — ela diz. —Mas não se preocupe, não me interesso pelos seus. Embora claramente os conheça.

Antes que possa perguntar qualquer coisa, ela se adianta: —Que mágica habita as terminações enraizadas de nossas células nervosas? Que feitiço é esse que sussurra ideias em nossa imaginação, que nos faz imaginar —jurar até— que vimos algo que não existe?

A resposta é uma só. O nome dessa magia é desejo.

Nesse segundo não apenas a rosa que toquei, mas todas as outras desaparecem. A planta volta a ser um arbusto comum, espinhoso e sem graça.

—Elas pareciam de verdade, — digo com assombro enquanto procuro vestígios de que em algum momento as rosas estiveram ali.

A velha pousa as mãos sobre o cajado. —Esse é o pulo do gato. O truque que você poderá usar contra qualquer um, até mesmo contra mim.

Gasto um bom tempo olhando para o arbusto tentando achar utilidades para o truque. —Por que faria isso? — pergunto, por fim. —Por que o usaria contra você?

A velha já está longe.

—Somos todos suscetíveis a sonhos e medos, — ela responde sobre os ombros. —O que

desejamos vemos no mundo, mesmo que aquilo não exista. A mágica não é uma entidade solta pelo mágico; a mágica é o mágico. É ele que, quando sonha, a cria.

Observo-a capengar.

—Se o que diz é verdade, então... as árvores foram uma ilusão? — meu corpo enrijece. Eu detestaria que aquela visão não fosse verdade, eu preciso dela como explicação.

—Oh, não, a ilusão jamais passa pelo teste de realidade. Você tocou a rosa, olhe o que aconteceu. É isso que acontece quando tocamos a fantasia; ela estraga e cai. Temos o dedo podre para desejos.

—Está dizendo que quando tocamos nossos desejos eles apodrecem?

A velha já se prepara para pegar a trilha demarcada. —Se não apodrecem e caem, mudam de lugar. Desejos são alvos em movimento.

—Mas as árvores foram reais, —eu confirmo, correndo para alcançá-la.

—Tão reais quanto árvores falantes podem ser, — ela responde enigmática, e eu novamente me questiono se sua insanidade não é, por fim, contagiosa.

Parascheva sobe na ponte com o pé direito — subir com o esquerdo traz azar. As flores continuam vivas em minha cabeça, a cor de merengue e doce de leite causando alvoroço nos sentidos.

—E quando a ilusão não pode ser tocada? — insisto me atrapalhando ao colocar o pé direito primeiro na ponte. —Quando é alta demais, ou abstrata, ou confusa? Como ela se desfaz?

—Ela perdura, oras. O mercado e a política estão cheios de exemplos assim.

Mas eu não estou interessada em mentiras corporativas e governamentais, eu quero saber como essa mágica um dia poderá me salvar, e como farei para aprendê-la.

—Tudo tem sua hora. Céus! você é muito afobada. Não me apresse, espere chegarmos pelo menos em casa. — a velha ralha. Como se balbuciasse para si, completa: —Este será o

último truque que ensinarei.

—Por que o último ?

—Não interessa o porquê, não interessa o que disse. Deixe-me um pouco em paz!

—Pode contar, — eu a alfineto. —Alguém usou esse truque com você, não foi?

Parascheva se mantém em silêncio enquanto pode, mas eu aprendi com ela a arte de ser chata. —Conte-me. O que essa menina fez com você?

Só depois de um tempo ela solta um rosnado: —Argh! A danadinha me fez acreditar por dias que estava trabalhando enquanto lia no quarto.



Uma nuvem de luz e poeira forma os contornos da via láctea, onde arquipélagos de estrelas varam a escuridão como um enxame de vaga-lumes. Trago a carta de Alex à vista. Passei o dia tentando não pensar nela, mas agora, sozinha, tomo coragem para abri-la.

Com respiração em suspenso retiro o conteúdo do envelope: dois pequenos ingressos. Incomodada com a falta de luz, giro a mão no ar. Uma bola de fogo surge perto do rosto. Afasto-a com o dedo, levando-a até um ponto em que ela seja mais fonte de luz que calor.

São dois convites para o Drive-in de Valparaíso. Dois bilhetes retangulares, impressos naquela fonte quadrada típica das impressoras antigas. No lugar do nome do filme, está escrito ‘Uma noite especial’. Na data, os números 21.07.2061.

Releio a data, mas os números recusam-se a entrar na mente. Aquele é um convite para algo que acontecerá cinquenta anos no futuro.

Os bilhetes tremulam nas mãos. Viro os bilhetes e vejo a frase escrita em letra caprichada: *Salve a data. Não podemos esquecer as cadeiras de balanço e o remédio para a*

memória. Será um evento único, e adoraria ter você ao meu lado.

O calor se espalha por veias e artérias, percorrendo membros e aquecendo o corpo. Pressiono os bilhetes contra o peito, sentindo algo travar na garganta. A bola de fogo desce pelo abismo como um balão.

Deito na terra com os olhos para o alto, para onde aprendi a me virar quando não encontro respostas em outro lugar. Do vale sopra um vapor morno, como se lá embaixo alguém ou alguma coisa respirasse. Sete séculos no passado e cinquenta anos no futuro. Alex está nos dois extremos, mas no presente, onde eu gostaria que estivesse, ele não está mais.

Onde está você, Alex?

Ao lado da garota bonita no campus da universidade? Olhando as mesmas estrelas que eu? Não sei sequer se ele ainda gosta de estrelas. Quanto de sua vida antiga ele esqueceu?

Certa vez ouvi que a memória é passível de falha, mas que os músculos nunca se esquecem de nada. Se isso for verdade Alex não se esqueceu do céu, e há uma chance mínima de que não tenha se esquecido de mim. O coração é, afinal, um músculo.

Os bilhetes voltam para o bolso.

—Não tem medo de cair? — Parascheva pergunta atrás de mim.

Limpo a garganta, colocando os pensamentos de lado. —Tenho, claro.

A velha espia cautelosa o despenhadeiro. —O que quer achar lá embaixo?

—Estava na verdade olhando para cima.

Ela se agacha até tombar ao lado, e preciso escorá-la para que não role precipício abaixo. Sento ao seu lado, dobrando as pernas.

—E as notícias? — ela pergunta vendo o pedaço do envelope emergir do meu bolso.

—Não foram ruins, — respondo evasiva. Levo os dedos até o bolso e escondo melhor o envelope. Permanecemos em silêncio olhando para frente, como se houvesse algo além da cor preta para enxergar.

—Está chegando a hora de partir, não está? — pergunto. Algo grande aconteceu naquela tarde, e eu sinto a areia da ampulheta escassear.

A velha confirma.

No peito dançam sentimentos contraditórios —alívio e desespero— que se misturam sem dar liga. Sinto vontade de chorar, mas travo a língua no céu da boca para não deixar as lágrimas rolarem. Esta deve ser a sensação comum em finais de batalha. Quando, sem importar realmente de onde chega o grito de vitória, o soldado lança à terra a farda pesada.

Acabou.

Respiro fundo algumas vezes, e quando volto a falar, pergunto: —Então este é o fim da viagem?

Parascheva pousa a mão sobre a minha e dá dois tapinhas: —Você completou a viagem da donzela.

A viagem da donzela. A solução para o meu espírito cheio de perguntas, a jornada redentora que culminaria em grandes verdades, em respostas para questões aparentemente insolúveis. A viagem não trouxe as respostas, apenas fez com que tivesse saudades do que deixei para trás. Se a jornada trouxe alguma coisa, foi aceitação.

—A viagem da Donzela é um mito, — eu murmuro.

—A viagem da Donzela é uma metáfora, — Parascheva me corrige. —Uma metáfora para a alma que corre pelo mundo desde o início dos tempos e que, quando se tornou sedentária, parou de se deslumbrar com a terra. Foi por isso que nossas ancestrais criaram a tradição. Ninguém se arriscaria pela Grande Mãe se não a visse com seus próprios olhos, em toda a sua grandeza.

“As pessoas nasceram para andar — ela continua. —Para se deslumbrar. Hoje procuramos sentados algo que não conseguimos mais nomear. Sentimos falta da Terra e não conseguimos mais alcançá-la, e talvez por isso peregrinemos.

Eu me viro para ela: —Peregrinemos?

—Você sabe, quando se vai atrás do contato com Deus, atrás do sublime.

Continuo a olhá-la, mas meus olhos a vazam.

—É sobre isso a viagem da Donzela. Sobre retornar ao ponto de partida, e reconhecer-se outro na chegada. O peregrino quer entender o que é, e o que são as correntes que o prendem à terra.

Exalo, sem palavras. Elka tinha razão: eu parti em peregrinação.

Enquanto alguns alegam andar atrás do que aflige o mundo, outros buscam a paz. Embora os motivos sejam tão numerosos quanto os pontos de luz no céu, todos são variações da mesma coisa. Nós queremos entender o que somos, e o que é essa vida que nos engole. Todos procuramos o mapa que Aquela que nos criou não deixou para trás.

Absorvo a revelação olhando para galáxias que revolvem-se em círculos à distância, alisando a terra que me sustenta com um carinho inesperado.

Parascheva pousa a mão no meu braço, acho que tenta me fazer um carinho: —Pode celebrar, você é oficialmente bruxa. Agora vamos entrar. Sereno da noite, no rim um coice, — ela diz desequilibrando-se novamente ao se levantar.

Antes de partir ela se curva discretamente para o abismo, como se desejasse a quem mora ali embaixo boa noite. —Você conhece aquela frase famosa, —diz já de costas. —Se olhar muito para um abismo, o abismo pode olhar de volta para você.

Sorriso genuinamente para a escuridão: —Não tenho mais medo do que mora lá.

XXVII

O confronto



Depois da bonança sempre vem a tempestade.

Parascheva destampa a panela, liberando no ar o cheiro de legumes. A comida não tem efeito sobre meu estômago, vazio desde o dia em que ouvi as árvores. É como se o corpo, preparando-se para o que vem, jejuasse.

A tempestade de verão que o Joelho de Parascheva prevê aproxima-se. O céu escurece no meio da tarde, e o vento se anuncia invadindo a casa pelas frestas. Um raio ilumina a cozinha seguido do trovão que treme as estruturas da casa. Gretchen e as crianças encolhem-se sob minhas pernas.

—Já viu tempestade assim antes? — pergunto alisando o chifre da cabra. Da janela vejo uma estranha formação de nuvens crescer sobre as outras.

—Não como a que está para vir, não senhora, — ela responde pouco preocupada com sua ilha equilibrada entre dois paredões de pedra.

O céu vira um mar de clarões. Chicotes luminosos açoitam a terra, não uma ou duas vezes; centenas delas. Uma procissão de estrondos estremece o chão. Logo gotas do tamanho de moedas caem sobre o tonel de lata do quintal, estalando como pipocas.

Eu sinto na textura do ar, nos movimentos ao redor. Sinto dentro de mim que está chegando a hora.

Parascheva leva a colher de pau à boca. Prova o tempero, enfia a colher de volta na panela. —Dias de sol são de Deus; dias de tempestade da Deusa, — comenta. —Ela gosta de tempestades com raios, é assim que nos visita.

Volto a olhar os raios que atingem a floresta. *Será?* Parascheva é cheia de crenças, a maioria delas insana. Mas e se a velha tiver razão? E se Ela estiver realmente ali, visitando-nos?

Levanto de supetão, avisando-a sobre os ombros: —Não venha atrás de mim.

A velha vira, mas não me encontra mais na cadeira. Antes de terminar a frase já estou de pé, abrindo a porta da cozinha. A chuva me atinge como tapas, me encharcando em segundos.

O ruído da chuva batendo na telha mal me deixa ouvi-la: —Como assim?

Só há um lugar para onde poderia ir, e pretendo ir sozinha. O cheiro ao redor é de terra, de cascas de árvores apodrecidas na água. Parascheva me segue até a soleira de pantufas e colher de pau na mão: —Venha para dentro, agora!

—Eu preciso falar com Ela, — aponto para a montanha.

A velha arregala os olhos, tanto o bom quanto o ruim: —Você não pode estar falando sério!

—Você realmente manteve a promessa de não ler meus pensamentos, — digo com a água escorrendo do cabelo e embaçando a vista. —Nunca falei tão sério na vida.

É só nisso que penso nos últimos dias.

O vento balança a ponte. Agarro as cordas e o corpo oscila. Se quiser me impedir de continuar, o vento terá que soprar mais forte. Sinto medo, claro que sinto. Meu estômago se contorce, e a pele tilinta como se já aguardasse um desastre. Mas eu subirei a montanha, e falarei com Ela, queira Ela me ouvir ou não.

Eu quero liberdade. A mesma liberdade que me impulsionou a sair pelo mundo, embora com novos propósitos. O calor que corre as veias me dá certeza. Ele irradia pelo corpo como líquido propulsor. Teimosia? Estupidez?

Perseverança, de qualquer modo, havia há muito saído da equação.

Eu vim para a Romênia atrás Dela. Ela me deu respostas, mas não aceitou meu único pedido. Há um problema entre nós, e é esse problema que me leva ao cume.

Salto da ponte e me embrenho nos arbustos que bordejam a mata. Naturalmente escura em dias de sol, a floresta parece no momento uma gruta. Além da escuridão quase completa uma bruma espessa desce sobre ela.

—Nina, pense melhor! Você está tão perto de retornar, não estrague tudo.

—Por que estragaria tudo? — tento não demonstrar pesar ao ouvi-la arfar. Ela está ensopada como eu. —Você fez sua parte, Parascheva. Agora é entre mim e Ela. Por favor, volte para casa.

—Quem escolhe a hora desse encontro é Ela, não você!

Árvores inquietas parecem confirmar o que ela diz. Aperto os braços ao redor do corpo, sentindo a camiseta colar fria à pele. Enquanto tento enxergar a trilha entre a neblina, um trovão explode ao redor. Ambas nos encolhemos.

—Espere, — Parascheva pede tapando o rosto com o lenço da cabeça. Seu cabelo é um emaranhado de arames brancos eriçados para todo lado. Subo uma formação de pedras e estendo a mão para ela, trazendo-a até onde estou. Assim que ela se equilibra eu reassumo a dianteira.

—Espere conhecê-lo, — a velha insiste, e eu sei que ela fala do meu protetor. —Precisa conhecer o quê – ela pausa –*quem* ele é.

—Ela não dirá quem eu posso ter.

—Você insiste nesse menino! — ela bate a mão na saia, irritada. —Ele se esqueceu de

você! Acabou, está tudo *finito! Ende, aus!* Por que não aceita?

—Porque não faz sentido Ela ditar quem eu devo querer! Isso não é departamento dela! A terra, os ciclos, a continuação das espécies — isso é sua tarefa!

—Ela não precisa fazer sentido para você! Em breve estará entre gente que desejará te comer viva. acredite, precisará de quem a proteja.

Viro para encará-la: —Veja o que aconteceu com Erin. Nossos protetores podem bem se transformar em nossos carrascos.

—Não esse, não o seu.

Meus olhos faíscam de raiva, mas ao ver que da sua saia murcha correm fios de água e que seu cabelo colou inteiramente ao crânio, eu amanso.

—Dê-lhe uma chance, — ela insiste.

Balanço a cabeça que não. —Será a minha escolha ou nada.

Continuamos a caminhada em silêncio, encolhidas e trêmulas. O que me move é poderoso e faz o caminho suportável, mas o que faz Parascheva aturar o fardo?

—Eu me preocupo com você, — ela responde entrando novamente na minha cabeça.

—Parascheva, deixe meus pensamentos em paz.

—Deixe-me terminar! Eu me preocupo com você *mesmo* você sendo a mais estúpida de todas as minhas alunas. Você merece tudo que receber desse encontro! — ela pragueja.

—Não é possível que eu tenha sido a única a querer falar com Ela.

—Falar é uma coisa, enfrentá-la é outra!

Parascheva tem razão, eu estou subindo a montanha para enfrentá-la. Porque acredito, sem nada concreto que respalde essa crença, que sonhos estão à distância de nossos esforços. Alex está hoje tão distante quanto as constelações do céu. Algo tão impossível de alcançar pede uma atitude dramática, ainda que uma atitude questionável e pouco planejada. —É exatamente isso que eu sou, — admito. —Estúpida.

Parascheva não discorda. Não vê no ato coragem ou ousadia, apenas rebeldia e desobediência. Impaciência. Descrédito.

—Você vai se machucar, — ela profetiza. Estremeço ao ouvi-la atrás de mim; eu conheço aquele tom de voz. Saber disso me faz pegar o ar, e questiono pela primeira vez o que estou fazendo. Sericamente, racionalmente. *O que estou fazendo?*

Estou indo atrás do que eu quero, penso mas não ousou falar.

—Você deveria pensar melhor. Ou simplesmente pensar.

—Você não entenderia, — respondo achando por entre o mato alto uma trilha antiga. — Ser bruxa bagunçou desde o início a minha vida. Mudanças no tempo, eventos inexplicáveis, perturbações elétricas. Eu fui por causa disso vigiada a vida toda, obrigada a viver escondida. Eu sou o exemplar de uma espécie estranha que ninguém sabe bem o que fazer com ele. Sempre me perguntei porque Ela nos punia, por que não nos deixava em paz. Sim, eu vim para cá querendo confrontá-la. Oras bolas, Ela explodiu Alex! — eu abro os braços.

As primeiras pedras da montanha surgem entre os arbustos. Não pedras cobertas de musgo como as da floresta; pedras ásperas, cinzas.

—Mas meu intuito mudou, — murmuro segurando em uma pedra e escorando o pé na outra. Tomo impulso e alço o corpo até um platô. —Hoje não entendo como pude querer abrir mão do que me fazia diferente.

Minha natureza é perfeita para o meu propósito, eu apenas não sabia disso. Talvez não fosse perfeita para a pequena Valparaíso, mas por que deveria ser?

Puxo Parascheva, olhando o caminho marcado pelas cabras das montanhas. Se cabras conseguem chegar ao pico, eu consigo também. Só não sei se Parascheva consegue, penso olhando para seus pés. Ela está de pantufas.

—Estou bem, — a velha bufa colocando-se ao meu lado.

Escalamos em silêncio vários metros escarpa acima.

—Estamos chegando? — ela pergunta sem fôlego, como se fosse eu a conhecedora daquelas terras. Eu não sei. Meus olhos continuam fixos na transformação da paisagem, antes verde e agora descolorida, onde pedras somem parcialmente entre a névoa sobre o chão árido.

As pernas pesam, e os dentes batem de frio ou medo. O céu continua a girar, uma espiral de raiva na forma de nuvens cor de chumbo.

Escorrego em alguns pedregulhos, e subitamente o chão some. Só então vejo que estou rente a uma encosta, e que se tivesse pisado um centímetro para o lado teria deslizado como as pedras que rolam, estalando, ribanceira abaixo. O coração quer fugir do peito ao ver, metros abaixo, o topo das árvores cobrirem o chão como um gramado desnivelado. Ajeito o passo à trilha, apontando a ribanceira para Parascheva.

—Acreditava-se antigamente que o céu era feito de pedra, — Parascheva murmura olhando para cima. O céu parece prestes a romper com o que o sustenta no ar. Uma nuvem escura se contorce sobre nós como uma toalha, como se uma mão divina a preparasse para pendurá-la no varal ou usá-la em uma chibatada. Quando aquilo desabasse, desabaria sobre nós. —Por causa dos meteoritos, você sabe.

Vapor escapa pela boca. O ar frio da altitude nos rodeia como gaze translúcida.

—O que quer exatamente com Ela? — Parascheva insiste. Seus braços ora seguram o lenço sobre o cabelo, ora apertam o casaco em torno do corpo.

—Que Ela volte atrás.

—Não pode querer o impossível. Nada volta atrás, as coisas só giram para a frente.

—Eu quero Alex de volta.

—Você disse que não queria herdar sentimentos! Para mim você tinha esquecido de vez esse menino!

Olho-a irritada: —Eu não disse isso, eu pensei nisso! E não quero que Ela volte no tempo, ou faça milagres. Quero apenas que me deixe resolver as coisas a partir de agora. Que

se afaste de Alex e prometa que não vai atacá-lo se eu o procurar.

—O menino talvez não valha o esforço.

—Isso não tem a ver com o ‘menino’. Tem a ver com liberdade.

A velha estanca, recusando-se a dar mais um passo. —Isso não vai acabar bem. Não vou seguir com você.

—Ótimo, a partir desse ponto vou sozinha.

—Pois vá, eu não ligo.

Viro para o resto da montanha. O cume desponta sobre o despenhadeiro. Mais uma vez me pergunto se o que estou fazendo é o certo. Se me machucar, do que terá valido tudo? Continuo a subida de quatro, como se os músculos tivessem mais certeza que a mente.

E se Ela não ceder? E se vir minha vinda como afronta? E se Alex não me quiser?

Não, eu acredito nele. Eu agora acredito em mim, e também acredito em nós. Preciso acreditar que o amor pode ser um acidente, e é a esperança dessa possibilidade que me faz continuar.

A ventania e a chuva não cedem. A Grande Mãe parece furiosa por estarmos ali, como se tudo que quisesse fosse apenas correr a terra sem ser importunada.

—Você acha que Ela já pode me escutar? — grito para Parascheva. A velha é um vulto distante, embaçado pela neblina.

—Tenho certeza que sim! — ela grita de volta.

Dou o último passo bambo até a borda. Fico de pé, e o cabelo invade os olhos. Enxergo o vale muitos metros abaixo. As árvores, agora que o vento carrega um pouco da neblina, curvam-se à visita.

Eu também devo me curvar. Jamais falaria com Ela olhando em seus olhos—sou estúpida, não louca. Ajoelho, reverente.

A sensação é de que tudo à volta é maior que eu; por si só uma lição de humildade.

Tento começar pela palavra mais fácil; a primeira que disse na vida. —Mãe? —chamo-a com voz tremida. —Você está me ouvindo?

As pedras machucam o joelho. O vento passa rugindo como um motor, potente e veloz. Lembro, num lampejo de memória, como eu a imaginava quando pequena. Feminina e delicada, uma senhora sábia envolta em luz dourada. Quanta ilusão. Ela é o mais próximo que conheço da explosão de uma bomba.

—Desculpe-me, mãe, — murmuro. —Desculpe-me que vim para cá com o propósito de me afastar de você. — A saliva desce como areia. —Entendo hoje por que viu Alex como uma ameaça. Você testemunhou à sua maneira a nossa história. Achou que ele atrapalharia seus planos, e preciso admitir, ele teria atrapalhado se você não tivesse se envolvido.

Abro os olhos. As pedras ao lado rolam, empurradas pela força do vento. É cada vez mais difícil me equilibrar na ventania, e escoro os braços no chão.

—Você não entende o que sinto por ele. E como entenderia? — como entender que o que dispara o coração e encharca o corpo de suor não é uma enfermidade? Que os raios que riscam a pele não doem, que a tremulação de borboletas no estômago não indica adversidade? —Faz sentido acreditar que precisamos de protetores. Parecemos doentes.

O vento levanta o cabelo. Eu tenho sua atenção.

—Você ama diferente, — continuo, o corpo vibrando pela adrenalina. —Seu amor é nobre, não tem meios-tons. Mas o nosso guarda pouco espaço para a perfeição. Ele é imprevisível, incontrolável, estúpido — eu engasgo —...e intocável. E é por isso que odiei você.

Encolho discretamente ao dizer aquilo, mas digo assim mesmo. —Sim, eu odiei você, mas isso foi antes de vir para cá. Antes de ouvir sobre seu sofrimento. Você sabe que aceito o que o futuro guarda para mim. Eu optei por você!

O raio seguinte realça o contorno da floresta. Levo a testa ao chão e pouso as mãos ao

lado da cabeça. Esta é toda a reverência que sei e consigo prestar; a homenagem que deveria ter prestado há tempos e não fiz.

—Não quero mais cortar os laços, — balanço a cabeça arranhando a pele na terra. — Estou ligada a você. Se eu soubesse antes quão belas eram essas correntes, jamais teria desejado rompê-las. Perdoe-me por não ter visto antes!

—Ela aceita suas desculpas, — ouço a voz da velha. Parascheva está atrás de mim. A colher de pau está apoiada em uma pedra, como um suporte improvisado. —Ela pede desculpas também.

Ergo a cabeça do chão: —Ela pede desculpas?

—Por ter causado dor.

—Desculpas aceitas, — apresso-me em dizer. —Peço apenas que em troca, Ela...

—Calma, não terminei o recado. Ela quer compensar você pelo menino.

Ao ver minha careta Parascheva enfeita a voz: —Outro candidato para o coração.

—Ela disse isso? — pergunto me colocando de pé. Parascheva assente, trêmula como uma vara ao vento. Galhos e folhas nos açoitam, lançadas pelo vento. Os olhos da velha traem seu medo.

O barulho é tão violento que, se fechássemos os olhos, acreditaríamos estar no meio de uma autoestrada. Carretas cruzam a pista a toda velocidade, chacoalhando as caçambas no asfalto. A sensação é que em breve uma delas nos acertará, e estilhaçaremos ambas em mil pedaços.

Volto a olhar a nuvem que retorce entre outras. Instintivamente sei que é aquilo que devo temer.

—Eu dou a você tudo que tenho, — falo para o alto. —Eu dou tudo, e o sentido de tudo é vasto. Mas sob uma condição.

—Não se impõe condições à Deusa! Não vai querer vê-la com raiva!

—Vê-la com raiva? — repito olhando a bruxa. —Eu conheço a sua raiva!

—Ela não vai voltar atrás!

Sua certeza me aquece. As veias esquentam, e travo o maxilar. A ideia de ter que aceitar sua vontade escasseia o ar. *Como convenceria meu coração que preciso deixar Alex partir?*

—A Grande Mãe se preocupa com você, só quer sua segurança, Nina.

—Ela nunca é segura, esta não é sua prioridade, — respondo momentaneamente sedada.

Eu não apagarei Alex de mim, e me recuso por isso a partir sem lutar.

Um raio atinge a terra, clareando-a por segundos. A nuvem sobre a cabeça continua a girar, destacando-se das outras.

—Não abrirei mão de Alex.

Quando Parascheva percebe que não falo aquilo para ela, encolhe-se. Aguardamos o pior, mas nada acontece.

—Ela não aceita suas condições, — diz penalizada. Dando-me as costas, começa a descer a montanha.

Olho a velha, depois o céu. A cabeça chacoalha em negação. *Não, não, não!* Eu não posso ir, este não pode ser o fim. —Então que Ela faça o mesmo comigo! — solto sem pensar. —O mesmo que fez com Alex!

Parascheva dá um passo de volta: —O que está pedindo, sua tola? — Por um instante acho que ela me baterá com a colher de pau.

—Que Ela faça comigo o mesmo que fez com ele. Que me faça esquecer também!

Meus olhos se incendeiam. A velha tapa a boca, assustada. Aquele é o fim da linha, nada de bom pode sair de uma conversa naquele estado.

Outro raio desaba, e o chão treme como se uma bomba tivesse explodido sob nós.

—*Atat!* — Parascheva grita. —Basta! Nunca se deve aproximar de um cavalo por trás, nem de tolos por nenhum lado! Você está pedindo para ser machucada!

A nuvem continua a descer do céu como um funil, um rasgão escuro no horizonte. Meu peito sobe e desce, mas meus olhos continuam no rosto da bruxa. O que ela teme me aterroriza: ela sabe que vai me perder.

Viro para a nuvem com o dedo apontado para cima e os olhos em fogo: —Mas se você falhar, — desafio a Mãe Natureza ouvindo o próprio *clac, clac* dos dentes —se eu me lembrar de Alex quando acordar, terá que aceitar minhas condições.

Cerro os punhos, pronta para a briga.

O raio cai tão próximo que nos cega. A mão voa à frente do rosto, sapecado pelo calor.

—Você errou! —grito ao ver que ainda estou em um só pedaço. —Errou!

—Você é louca! — Parascheva berra levando as mãos à cabeça.

Eu me sinto louca; eu só posso estar louca. Ergo o rosto, protegendo-o com o braço: — Você se acha esperta, mas não entendeu o que aconteceu com Erin! ERIN MORREU PORQUE ESCOLHEU VOCÊ!

—Não, sua garota atrevida! Erin arcou com suas escolhas!

—E eu arcarei com as minhas, mas Ela terá que confiar em mim!

Parascheva mira o redemoinho de proporções colossais. Não é impressão, o céu se aproxima.

A criatura rosna à frente. Rodopiando sob o eixo, descendo dos céus e mirando a terra. Garras a postos e boca aberta. Eletricidade corre por suas paredes, como se recarregasse as forças para o último ataque. O monstro não terá piedade, ele nunca tem. Não se arrepende, não muda de planos, não perdoa nem abre exceções.

Meu destino passa à frente como um flash: eu serei fulminada. Vencê-la é impossível, as chances são nulas. Monstros só são derrotados se os conquistamos ou os matamos. Eu não o conquistaria, tampouco o mataria. Por que iria querer matá-lo, agora que o amava?

Contudo, também não retrocederia.

—JOGUE! — eu grito, e a voz some sob o estrondo de muros derrubados, de colapso de estruturas. —Jogue em mim o mesmo raio que jogou nele, e estará tudo acabado!

—Você está pronta para morrer? — a bruxa grita espumando de raiva, como se desejasse me assassinar com as próprias mãos. —Por ele?

Apenas uma sentença lateja na cabeça— um bordão, ou epitáfio.

Quem quer algo tem uma fraqueza, mas também tem uma força.

O vento me joga para trás. O barulho ensurdecador, a potência do vento, a eletricidade suspensa no ar — tudo em breve se fechará sobre mim, em um ato final. As cortinas descerão, as luzes se apagarão.

Nesse momento o turbilhão para.

Raios dançam lentos em minha direção. Vejo a potência da luz que me cegará, a força que arrancará a carne dos ossos. Ela é sofisticada em sua brutalidade; requintada.

Deslumbrante e mortal.

Acompanho em câmera lenta as nuvens que nunca vi. Sequer conheço o nome daquele fenômeno, Ela inventou um jeito único de me calar. Pedras tremulam sob os pés, como se batessem sobre um tambor. Há beleza na morte, concluo vendo tudo ao redor se desfazer.

O clarão me cega. O raio me atinge alquebrado, sinuoso e certeiro. Uma artéria partida do choque entre chumbos, lançado com toda ira contra meu peito, fazendo questão de não errar o coração atrevido.

Ao mesmo tempo em que o raio cai, outra força varre o solo e expulsa as pedras do chão. O *whoosh* estrondoso é seguido de luz, que salta em todas as direções. Parascheva é arremessada a metros de distância.

Rolo montanha abaixo, bato a cabeça em uma pedra e desmaio. Por quanto tempo queimo, não sei. Quando acordo Parascheva está ajoelhada ao meu lado, coberta de terra e toda arranhada. Meu corpo queima em mil fagulhas. Quero gritar de dor —que está quente, que eu

incendeio por dentro— mas a boca está imóvel.

Ouçó os gritos de Parascheva de longe, como uma sirene à distância. —Sua tola, sua tola! Ela deveria ter explodido vocês há tempos! — vocifera envergada sobre mim, comprimindo meu tórax.

—Ela devia ter me ouvido! — continua, já não mais falando de mim. Seus braços se esticam, em seguida empurram meu peito para baixo com o peso do corpo. —Eu avisei, ela não quis me ouvir, — a bruxa continua a pregação.

Mais uma compressão; braços esticados, pressão. Seu ouvido aproxima-se do meu peito.

—Desejos aumentam com a insatisfação, é tão mais fácil deixá-los seguir seu curso!

Eu agonizo de dor. Ela não sabe ainda, mas sua massagem cardíaca começa a funcionar. Quando sente que estou viva a velha passa as mãos pelo meu rosto, afastando as gotas de chuva que ainda caem.

—Assim que você acordar, preciso avisar que você explode. Igual bomba.

E continua a reclamar. De mim, da Grande Mãe, do mundo em geral. Eu quero gritar ‘cale a boca, Parascheva’, mas a boca não se move.

O céu torna-se menos carrancudo e a mágica da tempestade se vai. A Grande Mãe parece mais calma, agora que descarregou a mão de ferro sobre mim. Torna-se cada vez menos tempestade e mais um início de noite chuvoso. Sua maneira de balançar o punho após o soco.

Balucio um ‘a’ assim que consigo. Parascheva solta um ruído de alívio, mas em seguida me chacoalha: —Você mereceu o raio!

Tento concordar, o canto da boca repuxa: —E...

Ela aproxima a orelha cabeluda do meu rosto. —Sim?

—Ela...

—Sim, sim, continue! — o rosto da velha se ilumina.

—Ela lançou...lançou um raio em mim, — digo conseguindo finalmente mover a língua

que parece costurada com arame. —Um raio.

—Bem feito! — a velha devolve sem saber se ri ou se chora.

Tudo à volta escurece e clareia, como se o corpo falhasse. Como se pedisse por trégua, por um momento de escuridão. Fecho os olhos, e Parascheva me sacode.

—Não ouse dormir, — ela me ameaça. —Não vou carregar você!

Abro os olhos. A luz chega como um espectro. Um canto da boca repuxa, depois o outro. Os músculos aos poucos voltam a me obedecer apesar dos espasmos de dor. Consigo, não sem muito esforço, sorrir.

—Por que está rindo? — a velha bruxa pergunta ofendida. Não é momento de alegria; para ela, poucos são.

—Não quer saber? — o fogo atravessa a garganta.

—Sobre o quê?

—Se eu...me lembro.

—Não! — ela solta irritada. —Eu sei que ainda se lembra!

O fogo cresce, ainda assim o alívio varre o corpo. A mente repete *Alex, Alex Alex*, como um grito de vitória. Ele não sumiu da minha mente, ele agora tem a permissão para estar ali.

Ele é o meu prêmio, o troféu conseguido na pior queda-de-braço da minha vida.

—Quero ir embora, — balbucio. —Para casa.

Parascheva toca meu rosto como uma mãe toca a face de um filho: —Ela dirá a hora de ir.

—Ela disse.

A bruxa arregala o olho bom. É mais fácil assimilar minha morte que essa informação.

—Ela falou comigo. Disse que o treinamento acabou. — Pauso ao sentir o ardor, fecho e abro os olhos. Sim, Ela falou comigo, e ouvi-la doeu um bocado. —Ela disse que devo voltar para casa, e que no momento está cheia de mim.

A velha solta um suspiro longo e profundo. Olha sobre os ombros para as nuvens que já não parecem mais bélicas, e sem que eu saiba o porquê, sorri.

Cada um tem seu jeito de dizer amo você.



Lanço a rosa no abismo, vendo-a desaparecer metros abaixo.

Parascheva se aproxima, carregando minha mala com dificuldade. —Está com o seu livro das sombras na mochila? — Balanço a cabeça que sim. —Uma muda de roupas, carteira e documentos? — ela pousa a mala sobre a pedra. —O bordado das estrelas?

Faço que sim, batendo na mochila pendurada nas costas. Está tudo ali. Documentos, carteira. —Só falta a...

Antes que termine a frase a velha caduca faz o impensável. Com um chute, lança minha mala e tudo que há dentro no precipício. A mala dá uma pirueta no ar, batendo de pedra em pedra até desaparecer.

Levo as mãos à cabeça: —Parascheva! Você ficou louca!?

A velha estica o pescoço em direção à queda. —Não vai precisar de toda aquela tralha.

—Aquela tralha é tudo que eu tenho! — grito ajoelhando na borda do penhasco. A mala abre, e minhas roupas descem como avalanche pela terra vermelha.

—Agora não tem mais.

—Você não tinha o direito de jogar minha vida inteira fora!

—Você completou a jornada, — ela diz rumando para a ponte. —O ciclo está completo.

Ela para estóica sobre a ponte. Cedendo espaço para que eu passe, indica que está me mandando embora. Sua voz é a de um comandante dispensando o batalhão: —Sentirei sua falta.

—Como assim? Você não me passou os detalhes da volta. Quem vai me levar ao aeroporto, a que horas parte o avião?

A verdade é que eu não sei como reagir à súbita expulsão.

—Não é justo que a tradição se encerre com você, — ela responde. —Uma das jornadas foi completa aqui, mas não a mais bonita. Sua segunda jornada está para começar.

Abro a boca, mas nada sai. Olho para a trilha ao pé da montanha que leva à clareira, que de lá segue até algum vilarejo perdido.

—Hora de ir para casa, — a velha olha emocionada para as montanhas. Por casa ela diz o mundo; é hora da estrada.

A pressão toma conta de meu nariz, os olhos enchem-se d'água.

—Você sabe o que dizem sobre dar adeus sobre pontes, — falo tentando não franzir demais o rosto ao chorar.

A velha balança a cabeça, ela sabe. —Quem se despede sobre pontes não volta a se encontrar, — responde levando o avental sujo até os olhos.

Sem dar a ela a chance de fugir, abraço-a com força, sentindo seu corpo enrugado caber inteiro dentro do meu abraço. —Não é o fim, — digo engasgada ao pé de seu ouvido. —Não deixarei Ela morrer.

Parascheva balança a cabeça, mas não acredita em mim. Aquela é uma promessa que eu não posso cumprir.

—Diga-me, — pergunta de volta. —Por que jogou a flor no abismo?

Sua pergunta é retórica, seu último teste. Solto-a, limpando as lágrimas.

—Sempre vi você se curvar para o abismo. Foi assim que entendi quem morava ali.

—Não respondeu o porquê da rosa.

—Estava apenas agradecendo, — respondo. —Por Ela não ter me devorado.

XXVIII

Fim do Ciclo



Por quarenta dias eu viajo.

Os primeiros dias são os mais difíceis. A mochila pesa nas costas e os pés se arrastam, porque ainda vejo a segunda jornada como impossível. No primeiro dia caminho sem destino, esperando que as pedrinhas que brilham aos pés da *Piatra Craiutului* me guiem para casa. Avisto no final do dia uma cabana perdida na planície coberta por girassóis. A família miserável, que não aguarda minha chegada ou a chegada de nada na vida me acolhe. Em troca limpo seu chão e varro o terreiro, e antes que o sol atinja o pico do céu no dia seguinte retorno à estrada. Não sem antes lançar um encanto em sua lavoura; quem tão pouco tem e tanto dá merece do universo uma gentileza.

Uma carroça me leva até o vilarejo vizinho, onde pego carona com um mercador até o Delta do Danúbio. Durmo por alguns dias em um barco, em sacos estendidos sobre o deque. Não tenho ideia do que comerei quando a barriga roncar ou para onde irei quando o sol subir, e é por não saber o que aguardar que entendo porque Vivianna pediu minhas pernas em troca de respostas.

São respostas – e não pernas – que nos fazem andar.

Quando ouço sobre o carregamento que segue até o Mar Negro sugiro ajudar na cozinha

da embarcação em troca de carona. Já em Constanta, faço amizade com uma Eslovena e dois Alemães que passeiam pelo país em uma Kombi da cor do abacate. Com eles abandono a Romênia com destino à Bulgária. De lá seguimos para a Sérvia, em seguida para a Bósnia-Herzegovina. Sem destino certo, paramos apenas em locais que nos encantam, e dormimos ao redor de fogueiras sob as estrelas. Com aqueles humanos de espírito livre aprendo uma coisa ou duas. Talvez mais.

Aprendo a sobreviver à base de barras de cereais, e a tocar duas músicas no violão. Aprendo que as noites longe dos passos duros das cidades são as mais lindas, e que o mundo reserva àqueles que se arriscam o seu melhor. Aprendo também que mover-se põe a vida em movimento, e que lugares novos trazem novas conclusões. Que vastidões aumentam e detalhes diminuem, e que ambos são bons e têm sua hora.

Despeço-me dos meus amigos na Bósnia, quando parto em um caminhão em direção a Portugal. Ao negociar com o caminhoneiro as condições da carona descubro que ele gosta de histórias. Ofereço-lhe uma, então. Um conto ainda não contado, uma verdadeira história sobre bruxas.

Começo pelo começo, de onde partem todas as coisas. À luz dos faróis que cruzam a autoestrada conto sobre minha família, sobre o governo e seus enviados, sobre Parascheva e a Grande Mãe. Sobre lobos, e raios, e explosões. E enquanto eu narro a minha história, eu a ouço. E entendo que se não a contasse, jamais a teria entendido realmente. É assim que, comendo um sanduíche sobre o capô do caminhão e vendo o sol se pôr no horizonte, chego à epifania final. À frase certa, ao compêndio da minha viagem. Eu corri metade do mundo atrás de respostas, atrás dos porquês sobre o que eu sou, mas é apenas quando os esqueço — e me concentro no *como* eu sou — que finalmente entendo. Os *porquês* nos levam para longe, o *como* nos devolve para casa.

Embarco dias depois na cidade do Porto em direção ao meu continente, e chego em

Valparaíso duas semanas depois. Minha carona me deixa na pequena rua sem saída. Acenando adeus, me deseja boa sorte.

Nosso jardim continua um marco de resistência no bairro, onde flores e legumes parecem levantar cartazes rebeldes. O sol está a pino, o verão é curto mas generoso naquela parte do mundo. Quando bato à porta e minha mãe abre, nos olhamos por vários segundos até que nos acostumemos à visão da outra. Ela fala mais tarde, quando os abraços e lágrimas cessam e eu já estou no meu terceiro prato de macarrão, que eu pareço mais velha. E mais sardenta.

Há muito que conversar, mistérios se acumularam durante o verão. Quem pagou os milhões em dívidas da reserva? Quando Ela me chamaria? Quem comeu a última fatia da torta de maçã? Família é uma coisa fascinante: o destino de um filho e o resto da torta ocupam democraticamente os assuntos do jantar, aquecendo os ânimos na mesma intensidade.

—A propósito, isso chegou há dois dias, — minha mãe comenta me entregando um cartão. É um cartão desses que enviamos quando agradecemos por algo, decorado na frente por um brasão dourado. O mesmo brasão que enfeita as toalhas brancas de Parascheva.

—Algo me diz que este é o seu protetor.

Em letra bem-desenhada, lê-se a frase: *Bem vinda de volta. Em breve entrarei em contato.*

Fecho o cartão, e o dourado do brasão reluz sob a luz. *Mas como isso pode ser possível?* Ou mesmo verdade?

Ninguém sabe o que dizer ou achar. Todos têm o nome do meu protetor na ponta da língua, mas ninguém tem coragem de verbalizar a quem aquele brasão pertence.

Você o conhece, Ava pensa olhando-me de esguelha.

Claro que eu o conheço. O mundo inteiro sabe quem o meu protetor é.

Giro o cartão entre os dedos, sentindo a saliva descer pesada. *O que espera de mim,*

Majestade?

Meu pensamento é interrompido pela pergunta de Morris: —E a Romênia, o que diz sobre ela?

—É linda, — respondo enfiando o cartão sob o prato. O que mais eu posso dizer? Eu vi do país pouca coisa, apenas que suas florestas ainda são selvagens e que assim deveriam ficar. Minha família também quer saber de Parascheva, mas falar da bruxa é doloroso. Sinto sua falta, falta da vida simples, da sua sabedoria, de seu pão e suas toalhas. Sinto falta também de endro, que trato de procurar quando vamos à feira.

A minha segunda viagem também é esmiuçada com perguntas. Conto sobre meus amigos, o dono gentil do barco onde morei, dois Alemães que gostam tanto de plantas que as fumam, a Eslovena que tem a mania de repetir a tabela periódica quando se embebeda. Falo também do caminhoneiro, a quem dou permissão para contar, se quiser, a minha história.

O futuro Dela também ocupa as conversas à mesa nas semanas seguintes. Eu antes não participava dessas conversas, mas hoje elas são minhas também.

Como reverter o analfabetismo ecológico atual, qual é a nossa responsabilidade como espécie, minha responsabilidade dentro dela. É preciso que haja outra onda de interesse pela natureza; uma onda que passe longe de rótulos simplistas como os dos hippies paz-e-amor e malucos abraçadores de árvores. A nova onda de amor ao planeta precisa de cérebros, das mesmas mentes que um dia se afastaram dela. Não estou preparada para criar essa onda visionária, mas eu me unirei a esse movimento. Alguns humanos de alma gentil há tempos cavam uma revolução enquanto tomam o sistema pelas beiradas, questionando as práticas que ignoram a dor que deixam para trás. Essas pessoas não têm chances contra os grandes porque salvam a terra com gentileza.

É aí que eu entro.

Somos, por desígnio da própria Criadora, curadoras da criação. Minha função é a mesma

que a de tantas outras antes de mim: colocar-me à frente deles quando necessitarem de escudo ou precisarem de arma.

Um dia, remexendo em minhas coisas, Elka acha o meu bordado. Encanta-se com o padrão de pontos brancos sobre fundo azul, uma réplica em pano do céu sobre os Cárpatos.

—É lindo, — minha tia murmura correndo os dedos pelas constelações. —Elas tem um significado especial?

Balanço a cabeça, mas não respondo. O sim fica entalado.

—E quanto ao livro das sombras, escreveu algo nele?

Estendo-lhe o caderno manuseado. Elka diverte-se vendo os desenhos das cabritas, de Parascheva, de suas amigas estranhas. Lê a história sobre as camisinhas — que usei até a última, enchendo-as de água e lançando-as aos cabritos que não se cansavam de persegui-las. Lê sobre meu encontro com os lobos. Sobre o sindicato liderado pela velha rabugenta, e a maneira como resolvem as coisas no meio do nada.

—Você aprendeu a gostar da sua história, — Elka fala ao fechar o livro, deixando um sorriso em meus lábios. —E com isso, aprendeu a gostar de você.

Sim, repito o que um grupo de bruxas coloridas disse naquele dia perdido de verão: *Fazer as pazes com quem você é, é fazer as pazes com a vida.*

Quando os dias se findam, eu me sento sozinha na varanda. Em volta do pescoço está a jóia que recuperei da caixinha de madeira na casa da floresta. Forjado atrás do círculo está o resumo em uma sentença da minha jornada, o que aprendi do mundo e de uma história perdida séculos atrás.

Correntes de flores são mais difíceis de romper que grilhões de ferro.

Eu geralmente observo a noite chegar, aguardando coragem. Coragem para cruzar a rua e bater à porta da casa da frente para saber sobre Alex.

Eu conquistei o direito de ir até lá, mas não consigo me mover. Dói tanto imaginar sua

rejeição que prefiro sofrer sem saber, a saber e sofrer. A situação é a própria definição de paradoxo: eu ganhei asas, mas continuo presa.

Em uma daquelas noites mornas Ava não aguenta. Sai à varanda e solta: —Ele está morando em Lafayette.

Tento achar um resto de café dentro da xícara, mas não há mais nada ali.

—Foi para lá no verão. Acho que foi fazer um curso, — diz sentando-se ao meu lado. No jardim da casa da frente há agora um pouco de tudo: flores, repolho, melancias, abóboras: uma exata réplica do nosso.

—O jardim deles está horrível, — comento. —Tem dedo seu ali?

—A mãe de Alex aderiu à resistência.

Sorriso, ela sorri também. Segundos depois, ela continua. —Ele não se lembrava de nada quando acordou. Nada do que aconteceu nas semanas anteriores ao acidente. Não se lembrava dos amigos, sequer que havia se mudado para Valparaíso.

—Não quero ouvir sobre isso.

—O que acertou com Ela?

—Que posso procurá-lo. Um dia.

Ava olha a cicatriz quase desaparecida que desce pelo meu ombro e sai pelo meu braço. —Você poderia ter morrido.

—Mas não morri. — Mais alguns dias e a cicatriz sumiria, e meu acordo com Ela seria apenas uma lembrança na memória.

—O que acha que vai acontecer quando encontrá-lo? — Ava insiste.

Quero devolver a pergunta, mas falta coragem. Alex pode me achar estranha. Desinteressante. Simples demais.

—Ou ele poderá se apaixonar pela garota que você é. Que você se tornou.

Sorriso, sem convencê-la. Eu gosto de quem eu me tornei, mas e Alex? Ele também

gostaria?

—Não apresse o encontro, — ela sugere. —Você saberá quando estiver pronta.

Concordo, e ela entra.

Assim começa a terceira de minhas jornadas: a jornada angustiante da espera.

Os dias quentes e as noites frias desbotam aos poucos o verde da paisagem. Continuo aguardando que Ela fale comigo, que me diga que é a hora de partir, mas Ela decide me dar férias.

Danielle e Melinda retornam aos poucos. No princípio têm perguntas, depois esquecem as perguntas e me colocam a par das fofocas. A única coisa que querem saber é de que ‘lado da força’ eu estou. Quando digo de que lado acho estar, elas falam ‘legal’ e esquecem o assunto. Logo as duas partem para suas respectivas universidades, e eu fico sozinha na cidade.

Decido cursar algumas matérias na *Community College* com o único intuito de não enlouquecer. Decido-me por biologia, uma escolha razoável.

Tão logo inicio os estudos, entendo que entre tantas coisas que devem mudar no mundo está o modo de ensinar sobre a vida. Biologia como ciência da vida não deveria ser dada entre quatro paredes, como se houvesse muros entre nós e o resto da criação.

O modo como falam sobre animais também destoa de como eu os vejo. Animais não precisam ter função para existir. Não são apenas um conjunto de moléculas e comportamentos, uma extensão de nossos braços e pernas como ferramentas. Eles são nossa extensão em outro sentido. Pertencem à poesia, ao material dos sonhos, à biografia. Sem eles nossa história é mais curta, mais pobre. Por causa deles somos melhores.

Estudos e questionamentos à parte, a vida segue como deve seguir — em ciclos. Celebramos Mabon em grande estilo. No dia vinte e dois de setembro transformamos a pequena clareira em uma cornucópia. Espalhamos flores de acácia, mirra e incenso sobre as pedras, biscoitos e bolos sobre a mesa. Vestimos cores escuras e acendemos velas para

celebrar, com reverência e beleza, Aquela que nos deu tudo. Setembro também fica para trás.

Finalmente as noites esfriam, trazendo alívio para os moradores da casa velha e sem ar condicionado. No início são os abóboras dos carvalhos que aparecem entre o verde, seguidos dos amarelos de bordos e freixos. Logo árvores por toda a cidade explodem em cores. As joaninhas invadem as casas, o chão desaparece sob as folhas.

—Essa época do ano gosta de você, — Ava comenta um dia. —Ela lhe cai bem.

É o vermelho alaranjado, que me faz parecer na mata um arbusto em fogo. Eu gosto de pensar nisso, que há um tempo que combina comigo. Um tempo do qual eu nunca destoei, um tempo em que eu me camufo de mundo.

Eu sou outono.



A coloração azul elétrica do céu aos poucos cede, dando vez para o azul ameixa do crepúsculo. O ar frio e afiado entra pelas frestas do vestido preto, percorrendo a pele como lâmina. —Acorda, Nina! —Reclama a noiva-cadáver.

A pele de Melinda tem uma coloração morta de azul, e seu vestido branco esfarrapado cai sobre os pés. Nas mãos ela segura um buquê de flores secas e fedorentas. —Onde está Danielle? — pergunta outra vez, irritada.

O local está cheio demais para mim, mas curiosamente também para ela: —Não faço ideia, — respondo olhando para os lados. A impressão é de que os portões do inferno foram abertos em Chicago. A atmosfera ao redor é claustrofóbica, será impossível achá-la entre tanta gente.

O Navy Pier estende-se centenas de metros lago Michigan adentro. Todo tipo de diversão pisca ao redor: tendas coloridas, passeios de barcos, barracas de comida. Lâmpadas e lâmpadas ofuscam as vistas. Ainda não sei como Melinda me convenceu a acompanhá-la à maior festa de Halloween ao ar livre do Meio Oeste. Concordei porque queria agradá-la, e porque não consegui fazê-la entender que, como bruxa, Halloween *não é* minha festa preferida.

Quando a enorme roda gigante se ilumina, palmas eclodem atrás de nós. Haverá em breve uma queima de fogos, e quem estiver na roda na hora certa verá o show de um balcão privilegiado.

—Eu disse para ela não vir de Mulher-Gato, — Melinda reclama espremida na fila entre mim e uma senhora com orelhas do Mickey. —Metade da população feminina teve a mesma ideia que ela.

Danielle surge segundos depois, branca como cera. Ela coloca a mão no peito, hiperventilando. Pede um segundo com o dedo, demora três: —Ele está aqui, — fala com os olhos arregalados.

Eu e Mel nos entreolhamos. O que exatamente aquilo quer dizer? O mundo inteiro está ali.

—Ele, — Danielle flexiona a voz olhando para mim.

O caldo doce desce pela garganta fazendo barulho. *Quem está ali?*

—Também viu um fantasma? — Melinda pergunta ao ver que a cor fugiu do meu rosto.

—Não seja estúpida, acabei de ver Alex! — Danielle exclama. Olhando para mim, pergunta: —O que vai fazer?

Não sei o que vou fazer, sei apenas que minhas pernas acabaram de se transformar em bambus moles e não conseguiriam me levar a lugar algum. Melinda enverga o corpo, tentando ver através do muro de pessoas: —Onde ele está?

Danielle aponta para a direção. Embaixo da linha do horizonte recortado por prédios

altos, entre anjos, zumbis e cowboys está o meu cavaleiro. A sensação é que o ar acabou no mundo.

—Esperem aqui, — Melinda anuncia. Antes que alguém possa pará-la, ela parte.

—Você deve estar uma pilha, — Danielle murmura estalando os dedos.

—Eu estou, — respondo sem ouvir minha própria voz.

—Se te consola saber, você nunca esteve tão bonita, — ela olha para o vestido preto, para minhas meias escuras listradas de branco e as botas de cano longo e bico fino.

—Você acha? — pergunto olhando para cima, tentando enxergar o chapéu pontudo sobre a cabeça. A fantasia de bruxa parecia uma ideia melhor no início do dia.

—Uma graça, — ela sorri envolvendo com sua mão a minha.

Espremendo-se entre pessoas, Mel reaparece: —Ele está vindo dar um oi.

O algodão doce cola no dedo, e por não ter onde enfiá-lo coloco-o inteiro na boca. O estômago arde como se o doce fosse feito de puro ácido.

—O que disse a ele? — Danielle pergunta.

—Que existe alguém aqui que pode ajudá-lo a recuperar a memória.

Fecho os olhos, pegando ar. Esse alguém, segundo as esperanças de Melinda, sou eu.

De súbito não é mais vento o que sopra do lago, é esperança. Ela rodopia em círculos ao redor, dança em redemoinhos sobre o píer e invade frestas. Escorre para dentro de mim ocupando cada espaço vago, cada vão e fresta vazia. Sopro as mãos a fim de esquentá-las, olhando para o céu que escurece a cada minuto. *Então é agora*, penso sentindo o corpo se preparar para o inevitável.

Mas como não sentir medo? Como não se perguntar se a Grande Mãe honrará o acordo de não machucá-lo?

Afinal, quem opera em círculos precisa aceitar que eventualmente tudo volta ao ponto de partida, certo? Pássaros migram em torno do globo, estações se movem como relógios e o

planeta gira em torno de si para retornar ao ponto de largada. A vida é uma ciranda dentro de uma ciranda. Dentre tantas mãos que se dão, algumas nos tocam para a eternidade.

Talvez este seja um desses momentos. O momento do reencontro.

A fila da roda anda e a multidão se desloca. —Droga, se sairmos daqui ele não vai nos achar, — Melinda reclama.

Vejo entre vultos que Alex caminha até nós. Seu andar continua o mesmo: passos largos e mãos nos bolsos, como se passeasse sem preocupações pelo mundo. Ele veste uma camiseta da nova faculdade sob o casaco, e só a máscara de cavaleiro prateada que segura a franja no alto da cabeça indica que está em clima de Halloween.

Como reconhecer esse momento, ou negar que seja mesmo ele?

Mel levanta o buquê destruído para o alto, avisando Alex de que mudamos de lugar.

Seu sorriso quando chega é o de um estranho: comedido e reservado. Ele olha primeiro para Melinda e Danielle, tentando em vão se lembrar do nome delas. —Sou Danielle, ela é Melinda, — elas facilitam as coisas. Ele se desculpa, fixando em seguida os olhos turquesa nos meus, disparando em mim uma estranha sensação de saudade. Perdida em meu próprio universo não digo meu nome, e apresentações são necessárias: Alex não se lembra de mim também.

—Ingresso? —Frankenstein pergunta recolhendo os bilhetes.

Não há em Alex nenhuma expressão de reconhecimento. Nenhuma torção de feições, ou memória de toques passados. Apenas a dilatação normal de pupilas quando colocamos algo em foco. —Vocês vão entrar ou não? — o bilheteiro pergunta impaciente. Melinda me cutuca, aguardando a resposta. Aponto para o brinquedo iluminado, esmagando o momento com a frase:

—É a nossa hora.

Alex sobe os olhos para a roda. Matizes de todas as cores brilham sobre nós: vermelhas,

amarelas, azuis. Luzes igualmente cintilantes reluzem sobre minha cabeça, sem que viva alma perceba.

—Você pode ficar com isso, — Melinda aperta seu ingresso nas mãos dele. Sem aguardar sua reação ela abandona a fila, mostrando a língua para o Frankenstein impaciente.

Alex olha o bilhete nas mãos.

Quem, afinal, saberia identificar a mão que tocou a sua tantas danças atrás? Quem conseguiria calcular o caminho percorrido pelas moléculas, ou determinar a trajetória dos átomos através dos tempos e afirmar, com plena certeza, que esta é a pessoa? Talvez só sentimentos viajem por partículas, e eles sejam tudo que chegam ao presente. Vislumbres de saudade e nada mais.

Ainda acredita em mais que sorte, mais que acaso, Alex?

Ao que pergunto aquilo, *Ela* responde. Ao seu modo, emitindo um tipo de vibração elétrica calmante, afugentando os pássaros pousados nos alambrados. Ela devolve minha pergunta com outra, porque fala em charadas e não acha que ganhamos pernas por nada:

“Será que as coisas chegam realmente ao fim? Nada se equilibra por capricho, mas por necessidade.

Gosto de círculos porque ele guardam nossos tesouros. A essência de tudo que existe. Os sentimentos, as palavras, ideias e inspirações. Se guardam tantas coisas boas, por que não guardariam também pessoas?”

—A gente certamente se conhece, — Alex finalmente diz. Seus dedos apertam o ingresso, deixando nele marcas de suor. —Desculpe-me, eu não consigo me lembrar de você.

Eu faço que sei.

Ele se apruma como se endireitasse mais do que o corpo. Volta a olhar para mim, e acho que vai partir. É isso, então. Alex vai me devolver o bilhete e eu continuarei na roda sozinha.

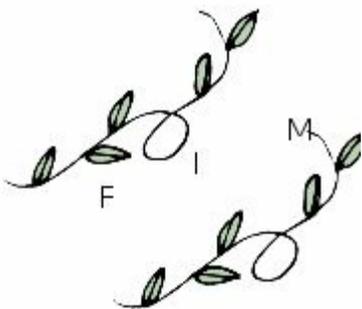
Mas Alex não parte. Ao invés, ele me estende a mão: —Nada impede que eu me apresente novamente. Sou Alex, — diz curvando-se como um cavalheiro.

—Nina, — retribuo o toque, segurando tanto um sorriso quanto uma lágrima. —É bom ver você novamente.



Uma pequena nota no *Chicago Tribune*, intitulada 'As bruxas estão soltas,' menciona o defeito na Roda Gigante do Navy Pier naquela noite de Halloween. Na nota, lê-se que os passageiros ficaram suspensos por horas à espera do resgate. O jornal não comentou sobre as luzes que dançaram verdes no horizonte, ou a queima de fogos que ofuscou as estrelas que estendiam-se aos milhões na noite sem lua. 'Isso nunca aconteceu antes,' reportaram técnicos agitados. 'Estamos investigando.'

De nada adiantará investigarem. Nunca descobrirão o que aconteceu naquela noite aos circuitos elétricos da roda.



Referências



Sem algumas ideias de cientistas, psicólogos e ambientalistas, A Jornada das Bruxas não existiria.

Sem Joseph Campbell e C.G. Jung, Parascheva seria uma versão menos colorida e mais pobre da mesma. Foram de seus livros maravilhosos que saíram as ideias sobre arquétipos e mitologia, e como ambos nos ajudam a amansar o mundo.

Gary Kowalsky , em *The Soul of Animals*, explica lindamente como enxergar o universo de um animal, e devo a ele o mundo particular que se esconde dentro dos olhos de um lobo. Seu livro é tão bonito e bem escrito, tão profundamente respeitoso à vida que não quis escrever o meu sem passar algumas de suas ideias à frente.

De Stephen M. Meyer veio a ideia da morte da Terra. Seu livro *The end of The Wild* fala de modo triste sobre o golpe que desferimos no planeta — uma punhalada covarde e provavelmente mortal — que, se não for tratada já, custará o futuro de quem vem depois de nós.

Sobre a íntima conexão entre mulheres e a ideia de que precisamos de torcida em nossa caminhada tirei de um livro que me acompanha há anos, uma espécie de bíblia para mim: *Mulheres que*

correm com os lobos, de Clarissa Pincola Estes.

A frase *todo exagero é uma compensação* vem do trabalho sobre mecanismos de defesa de Sigmund Freud.

E por fim, *correntes de flores são mais difíceis de romper que correntes de ferro* é uma frase que ouvi de uma cartomante, muitos e muitos anos atrás, durante uma leitura de tarô. Desde aquele dia a frase tornou-se um tipo de profecia, de alerta ou sinal—um lembrete de que quando verdadeiramente amamos algo, estamos gentilmente e para sempre unidos a ele.

Se gostaram dessa história,
deixem uma avaliação na Amazon para que outros
também a conheçam!

Se quiserem ler mais sobre o que escrevo, experimentem o
A Última Peça, romance ganhador do prêmio Literário
FLIC-ES 2016 [aqui](#).

Se você tem 18+, conheça meu romance adulto **Sessenta
Noites em Trindade**, link [aqui](#).

Se quiserem me seguir no Wattpad, link [aqui](#)
Facebook, [aqui](#) e Pinterest, [aqui](#).

Para falar comigo, karinaheidr@gmail.com

Obrigada por embarcarem comigo na Jornada!

Sejam a diferença nesse mundo lindo que

Ela nos presenteou!